

A

MULHER
SILENCIOSA

A. S. A. HARRISON





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



“A MULHER SILENCIOSA é um desses livros impossíveis de largar, que surpreende a cada página. A prosa de A. S. A. Harrison é sutil e, ainda assim, devastadora.”

– THE GUARDIAN

“A MULHER SILENCIOSA é um livro rápido e cortante como uma faca.”

– NEWSDAY

“Fique esperta, GAROTA EXEMPLAR!”

– USA TODAY

“A lenta e fatal desintegração de um casamento é tratada de maneira extremamente verossímil no primeiro – e infelizmente último – romance de A. S. A. Harrison. À medida que a história avança num território traiçoeiro, a PROSA ELEGANTE E INCISIVA se torna mais sombria e perigosa.”

– THE OBSERVER

“O burburinho em torno do livro é totalmente justificado. A comparação com o mega-seller GAROTA EXEMPLAR, de Gillian Flynn, é inevitável, mas A MULHER SILENCIOSA é psicologicamente mais interessante.”

– THE TIMES

“UM HIT... E É FÁCIL ENTENDER O MOTIVO.”

– THE SUN

“AFIADO, ESPIRITUOSO, SOMBRIO E TOTALMENTE ARREBATADOR.

Um rival à altura de GAROTA EXEMPLAR, tanto em complexidade psicológica quanto em excelência.”

– DAILY MAIL

“Este livro de estreia PERFEITAMENTE BEM CONSTRUÍDO oferece perspicazes insights sobre as queixas que se acumulam ao longo dos relacionamentos e sobre até onde uma pessoa pode ir quando seu mundo desaba.”

– SUNDAY TIMES

“O BEST-SELLER DA TEMPORADA.”

– DAILY TELEGRAPH

“O LIVRO SOBRE O QUAL TODO MUNDO VAI FALAR. Que será a escolha de inúmeros clubes do livro e que terá exemplares surrados passando entre amigos e colegas de trabalho com entusiasmadas recomendações. Dizer que um romance é uma LEITURA OBRIGATÓRIA é algo muitas vezes banalizado e nem sempre merecido, mas A MULHER SILENCIOSA justifica os aplausos que vem recebendo.”

– SUNDAY EXPRESS

“Muitíssimo bem escrito e com um ritmo alucinante, para não mencionar as reviravoltas engenhosas. Fãs de GAROTA EXEMPLAR VÃO AMAR ESTE LIVRO.”

– SUNDAY MIRROR

“UM SUSPENSE PSICOLÓGICO INTELIGENTE.”

– MAIL ON SUNDAY

“Se você gostou de GAROTA EXEMPLAR, vai amar este thriller psicológico perturbador.”

– SUN ON SUNDAY

“Harrison tece com maestria uma história de suspense em que o principal mistério é revelado desde o início, o que não é uma tarefa fácil para um escritor. É a história sobre o fim de um casamento, o fim do amor, e sobre como segredos enterrados por muito tempo podem causar tantos estragos.”

– THE CLEVELAND PLAIN DEALER

A

MULHER

SILENCIOSA

A. S. A. Harrison

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © A.S.A. Harrison, 2013

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, em quaisquer meios. Publicado mediante acordo com Penguin Books, membro do Penguin Group (USA) LLC, uma empresa Penguin Random House.

TÍTULO ORIGINAL

The Silent Wife

PREPARAÇÃO

Sheila Louzada

REVISÃO

Juliana Trajano

Clarissa Peixoto

REVISÃO DE EPUB

Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

E-ISBN

978-85-8057-512-5

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrinseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Elogios

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Agradecimentos

Primeira parte: Ela e ele

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

Segunda parte: Ela

Sobre a autora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a John Massey, por trilhar esta estrada comigo; a Beth Kapusta, minha primeira e melhor leitora; aos psicoterapeutas Diane Scally e Elly Roselle, por compartilharem seus conhecimentos e ideias; a Margaret Dragu, por me mostrar como é a vida do clube por dentro; e a Bruce Bailey, pela generosidade de me emprestar suas residências. Pelo dedicado garimpo de locações, sou grata a Lisa Harrison, Chelsea Nash-Wolfe, Barb Webb, Steve Reinke e Philip von Zweck. Ninguém merece mais agradecimentos do que minhas agentes, Samantha Haywood e Kimberly Witherspoon, além de William Callahan, que também merece todo o reconhecimento. Meu muito obrigada também a minhas editoras, Tara Singh, Adrienne Kerr e Marion Donaldson, e à preparadora dos originais, Sheila Moody. Por último mas não menos importante, estou em dívida com Karyn Marcus, cuja edição mudou tudo.

PRIMEIRA PARTE
ELA E ELE

É início de setembro. Jodi Brett está na cozinha de sua casa, preparando o jantar. Graças à planta livre do apartamento, seu olhar cruza a sala de estar até alcançar as janelas que dão para o leste e, mais além, a vista do lago e do céu, que a luz vespertina tinge de um azul uniforme. O horizonte, uma linha fina em uma tonalidade mais escura de azul, parece muito perto, quase ao alcance da mão. Jodi gosta daquele arco limitador, da sensação que lhe dá de estar cercada. É o que há de melhor em sua casa: esse sentimento de aconchego, em seu ninho no vigésimo sétimo andar.

Aos quarenta e cinco anos, Jodi ainda se vê como uma mulher jovem. Não se preocupa com o futuro, mas vive muito intensamente o presente, concentrando-se no cotidiano. Supõe, sem nunca ter pensado a respeito, que as coisas seguirão indefinidamente nesse caminho, imperfeito embora totalmente aceitável. Em outras palavras, está profundamente alheia ao fato de que sua vida está chegando ao auge, de que sua resiliência juvenil — que vem sendo lentamente erodida por seu casamento de vinte anos com Todd Gilbert — está se aproximando de um estágio final de desintegração, de que suas noções sobre si mesma e de como deve proceder são muito menos estáveis do que ela supunha, já que dentro de poucos meses ela se tornará uma assassina.

Se alguém dissesse isso a Jodi, ela não acreditaria. Homicídio é uma palavra que quase não faz parte de seu vocabulário, um conceito sem significado, tema de notícias cujos protagonistas ela não conhece nem nunca conhecerá. Ela acredita ser muito improvável que o desgaste diário da vida familiar possa chegar à violência doméstica. Há razões para tal incompreensão que vão além de seu simples hábito de autocontrole: ela não é nenhuma idealista, acredita em consertar o mal com o bem, não incita brigas, assim como não é facilmente induzida a elas.

O cão, um golden retriever de pelo louro e sedoso, senta-se a seus pés enquanto ela usa a tábua de cortar. De vez em quando, lança uma rodela de cenoura crua para o bicho, que a abocanha e a tritura alegremente com os molares. Esse lançamento de legumes antes do jantar é um antigo ritual que Jodi e seu cão mantêm desde que ela o trouxe para casa, um filhote rechonchudo, para que Todd tirasse da cabeça aquela ânsia de ter filhos — que aparentemente surgira da noite para o dia, na época em que ele completou quarenta anos. Ela batizou o cachorro de Freud, na intenção de divertir-se com a possibilidade de zombar do misógino que ela foi obrigada a levar a sério na universidade. Freud peidando, Freud comendo lixo, Freud perseguindo o próprio rabo. O cão é infinitamente bem-humorado e não se importa nem um pouco em ser objeto de deboche.

Ela se entrega organicamente à atividade de picar legumes e verduras. Jodi gosta da intensidade da cozinha: a disponibilidade da chama de gás, o *timer* marcando os minutos, o imediatismo do resultado. Ela está atenta ao silêncio nos outros cômodos, tudo correndo para o momento em que ouvirá a chave dele na fechadura, um evento pelo qual anseia com prazer. Fazer o jantar para Todd ainda lhe parece uma ocasião especial, ela ainda se maravilha com o golpe de sorte que o trouxe para sua vida — uma oportunidade que não parecia favorecer encontros posteriores, muito menos um futuro de apetitosas refeições carinhosamente preparadas.

Foi em uma manhã chuvosa de primavera. Jodi estava ocupada com sua pós-graduação em psicologia, trabalhando à noite como garçone, sobrecarregada, esgotada, mudando de casa, dirigindo pela State Street em uma van alugada repleta de objetos domésticos. Quando se preparava para mudar da faixa da direita para a da esquerda, talvez tenha olhado para trás. Não estava muito confortável dirigindo a van, ainda não havia se acostumado com o veículo. Para completar, as janelas estavam embaçadas e ela perdera a entrada certa no último semáforo. Considerando tudo isso, é bem capaz que estivesse distraída, questão que mais tarde veio a ser muito discutida entre os dois. Quando ele atingiu a van pelo lado do motorista, fazendo-a rodopiar em meio ao tráfego, ouviram-se muitas buzinas e freadas, e antes que ela pudesse se recompor, antes que percebesse que a van tinha enfim parado e que ela estava perfeitamente bem, ele já estava gritando para a janela fechada dela:

— O que pensa que está fazendo, sua imbecil? Ficou maluca? Onde foi que aprendeu a dirigir? Está querendo matar todo mundo, é isso? Vai sair desse carro ou pretende ficar aí sentada igual a uma retardada?

O discurso de Todd naquele dia chuvoso não causou boa impressão, mas um homem envolvido em um acidente de trânsito fica furioso mesmo quando a culpa é dele, o que nesse caso não era, de forma que quando ele ligou, alguns dias depois, para convidá-la para jantar, Jodi educadamente aceitou.

Ele a levou à região de Greektown, onde comeram espetinho de cordeiro acompanhado por um retsina gelado. O restaurante estava lotado, as mesas próximas umas das outras, as luzes brilhantes. Acabaram precisando gritar por causa do barulho e rindo da impossibilidade de se fazerem ouvir. A conversa que conseguiram ter se reduziu a frases sucintas, como: “A comida é boa... Gostei daqui... Minhas janelas estavam embaçadas... Se não tivesse acontecido, nunca teria conhecido você.”

Ela não costumava ter encontros de verdade. Os rapazes da universidade a levavam para comer pizza e beber cerveja com dinheiro contado. Eles a encontravam no restaurante com a barba por fazer, ainda com as roupas com que tinham ido à aula. Já Todd vestira uma camisa limpa e fora buscá-la em casa de carro. Agora, estava sendo todo cuidadoso com ela, servindo-lhe o vinho,

preocupado com seu conforto. Sentada a sua frente, Jodi gostou do que viu: a maneira como ele casualmente ocupava o espaço, seu ar de quem estava no comando. Gostou do jeito como ele passava a faca no pão e do fato de ter entregado o cartão de crédito sem olhar para a conta.

Quando voltaram à picape dele, Todd a levou até seu canteiro de obras em Bucktown, uma mansão do século XIX que ele estava convertendo de uma casa de cômodos para uma habitação familiar. Caminhando pelo terreno pedregoso, ele a pegou pelo cotovelo delicadamente.

— Atenção agora. Cuidado com o degrau.

Era uma monstruosidade neogótica de tijolos deteriorados, pintura descascando e janelas estreitas, com cumeeiras pontiagudas que lhe garantiam uma altura ameaçadora; uma aberração vulgar em uma rua repleta de estruturas quadradas, todas já totalmente restauradas. No lugar do pórtico da frente havia uma escada a ser escalada, e, no vestibulo, um enorme candelabro caído de lado. A primeira sala parecia um cofre, com um pé-direito absurdamente alto, um monte de entulho e de fios pendurados.

— Aqui havia uma parede — disse ele, apontando. — Dá para ver a marca.

Ela olhou para o chão, cujo revestimento havia sido retirado.

— Quando transformaram a casa em uma pensão, construíram um monte de paredes divisórias. Agora, voltou a ser como no projeto original. Dá para ver bem como vai ficar.

Ela achou difícil imaginar qualquer tipo de resultado final. O fato de não haver eletricidade e de a única luz ser o pálido brilho vindo dos postes da rua também não ajudou. Ele acendeu uma vela, pingou um pouco da cera em um pires e fixou-a na posição vertical. Fez questão de mostrar a Jodi o lugar, ambos carregando a vela pelos cômodos vazios: a futura cozinha, a sala havia muito desfeita, espaços provisórios definidos por paredes despojadas até as ripas. No andar de cima, a casa de cômodos era mais evidente: portas dos quartos com trincos e paredes pintadas em cores improváveis. O cheiro de mofo era forte, a atmosfera, lúgubre devido aos rangidos da madeira muito antiga e à ondulação da luz da vela, que projetava as sombras dos dois nas paredes e no teto tal qual fantasmas.

— Não é uma reforma — disse ele. — Tudo será refeito e modernizado. Piso de carvalho, portas maciças, janelas duplas... É o tipo de imóvel que todo mundo quer, uma casa antiga com personalidade, mas ao mesmo tempo totalmente sólida e atual.

Ele fizera tudo sozinho, continuou Todd, aprendendo o ofício à medida que prosseguia. Ele fazia aquilo em vez de cursar a universidade, pegara empréstimos e estava vivendo de crédito e de otimismo. Jodi entendeu quão endividado ele estava quando viu o saco de dormir enrolado, em um dos quartos, e o creme de barbear e a lâmina no banheiro.

— Então, o que acha? — perguntou ele quando desceram.

— Gostaria de ver quando estiver pronta.

Ele riu.

— Você acha que eu sou maluco.

— É um projeto ambicioso — admitiu Jodi.

— Você vai ficar impressionada.

* * *

Quando ela enfim o ouve entrar em casa, tanto o lago quanto o céu foram tomados por uma penumbra aveludada. Ela apaga a luz de teto, deixando acesas apenas as da cornija, para orquestrar um brilho suave. Tira o avental e lambe os dedos para alisar o cabelo das têmporas, em um gesto que é pura ansiedade pelo momento que se aproxima, todo o tempo atenta aos movimentos dele no vestibulo. Ele brinca com o cão, pendura o paletó e esvazia os bolsos na vasilha de bronze sobre o aparador. Há um breve silêncio enquanto ele verifica a correspondência. Ela arruma no prato uma truta defumada e alguns biscoitos em leque.

Ele é um homem grande com cabelo cor de areia, olhos de ardósia cinza e uma enorme carga de vitalidade. Quando Todd Gilbert chega num local, as pessoas despertam. É o que ela diria se alguém lhe perguntasse do que mais gosta nele. Também do fato de que ele consegue fazê-la rir quando quiser, e de que, ao contrário de muitos homens, sabe lidar com múltiplas tarefas — mesmo enquanto fala ao celular, consegue abrir o fecho do colar dela ou mostrar-lhe como usar um saca-rolhas de sommelier.

Ele lhe dá um beijo na testa e, esticando-se junto a ela, pega as taças no armário.

— Parece bom. O que é isso? — pergunta, referindo-se à peça de carne recoberta por massa folhada, descansando na travessa.

— Bife Wellington. Já comemos antes, não lembra? Você gostou.

Preparar os martinis é função dele. Enquanto ela bate uma marinada para os legumes, fica atenta ao barulho dos cubos de gelo e à pungente fragrância do limão que ele corta com a faca. Ele tromba com ela, derruba as coisas, fica no seu caminho, mas ela gosta de tê-lo por perto, gosta de sua reconfortante corpulência. Ela sente os aromas de seu dia, gravita ao redor do calor do corpo dele. Ele é um homem cujo toque é sempre quente, uma questão de importância orgânica para alguém que é quase sempre fria.

Após deixar o martini de Jodi no balcão, ele leva sua taça e a truta para a sala, onde ergue os pés e abre o jornal que ela deixou para ele na mesa de centro, cuidadosamente dobrado. Ela coloca as vagens francesas e as cenourinhas em compartimentos diferentes da panela elétrica e toma um

primeiro gole, apreciando a rapidez da vodca em alcançar a corrente sanguínea e se espalhar por seus membros. Do sofá, ele faz comentários sobre as notícias do dia: as próximas Olimpíadas, a alta nas taxas de juros, a previsão de chuva. Após comer a maior parte da truta e tomar o último gole de martini, ele se levanta e abre uma garrafa de vinho, enquanto ela corta a carne em fatias grossas. Os dois levam os pratos até a mesa, de onde têm uma visão do céu aveludado.

— Como foi seu dia? — pergunta ele, enchendo o garfo.

— Atendi Bergman.

— Bergman. O que ela tem para contar ainda? — Ele ataca a carne com concentração; fala sem tirar os olhos do prato.

— Ela me lembrou de que já faz três anos desde que fez o comercial de pudim. Acho que ela pretendia me atribuir parte da culpa.

Ele conhece os clientes dela pelos codinomes que Jodi lhes atribui. Uma vez que vêm e vão enquanto ele está no trabalho, ele nunca viu pessoalmente nenhum deles, mas ela o mantém tão atualizado que, de certa forma, ele é íntimo de todos. Jodi não vê nenhum mal nisso, desde que os nomes verdadeiros permaneçam em segredo. Bergman é o codinome da atriz desempregada cujo último trabalho — o lendário comercial de pudim — é uma lembrança longínqua.

— Então agora a culpa é sua — diz ele.

— Bergman acha que é o desespero dela que está afastando as pessoas e quer saber por que eu não a ajudei nesse aspecto. Droga. Estamos trabalhando nisso há semanas.

— Não sei como você aguenta.

— Se você a conhecesse, entenderia. Ela é corajosa, uma verdadeira guerreira. Não vai desistir nunca. Alguma coisa vai acabar mudando na vida dela.

— Eu não teria tanta paciência assim.

— Teria, caso se preocupasse com eles. Você sabe que os meus clientes são como filhos para mim.

Ela vê uma sombra atravessar o rosto dele e entende que a menção a filhos substitutos lhe lembra os filhos de verdade que ele não tem. Voltando a Bergman, Jodi continua:

— Mas eu me preocupo com ela. É um desses casos em que a pessoa não acredita em si mesma se ninguém a contrata, mas que ninguém contrata porque ela não acredita em si mesma. O problema é que não sei se realmente a estou ajudando. Às vezes acho que deveria desistir de ser terapeuta dela.

— Por que não faz isso? — pergunta ele. — Se não está conseguindo chegar a lugar nenhum...

— Bem, certamente não estamos *paradas* no mesmo lugar. Como eu disse,

ela ao menos se deu conta de que está fazendo isso por si mesma.

— Adoro esse prato — diz ele. — Como você coloca a carne dentro da massa?

Como se colocasse um navio em uma garrafa, mas ela sabe que ele está falando sério. Para um homem que sabe erguer paredes e erigir fundações, Todd é surpreendentemente ingênuo quando se trata de culinária.

— A carne é embrulhada — diz ela. — Pense em um cano com isolamento. Mas ele está olhando para o nada, parece nem registrar a resposta.

Ele sempre foi propenso a tais lapsos, mas é como se ultimamente estivessem mais frequentes. Em um momento ele está ali, no seguinte não está, levado por um rio de pensamentos, conjecturas, preocupações, quem sabe? Ele poderia estar contando até cem de trás para a frente ou recitando mentalmente os nomes dos presidentes americanos. Ao menos ela não pode reclamar de seu humor. Ultimamente ele tem estado mais alegre, mais parecido com seu antigo eu, a ponto de ela estar começando a pensar que a depressão é coisa do passado. Houve época em que ela teve medo de que pudesse ser permanente. Durou muito tempo e nem mesmo Freud conseguiu tirá-lo daquilo. Freud, o cachorro, era tão bom quanto um bobo da corte com suas travessuras patetas.

Ao menos ele conseguia fingir durante os jantares: servia bebidas, era simpático, fazia as pessoas se sentirem bem. Todd cativa as mulheres por ser muito inocente e gentil. *Rosalie, você voltou a beber da fonte da juventude. Deirdre, pode comer à vontade, você está ótima.* Ele também é gentil com os homens, deixando-os falar de si mesmos sem competir, e faz as pessoas rirem de suas imitações: o naturopata das Índias Orientais (*Você muito tenso... você dever ir com mais calma, mais calma*), o mecânico com sotaque jamaicano (*ô dotô, esse carro aí tá pedindo é três pneus novos... abre o capô, meu velho*).

Definitivamente, ele está melhor agora, mais vivo, disposto a rir, mesmo quando estão sozinhos, mais descontraído e fácil de levar, menos preocupado, mais parecido com o homem que foi nos primeiros anos — mas já vão longe os dias em que costumavam ficar nus na cama para ler o jornal, assistir aos jogos e dividir uma tigela de cereais, a caixa de leite equilibrada na cabeceira da cama, o açúcar derramando do saco e cobrindo os lençóis. Naquela época, tinham a liberdade de mal se conhecerem; tinham a sua frente a alegre possibilidade de um futuro tranquilo, com todas as portas ainda abertas e todas as promessas ainda totalmente cumpríveis.

— Uma moeda por seus pensamentos — diz ela.

As pálpebras dele estremecem; ele lhe lança um sorriso.

— Isso está delicioso. — Ele pega a garrafa pela metade e volta a encher as taças. — O que achou deste vinho?

Ele gosta de falar sobre vinhos. Às vezes, toda a conversa do jantar gira em torno do que estão bebendo. Mas agora, em vez de esperar por uma resposta, ele

bate com a palma da mão no lado da cabeça e exclama:

— Já ia me esquecendo! Vai ter uma pescaria no fim de semana. Alguns dos rapazes devem ir.

— Pescaria — repete ela.

Ele já comeu seus dois pedaços de carne e está limpando o molho do prato com um pedaço de pão.

— Saindo na sexta-feira após o trabalho. Voltando no domingo.

Todd não é dado a viagens de pesca, tampouco — ao menos que ela saiba — os outros rapazes. Ela entende imediatamente, sem dúvida alguma, que ele está usando o termo “pescaria” como um eufemismo.

— Você vai? — pergunta Jodi.

— Estou pensando em ir.

Ela ainda está na metade do seu jantar, então tenta se apressar. Jodi sabe como ele se irrita com o modo como ela come: dando minúsculas garfadas e mantendo-as eternamente na boca. Ela engole um pedaço semimastigado que se aloja em sua garganta e a faz engasgar. Galante, ele se levanta e lhe dá tapinhas nas costas enquanto ela tosse e arqueja. Afinal, o fragmento que causou o problema irrompe em sua mão. Sem olhar, ela o coloca na borda do prato.

— Depois me avise o que decidir — diz ela, usando o guardanapo para enxugar os cantos dos olhos. — Se você for, poderei limpar os tapetes. E fazer marmelada.

Jodi não planeja fazer nada disso, disse só por dizer. Ela sempre achou uma vantagem o fato de ele não mentir para ela, ou seja, ele não exagera os próprios feitos com detalhes capazes de transformá-los em mentiras. O problema aqui nada tem a ver com circunlóquios. O problema é que ele não costuma se ausentar nos fins de semana; passar o fim de semana fora é algo que ele nunca fez.

— Ei — diz ele. — Tenho um presente para você.

Ele sai da sala e volta com um pacote plano e retangular mais ou menos do tamanho de um livro de bolso, embrulhado em papel pardo colado com fita adesiva. Coloca-o sobre a mesa ao lado do prato dela e volta a se sentar. Ele lhe dá muitos presentes, coisa que ela adora, mas adora menos quando os presentes são destinados a apaziguá-la.

— Qual é a ocasião especial? — pergunta Jodi.

— Nenhuma.

Há um sorriso no rosto dele, mas a atmosfera está tensa. Objetos deveriam estar voando pela sala; cabeças deveriam estar girando sobre os pescoços. Ela pega o pacote e o descobre quase sem peso. A fita se solta com facilidade, e do interior de um sanduíche de papelão Jodi retira uma bela imagem, uma pintura Rajput original. A cena, retratada em azuis e verdes, mostra uma mulher trajando um vestido longo em um jardim murado. Cercada por pavões e por

uma gazela, adornada com elaboradas joias de ouro, evidentemente ela não parece atormentada por quaisquer preocupações materiais ou mundanas. Galhos repletos de folha formam um arco protetor sobre sua cabeça e a grama sob seus pés é um imenso tapete verde. Eles analisam o retrato juntos, fazem comentários sobre as mãos com tatuagens de hena da mulher, sua cestinha branca, seu belo corpo que o tecido transparente do vestido deixa entrever. Ao observarem os finos detalhes e os blocos de cor plana, a vida dos dois volta ao normal. Todd acertou na compra. Seus instintos são bons.

Aproxima-se a hora de dormir enquanto ela limpa a mesa e começa a lavar os pratos. Ele oferece ajuda superficialmente, mas ambos sabem que é melhor que ela cuide da limpeza e ele leve o cachorro para passear. Não que Jodi seja terrivelmente exigente. Seus padrões não são muito rígidos, mas quando uma assadeira é lavada, ela não deve ficar gordurosa, e a gordura não pode ser tirada com o pano de prato que você vai usar para secar a louça. É uma questão de bom senso. Ele não é descuidado quando atua na construção. Quando instala uma prateleira, ele não o faz em um ângulo capaz de deixar os objetos escorregarem e se quebrarem. Ele faz o trabalho direito, com atenção, e ninguém o chamaria de perfeccionista ou o acusaria de ser exigente. Não que ela esteja disposta a reclamar. É um fato conhecido que, em determinados contextos, os principais pontos fortes das pessoas tornam-se seus defeitos mais épicos. A impaciência que ele demonstra com o trabalho doméstico deriva do fato de sua energia expansiva ultrapassar a escala das tarefas a serem executadas. Isso se nota na maneira como ele preenche uma sala, crescendo e elevando-se no espaço limitado, a voz alta, os gestos arrebatados. Ele pertence ao mundo exterior ou a um canteiro de obras, onde sua magnitude faz sentido. Em casa, o melhor que faz é dormir ao lado dela, seu volume em repouso e sua energia adormecida em uma espécie de ausência reconfortante.

Ela percorre os perfeitos cômodos da casa fechando cortinas, ajeitando almofadas, acertando quadros, tirando fiapos do tapete; basicamente deixando as coisas do modo como deseja encontrá-las pela manhã. É importante ter tudo serenamente em seu lugar ao começar o dia. No quarto, ela afasta as cobertas, separa um pijama para ele e uma camisola para si, alisando o tecido e dobrando as extremidades para diminuir a aparência de que as peças são corpos desabitados. Ainda assim, algo lhe causa agonia: o cordão branco do pijama escuro, os laços de seda na camisola. Ela sai do quarto e vai até a varanda. Venta forte e, na noite sem lua, a paisagem é um negro insondável. Ela se inclina para a escuridão, entregando-se a uma sensação de isolamento, saboreando o fato de poder controlá-la — demorando-se até não mais desejá-la e voltando a entrar em seguida. A estabilidade e a segurança de sua vida são uma grande satisfação; ela passou a valorizar as liberdades cotidianas, a ausência de exigências e complicações. Ao renunciar ao casamento formal e aos filhos, manteve o

caminho livre, evitando a sensação de falta de espaço. Não há arrependimentos. Seus instintos maternos encontram vazão em seus clientes, e, na prática, ela é tão casada quanto qualquer uma. Seus amigos da faculdade a conhecem como Jodi Brett, mas para a maioria das pessoas ela é a Sra. Gilbert. Ela gosta do nome e do título; dão-lhe uma espécie de pedigree e funcionam como uma abreviação, eliminando a necessidade de corrigir as pessoas ou dar explicações, dispensando terminologias embaraçosas como *parceira* ou *companheira*.

* * *

Pela manhã, depois que ele sai para o trabalho, ela se levanta, se veste e leva o cachorro para passear pela margem do lago até o Navy Pier. O sol brilha envolvido por uma névoa leitosa, lançando uma rede de prata sobre a água. A brisa que sopra é pungentemente perfumada com os inebriantes aromas marinhos de óleo de motor, peixe e madeira podre. A essa hora do dia o quebramar é como um gigante adormecido, o pulso lento e a respiração tranquila. Há apenas os moradores — correndo ou passeando com os cães — para testemunhar o oscilar dos barcos, a água batendo, a roda-gigante e o carrossel abandonados, as gaivotas mergulhando em busca do desjejum. Quando ela se vira para contemplar cidade, a silhueta dos prédios é como uma visão emergindo ao longo da costa, dramaticamente iluminada pelo sol nascente. Jodi chegou a Chicago há mais de vinte anos, para estudar, e imediatamente sentiu-se em casa. Ela vive ali não apenas física, mas temperamentalmente. Após experimentar as limitações de uma cidade pequena, foi um deslumbramento se ver entre prédios altíssimos e multidões, saboreando aquela abundante variedade e até mesmo o clima dramático. Aquele é o lugar onde ela tornou-se mais velha, moldou sua identidade, aprendeu a prosperar como adulta e como profissional.

Ela começou a exercer a profissão logo que se formou. Na época, estava morando com Todd em um minúsculo quarto e sala em Lincoln Park. Seus primeiros clientes foram encaminhados por contatos da faculdade; ela os atendia na sala enquanto Todd estava trabalhando. Tendo decidido logo no início, quando ainda era estudante, que sua abordagem seria eclética — que ela aproveitaria tudo o que tinha em seu repertório que fizesse mais sentido na situação —, praticou escuta ativa, assumiu uma abordagem Gestalt para a interpretação de sonhos e desafiou abertamente atitudes e comportamentos autodestrutivos. Aconselhava as pessoas a exigir mais de si mesmas e a assumirem o controle do próprio bem-estar. Dava-lhes encorajamento e feedback positivo. Ao longo do primeiro ano, Jodi descobriu como ter paciência e como orientar as pessoas ao ritmo de cada uma delas. Seu maior trunfo era a sincera simpatia: ela gostava de seus clientes e dava-lhes o benefício da dúvida, o que os deixava à vontade. Começaram a falar bem dela para outras pessoas, e sua clientela aumentou.

Por quase um ano ela se saiu muito bem, encontrando seu ritmo, desenvolvendo habilidades, ganhando confiança. Então, certo dia, um de seus clientes, um jovem de quinze anos diagnosticado como bipolar, um bom menino, que ia bem na escola e *parecia* perfeitamente bem — Sebastian era seu nome —, cabelos e olhos escuros, curioso, interessado, que gostava de fazer perguntas retóricas (Por que existe algo em vez de nada? Como podemos ter certeza de alguma coisa?) —, este cliente dela, o jovem Sebastian, foi encontrado morto na calçada, embaixo da varanda de seu apartamento no décimo andar onde vivia com os pais. Quando o rapaz não apareceu para a sessão, ela ligou para a casa dele e recebeu a notícia da mãe. Àquela altura, ele já estava morto havia cinco dias.

A mãe dele teve a gentileza de dizer “Não se culpe”, mas ele se matara no mesmo dia de sua última sessão. Ela o vira pela manhã, e menos de doze horas depois ele havia tirado a própria vida. Sobre o que conversaram? Algum pequeno problema que ele vinha tendo com os olhos. Ele estava vendo coisas em sua visão periférica, imagens fugazes que não existiam na realidade.

Foi quando ela se matriculou na Adler School para aprofundar-se nos estudos, e foi aí que começou a escolher e selecionar seus clientes.

Ela atravessa o Gateway Park, conversa brevemente com uma vizinha, para no Caffé Rom e pede um *latte* para viagem. Enquanto come seu ovo mole com torradas amanteigadas, lê o jornal. Após o café da manhã, lava os pratos e em seguida pega o arquivo de seu primeiro cliente, codinome “o juiz”, um advogado gay com esposa e filhos. O juiz tem algumas coisas em comum com os outros clientes dela. Ele chegou a uma encruzilhada em sua vida e acredita, ou espera, que a psicoterapia vai ajudá-lo. Ele se comprometeu consigo mesmo a superar aquele momento de impasse. E não traz para a sessão mais do que ela é capaz de administrar. Este último ponto Jodi determinou por meio de um processo de seleção. Pessoas com comportamentos autodestrutivos são indicadas para outros terapeutas. Ela não aceita tratar viciados, por exemplo — sejam drogas, álcool ou jogos de azar —, e rejeita qualquer pessoa que tenha um transtorno alimentar, que tenha sido diagnosticada como bipolar ou esquizofrênica, que sofra de depressão crônica ou que já tenha considerado ou tentado o suicídio. Essas pessoas deveriam estar sendo medicadas ou em reabilitação.

Sua agenda permite apenas dois clientes por dia, antes do almoço. Os clientes que ela acaba aceitando após a seleção tendem a ser travados, perdidos ou inseguros, um tipo de gente que acha difícil saber o que quer e que toma decisões com base no que é esperado delas ou no que acredita que se espera delas. Podem ser severos consigo mesmos — tendo internalizado os critérios de pais insensíveis — e, ao mesmo tempo, se comportarem de modo irresponsável ou inadequado. De forma geral, não conseguem estabelecer prioridades, têm extrema dificuldade em criar limites pessoais, negligenciam os próprios interesses e se

veem como vítimas.

O quarto vago, que ela utiliza como consultório, abriga confortavelmente uma escrivaninha, um armário e um par de poltronas voltadas uma para a outra sobre um antigo tapete kilim de dois metros por dois e meio. Entre as cadeiras há uma mesa baixa sobre a qual ela deixa a prancheta e a caneta, uma caixa de lenços de papel, uma garrafa d'água e dois copos. O juiz usa o terno escuro de sempre, com camisa social preta e meias xadrez que aparecem por sob a barra da calça quando ele se senta e cruza as pernas. Tem trinta e oito anos, olhos e lábios sensuais em um rosto comprido. Sentando-se à sua frente, ela pergunta como ele tem passado desde que se viram pela última vez, há uma semana. Ele fala sobre a sua ida a um bar gay e conta o que aconteceu no beco dos fundos. Entra em detalhes, talvez na intenção de chocá-la, mas dificilmente vai conseguiu abordando histórias de sexo consensual entre adultos; além do mais, essa não é a primeira vez que ele testa sua paciência com algo parecido. Ele fala rápido, mudando de assunto no meio das frases, revivendo aquilo, fazendo de tudo para atrair o interesse dela.

— Minha calça estava arriada até os tornozelos... imagine se alguém tivesse... ah, meu Deus, e aquele fedor de lixo... Eu me concentrei naquilo... no lixo... para dar uma esfriada... eu tinha que fazer *alguma coisa*. Ele estava olhando para mim no bar. Eu já o tinha visto antes, mas não acredito que... Eu não ia àquele bar fazia muito tempo.

À medida que narra a história, ele a olha com malícia, olhos brilhando, os lábios úmidos de saliva. Ele quer que ela ria e diga: menino travesso, você é terrível; mas seu trabalho não envolve preencher lacunas na conversa ou cumprir resgates sociais. O juiz espera. Como ela não diz nada, ele se inquieta e olha para as próprias mãos.

— Bom — diz ele afinal —, eu sinto muito. Sinto mesmo. Sinto muitíssimo. Eu não deveria ter feito aquilo.

São palavras que ele não pode dizer à esposa, então diz à terapeuta.

Seu padrão é negação, seguida por indulgência, seguida por um novo período de negação. A fase de negação é seguida por declarações do tipo: “Eu amo minha família e não quero machucá-la.” O remorso é genuíno, mas ele não consegue nem desistir de suas atividades homossexuais nem renunciar ao cobertor de segurança de sua vida doméstica. Cada uma das duas desempenha um papel na satisfação de suas necessidades, e ambas são importantes para sua identidade. Ele finge para si mesmo que seu interesse por homens é uma fase passageira e não vê que a abstinência e a culpa são maneiras de ter emoções mais intensas. Como muitas pessoas que traem, ele gosta de drama. É mais bicha do que pensa ser.

— Você é o juiz — diz ela.

Mas ele ainda está longe de tomar o controle.

Quarta-feira é o dia dos adúlteros. Sua próxima cliente, Miss Piggy, uma jovem tímida com bochechas rechonchudas e mãos sardentas, afirma que ter um amante estimula seu apetite sexual e mantém o casamento vivo. De acordo com Miss Piggy, o marido não suspeita de nada e não teria direito de reclamar caso suspeitasse. Não se sabe por que Miss Piggy faz terapia ou o que ela espera obter com isso. Ela difere do juiz na carência de uma consciência crítica e na maneira prática como realiza o adultério: sempre nas tardes de segunda e quinta-feira, entre ir ao supermercado e buscar os filhos na escola.

Embora Miss Piggy pareça menos conflituosa que o juiz, do ponto de vista de Jodi ela é um desafio maior. Sua ansiedade flui sob a superfície, em rios subterrâneos, raramente borbulhando ou provocando alguma perturbação. Chegar até lá e trazer isso até seu campo de consciência não será fácil. Por outro lado, o juiz é simplesmente um livro aberto, um homem sensível que se meteu em confusão. Com ou sem a ajuda de Jodi, o problema do juiz acabará piorando e ele encontrará um meio de solucioná-lo.

Apesar de Miss Piggy acreditar que o marido não sabe de nada, Jodi imagina que ele tenha suas suspeitas. Sempre surgem sinais, como ela bem o sabe. Por exemplo: o adúltero muitas vezes parece distraído ou preocupado; o adúltero não gosta de ser questionado; cheiros inexplicáveis se agregam ao cabelo e às roupas do adúltero. Quaisquer cheiros: incenso, mofo, grama. Antisséptico bucal. Quem usa antisséptico bucal no fim do dia, antes de voltar para casa para dormir? Um chuveiro pode eliminar odores corporais reveladores, mas o sabão que o adúltero usa no banheiro do motel será diferente do que usa em casa. Além disso, há as pistas de sempre: cabelos ruivos ou loiros, manchas de batom, roupas amarrotadas, telefonemas furtivos, ausências inexplicáveis, misteriosas marcas no corpo... Para não mencionar aquisições curiosas — o belo chaveiro ou o frasco de loção pós-barba — que aparecem do nada, especialmente no Dia dos Namorados.

Ao menos ele faz de tudo para ser discreto e assume a regra de não avançar em amigas dela, embora tenha havido exceções. Havia um casal de quem costumavam ser íntimos, pessoas que conheceram em férias no Caribe, amizade selada em meio a margaritas e aulas de mergulho. O casal tinha um negócio de venda de casas pré-fabricadas, o que Todd desprezava. Contudo, durante seguidos invernos, fizeram questão de se encontrar com o casal em resorts escolhidos. Ela suspeitava de que estava rolando algo entre Todd e Sheila, mas afastou aquilo de sua mente até a tarde em que ambos desapareceram da beira da piscina e reapareceram pouco depois, parecendo gatos que haviam acabado de traçar uma grande tigela de leite. Apenas isso teria passado despercebido, mas havia também o volume sutil na sunga de Todd e o brilho de algo gelatinoso nos pelos de seu peito.

No entanto, nada disso importa. Simplesmente não importa que vez por outra

ele entregue o jogo, porque ambos sabem que ele é um adúltero, e ele sabe que ela sabe, mas a questão é que as aparências, as importantíssimas aparências, devem ser mantidas, a ilusão de que está tudo bem e que não há nada com que se preocupar. Desde que os fatos não sejam abertamente declarados, desde que ele fale com ela em eufemismos e circunlóquios, desde que as coisas estejam funcionando sem problemas e prevaleça a calma na superfície, eles podem continuar vivendo suas vidas, sendo um fato conhecido que a vida bem vivida equivale a uma série de compromissos com base na aceitação das pessoas ao seu redor, com suas necessidades e idiossincrasias, que nem sempre podem ser adaptadas ao seu gosto ou obrigadas a atender normas sociais conservadoras. As pessoas vivem suas vidas, expressam-se e buscam satisfação a sua maneira e a seu tempo. Cometerão erros, farão julgamentos equivocados, serão inoportunas, seguirão caminhos errados, desenvolverão hábitos prejudiciais e sairão pela tangente. Se há algo que ela aprendeu na faculdade foi isso, cortesia de Albert Ellis, o pai da mudança de paradigma cognitivo-comportamental em psicoterapia. Os outros não estão aqui para satisfazer as nossas necessidades ou expectativas, e nem sempre nos tratarão bem. Não aceitar isso é ver surgir sentimentos de raiva e rancor. A paz de espírito vem quando aceitamos as pessoas como elas são, enfatizando seu lado positivo.

Os adúlteros prosperam; muitos deles prosperam. E mesmo que não prosperem, não vão mudar, porque, de modo geral, as pessoas não mudam — não sem forte motivação e esforço contínuo. Traços básicos de personalidade se desenvolvem no início da vida e ao longo do tempo tornam-se invioláveis, inatos. A maioria das pessoas pouco aprende por experiência, raramente pensa em ajustar o próprio comportamento, acha que os problemas emanam dos outros ao seu redor e continua a agir da mesma forma, aconteça o que acontecer, seja para o bem ou para o mal. Um adúltero continua a ser um adúltero da mesma forma que um otimista permanece otimista. Um otimista é uma pessoa que, após ter sido atropelada por um motorista bêbado, ter as duas pernas amputadas e hipotecar a casa para pagar as contas do hospital, diz: “Tive sorte. Eu poderia ter morrido.” Para um otimista, esse tipo de declaração faz sentido. Para um adúltero, faz sentido viver uma vida dupla e ser dissimulado.

Ao afirmar que as pessoas não mudam, o que ela quer dizer é que não mudam para melhor; quanto a mudanças para pior, isso nem se fala. De alguma forma a vida consegue mudar a pessoa que você pensava que fosse. Jodi costumava ser uma boa pessoa, boa por completo, mas não pode mais dizer isso de si mesma. Certa vez, jogou no lago o celular de Todd após ouvir a mensagem de voz em que uma mulher se referia a ele como “Lobinho”. Em outra oportunidade, colocou as cuecas dele para lavar junto com roupas coloridas. E houve as muitas vezes em que providenciou que ele perdesse coisas. Ela não se orgulha desses delitos. Bem que gostaria de pensar que está acima desse tipo de

comportamento, que aceita quem ele é, que não é uma daquelas mulheres que acham que seus homens lhe devem algo mesmo tendo entrado nessa de olhos abertos, mas ela acredita que as transgressões que comete são leves em comparação com as liberdades que ele toma de vez em quando.

Após se despedir da Miss Piggy, ela vai até a academia de ginástica do prédio, onde levanta pesos e pedala dez quilômetros. Depois almoça sobras de legumes frios com maionese, toma um banho e se veste para executar uma série de pequenas tarefas. Antes de sair, escreve instruções para Klara, que vem fazer a faxina nas tardes de quarta-feira. A rotina diária é o grande bálsamo que mantém seu espírito elevado e sustenta sua vida, afastando o medo existencial que pode emboscá-la sempre que ela hesitar ou se sentir perdida, lembrando-a da magnitude do vazio sobre o qual está assentada. Ocupar-se é o modo de vida da classe média — um modo de vida prático e um bom modo de vida. Ela gosta de agendar os clientes, cuidar da casa e manter-se em forma e bem arrumada. Gosta das coisas organizadas e previsíveis e se sente segura quando seu tempo é programado com antecedência. É um prazer folhear a agenda e ver o que tem pela frente: ginástica, hora marcada no cabeleireiro, exames médicos, sessões de pilates. Ela comparece a quase todos os eventos organizados por sua associação profissional e se inscreve em cursos de qualquer assunto que lhe interesse. À noite, quando não está cozinhando para Todd, janta com as amigas. E todo ano tem as duas férias longas — uma no verão, outra no inverno — das quais ela e Todd sempre desfrutam juntos.

Dirigindo seu Audi Coupe, ela abre os vidros e absorve o ruído e a comoção da cidade, desfrutando do clamor e do tumulto de coisas que acontecem em toda parte: vendedores ambulantes, músicos de rua e feiras livres — saboreia até mesmo multidões, sirenes e engarrafamentos. Uma adolescente com um monte de balões dança pela rua. Um homem de avental branco está sentado na posição de lótus nos degraus de um restaurante. Ela para na loja de molduras com a pintura Rajput, escolhe um livro de viagens, compra uma balança de cozinha para substituir a que quebrou e, no caminho de casa, se senta com um frappuccino na Starbucks local, ainda com tempo suficiente para passear com o cachorro e assar costeletas para o jantar antes de ir para a aula de arranjos florais.

Ele gosta de começar cedo e, ao longo dos anos, reduziu sua rotina matinal ao fundamental. Seu banho é frio, o que elimina a tentação de se demorar, e seu equipamento para a barba é composto de creme e um aparelho descartável. Veste-se na penumbra do quarto enquanto Jodi e o cão dormem. Às vezes, Jodi abre um olho e diz: “A lavanderia entregou as camisas” ou “Essa calça está ficando larga”. Ao que ele responde: “Volte a dormir.” Ele engole um complexo de vitaminas com um copo pequeno de suco de laranja, escova os dentes de um lado a outro, do jeito errado embora o mais rápido, e, meia hora depois de sair da cama, está no elevador descendo para a garagem.

Bem antes das sete ele está sentado a sua mesa, no quarto andar de um prédio de quatro pavimentos na South Michigan, pouco antes da Roosevelt. O edifício — uma estrutura de tijolo e pedra calcária com um teto plano e janelas com isolamento e molduras de aço que eram as mais sofisticadas quando ele as instalou — foi sua primeira reforma em grande escala, realizada após uma década investindo em imóveis e antes de a febre dos condomínios no South Loop elevar os valores dos imóveis à estratosfera. Quando ele o adquiriu, o edifício era um espaço morto, e ele financiou sua conversão em salas de escritório com três hipotecas e uma linha de crédito, todo o tempo trabalhando lado a lado com os funcionários que contratou. Poderia ter feito tudo sozinho, mas, se seu dinheiro acabasse, os bancos executariam a dívida. Nesse negócio, coisas como pagamentos de hipotecas, impostos e seguros tornam verdade literal o ditado que prega que tempo é dinheiro. O escritório que ocupou ali é modesto, consistindo de duas salas, uma pequena área de recepção e um banheiro. Sua sala é a maior, com vista para a rua. A decoração é moderna e minimalista, com superfícies nuas e persianas de blecaute — nada de antiguidades e bugigangas, como seria, caso ele tivesse deixado Jodi cuidar daquilo.

O primeiro telefonema do dia é para a delicatessen que fornece o café da manhã. Pede, como sempre, dois sanduíches de bacon com alface e tomate e dois cafés grandes. Enquanto espera, tira uma velha lata de tabaco da gaveta, abre a tampa e despeja o conteúdo no topo da escrivaninha: papéis de enrolar cigarros, caixa de fósforos e um pequeno saquinho contendo um punhado de brotos e folhas secas. No tempo em que esteve deprimido, Todd descobriu que fumar um pouco de maconha cedo pela manhã o tirava de sua apatia e o ajudava a trabalhar. Agora está acostumado com a cerimônia de enrolar e acender, e gosta dessa maneira suave de começar o dia. Ele leva o baseado até a janela e sopra a fumaça para fora. Não que seja segredo o fato de ele gostar de dar um tapinha. Só não acha que a TJG Holdings deva cheirar como uma república de universitários.

Antigamente ele tinha, de sua janela, uma visão clara do céu, mas o que vê agora é uma pequena mancha irregular de azul flutuando entre os prédios do outro lado da rua. Melhor do que nada, e não é ele quem vai censurar o *boom* imobiliário. De qualquer modo, sua atenção está voltada para as pessoas que esperam no ponto de ônibus. Algumas estão paradas no abrigo, embora a manhã esteja clara e amena e o abrigo esteja cheio de lixo. Ele gosta quando consegue identificar algumas delas: a garota com os fones de ouvido e a mochila, o velho magrelo com boné que fuma um cigarro atrás do outro, a mulher grávida de sári e jaqueta jeans. Quase todos estão concentrados no tráfego, ansiosos por avistar o ônibus se aproximando. Como de costume, um ou dois desceram do meio-fio e estão agora na rua para ter uma visão melhor. Quando finalmente avistam o ônibus, a tensão se dissipa visivelmente, como se todos fossem um só corpo e mente. Contando trocados, a esparsa congregação se comprime em uma fila inquieta. Todd, é claro, avistou o ônibus quando o veículo estava a quarteirões de distância. Às vezes, ali de sua janela no quarto andar, ele se sente Deus.

O homem da delicatessen traz o café da manhã até a mesa de Todd e pega o dinheiro que ele deixou sob um peso de papel. Todd lhe dirige um aceno de cabeça e continua falando com Cliff York ao telefone. Está fazendo anotações, mas não vai precisar consultá-las. Não tem dificuldade em memorizar nomes, datas, números, horários e lugares, nem mesmo números de telefone. O projeto em discussão, um edifício residencial de seis unidades em Jefferson Park, encontra-se nos estágios intermediários de acabamento. Os obstáculos iniciais — plantas, licenças, financiamentos — já foram superados e todas as unidades foram despojadas. Ele e Cliff, seu mestre de obras, falam sobre a pressão da água e combinam um horário no fim do dia para se encontrarem, avaliarem a situação e ouvirem o que o encanador tem a dizer.

O pão está um tanto molenga, mas o bacon está crocante. Quando ele termina os dois sanduíches e um dos cafés, volta ao telefone, dessa vez para ligar para seu agente imobiliário, que lhe encontrou um comprador potencial. É uma boa notícia. O prédio residencial é um projeto temporário. Se precisasse, ele o manteria e alugaria as unidades, mas a ideia é vendê-lo e usar o capital em seu próximo empreendimento, um edifício comercial em escala maior, algo que superará tudo o que já fez até hoje.

Stephanie chega às nove e vinte. Ela demora a se organizar e só aparece na sala de Todd com seus arquivos e seu bloco de notas meia hora depois. Arrasta uma cadeira até a mesa dele. Stephanie é uma jovem mulher de trinta e cinco anos, com jeito de menina e um cabelo espesso preso em um rabo de cavalo. Ele sempre fica atento aonde e como Stephanie se posicionará, seja diretamente na frente dele, onde ele pode vê-la apenas da cintura para cima, ou à sua direita, onde ela costuma cruzar as pernas enquanto descansa o antebraço no topo da escrivaninha para fazer anotações. O tampo oval sobre uma base retangular

permite muito espaço para as pernas, de modo que, quando ela decide exibir as pernas, seja lá por que motivo, ele considera seu dia de sorte. Se ela está de calça jeans, ele tem uma visão de sua virilha e de suas coxas; se está de saia, pode admirar seus joelhos e suas panturrilhas. Ela não flerta, mas também parece não notar ou não se importar que ele assista ao seu cruzar e recruzar de pernas. Hoje ela está de jeans, mas se senta do outro lado da escrivaninha, de modo que ele tem de se contentar com os picos gêmeos que forçam os botões no meio da blusa. Stephanie não deve ter muito mais que um metro e meio, e é isso que torna o tamanho de seus seios tão impressionante.

Ela trouxe uma pilha de arquivos e uma lista de itens para resolver com ele: preços de ventiladores de teto, endereços de sites de paisagistas, faturas questionáveis. Todd quer ser informado sobre qualquer coisa que não seja estritamente rotineira. Ele não chegou onde está hoje desprezando detalhes ou deixando os negócios se afastarem de seu controle. Ele é um só e sua margem de lucro não é estupenda, o que significa que tudo conta. Ele olha para o relógio, apenas para que Stephanie saiba que ele notou seu atraso.

— Nada de Cliff? — pergunta ele, quando estão tratando das faturas.

— Ainda não.

— Não se esqueça de me avisar quando ele chegar. Da última vez ele listou custos de material que nós mesmos fornecemos. O que foi mesmo?

— Azulejos de banheiro.

— Isso. Azulejos de banheiro. E rejunte. Ele me cobrou pelo maldito rejunte.

Ela terminou a pesquisa que ele pedira a respeito de vasos sanitários; entrega-lhe os folhetos.

— Os modelos de baixo fluxo são mais baratos que os de fluxo duplo, mas não são confiáveis — diz ela.

— O que há de errado com eles?

— Nem sempre dão descarga.

— Têm que dar.

— Nem sempre desce.

— Cliff já as instalou antes.

— Você não pode arriscar. Não com unidades de aluguel. Você devia dar uma olhada nas opções de fluxo duplo.

Ele franze a testa.

— Quanto custam?

— Não muito mais. Dá para conseguir uma marca confiável por quinhentos.

— Isso representa três mil para as malditas privadas. Posso ir a Home Depot e conseguir privadas por cinquenta dólares cada.

— Poder, você pode, mas não vai fazer isso.

— O que mais?

— Temos que pensar nas geladeiras e nos fogões. Podem demorar para

entregar.

— Consiga alguns orçamentos. Se tudo vier do mesmo fornecedor, podem dar um desconto.

— Como vou saber os tamanhos?

— Veja nas plantas.

— Eu não tenho as plantas. Você as levou para casa.

— Consiga uma cópia com Carol em Vanderburgh. As unidades não são todas iguais.

Quando ela recolhe os papéis e lhe permite ver sua bunda se afastando, ele devaneia por um tempo, um dos ouvidos atento aos altos ruídos provenientes da sala dela. Sua mente tenta captar tudo de uma vez, cercando todo o seu mundo em um relance, como se fosse um campo de beisebol e ele estivesse em um *home run*, correndo de uma base à outra, o tempo todo de olho na bola. Chega um ponto em que ele saboreia a apreensão constante, o risco que assume a cada pequena decisão, a tensão de estar sobrecarregado, a pressão de apostar tudo no empreendimento atual. A ansiedade que sente está se estabilizando de certo modo, fazendo-o saber que está vivo e no caminho certo. É ansiedade misturada a uma saborosa expectativa, um interesse no que vem a seguir, uma participação no que está ocorrendo. É isso que o impulsiona ao longo do dia.

Durante a depressão, ele perdeu esse impulso que o leva adiante. Na verdade, perdê-lo era exatamente o que havia de errado com ele. O tempo não tinha nuance ou modulação, sempre o mesmo, minuto a minuto, dia após dia. Ele nada sabia sobre a derrota ou a futilidade que as pessoas supunham que ele estava sentindo. Simplesmente não estava ali, uma ausência, um espaço vazio.

Ele consulta o relógio e dá um telefonema. A voz sonolenta que diz alô lhe provoca um choque gratificante, despertando suas gônadas.

— Ainda na cama?

— A-ham.

— Não tem que ir à aula?

— Só mais tarde.

— Mimada.

— Espero que sim.

— O que está vestindo?

— O que você acha?

— Está como veio ao mundo.

— Por que você quer saber?

— Por que acha que eu quero saber?

— Isso é oficial?

— Não, é confidencial.

— Vou precisar disso por escrito.

Eles prosseguem assim por um longo tempo. Ele a imagina deitada sobre

lençóis amarfanhados no apertado quarto de North Claremont, onde divide um apartamento com colegas. Ele esteve lá certa vez, nos primeiros dias, quando havia lugares no corpo dela que ele ainda não tocara. Depois, as colegas de apartamento se reuniram na cozinha e ficaram fazendo um monte de perguntas intrusivas, principalmente sobre a idade e a esposa dele. Após esse dia, começaram a se encontrar no Crowne Plaza, em Madison, onde os funcionários são sempre distantes e educados.

Enquanto conversam, ele é fustigado por sentimentos que ainda registra como vagamente estrangeiros, fazendo-o se perguntar se é outra pessoa. Não mais Todd Gilbert, e sim um homem que entrou furtivamente no corpo de Todd Gilbert durante os meses em que ele esteve ausente. No curto espaço de tempo desde que a conheceu, ela lhe devolveu a vida. É isso que ele deve a ela, o presente da vida, como encontrado nos sentimentos que fazem de um homem um ser humano — não apenas amor, mas ganância, luxúria, desejo... Tudo muito fervilhante e perturbador. Até mesmo a impaciência que sente agora é um presente, a impaciência por estar logo com ela e que o importuna o dia inteiro. Até mesmo o ciúme que sente. Ele sabe que ela tem direito de estar com um amante mais jovem e teme que seja apenas questão de tempo até que se dê conta disso. Por mais doloroso que isso seja, ao menos ele está na terra dos vivos.

O ciúme é algo novo para Todd. Geralmente ele se sente confiante com as mulheres. De acordo com Jodi, esse sentimento deriva do fato de ele ter sido filho único de uma mãe superprotetora, enfermeira, que insistia em trabalhar meio expediente, apesar do dinheiro apertado, para poder ficar em casa cuidando dele — sua maneira de compensar os problemas do pai, um funcionário público que bebia muito. Quando ainda estava no ensino médio, Todd assumiu o papel de provedor da mãe, aprendendo a ganhar dinheiro e a assumir responsabilidades, e por isso foi muito elogiado, não só pela mãe como também por amigos da mãe, professores e pelas garotas que ele conhecia. As mulheres gostam dele. Gostam dele porque ele sabe como cuidar delas. Ele cuida de Natasha, mas há um problema em sua relação com ela. Ela o torna ciente de seu corpo envelhecido, sua vitalidade em declínio. Não por algo que ela diga ou faça; é só porque ela é jovem, desejável e insaciável.

Todd ainda está ao telefone, andando de lá para cá pela sala, quando Stephanie retorna com uma pilha de cheques para ele assinar. Ele para junto à janela. Ela pousa os cheques sobre a mesa dele e espera. Stephanie, ele sabe, está ciente do que vem acontecendo entre ele e Natasha, que certa vez veio até o escritório parecendo prestes a comê-lo vivo. Palavras de Stephanie. Que tipo de assistente fala assim com o próprio chefe? Ultimamente, Stephanie tem feito questão de interromper as conversas telefônicas dos dois. Não lhe resta alternativa senão desligar abruptamente, como agora. Ela estende uma caneta para ele, apontando-a como se estivessem lutando esgrima.

Antes de sair do escritório, ele liga para Jodi para avisar que não vai jantar em casa. É uma ligação de cortesia; ela sabe que ele se encontrará com Dean esta noite. Mas Todd gosta de mostrar que se preocupa com ela. É um homem de sorte e não perde isso de vista. Ela ainda é uma bela mulher, com sua figura esbelta e seu cabelo escuro, e, apesar de ser caseira, entende que ele não pode passar as noites sentado em frente à TV. Alguns de seus amigos têm de jantar em casa todas as noites. Alguns não podem nem mesmo tomar uma cerveja após o trabalho. Felizmente, ele tem muitos amigos — incluindo praticamente todo mundo com quem já trabalhou —, muitos deles são solteiros ou divorciados, então ele quase sempre encontra um parceiro de copo. Não que se importe em passar uma noite sozinho, caso isso aconteça.

Ele e Dean Kovacs se conhecem desde o ensino médio. Dean é seu amigo mais antigo e o único que conheceu seu pai. Quando ele diz que o pai era um velho desgraçado, Dean sabe exatamente o que Todd está dizendo. Dean é como um parente, praticamente um irmão. Mas também é o pai de Natasha, o que pode ser um problema. Ou talvez não. É difícil saber como Dean reagirá quando descobrir o que está acontecendo. Ele certamente ficará abalado, mas, caso tenha a chance de se acostumar com isso, quem sabe? Talvez riam da situação: ele pode chamar Dean de “pai” ou “papai” e Dean pode mandá-lo à merda. Muito provavelmente, vai dar tudo certo. Ao menos não vai ser ele quem terá de contar a Dean. Essa tarefa ficará a cargo de Natasha. Ela vai contar quando achar que é a hora certa. Foi o que decidiram.

O dia está quente. Na rua, o calor e a sujeira erguem-se da calçada como perfume. Ele ama esta cidade até o concreto, ama sua pura fisicalidade, a tonelagem de suas estruturas maciças, e ama ainda mais seu poder e impulso, a religião de seu comércio, seus inúmeros cartazes de “vende-se” e a oferta de oportunidades ao estilo de fronteira. Caminhando os três quarteirões até o estacionamento onde deixa o carro, ele sente ser uma grande sorte estar aqui agora — neste lugar, nesta época.

Em vez de ir direto ao Jefferson Park, ele dobra na Roosevelt e faz uma parada no Home Depot. Se somasse todo o tempo que já passou nessa loja, o total corresponderia a meses inteiros de sua vida. Ele se preocupa com o interior de seus projetos, presta atenção em elementos como pisos e iluminação. A soma total dos detalhes é uma forte determinante da viabilidade de um projeto. Cliff ficaria feliz em comprar tintas, azulejos, tapetes, luminárias e adicionar os seus dez por cento, mas Cliff não está lá quando os compradores potenciais dão no pé porque não gostaram da cor ou do acabamento, e Cliff é pago de qualquer jeito.

Ele sai da loja sem comprar nada e pega a via expressa, vidros baixados e *Nevermind* no aparelho de som. O único lugar em que ele ousa cantar é dentro do carro, onde o vento em seus ouvidos e o zumbido do motor impedem que ouça a si mesmo. Ele sabe a letra de todas as faixas; canta a plenos pulmões enquanto

ganha velocidade. O álbum remonta a vinte anos atrás, ao jovem arrogante que ele era, encantado com a própria capacidade, e à promessa que representava. Ele conheceu Jodi no ano em que o Nirvana substituiu Michael Jackson no topo das paradas de sucesso, de forma que agora cada canção é como uma máquina do tempo, levando-o de volta ao estrondo sônico de seu amor.

Ele a viu pela primeira vez na State Street, os veículos deles batidos e bloqueando duas pistas, o tráfego parado atrás, buzinas gritando, pessoas aglomerando-se em volta, a chuva caindo, o cabelo de Jodi encharcado e colado ao rosto, sua camiseta também encharcada deixando-a praticamente nua da cintura para cima. Mas, apesar de seus seios estarem evidentes — pequenos embora perfeitos, com mamilos eriçados como ponteirolas graças à chuva que caía —, o que mais lhe chamou atenção foi seu porte, aquela mulher fria e imperturbável, real e digna. Ele nunca tinha cruzado com uma mulher que tivesse metade da classe de Jodi, tampouco conhecera outra desde então.

No canteiro de obras, ele encontra Cliff fumando, macacão empoeirado e cinto de ferramentas afrouxado. Cliff é um homem robusto que fala devagar e dá a impressão de que está criando raízes no local. Tem a mesma idade de Todd, mas seu basto bigode grisalho o envelhece dez anos. Quando o encanador chega em sua van, os três entram no prédio e percorrem as unidades. A conversa gira em torno de canos, drenos e afins, assuntos atraentes quando você é Todd Jeremy Gilbert, da TJG Holdings, e está investindo sua vida naquele projeto. O prédio estava quase abandonado quando ele o comprou. Precisou despejar os inquilinos, mesmo a contragosto, e agora o lugar está começando a tomar forma. Os operários que eles encontram no caminho estão arrancando a fiação velha e erguendo novas vigas, embora Todd não veja o frenesi de atividade de que gostaria. Apesar de trabalhar com Cliff há duas décadas, ainda tem de ficar em cima. Suas despesas gerais — o que ele paga todos os dias apenas para possuir aquela propriedade e conseguir que o banco e a prefeitura o deixem em paz — são suficientes para alimentar uma aldeia na África por um ano.

No caminho de volta para a cidade ele liga para Natasha, na esperança de encontrá-la para almoçar, mas ela já está comendo um sanduíche.

— Você está comendo um sanduíche enquanto fala comigo?

— Estou abrindo a embalagem, prestes a dar uma mordida.

— Guarde isso e vamos ao Francesca's.

— Não posso. Tenho que ir para a aula.

— Você pode me encontrar quando eu sair do trabalho?

— Vou ficar de babá das quatro às sete.

— Vou dar uma passada aí.

— Não é uma boa ideia.

— Você sabe que depois vou estar ocupado.

— Vamos almoçar amanhã.

— Isso significa que eu não vou ver você hoje.
— Você acha que vai sobreviver?
— Esse seu sanduíche é de quê?
— Salame no pão de centeio. Do Manny's. Com bastante mostarda.
— Está sentada em algum lugar?
— Já disse. Estou indo para a aula.
— Você está indo para a aula agora?
— Estou andando pela Morgan. Acabei de passar pela biblioteca. E vou chegar atrasada se você não me deixar desligar o telefone.
— Quero saber o que você está vestindo.

Ela se faz de aborrecida, mas ele sabe que ela gosta daquilo. Natasha gosta de ser objeto de sua bem sintonizada atenção com conotações eróticas. Ele imagina a mochila dela, lotada, as alças se cravando nos ombros, os dentes perfeitos de Natasha afundando no pão recheado com fatias de salame. Ela está no último ano, logo vai se formar em história da arte. Não pensa em seguir carreira; o que quer é se casar e constituir família. A propósito, ela já disse que Todd daria um excelente pai. Ele se sente encorajado pelo que isso implica — que ela não está prestes a deixá-lo por um homem mais jovem —, mas não pensa no futuro, a não ser para admitir para si mesmo que o que tem com Natasha é diferente, não é o que se chamaria de caso. Um caso para ele é como um esporte, uma forma de recreação que não interfere em seu modo de vida ou faz você perder a cabeça. Isso, no entanto, é confuso, exigente, viciante, e o enche de angústia. Às vezes ele jura que está no caminho certo, mas na maior parte do tempo se sente como um afogado apaixonado pela arrebatção.

A viagem no fim de semana foi ideia dela. Foi Natasha quem encontrou a pousada no rio Fox com sete hectares arborizados, piscina aquecida e chefe de cozinha francês, e foi ela quem reservou o quarto e o convenceu. Poderiam voltar para a cama após o café da manhã e tomar banho juntos antes do jantar. Poderiam andar pela floresta e fazer amor em uma clareira ensolarada. Ao contrário dos almoços de sempre, feitos às escondidas, poderiam satisfazer seus apetites à vontade... e assim por diante.

— Ou você prefere ficar em casa com a Jodi? — perguntou ela.

Todd desejou que ela não tivesse mencionado Jodi. Sua vida com a mulher pertence a um reino que nada tem a ver com Natasha, um universo paralelo onde as coisas funcionam bem e continuarão a funcionar, onde anos irrepreensíveis estendem-se docemente no passado e confortavelmente no futuro. Certa vez, ele cometeu o erro de dizer para Natasha que Jodi na cama era um prato de mingau frio. A ideia não era subestimar Jodi, mas tranquilizar Natasha. Ele é um homem generoso, cujo abraço fácil absorve um mundo de imperfeições, especialmente quando se trata de mulheres. Ele tem um talento especial para aceitar as coisas como são e lidar com elas. Coisas em relação a

Jodi. Coisas em relação a Natasha.

Algo que o irrita em Jodi é o fato de ela ter uma série de diplomas em diferentes graus. Não apenas um bacharelado, como terá Natasha, mas também um doutorado e dois mestrados. Ele não se incomoda que ela seja inteligente — o que o irrita são as provocações que precisa ouvir dos rapazes, que gostam de dizer que Jodi está um nível acima dele. Não que ele acredite que há algum valor inerente em ter diversos títulos universitários. A educação se resume a obter poder — a ameaça de que se você não for para a universidade acabará trabalhando no McDonald's. É o dinheiro, não a educação, o Santo Graal dos EUA.

Ele almoça em um pub de estilo britânico e resiste ao impulso de pedir uma cerveja. Quando volta ao escritório, Stephanie lhe entrega os orçamentos que ele pediu e uma lista de ligações que ele precisa fazer. Todd se estica no sofá para fazer os telefonemas e depois tira uma soneca. Quando acorda, são quatro e meia; ele vai à academia.

Isso é recente. Ele começou a malhar como forma de combater a depressão, quando o médico lhe disse que exercícios vigorosos produzem endorfinas, analgésicos naturais. Ele não sentia as endorfinas no começo e achava difícil ignorar o bar pelo qual passava a caminho da academia, mas isso mudou quando ele conheceu Natasha. Agora ele tem o acompanhamento de um *personal trainer*, usa os pesos livres em vez dos aparelhos, adotou munhequeiras e veste uma regata.

Depois de se exercitar por mais de uma hora ele se sente recarregado e um tanto excitado. Toma banho e se seca, depois enrola uma toalha na cintura e liga para Natasha, embora o vestiário esteja lotado e uma conversa particular esteja fora de cogitação. Em verdade, até mesmo seus pensamentos precisam ser contidos, porque ele não quer que seu ardor se erga e fique apontando em meio a um monte de homens nus.

Todd só fala depois do terceiro alô dela.

— Quem é, hein? Um tarado? — pergunta Natasha.

— É exatamente o que eu sou.

— Você sabe que eu vejo o seu nome e o seu número no identificador de chamadas.

Da próxima vez, decide Todd, vai ligar de um telefone público.

* * *

Quando ele adentra o saguão do hotel Drake, após entregar o Porsche a um manobrista, Dean Kovacs já está lá, sentado no bar. O antigo clube noturno — com couro cor de vinho, madeira reluzente e sua tradicional elegância masculina — é um confortável e sedutor lar fora de casa. Agora está lotado, uma multidão

recém-saída do expediente de trabalho. O alarido das vozes sobe e desce em ondas líricas à medida que ele abre caminho através do salão. Ele dá um tapa nas costas de Dean e senta-se no banco vago a sua esquerda, que é mais uma poltrona do que um tamborete de bar.

— Olá, parceiro — diz Dean, terminando seu chope. — Comecei sem você.

— Seu cretino. Está com vantagem.

— Estou sempre um passo a sua frente, parceiro — diz Dean. Ele acena para o barman e ergue dois dedos.

Dean deu uma engordada. Com o rosto cheio e o queixo duplo, está parecendo um bebê gorducho. Veste um terno leve, azul, com uma camisa “lavar-e-usar” que exibe fendas entre os botões à altura da barriga, embora não se veja por baixo nada pior que uma camiseta branca e limpa. Sua gravata, dobrada, desponta do bolso do terno. Faz doze anos que Dean ganha a vida como executivo de vendas de uma empresa de plásticos, trabalho que ele adora.

O barman coloca duas canecas de chope na frente deles. Todd toma um longo primeiro gole e limpa a espuma dos lábios com as costas da mão. Cansado da academia, ele só quer se sentar e passivamente assimilar o álcool e a atmosfera. Dean é um vendedor de corpo e alma, de forma que basta Todd perguntar sobre os lucros.

— Da última vez que eu o vi, tinha havido uma desaceleração — diz Todd, preparando o anzol.

Dean morde a isca e começa a falar sobre cotas de mercado e presença competitiva, permitindo que Todd relaxe e o ouça com um dos ouvidos. Ele prefere ouvir falar sobre produtos e desenvolvimentos — até mesmo o plástico tem seu atrativo —, mas Dean é inspirado por metas, cotas, lucros e previsões.

Todd o encontra duas, talvez três vezes por ano. É sempre Dean quem liga para convidá-lo, mas Todd tomaria a iniciativa caso o outro não o fizesse. Apesar de viverem em mundos diferentes, o passado é um forte vínculo. Eles cresceram em Ashburn, no lado sudoeste, estudaram na Bogan High, jogaram hóquei e ficaram doidões e perderam a virgindade no mesmo dia. A perda da virgindade ocorreu em um encontro de casais em um trailer dos pais de Dean. Após uma ou duas doses de bebida, Dean invariavelmente traz esse assunto à tona. É significativo para Dean que ele e Todd tenham compartilhado essa experiência seminal, que ele tenha ouvido a vocalização da passagem de Todd para a idade adulta, e que Todd tenha feito o mesmo. Isso também é um fato significativo para Todd, mas ele não quer espalhar para o bar inteiro. Antes que aconteça, ele pede o cardápio para obrigar Dean a se concentrar no jantar.

Após comerem hambúrguer, eles mudam de cerveja para uísque, e é aí que Dean começa a ressuscitar a esposa, morta há dez anos.

— Não me diga que ela não era a melhor mulher que um homem poderia desejar — diz Dean. — O tipo de mulher que só aparece uma vez na vida. — Ele

endireita a coluna para enfatizar seu ponto de vista e acena com a cabeça aleatoriamente, como um daqueles bonecos com mola no pescoço. — Só acontece uma vez — repete, tamborilando no balcão do bar. — Se você tiver sorte.

— Ela era uma boa mulher — concorda Todd.

— Era uma puta de uma *deu-sa* — diz Dean. — Eu adorava aquela mulher. Você sabe disso.

Ele espera pela confirmação de Todd, que tem o prazer de concedê-la. Na mente de Todd, não há contradição entre os sentimentos atuais de Dean e o fato de ele ter se envolvido em diversos casos extraconjugais enquanto a esposa ainda era viva.

— Ela sabia o quanto você a amava. Todo mundo sabia.

— É verdade — diz Dean. — Eu adorava aquela mulher. Ainda adoro. Você sabe que é verdade, porque, se não fosse verdade, eu me casaria de novo, coisa que não fiz.

Nos últimos anos, Dean teve uma série de namoradas, nenhuma delas tão boa quanto sua perfeita esposa defunta e nenhuma com a menor chance de substituí-la. Isso funciona bem para Dean, que gosta do jogo de perseguição e conquista e da sensação de poder que sente em desdenhar de uma mulher assim que conquista seu interesse.

À medida que entorna suas doses, Dean muda de piegas para rebelde. A multidão no bar diminuiu, o alarido tornou-se um zumbido e Dean está dispersivo. Afundando e girando em seu assento, ele vê uma jovem de cabelo preto, lábios carmim e a mesma idade de sua filha. Inicia um monólogo em voz alta, apenas aparentemente dirigido a Todd, sobre o que gostaria de fazer com ela e o que gostaria que ela fizesse com ele. Sentada a meia distância, entretida em uma conversa, ela ignora que Dean a tem como alvo, mas outras pessoas — a maioria das pessoas ao alcance de sua voz — começam a se voltar para olhá-lo.

Todd, entretanto, escapuliu para um mundo só seu. Seu senso de um eu essencial benigno — sua aura, sua generosidade — está se inflando e se expandindo e agora ocupa quase toda a sala. Em sua magnanimidade, ele não faz julgamentos e não exclui ninguém, nem Dean nem os inimigos que o amigo está ocupado em cultivar. Todos os presentes estão contidos na bolha da benevolência de Todd. Este é Todd quando bebe. Quando Todd bebe, ele vive a vida silenciosa de um sacerdote, absolvendo e redimindo toda a humanidade.

Dean já perdeu o interesse na menina de lábios vermelhos e agora se volta para a mulher a sua direita no bar. Ela está acima do peso e bem mais perto dele em termos de idade, e, na escuridão de seu cérebro alcoolizado, Dean acredita haver uma boa chance de ela se interessar por ele. O fato de ela estar envolvida em uma conversa com o homem sentado do outro lado não é registrado por Dean, que aproxima a boca do seio esquerdo dela e faz movimentos com a

língua como se a estivesse lambendo. Ela já notou a presença de Dean e afastou seu tamborete. Agora lhe lança um olhar de nojo e o manda ir se foder. Dean se apegue à palavra *foder* e lhe faz uma proposta, o que a faz se levantar junto com sua companhia — um homem bem apessoado com óculos de grife — e trocar de lugar. Esse homem, que agora é uma barreira física entre Dean e a mulher, não diz nada, mas ainda assim Dean o confronta e cutuca-lhe as costelas.

— Ei, amigo — diz Dean. — Eu só estava exercendo os meus direitos como macho da espécie.

— Pois vá exercê-los em outro lugar — retruca o homem.

Dean volta-se para Todd:

— Eu só estava exercendo meus direitos como macho da espécie. Estamos em um mundo livre, certo?

Desde a época do colégio Todd é testemunha das brigas do amigo. Se esta noite Dean aparentasse estar com os ânimos exaltados, Todd o pegaria pela mão e o tiraria dali, mas Dean hoje lhe parece inofensivo.

— Procure não criar problemas. — É a única observação que faz.

Ao que Dean responde, bem alto:

— Aquilo lá é uma cadela mesmo. Posso conseguir coisa melhor.

Todd ri e diz:

— Assim é que se fala, amigo.

Dean ri baixinho, satisfeito consigo mesmo.

Todd sabe que Dean só fica assim quando está bêbado. Algumas pessoas conseguem se controlar; Dean não. Não dá para notar, mas Dean é sensível, o tipo de sujeito que chora facilmente e gosta de bebês. Quando Dean terminou o colégio, entrou para os fuzileiros navais, mas não era corajoso o suficiente para seguir adiante e saiu antes de ser alocado em algum posto. Foi quando começou a trabalhar com vendas. Em geral, pode-se dizer que Dean é uma pessoa fácil de lidar. Embora seja conhecido por perder a paciência, é preciso muito para provocá-lo. Daí que é realmente apenas uma questão de como ele vai receber a notícia, o que Todd acha difícil de prever. Só lhe resta torcer para que Natasha dê a notícia com delicadeza.

Já é quase meia-noite e Todd está em seu carro. Ele disca um de seus números secretos e, após uma breve conversa, vai até o Four Seasons, a poucos quarteirões dali. A pessoa com que vai se encontrar é uma dentre diversas outras que ele mantém à mão, todas com classe suficiente para os padrões de um hotel cinco estrelas, todas disponíveis a qualquer momento, ainda mais quando quem está chamando é um homem generoso como ele. É em noites assim, quando não esteve com Natasha e está cheio de energia, muito efusivo para ir direto para casa, que gosta de tirar proveito dos bens e serviços de luxo que a cidade tem a oferecer.

Chega a manhã de sexta e Jodi ainda não tem planos para o fim de semana. Ao contrário do seu normal, ela não vinha pensando adiante. Durante a semana, sua confiança habitual cedeu lugar à dúvida, à hesitação e à ingênua esperança de que Todd mudasse de ideia e cancelasse a viagem. Mas agora já era. Ele arrumou a mala ontem à noite e a levou hoje de manhã, planejando ir direto do escritório.

Ela pega o celular e vai até a janela, fica olhando para a paisagem. O dia está claro, com o brilho ofuscante de um sol branco sobre a água branca. A luz atinge seus olhos como agulhas e a pele sensível do rosto e do pescoço. Está se sentindo crua e exposta, um morcego vacilante à luz do dia, mas ainda assim continua ali, consultando sua lista de amigos.

Liga primeiro para Corinne, depois para June, depois para Ellen, deixando a mesma mensagem para cada uma delas: “O que vai fazer neste fim de semana? Está livre para jantar? Que tal hoje? Ou amanhã. Almoçar também seria uma boa. Adoraria vê-la, me ligue.” Ela se afasta da janela, caminha a esmo pela sala e inspeciona a poeira no aparador passando o dedo pela superfície de madeira polida. Então liga para Shirley e deixa a mesma mensagem. Shirley já precisara de cuidados relacionados à sua saúde mental. Jodi a conheceu durante um estágio e gostou do fato de ela ser inteligente e doida, uma poetisa que ganhara alguns prêmios por seu trabalho.

O planejamento meticuloso tem seus méritos. A vida geralmente se desenrola de uma maneira imponente, com eventos e compromissos agendados com antecedência de semanas, senão meses. Ter de correr atrás de um programa de última hora é algo que Jodi raramente precisa fazer, e ela acha isso humilhante. Parece-lhe mendicância. Por que não escolher um ponto na rua e fazer ali sua solicitação? Ela poderia mandar fazer cartões e entregá-los. *Mulher abandonada procura companhia para jantar. Desesperada, portanto não exigente.* Ela não tem muita esperança de que Corinne, June, Ellen ou Shirley estejam livres para encontrá-la. Corinne e Ellen têm filhos, June viaja muito e Shirley — bem, Shirley nem sempre ouve suas mensagens. Mas há um limite para quantas chamadas ela está disposta a fazer.

Não é antes do fim do dia — quando ninguém retornou suas ligações — que ela decide ir em frente e tentar Alison, apesar de quase não haver chance de Alison atender ao seu telefonema ou responder a uma mensagem antes da semana seguinte. Na verdade, Jodi tem tanta certeza de que ligar para Alison é uma causa perdida que, quando ouve a voz da amiga ao telefone, pensa por um segundo que ligou para o número errado.

— Você me pegou — diz Alison. — Eu deveria estar trabalhando, mas é um

daqueles dias. Você não vai acreditar a série de desastres, por isso vou poupá-la dos detalhes. Quando liguei para J.B. para dizer que eu me atrasaria, parecia que o céu tinha caído em minha cabeça. É bobagem, porque só ficamos realmente ocupados após as cinco. Os homens são umas crianças. Acho que se sentem importantes impondo sua autoridade. É uma boa as mulheres terem poder de verdade, não é mesmo? Bom, estou fazendo turno dobrado neste fim de semana, mas estou livre na segunda-feira. Que tal um jantar?

Jantar na segunda-feira não resolve o problema imediato de Jodi, mas ela tem o prazer de anotar o compromisso em sua agenda. Alison é outra de suas amigas excêntricas, uma estranha como Shirley, não alguém que ela conhece da universidade ou de seu círculo profissional. Ela conheceu Alison em um curso de culinária, o mesmo em que aprendeu a limpar lulas e a fazer camarão empanado. Alison não cozinha, mas passou por uma fase em que pensou que deveria fazer um esforço. Jodi não sabe exatamente o que a amiga faz, mas acredita que envolva relações particulares com clientes, apesar de Alison ser garçonne e não uma das garotas. Alison pode ganhar boas gorjetas servindo as mesas, mas tem de estar fazendo mais do que isso, a julgar pelos restaurantes que escolhe e pelo tipo de vinho que costuma pedir: garrafas de boa safra que até mesmo Jodi considera extravagantes.

* * *

No dia seguinte, sábado, Jodi não tem clientes. Após uma noite insone, caiu no sono ao amanhecer e ficou na cama até umas dez horas. Agora, se detém no café da manhã e na leitura do jornal. Não faz sentido que se sinta tão inquieta. É normal que Todd fique fora durante o dia, até mesmo no sábado, quando geralmente passa a manhã no canteiro de obras e depois vai cortar o cabelo e levar o carro para lavar. Já o domingo é outra história, um dia para terem um brunch descontraído e levarem o cachorro em uma longa caminhada pela orla do lago, algo pelo qual ela espera ansiosamente a semana inteira. Mas isso não vai acontecer amanhã.

Torcendo para que uma das amigas retorne sua ligação, ela zapeia pelos canais da TV até encontrar uma reprise de *Seinfeld*. Já viu aquele episódio, mas não se lembra de quase nada. Ultimamente, tem sido assim também com os filmes. Passa um ou dois anos e é quase como se ela estivesse com amnésia. Isso a faz pensar que, se pudesse viver sua vida outra vez — a mesma vida, com eventos se desenrolando na mesma sequência —, a maioria dos acontecimentos a pegaria de surpresa. Quando o episódio termina e ela está assistindo à cena final como se fosse a primeira vez, é atingida por uma avalanche de sentimento de perda e tristeza.

Ela se refugia no banho, um ritual que envolve imergir em água escaldante

até o pescoço. As nuvens de vapor, o calor de casulo, a sensação de ausência de peso e imersão profunda (o corpo suspenso, a pressão da água em torno) são tônicos poderosos capazes de curar doenças de todo tipo, mas, embora tenha ficado ali até a pele das pontas dos dedos embranquecer e enrugar, ela emerge de mau humor, sentindo-se abandonada e cansada. Adormece no sofá e acorda uma hora depois, tremendo dentro do roupão molhado.

Desorientada, um sonho esquecido agitando-se em sua mente, ela se veste, põe uma coleira no cão e caminha até o lago, unindo-se à multidão de gente que toma o calçadão aos sábados. A água está iridescente sob o sol do meio-dia, e as pessoas estão ali em peso, atraídas pelo calor cada vez mais forte, para correr, andar de bicicleta e patins ou simplesmente passear, a maioria casais ou grupos familiares, braços e pernas bronzeadas, vozes ecoando no ar limpo. Freud caminha ao lado dela, abanando o rabo para as crianças que pedem permissão para acariciá-lo. Ela o leva pela grama até a faixa de areia, arremessa um graveto e fica vendo o cão correr atrás. Ao menos ele parece estar aproveitando o dia. É uma criatura adaptável, fácil de recompensar e rápida em se distrair. Ele sabe que Todd não passou a noite em casa, mas ali, passeando pelo lago, nariz e orelhas erguidos, Todd é a última coisa em que pensa.

Ao voltar para casa, ela engole um Advil e vê se tem alguma mensagem na secretária eletrônica. Ellen retornou sua ligação, sugerindo almoçarem algum dia na semana que vem. Jodi veste um moletom, fecha as cortinas do quarto e se enfia na cama desfeita. Retoma o romance que vinha lendo, uma história de três gerações de mulheres cujas dificuldades incluem maridos violentos, filhos ingratos e as privações sociais e culturais de uma pequena comunidade rural. A história daquelas vidas terríveis a distrai por algum tempo, mas, quando ela termina de ler e fecha o livro, o retorno à realidade lhe dói. O céu em sua janela é de um cinza plano, a sala está imersa em sombras e a temperatura caiu. É claro que nenhuma de suas amigas vai ligar agora; têm planos para o jantar de hoje, a noite para elas já começou. Jodi troca as roupas amarrotadas por uma calça jeans e uma camisa de flanela, rendendo-se finalmente à ideia de passar a noite em casa.

Na geladeira, encontra meia torta de maçã. Come na própria travessa, primeiro o recheio, cavando com uma colher, e em seguida a crosta, pegando pedaços com os dedos. Todd não vai nem telefonar. Não vai telefonar para dizer que está com saudade nem para perguntar se ela está bem. De alguma forma ela sabe disso, e junto com tal percepção vem o sentimento de algo incontrollável, como pássaros alçando voo no prenúncio de uma tempestade. Vinte anos atrás, o amor dos dois eclodiu em uma chama de paixão e disparou como um foguete. Que esse impulso tenha se abrandado ultimamente é um fato que ela não tem conseguido enfrentar. Muitas vezes, parece-lhe que os anos desde então têm se dobrado sobre si mesmos, desabando juntos como um plissado de acordeão,

trazendo lembranças distantes para perto.

* * *

No segundo encontro, eles foram ver *Traídos pelo desejo* e depois ficaram do lado de fora do cinema falando sobre o filme, passando o tempo, gracejando e rindo. Um segundo encontro é um território em si mesmo, um campo de energia com leis e condições próprias. No terceiro encontro, certas coisas são entendidas, enquanto o primeiro é uma experiência crua indisfarçável. Já o segundo encontro, o do meio, é um campo minado de tatear e andar às cegas, um julgamento de grande esperança e ceticismo galopante. O segundo encontro é uma franca admissão de interesse mútuo, mas sem ignorar o fato de que isso pode evaporar a qualquer momento, de que tudo relacionado a vocês dois é provisório, meramente conjectural. O segundo encontro é um mar de ambiguidade em que você deve nadar ou vai afundar.

Não estava quente naquela noite. Era início de primavera. Ainda assim, nessa época do ano as pessoas costumam estar otimistas quanto ao clima e portanto não se agasalham tanto quanto deveriam. Jodi e Todd não foram exceção — ela estava com um suéter, ele, com um moletom —, mas, mesmo assim puseram-se a andar, com um propósito vago de comerem alguma coisa, mas sem destino certo. Logo caíram em uma profunda inércia de movimento constante, uma hipnose da locomoção da qual não conseguiam despertar. Seguiram pela Michigan, entraram no parque, saíram do parque e deram a volta no Loop. Não se deram as mãos nem mesmo os braços, concentrados que estavam na tarefa imediata, a tarefa do segundo encontro, com uma série contínua de revelações pessoais e francas admissões.

— Eu fui uma criança gorda — declarou ele quando atravessavam a ponte da avenida Michigan.

— Mas não gorda de verdade — disse ela, incapaz de imaginar aquilo.

— Meu apelido na escola era Bujão.

— Uau. Quanto tempo isso durou? — Não muito, com certeza.

— Ah, até os doze ou treze anos. Foi quando comecei a roubar carros.

— Você roubava carros?

— Acho que não foi uma boa ideia mencionar isso.

— Mas você não *roubava* de verdade.

— Como assim?

— Você devolvia quando acabava de usar.

— Quase nunca.

— Mas você não depenava para vender as peças ou algo do tipo, aposto.

— Não, não. Nada disso. Eu só ligava o som e saía dirigindo por aí. Pegava um amigo, algumas garotas. Fingia durante algum tempo ser um ricaço que tinha

tudo.

— Já foi pego alguma vez?

— Nunca. Acho que tive sorte.

Ela não o via daquela maneira. Havia algo em Todd, algo que — bem, *nobre* foi a palavra que lhe veio à mente — desafiava aquela imagem inesperada de sua juventude. A imagem que formara dele passou por um ajuste.

— Quando eu era pequena — disse ela —, meus pais passaram por várias fases em que não se falavam. Uma dessas fases durou quase um ano.

— Como isso é possível?

— Eles falavam. Só não falavam um com o outro. E se não tivesse ninguém por perto, se estivéssemos só nós, as crianças, então mais cedo ou mais tarde a coisa era assim: “Jodi, você poderia por favor dizer ao seu pai que ele precisa cortar o cabelo?” E, obviamente, ele estava ali no mesmo cômodo.

— Então você repetia para ele?

— Na maioria das vezes, sim, eu repetia a mensagem estupidamente. Acho que eu era pequena demais para me dar conta de que podia ficar fora dessa.

— Eles realmente deviam se odiar.

— Às vezes parecia que sim. Mas em outros momentos era tudo ótimo.

— Ao menos meus pais tinham certa constância. Meu pai intimidava minha mãe e ela se acovardava. Sempre assim.

— Eu jamais imaginaria isso.

Ela estava chocada; procurou o protetor labial na bolsa enquanto ajustava outra vez a imagem que tinha dele.

— Ele intimidava você também? — perguntou ela.

— Na verdade, não. Na maior parte do tempo, meu pai simplesmente me ignorava.

— O que ele fazia?

— Trabalhava nos parques, mas era uma ocupação sazonal. No inverno, ficava muito em casa. Levava uma cadeira e um estoque de bebidas para o porão e ficava por lá. Nós o ouvíamos resmungando e sabíamos que na hora do jantar ele estaria bêbado, de modo que rezávamos para que ele pegasse no sono e ficasse por lá mesmo.

— Deve ter sido difícil — disse ela, ainda fazendo os ajustes.

— Faz muito tempo. Ele já morreu. Os dois morreram.

Ele parou para amarrar um cadarço, curvando-se rigidamente no frio.

— Na minha família, eu acho que a parte mais difícil era o fingimento — disse ela. — Quer dizer, na maior parte do tempo as coisas eram ótimas, mas, mesmo que não fossem, meu pai ia para o trabalho, minha mãe preparava o jantar, todos nos sentávamos para a refeição em família, eles perguntavam para nós crianças o que tínhamos feito na escola, e toda noite iam para a cama juntos. Nada era dito. Nós todos fingíamos que aquilo não estava acontecendo.

— Qual era exatamente o problema deles?

— Ah, você sabe, o de sempre. Ele não era muito bom em seguir a monogamia.

— A monogamia não foi projetada para os homens. Ou os homens não foram projetados para a monogamia. Tanto faz. Ambas as afirmações são verdadeiras.

— Você acha?

— Eu sei disso.

— Seus pais tinham o mesmo problema?

— Meu velho só tinha uma amante, a cerveja.

— Então por que você disse isso sobre a monogamia?

— Todos os homens traem, mais cedo ou mais tarde, de uma forma ou de outra. Meu pai traía minha mãe com a garrafa.

Lembrando-se dessa conversa, ela acha que isso deveria ter-lhe chamado a atenção, feito ela parar e pensar. Mas os alarmes que deveriam estar soando em sua cabeça estavam, estranhamente, silenciosos.

Enquanto caminhavam pela LaSalle, passando pela Câmara de Comércio, por bancos e lojas e pela prefeitura, sentiam uma avassaladora sensação de caminhar por um túnel, a perspectiva de ponto de fuga único criada pelas torres dos prédios comerciais que se erguiam como penhascos em ambos os lados, o pedaço de céu ao fundo atraindo-os magneticamente para adiante, sempre adiante. Ele falou sobre a morte do pai, de como a mãe se dedicara a cuidar do marido. Em seu covil no porão, ele definhara no sofá, e, já que morreria de qualquer forma, ela o deixou ficar com a garrafa.

— Ele ficou amarelo e fedia a álcool e urina — contou Todd. — Suas mãos tremiam e ele não conseguia controlar a bexiga. No dia em que o levaram de casa, precisei jogar fora o sofá.

— Sua mãe deve ter sido uma santa — disse ela.

— Ela deveria tê-lo deixado anos antes.

— Por que não deixou?

— Alguma espécie de lealdade perversa, talvez? Quem sabe? Ninguém sabe o que acontece no casamento das outras pessoas.

— Entendo. Seja lá como as outras pessoas o vejam, o vínculo matrimonial pode ser destrutível.

— Imagino que seu pai tenha sido médico ou professor, alguém importante — disse ele.

— Não exatamente. Ele está aposentado agora, mas era farmacêutico. Tínhamos uma farmácia na esquina da Park com a Main. Eu trabalhava lá depois da escola. A família inteira trabalhava lá. Quer dizer, meus irmãos e eu. Minha mãe não.

— Por que não?

— Imagino que ela tivesse muito a fazer em casa. Não sei. Talvez fosse por algo relacionado com as decepções que ela teve na vida. Minha mãe estudou canto, mas nunca passou do coro da igreja. O sonho dela era participar de um musical da Broadway. Sabia todas as músicas, vivia cantando pela casa. Minha mãe é meio boba. Um tanto fantasiosa, digamos.

— As meninas não costumam seguir os passos da mãe?

— É o que dizem. Mas acho que sou mais parecida com meu pai.

— Então foi dele que você herdou a falta de talento ao volante?

* * *

Posteriormente, ela desenvolveu uma teoria sobre por que ficaram ao ar livre e no frio por tanto tempo, mas não se lembra mais, apenas que tinha algo a ver com perseverança e união. O que ela sabe é que quando encontraram um lugar onde comer e estavam aquecendo as mãos no copo de café, enquanto esperavam pela comida, pairava entre eles um sentimento de inflexibilidade, uma sensação de que barreiras haviam sido derrubadas. E que à meia-noite estavam de volta à mansão em Bucktown, acendendo velas e sacudindo o saco de dormir.

Ele deixa Natasha na casa dela e segue seu caminho rumo a sua própria. Com um sol quente e sem brisa, o dia está abafado, um retorno temporário ao verão. O Porsche está repleto de lixo — guardanapos amassados, embalagens inutilizadas, copos descartáveis vazios, resquícios da viagem de volta — e as poucas horas de sono o deixam torpe, mas o cheiro dela gruda em suas roupas e em sua pele, um aroma inebriante de secreções misturado a perfume, hidratante e mousse de cabelo. Há partes dele ainda intumescidas, e ele já está temendo as horas que terá de atravessar até revê-la. Passar um tempo contínuo com Natasha alterou sua química cerebral, de forma que as sinapses estão disparando dolorosamente em sua ausência.

Já se preparando, ele imagina a provação que terá pela frente, a noite em casa com Jodi. Primeiro virá o jantar com palavras medidas e bebida moderada, seguido pelo ritual de apagar as luzes e deslizar para sob os lençóis totalmente vestidos em seus pijamas recém-lavados. Quando foi que sua vida doméstica transformou-se em penitência? Ele não se lembra de quando as coisas mudaram, do momento em que perdeu o gosto pelo tipo de conforto que Jodi tão habilmente lhe proporciona.

Contudo, seu humor muda quando chega em casa. É recebido com euforia e carinhos tão arrebatados que começa a rir. Como poderia esquecer o cachorro? Os cômodos estão frescos, tomados pelo doce aroma das rosas que florescem profusamente em vasos espalhados pela casa. Na cozinha, encontra uma garrafa aberta de vinho branco, fria ao toque, e, ao lado, um prato de biscoitos salgados cobertos com ostras defumadas. O efeito dessas tentações vem-lhe como uma revelação.

Jodi não está imediatamente visível, mas a porta da varanda está aberta. Ele se despe e vai até o chuveiro, girando as torneiras ao máximo para que a água açoitasse sua pele, criando uma agradável sensação de dormência e lavando os aromas excessivamente doces do fim de semana. Após se enxugar e vestir uma calça cáqui e uma camisa limpa, ele come as ostras e se serve de uma taça de vinho.

Na varanda, Jodi está seminua, deitada na espreguiçadeira, a parte inferior do biquíni uma maravilha de elastano carmesim que se agarra como uma segunda pele aos seus quadris salientes e a seu púbis arredondado. Suas pernas formam um V alongado que atrai o olhar dele de sua virilha até o centro de sua caixa torácica. Seus seios, que já são pequenos, estão achatados por ela estar deitada de costas, os mamilos inertes no calor do dia, parecendo moedas de prata. Ela raramente toma banho de sol, ele sabe disso, porque não consegue se bronzear. Sua pele costuma assumir uma tonalidade rosada e descasca logo

depois, mas ela não corre nenhum perigo agora porque o sol baixou e deixou a varanda imersa em sombras.

— Ouvi você chegar — diz ela, erguendo os óculos de sol para fitá-lo.

Ela tem um modo econômico de ser — física e emocionalmente — que sempre o atraiu. Seu autocontrole raramente a abandona. É uma mulher que tem domínio de qualquer situação. E mesmo depois de tantos anos, ele sente que mal a conhece, que não consegue entender por completo o que há sob a superfície. Como uma força em sua vida, Jodi é refinada, uma virtuose que o trabalha artisticamente, enquanto Natasha se liga diretamente a seu cérebro primitivo. Se Jodi é para cima, Natasha é para baixo. Se Jodi é um suave aclave, Natasha é uma queda de dez andares.

O dono da pousada não se deu o trabalho de tentar ocultar sua desaprovação quando ele e Natasha apareceram para reivindicar o quarto. Pediu-lhes para repetir seus nomes, olhou severamente para o registro e disse, balançando a cabeça: “Vocês reservaram a suíte de *lua de mel*”, como se instando-os a mudar de ideia. “Aquela com cama *king-size* e banheira de hidromassagem”, confirmou Natasha. A julgar pelos olhares rudes que os seguiram durante todo o fim de semana, era de se pensar que Todd estava tendo um caso com a própria filha. Quando ele e Natasha emergiram de sua suíte ao meio-dia de sábado e entraram na sala de refeições para almoçar, sentiu como se estivesse nu com os lábios em carne viva e uma ereção gigantesca. A julgar pelo modo como as pessoas agiam, parecia que Natasha era uma menina de doze anos.

Naquele primeiro dia, ao voltarem à pousada, com muita sede e calor após uma caminhada pelo bosque, dirigiram-se ao bar, uma sala arejada com cortinas de bambu e móveis rústicos de madeira. O barman barrigudo anotou o pedido dos dois e, ao servir o Manhattan de Natasha, lançou a Todd uma piscadela que significava, em uma arrogante linguagem de machão: “Até um velho como você pode se dar bem se deixar a garota bêbada” ou “Dei uma caprichada no drinque: você vai precisar” ou “Será que eu posso ter uma chance depois que você terminar com ela, amiga?”.

Ele quase achou que fosse culpa de Natasha, pela maneira como deixava tudo à mostra — os seios transbordando do tecido, piercing no umbigo, cabelo solto — e pela sua postura física, aprofundando a curva lombar até quase dobrar o torso, como se fosse Nadia Comaneci exercitando-se na trave.

Girando de um lado para o outro no banquinho do bar, ela enrolou os dedos no cinto dele e o acariciou no nariz como a um bezerro recém-nascido.

— Se vamos nos casar em junho, como você prometeu, então precisamos começar a planejar a festa — disse ela. — E precisamos procurar um lugar para morar.

Puxando seu cinto, lábios se aproximando de seu ouvido, ela acrescentou que passar a noite juntos — a noite inteira na cama *king-size* daquela suíte de *lua de*

mel — mudara tudo, que agora não tinha como voltarem atrás. Eles haviam atravessado um limite, disse ela, e a velha rotina de se esconderem e ocultarem seu amor não funcionaria mais.

Ele tinha prometido se casar com ela em junho? Não que se lembrasse. Como evasiva, alegou que precisaria falar com seu advogado antes que pudessem fazer quaisquer planos.

* * *

Jodi se levanta da espreguiçadeira e passa por ele para entrar em casa. Ele sente o perfume de sua pele quente coberta de óleo bronzeador e fica vendo-a se afastar em direção ao banheiro. Seu corpo é pequeno e leve, em flagrante contraste com as costas largas e as curvas acentuadas de Natasha. Ela volta em um roupão de seda curto amarrado na cintura. Quando ela se senta, o roupão se abre, revelando as coxas e o volume dos seios.

— Como foi seu fim de semana? — pergunta ela.

— É bom estar em casa — diz ele, evasivo. — O que você fez enquanto eu estive fora?

— Nada de mais. Pegou algum peixe?

Quando ela menciona peixe, seus olhos se estreitam alegremente. Se ela sabe ou adivinha a verdade, ao menos não vai puni-lo por isso.

— Quem me dera poder dizer que enchi o freezer de tilápias — diz ele. — Mas posso levá-la para jantar se quiser.

Eles vão ao Spiaggia e comem três pratos deliciosos, acompanhados de um amarone robusto. Ele vai de smoking; ela, com um vestido sofisticado de ombros nus e um duplo cordão de pérolas. Naquela noite, fazem amor pela primeira vez em um mês.

* * *

O dia seguinte começa com uma série de infortúnios. Logo cedo pela manhã, ele chega ao trabalho e descobre que está faltando em seu chaveiro uma de suas chaves — a que abre a porta da rua. Parado na calçada com o celular em mãos, ele xinga quando não consegue falar com o zelador. Não entende como isso pode ter acontecido; chaves não saem sozinhas de chaveiros. Ainda assim, volta três quarteirões até o Porsche para procurar nos bancos e no chão e em seguida liga para Jodi, acordando-a, para pedir que ela dê uma olhada pela casa. Depois disso, espera na frente do edifício, achando que mais cedo ou mais tarde alguém vai chegar e deixá-lo entrar, mas ainda é cedo demais. Ele logo desiste e vai tomar café da manhã.

Supostamente, o zelador chega às oito. Cinco minutos antes do horário, Todd está de volta ao prédio com um café para viagem, mas doze minutos se passam até que o zelador apareça. Os doze minutos acabam com o que resta de sua paciência, e toda a responsabilidade por sua hora e meia desperdiçada é descarregada sobre o zelador. Um homem tranquilo e em geral confiável, que está no cargo há alguns anos, o zelador pede demissão na mesma hora e vai embora sem lhe dar chave alguma. Mais minutos se passam (dezenove, exatamente) até que chegue um inquilino e deixe Todd entrar. No momento em que ele invade a sala do zelador para pegar mais um jogo de chaves, recebe uma mensagem de Stephanie dizendo que ela não vai trabalhar hoje porque um de seus filhos está doente. Ele passa o restante da manhã resolvendo assuntos que normalmente estariam nas mãos de Stephanie, de forma que quando Natasha liga, na hora do almoço, para perguntar se ele já falou com o advogado, ele lhe diz que o mundo não funciona de acordo com os caprichos dela.

A prontidão de Natasha para se ofender, sua propensão a chorar, a se fazer de magoada e se retirar — tudo isso é novo para ele, e ele acha aquilo tudo uma chatices. Jodi não se comporta assim. Qual é o problema de Natasha? Sua vontade é tirar satisfações com ela, mas, prudentemente, consegue se conter. Apesar do dia atribulado, sugere que se encontrem para almoçar.

Quando ele aparece na Francesca, na região de Little Italy — ponto de encontro habitual dos dois, porque fica perto da universidade —, Natasha está sentada junto à coluna, lendo um cardápio. Quando ele se instala na cadeira a sua frente, ela não ergue os olhos e não toma conhecimento de sua presença, apegando-se ao cardápio como se já não o soubesse de cor. Por que ela não pode agir como alguém de sua idade, conversar com ele, xingá-lo uma ou duas vezes, resolver aquela história logo? Por outro lado, encontrá-lo ali sem dúvida foi uma grande concessão da parte dela, depois do modo como ele a tratou ao telefone. Sempre muito gentil, ele toma o cardápio de suas mãos e o põe de lado.

— Não vamos brigar — diz ele. — Por favor, me desculpe.

Pelo olhar que ela lhe lança — sem sorrisos, apreensivo —, Todd percebe que ela pretende romper o relacionamento. Por causa daquela bobagem? Não deve ser só por isso. Claro que não. Aconteceu aquilo que ele sempre temeu. Finalmente aconteceu, como poderia não acontecer, dada a multidão de rapazes com quem ela cruza todos os dias na faculdade? Ele nunca acreditou que ela ficaria com ele para sempre, apesar do que ela diz. Aquela conversa de casamento era apenas encenação, uma espécie de teste. Natasha é assim. Ela gosta de especular e presumir, só para ver o que vai acontecer. E por que não? Ela tem a vida inteira pela frente e precisa descobrir o que vai fazer e com quem. De sua parte, ele está além da meia-idade. Quarenta e seis anos. Descendo a ladeira. Mais alguns anos e estará tomando vitamina V. Não pode competir com um rival com metade de sua idade. Ele precisa encarar os fatos e

deixá-la partir.

— Não posso deixá-la ir embora — diz ele. — Eu amo você.

Os olhos de Natasha se arregalam. Ela dá uma risadinha.

— Não seja bobo — diz ela.

— Você não está terminando comigo?

— Não. Por mais que você mereça.

O garçom aparece e Natasha pede um sanduíche de almôndegas; Todd pede o mesmo, embora não esteja com fome. Então ele quebra sua regra de almoço e pede uma cerveja. Ela não está terminando o relacionamento e ele deveria estar aliviado, mas há algo errado.

— O que houve? — pergunta ele.

Ignorando-o, ela começa a falar sobre a faculdade: a aula das nove horas, o que o professor estava vestindo, o que ele disse sobre os fauvistas. Ao menos ela está falando com ele, mas, quando chega o sanduíche, ela começa a comer e se cala outra vez. Ele fala sobre sua manhã, sobre a série de percalços que começou com a chave perdida. Está tentando entretê-la, fazê-la rir, mas algo a incomoda. Ele terminar a cerveja e pede outra. Ela só desembucha após terminar de comer — cada pedacinho — e ter a sua frente uma xícara de chá. Quando ouve a notícia, ele sente como se tivesse levado um chute na cabeça.

— Como isso pôde acontecer?! — grita ele. — Pensei que você tomasse pílula.

Ela pede que ele baixe a voz. Está pálida e parece confusa.

— Pensei que você quisesse ter filhos — diz ela.

— Claro que eu quero ter filhos — grita ele.

É claro que ele quer *filhos*, embora *filhos* talvez não seja a palavra certa para o que ele quer. Natasha quer *filhos*, ou seja, pequenos e indefesos pedintes, carentes de atenção permanente e que vão despertar nela um sentimento de família e de posse. O que ele quer não é isso. O que ele quer são descendentes, herdeiros, ou apenas um herdeiro, de preferência do sexo masculino, alguém que tenha seu DNA, ou seja, uma variante de si mesmo para substituí-lo quando ele se for. Quando jovem, ele nunca pensou seriamente a esse respeito, e teria continuado assim caso não tivesse despertado certa manhã com um desejo de ter filhos que o pegou como um vírus e que, quando conheceu Natasha, se transformou em um desejo desenfreado que nunca o abandonou. Aquilo o fez ver que sua vida, tal como estava, era um deserto. Atribuiu uma urgência implacável a sua conquista. O fato de ser possível que Natasha o amasse significava que não era tarde demais.

— É claro que eu quero ter filhos — repete ele. — Mas não assim.

— Não assim como?

— Assim. Com você me revelando isso na hora do almoço.

— Quando eu deveria ter revelado?

- Nem chegamos a discutir isso.
- Discutimos sim. Você quer ter filhos.
- Não é essa a questão!

Ele está gritando outra vez, e pode ver no rosto dela que a perdeu. Ela se levanta, pega a mochila pendurada no encosto da cadeira e vai embora. Ele pega a carteira, enfia algumas notas sob um prato e corre atrás dela, temendo que ela possa ter fugido e desaparecido, mas lá está ela, parada de braços cruzados.

- Preciso ir para a aula.

Ele estende um braço sobre os ombros dela e o mantém ali enquanto sobem a Loomis em direção à Harrison.

- Eu posso fazer um aborto — diz ela.
- Você faria isso?
- Se é o que você quer, sim.

É um raio de luz, uma esperança que faz seu pânico diminuir um pouco. Ele para de andar e a vira para poder encará-la.

- Com quantos meses você está? — pergunta. — Quer dizer, dá para fazer? Ela lhe lança um olhar de ódio tão intenso que ele recua fisicamente.
- Foi você quem sugeriu — diz ele.

Ao longo da briga ele se esquece de insistir em seu argumento de como isso pôde acontecer. Não lhe ocorre que ela possa ter feito de propósito. Sua natureza não é de um homem desconfiado ou vingativo, e assim ele se esquece de culpá-la e começa o processo de resolver as coisas, como faria no caso de um vazamento de água ou uma dívida não paga. Agora ele está dizendo coisas como “Não se preocupe... vamos dar um jeito... Vai ficar tudo bem”. Mas esse tipo de conversa não basta.

- Você ainda está falando como se isso fosse um problema — diz ela.

— Tudo bem, tudo bem. Mas eu não tenho vinte e um anos. Eu tenho uma história, e isso complica as coisas. No momento não sou um homem livre.

- E por que não é? Você deveria ter contado a ela sobre nós dois há séculos.

Ele se questiona sobre isso. Não se lembra de nenhuma conversa com Natasha em que tenha concordado em falar com Jodi. O que ele sabe é que Natasha o tem pressionado a falar com Jodi.

— Não acho que eu devesse ter contado a ela — diz ele. — Mas agora vou ter que contar.

Ele começa a se dar conta da realidade. Se Natasha não fizer um aborto, as pessoas terão de saber. Talvez não imediatamente, mas algum dia. Jodi terá de saber. E Dean.

- Acho que você não devia contar ao seu pai. Não agora.
- Ela já se pôs em movimento novamente. Está vários passos à frente dele.
- Eu já contei — diz ela, olhando para trás de relance.
- Ele estica o passo e a alcança.

— Você contou a Dean? Quando foi que fez isso?

— Depois que falei com *você*.

— Não acredito que você fez isso.

Quando Natasha dá de ombros, ele compreende que ela fez isso para irritá-lo, porque ele foi ríspido com ela ao telefone quando ela perguntou se ele tinha falado com o advogado.

— O que você disse exatamente? Você não contou a ele sobre mim... sobre nós.

— O que você acha? Que eu contaria a ele e não diria de quem era o filho?

— Você não precisava dizer tudo.

Ela dá de ombros outra vez: seu ressentimento, orgulho e crueldade reunidos em um único gesto insolente. Ela caminha em um ritmo constante e deliberado e ele tem de se esforçar para acompanhar seu passo. Ele se sente como uma barata correndo esbaforida ao lado dela.

— Devagar — pede ele. — Fale comigo.

— E dizer o quê?

— Muita coisa. Temos muito que conversar. Com quantos meses você está? Quando descobriu?

— Eu não sei quanto tempo. Descobri hoje de manhã.

— Você descobriu hoje de manhã? Achei que você tivesse aula hoje de manhã.

— Foi a primeira coisa que fiz ao acordar. É quando deve ser feito.

Todd, que nunca ouvira falar sobre testes de gravidez caseiros, diz:

— Você fez o *que* quando acordou?

— Fiz xixi em uma vareta de plástico. Esses testes de farmácia. Se der positivo, aparece uma linha rosa.

— Uma vareta de plástico?

— Não é só isso. Minha menstruação está atrasada.

— Mas você precisa ir ao médico para ter certeza.

— Você está doido para que não seja verdade.

Agora estão na Harrison Street, seguindo para leste. A calçada está repleta de estudantes que se deslocam em ambos os sentidos. Os dois estão atrapalhados no congestionamento de gente.

— Quando você contou ao seu pai, como ele reagiu?

— O que você acha?

— Não ficou nem um pouco feliz.

— Não.

— O que ele disse?

— Disse que ia torcer o seu pescoço.

— Só isso?

— Não é o suficiente?

— Ele deve ter dito mais do que isso.

— Ah é, eu quase esqueci. Disse que ia falar com Jodi.

Ele espera até que ela desapareça no Henry Hall para então voltar correndo para o carro, já lamentando a confusão em que se meteu. É evidente que esta é uma situação delicada que o perseguirá, e ele deveria ter sido mais habilidoso. Não que pudesse ter feito alguma diferença; as mulheres engravidam ou não segundo seus caprichos — sendo totalmente irrelevante o que o sujeito deseja, mesmo que seja um sujeito responsável. Os homens não têm vez neste mundo. Os homens são uma raça de idiotas que não percebem que o sexo é o maior risco que se corre. Todo o seu mundo muda a partir de então, e não há absolutamente nada a fazer quanto a isso. Ele deveria ter alguma voz, mas as coisas não funcionam assim. Apesar do que dizem, são as mulheres que fazem as regras. Neste caso é Natasha quem faz as regras. E agora ela está aborrecida com ele, e ele ainda tem Dean e Jodi a enfrentar. Independentemente de seus sentimentos em relação a gerar uma criança ou um herdeiro — ou de que forma queira chamar —, isso agora é muito complicado, muito tenso e está acontecendo muito rápido. É como se ele estivesse em um carro derrapando para a pista errada, avançando contra o tráfego na contramão. Não importa se ele não sabe como chegou aqui. É a ele que vão responsabilizar.

Ao passar em frente ao Pavilhão UIC, ele liga para Dean usando a tecla de discagem rápida do celular. Precisa de algum tempo para colocar os pensamentos em ordem, descobrir o que vai dizer, mas o tempo está passando e ele precisa falar com Dean antes que Dean fale com Jodi, isso se já não for tarde demais. Ele acha que tem alguma chance, porque Dean só soube de tudo há algumas horas. A questão principal é que ele está disposto a ser humilde, disposto a dar a Dean muito espaço e ouvir até certo limite de desaforos. Dean pode ser um tanto selvagem e um tanto rebelde, e pode ser teimoso, mas não é um imbecil. Ele pode não gostar do que está acontecendo, mas com o tempo vai se adaptar, porque Dean é leal e Todd é seu amigo mais antigo.

Mas Todd está enganado se pensa que Dean teve tempo suficiente para encontrar seu chão e ter uma conversa racional agora. Antes que ele consiga pronunciar uma única palavra, Dean o acusa:

— Pensei que você fosse meu amigo, seu filho da puta! Que diabo você anda fazendo com a minha filha?

Todd quer dizer que está arrependido, que não queria que tivesse acontecido, que nunca quis magoar Dean ou arriscar perder sua amizade, que Dean tem todo o direito de estar chateado. Ele quer muito dizer tudo isso e ser perdoado, mas, acima de tudo, nesse exato momento, quer pedir a Dean que não fale com Jodi, pedir que ele lhe dê a chance de falar com ela primeiro. Mas Dean não está disposto a ouvir.

— Vou arrancar a sua cabeça, seu merda — diz o amigo. — Vou mandar

prender você por atacar minha filha.

E, com isso, desliga.

Todd está irritado agora. O filho da puta o deixou nervoso. Ele precisa se acalmar, e já ajuda o fato de estar caminhando. Todo mundo sabe que caminhar é um ótimo remédio para quem precisa recuperar o controle. Vá caminhar, dizem. Saia de casa e clareie as ideias. Hoje é um daqueles dias em que o sol está rompendo as nuvens baixas e respingos ocasionais de chuva atingem a calçada com um sibilar. Chuvas esparsas. Os pingos molham sua cabeça e seus ombros e fazem subir o aroma dos immaculados gramados que cobrem praticamente todo o terreno da universidade. Ele precisa se concentrar no futuro. Não no futuro distante — apesar de esse também estar em jogo —, mas nas horas que tem imediatamente diante de si. Onde vai jantar? Jodi estava planejando cozinhar. E onde vai dormir? Ele precisa fazer alguma coisa, mas o quê?

Seus pensamentos são uma confusão de notas dissonantes dolorosamente ecoando em seu cérebro exausto, vibrando em suas têmporas. Mas tem algo mais. Mesmo alarmado, desapontado e apreensivo, ele está ciente de certa ambivalência. Seus pensamentos estão tendendo em uma direção, embora não totalmente, e não de forma conclusiva. Mostrando-se debilmente em meio à confusão há o indício de algo saudável, divertido, até mesmo cômico, uma pequena canção erguendo-se da confusão orquestral, relacionada a Natasha e a tudo o que ele sente por ela.

Ele a conhece literalmente desde o dia em que ela nasceu e, em alguma parte antiquada de si mesmo, ainda a vê como uma criança indefesa que perdeu a mãe, uma moleca de boca suja em um uniforme escolar, uma adolescente cheia de espinhas e aparelho nos dentes, tudo isso junto. Se lhe dissessem, lá atrás, que ela geraria um filho seu, ele teria caído na gargalhada. Teria sido uma bela piada.

Ele se lembra do dia em que a viu pela primeira vez em sua forma totalmente adulta, na nova e ainda surpreendente versão que ele viria a conhecer e amar. Ele estava sentado no bar do hotel Drake, esperando por Dean, e estava olhando em volta quando ela entrou, uma bela estranha que chamou sua atenção e foi graciosamente na direção dele em todo o seu suculento esplendor, toda a sua escandalosa elegância, rebolando, os seios pulando, os brincos balançando — ele não tinha a menor chance. Quando ela lhe deu um selinho, um jardim de esperanças e sonhos floresceu em sua mente fértil.

— Natasha — apresentou-se ela. — Vim encontrar meu pai. Ele vai me dar um dinheiro.

Ele não a via fazia anos. Ela pediu um Manhattan, e, quando Dean chegou, com vinte minutos de atraso, aquilo já não tinha mais volta.

Ele se lembra dessas coisas e sorri para si mesmo enquanto caminha. Mas,

assim que volta a sua mesa, se dá conta da situação em que está metido e começa a andar de um lado para outro. Sem Stephanie por ali, o escritório inteiro é só dele, e, sem parar, sai de sua sala, entra na dela e atravessa a recepção: um circuito completo. Suas mãos estão úmidas e ele sente um gosto de prego enferrujado na boca. Está evitando ligar para Jodi, não tem ideia do que vai dizer, como vai abordar o assunto de sua vida não oficial, como vai falar sobre aquilo que nenhum deles jamais reconheceu abertamente. Em sua mente, nada mudou. O que está acontecendo com Natasha nada tem a ver com Jodi. E vice-versa. Mas a ideia de seus dois mundos colidindo, dois mundos que pertencem categoricamente a órbitas distintas, é impossível de se imaginar, impossível de suportar, uma visão do fim da vida tal qual ele a entende.

Ele ouve o telefone tocar até escutar a mensagem gravada, sua própria voz dizendo-lhe que não há ninguém em casa para atender a ligação. Deveria se sentir aliviado. Ele pega a latinha na gaveta, procura a erva, acende-a e vai até a janela. Alguns tragos, ele só precisa disso, apenas o suficiente para clarear a mente. A essa altura, o desgraçado do Dean já deve ter ligado para Jodi. Embora também seja possível que não tenha conseguido falar com ela. No momento, é o melhor que ele pode esperar.

Ele fecha o escritório e vai até o carro. Tem a impressão de que a hora do rush começou mais cedo. Antes as pessoas trabalhavam das nove às cinco, mas agora com todos esses horários alternados, ninguém mais trabalha oito horas por dia. Ficar esperando no trânsito o deixa impaciente, agressivo, hostil. Ele buzina, muda de pista, cola no carro à frente. Seus pensamentos competem por espaço em uma arena mental lotada.

A vaga de Jodi, ao lado da sua, está vazia. No elevador, ele não consegue se lembrar de quando foi a última vez em que esteve em casa à tarde em um dia de semana. Jodi bem poderia ter um amante há anos, poderia estar com o outro neste exato momento, na cama deles. Vem-lhe à mente o adolescente que mora no mesmo andar, o garoto alto que vive de boné. Jodi diz que ele é bom em matemática e que toca violino. Como ela sabe tanto sobre ele?

Quando ele abre a porta, o cão sai em disparada para o corredor do prédio e fica de lá para cá como um foguete. A vizinha da porta ao lado, a caminho do elevador, para a fim de cumprimentá-lo e ri com ele das travessuras do cão. É uma mulher de uns sessenta anos, bem-feita de corpo, com pernas que ainda mantêm a boa aparência com meia-calça e salto alto. Depois que ela se vai, ele leva o cão para dentro de casa. Na sala de estar, há indícios da ausência de Jodi no ar imóvel e nas cortinas semifechadas, mas mesmo assim ele verifica cada quarto. Como não encontra nada além de uma cama arrumada, toalhas limpas simetricamente dispostas, almofadas em pé e revistas alinhadas, ele olha em volta procurando o telefone sem fio. Encontra o aparelho na escrivaninha dela. Percorre a lista de chamadas: o nome de Dean aparece três vezes, separado por

intervalos de meia hora, começando ao meio-dia. Não há nenhuma mensagem nova. Se Dean deixou uma mensagem, Jodi já a ouviu e provavelmente ligou de volta. Suando agora, Todd se sente perdido. Se ao menos Dean não fosse tão cabeça quente. Dean deveria aprender a se controlar, esperar até se acalmar e não pegar o telefone e destruir a vida de alguém só porque está um pouco alterado.

Ele volta à garagem e dirige até o Drake. Ainda é cedo, mas o bom de um bar de hotel é o fato de nunca estar vazio, de modo que você nunca precisa beber sozinho. Em qualquer hotel, haverá clientes a qualquer hora do dia ou da noite, porque as pessoas que se hospedam em hotéis vêm de toda parte do mundo e cada um segue o próprio relógio. Ele pede um uísque duplo e o bebe de um gole só antes de começar sua caneca de cerveja. À medida que a bebida flui por seu organismo, o nó de pânico que sente desde o almoço começa a se dissipar. Seus músculos relaxam; a pinça em seus nervos afrouxa. Uma fenda se abre em sua defesa, permitindo entrar nele o conceito que até agora não conseguiu ingerir ou ao qual tanto relutou. Paternidade. A ideia rodopia dentro dele e gradualmente, à medida que acaba uma cerveja e pede outra, assume uma realidade simples e rudimentar, como vapor condensando em gotas palpáveis.

Olhando ao redor, ele vê no salão homens de diferentes tipos e tamanhos, homens que certamente tiveram filhos, porque é isso que os homens fazem. Ele os ama, cada um deles individualmente e a todos em grupo. Essa é sua tribo agora, sua fraternidade, e esses homens doravante devem aceitá-lo como um companheiro procriador, um membro sancionado da assembleia de procriadores, um concorrente com virilidade comprovada, um fundador de uma dinastia. Apesar do jeito que aconteceu, ele não pode negar que era isso que queria — o que procurava desde que a conheceu e o que sempre quis, na verdade, mesmo que não soubesse, pois estava muito ocupado se afirmando de outras maneiras. Isso. O grande empreendimento carnal. O pântano primordial da gênese e da propagação. Paternidade certificada e verificada. A satisfação definitiva. E isso, agora, é algo a ser compartilhado com ela. Ele precisa contar a ela tudo o que está pensando e sentindo, aplaudir sua fertilidade, assumir a autoria, iniciar um diálogo de veneração mútua. Ele pega o telefone e não entende por que ela não atende, por que ainda está chateada. A discussão que tiveram foi trivial e sem sentido. Se ao menos ela atendesse, ele poderia pedir e receber seu perdão, eles poderiam avançar rumo ao futuro, rumo a sua nova maneira de ocupar o mundo.

Ele retorna a sua cerveja e a seus pensamentos, tentando ligar para ela de vez em quando, finalmente se lembrando de que é com Jodi que ele quer conversar. Há uma razão para ele precisar falar com Jodi. Ele quer lhe dar a notícia antes de Dean. Mas precisa manter o espírito de celebração, e, em vista disso, em vez de fazer a chamada, paga uma rodada para a casa, que está

lotando à medida que se aproximam as cinco horas. Pessoas em todo o salão erguem o copo para Todd, agradecendo por sua generosidade. Ele espalha a notícia de que vai ser pai e recebe parabéns. Quando um grupo em uma mesa próxima faz um brinde em seu nome, ele diz com cândida franqueza: “Só espero que minha esposa não saiba.” Eles que decifrem isso por conta própria.

Os pensamentos desanimadores que a atormentaram durante o fim de semana já deixaram sua mente praticamente de todo. O que ele fez e com quem fez.. Isso é passado, e ela nunca foi de viver no passado. Se fosse uma mulher de insistir no que deu errado, ela o teria deixado ou estrangulado há anos. Além disso, teve sua pequena vingança com a chave e, ao menos quanto a isso, se sente satisfeita.

Após o café da manhã, ela folheia o arquivo clínico do pobrezinho, que deve chegar a qualquer momento para sua sessão de segunda-feira pela manhã. Quando ele entra e se senta na poltrona do paciente, seu corpo magrelo enfiado em um terno folgado, ela o vê como se fosse um javali que precisa de alguma forma capturar e domesticar, o que ele retribui com um olhar melancólico. O pobrezinho está convencido de que a vida é cruel e injusta. Acredita do fundo do coração que a sorte está contra ele e que nada que possa fazer fará alguma diferença. Essa é a litania do pobrezinho, a tendência essencial e predominante que o define e caracteriza sua triste passagem pela vida. Não é um homem excessivamente complexo, mas, dada sua insistência na autopiedade, é difícil ter qualquer tipo de impressão a seu respeito.

A maioria dos clientes de Jodi se beneficiaria caso se levasse menos a sério, e seu estilo de terapia envolve uma determinada dose de persuasão e adulação que, embora não conste exatamente dos procedimentos oficialmente recomendados, é a forma como ela lida com os próprios problemas. O pobrezinho é um dos que melhor respondem a um pouco de estímulo bem-humorado, de forma que, depois de ouvi-lo reclamar durante algum tempo, ela diz:

— Vou lhe cobrar um extra pelas lamúrias. Sei que o único motivo para você estar aqui é que sua família não aguenta mais. Por que não me conta algo bom que tenha acontecido na semana passada? Apenas uma coisa. Aposto que você consegue, se tentar.

O desafio, por mais simples que seja, o paralisa. Ele a encara sem expressão, boca aberta, e então, sem aviso, sorri por reflexo, exibindo uma bela e perfeita dentadura. Aquilo o transforma completamente.

— Falando sério agora — diz ela, aproveitando o momento. — Pense em sua semana. Apenas uma experiência positiva.

Ele não está completamente pronto para o exercício e, em vez disso, expõe os problemas que está tendo com o carro. Ainda assim, Jodi fica contente. É a primeira vez que o vê sorrir.

Depois do pobrezinho, ela recebe uma nova cliente em sua primeira entrevista, uma mulher tão reticente que em poucos minutos Jodi a apelida mentalmente de fulana. O problema dela é não aguentar o marido, um homem

ciamento que monitora ferozmente tudo que ela faz. A sessão é preenchida com coleta de informações — perguntas sobre sua formação e sua infância, que são o pontapé inicial da terapia. O problema é que a fulana não se lembra de muita coisa de seus primeiros anos de vida. Sua memória antes dos oito anos é praticamente um grande vazio.

Agitada ao terminar com seus clientes, Jodi afasta a tensão na academia. Seu almoço é um sanduíche de queijo e rúcula e um copo d'água. Após tomar banho e se vestir, ela volta a sua escrivaninha para guardar os arquivos clínicos e verificar as mensagens na secretária. Alison ligou para confirmar o jantar e Dean Kovacs deixou uma mensagem dizendo que precisa falar com ela com urgência. Não consegue imaginar qual seria o motivo. Ela conhece Dean razoavelmente bem — um ou dois anos após a morte da esposa, ele vinha jantar com frequência com a filha, e ela ainda o vê de tempos em tempos em um evento ou outro, mas normalmente é Todd o mediador das interações. Dean e Jodi não desenvolveram uma amizade independente. Ela liga de volta e deixa uma mensagem.

O ponto alto de sua agenda vespertina é um seminário sobre transtornos alimentares patrocinado por sua associação profissional. Embora ela não trate de transtornos alimentares, gosta de se manter informada e de estar entre os colegas de profissão. Ela reservou tempo para fazer pequenas tarefas a caminho, e, quando está se preparando para sair, pega os cheques recebidos dos clientes e recolhe peças de roupa que precisam ser levadas para a lavanderia.

Sua primeira parada é no banco. Apesar de Todd gostar de dizer que os pacientes dela são um passatempo, provavelmente ela ganha tanto quanto o caixa que recebe seu depósito e mais do que o atendente da Starbucks ao lado, que lhe prepara um *latte* para viagem. O bastante, enfim, para necessidades domésticas básicas e alguns extras. Na lavanderia, ela espera Amy conversar com um cliente a respeito das marcas de sangue na camisa dele. O sujeito é um janota, com sapatos com franjas e unhas compridas e bem-cuidadas. Ele parece agitado, até mesmo constrangido pelo estado de sua camisa, mas Amy, como boa profissional, não demonstra qualquer lampejo de interesse.

Ao chegar sua vez, Jodi coloca as roupas no balcão e espera enquanto Amy as inspeciona — sacudindo-as, buscando botões ausentes e outros defeitos, verificando bolsos e separando-as em diferentes pilhas. Quando chega à surrada calça cáqui de Todd, retira um objeto de um dos bolsos e o passa para Jodi, que olha para aquilo e joga dentro da bolsa.

Ela estacionou em local proibido, então volta correndo para o carro. Sua próxima parada é na loja de molduras, onde pega a pintura Rajput, que deixou lá na semana anterior. Está começando a se atrasar, mas uma sequência de sinais abertos lhe permite chegar à biblioteca com vários minutos de antecedência. O auditório está fervilhando, com algumas pessoas sentadas mas a maioria de pé,

em pares e grupos. Ao examinar os rostos, ela vê alguns familiares, mas, antes que possa dar uma volta, uma apresentadora pega o microfone e pede para todos se sentarem.

A primeira palestrante é uma mulher em um conjunto de tweed espinha de peixe e calçados confortáveis. Baixinha, ela faz uma piada sobre a própria altura quando se estica sobre o púlpito para baixar o microfone. Risadinhas de aprovação agitam a plateia. Uma vez que o gelo é quebrado, ela repete suas credenciais já expostas em detalhes pela apresentadora. É doutora em psicologia social e diretora de um programa de uma clínica de transtornos alimentares na Costa Oeste. Jodi já ouviu falar que os anoréxicos são alimentados à força em clínicas de transtorno alimentar, o que às vezes os transforma em bulímicos, e que muitos deles fogem. A diretora do programa nada diz a esse respeito. Ela elogia a equipe clínica, os processos de avaliação, o plano terapêutico e as aulas de nutrição. Transtornos alimentares, diz ela, são difíceis de tratar, os pacientes necessitam de cuidados especializados que só podem encontrar em um ambiente institucional. Aprendam a reconhecer os sintomas, aconselha, acrescentando que a ajuda de um terapeuta qualificado pode ser útil como parte de um programa posterior ao tratamento. Ela informa à plateia que há uma pilha de folhetos disponível na mesa de informações.

O segundo e último palestrante é autor de um livro chamado *Você e os distúrbios alimentares de seus filhos*. É um médico de quarenta e poucos anos, rosto abatido e modos gentis. Ele começou a investigar o assunto, explica, ao lidar com a anorexia que todas as suas três filhas desenvolveram ao entrarem na adolescência. Fala sobre padrões de beleza e a obsessão americana com alimentação e dieta. Fala de autoimagem e ódio a si mesmo. Fala sobre como se sentia quando as filhas voltavam de centros de tratamento apenas para reincidirem em seus hábitos autodestrutivos. Não que ele tenha uma resposta para isso. Ele escreveu o livro na intenção de oferecer apoio moral para outros pais em situação parecida, para lhes dizer que não é culpa deles e que nem todas as aflições podem ser curadas, sejam físicas ou psicológicas. Como médico, isso é algo que ele pode dizer com convicção. Às vezes temos de conviver com realidades desagradáveis.

O período de debate versa sobre a aparente contradição decorrente das duas apresentações. O médico reitera que os centros de tratamento o frustraram. A diretora do programa se refugia em números: sua alta taxa de sucesso clínico e sua baixa taxa de reincidência. Segundo ela, as filhas do médico talvez pertençam à pequena porcentagem de casos que resistem ao tratamento. O médico questiona os números da diretora do programa perguntando sobre estudos de acompanhamento e métodos de coleta de dados. Ambos se tornam cada vez mais combativos, e o público de terapeutas e consultores fica fascinado até o fim.

Após o seminário, Jodi se demora um pouco para tomar um café, que bebe

em pé, em um círculo de colegas que alegremente dissecam a discussão à qual acabaram de assistir. Sua mente divaga brevemente e ela pensa em sua visita à lavanderia e no que tem na bolsa. Pega o objeto e o mostra para a mulher em pé a seu lado, que por acaso é psiquiatra.

— Remédio para dormir, certo?

A psiquiatra pega o frasco e olha para o rótulo.

— Certo — diz ela. — Zopiclona.

E distraidamente o devolve, ainda absorta pela conversa geral.

Ao sair do prédio, Jodi tenta decifrar o que Todd estaria fazendo com um frasco de remédio para dormir prescrito para Natasha Kovacs. Ela não vê Natasha há anos, e, ao que saiba, Todd também não. Todd jantou com Dean na semana passada, mas ela não imagina o que uma coisa teria a ver com a outra. A menos que Natasha tivesse jantado com eles. Mas ele teria mencionado.

Na volta para casa, ela evoca uma imagem mental da Natasha adolescente — Natasha quando a viu pela última vez —, uma menina grandalhona com uma personalidade temperamental. Um tanto puxada para a mania, o que poderia explicar o remédio para dormir. Isso e o fato de ela agora estar na faculdade. Como Jodi bem se lembra, o período universitário às vezes é estressante. É importante estudar e tirar boas notas, mas há distrações muito sedutoras. Você fica acordada até tarde com as amigas, ingere muito café e bebidas alcoólicas, toma energéticos, ou seja, acaba ficando tão tensa que não consegue dormir. Somente ao estacionar o carro ela se lembra de Dean — que ele ligou e que ela ligou de volta, e que é a vez de ele ligar outra vez. Quando entra em casa, verifica o telefone, mas não há novas mensagens.

Ela desembulha o quadro e o posiciona sobre o console da lareira. A moldura destaca toques dourados nas penas dos pavões — ela não tinha percebido esse detalhe. A mulher em trajes elegantes é linda, mas hoje parece melancólica, até mesmo desamparada. Dá a impressão de estar enclausurada e isolada, presa, talvez, em seu lindo jardim. Talvez a moldura seja ornamentada demais, bruta demais para o quadro pequeno e delicado e seu vulnerável tema central.

Jodi sabe que é possível alguém cair em si em um clarão ofuscante, porque já viu isso acontecer com seus clientes, mas não é assim que acontece com ela. Em seu caso, a percepção está vindo gradativamente já faz algum tempo. Pode-se até dizer que tudo começou com o início da depressão de Todd — foi aí que as coisas deram uma guinada para pior — e com o fato de ter passado como passou, como se de repente ele tivesse encontrado um motivo para viver. Isso foi na primavera ou no início do verão, e ela ficou feliz por tê-lo de volta, apesar de ele parecer distraído a maior parte do tempo. Agora, porém, os eventos estão se acelerando, tomando um impulso doentio, e ela sabe por que Dean está ligando.

Ela troca de roupa, põe um vestido preto simples. Em pé na frente do espelho

do armário, fica um pouco surpresa ao ver que parece perfeitamente bem. Sua pele está pálida, mas ela sempre teve uma palidez natural. As pessoas notam isso, dizem que ela deveria consultar um médico. De vez em quando ela recorre a um blush para dar alguma cor às faces, mas o contraste com sua pele leitosa pode fazê-la parecer vulgar, e na maioria das vezes ela passa muito bem sem nada.

O telefone toca quando ela está transferindo a carteira e as chaves para uma bolsa menor. Ela pega o aparelho e olha para o visor de chamadas. Não pode falar com Dean agora. Está na hora de sair para o restaurante. Já está atrasada, vai deixar Alison esperando. Falará com Dean depois, decide, mas ainda assim leva o telefone até o vestibulo e o deixa no aparador enquanto veste o casaco. No sexto toque, irracionalmente, pega o aparelho e aperta o botão.

— Dean — diz ela. — Você está querendo falar comigo.

* * *

Alison é uma loira corpulenta com maçãs do rosto salientes e olhos azuis arredondados. Na opinião de Alison, estar perto de idade de Jodi — um pouco além da plenitude — é uma boa razão para usar saltos um pouco mais altos e decotes um pouco mais baixos. Duas vezes divorciada, ela se acomodou em uma independência funcional e considera seus casamentos de curta duração nada além de pequenas interrupções em sua vida, temporários e inevitáveis; assim como o mau tempo, não foram culpa dela, rajadas inesperadas em águas que seriam plácidas não fosse por isso.

O Garnet Club é o escritório e a esfera social de Alison. Ela passa muitos de seus dias de folga sentada no bar tomando refrigerante. Os funcionários e frequentadores são como membros de sua família. Ela é a madrinha das meninas, que discutem por tudo: horários, trajes, música, território. O chefe de Alison, o gerente do clube, sabe que ela é a cola que liga tudo, por isso lhe são permitidas certas liberdades. É o que Jodi depreendeu das conversas com a amiga.

Hoje à noite, jantarão no Cité, no topo da torre Lake Point, de onde gostam de observar o sol se pôr sobre a cidade. Ao ver Alison do outro lado do salão, já sentada com uma taça de vinho, Jodi sorri com prazer. Como sempre, a personalidade de Alison a impressiona, uma presença brilhante com uma generosa dose de vitalidade. Na aula de culinária onde se conheceram, Alison emergiu como uma líder natural, ajudando as pessoas a aperfeiçoar a técnica no uso de facas, embora ela mesma nunca tivesse cozinhado. De sua parte, Alison achava impressionante o fato de Jodi ser paga para dar conselhos, algo que ela mesma sempre fizera gratuitamente.

— Duckhorn? — pergunta Jodi, sentando-se.

— Como sabe?

— Você sempre pede Duckhorn.

Ela acena para o garçom e pede o mesmo.

— Então, querida, como tem passado? — pergunta Alison, sem de fato desejar uma resposta. A pergunta é apenas um prelúdio para seu noticiário. — Você vai gostar de saber que Crystal terminou com o namorado — diz ela. — Já era tempo. E a mulher de Ray finalmente morreu, pobrezinha. É duro para Ray, mas ao menos agora ele pode seguir adiante.

Jodi sabe que Crystal é uma stripper que sofre de baixa autoestima. Ela já ouviu falar muito sobre o suado dinheiro que Crystal ganha e sobre como seu namorado o gasta. Ray é de um dos frequentadores, um idoso que é tratado pelas meninas como um bichinho de estimação.

— Estou muito aliviada pelos dois — afirma Alison. — Isso tira um peso das minhas costas. Sem dúvida.

O vinho de Jodi chega e ela ergue a taça.

— Por dias melhores para Crystal e Ray.

Alison toca a taça na de Jodi e continua a falar, ansiosa para compartilhar um tesouro de detalhes sobre a doença terminal da mulher de Ray e sobre a reação do namorado de Crystal ao levar o fora. Jodi entende que Ray e Crystal são como irmãos para Alison — o que acontece com eles faz parte da própria história de vida de Alison, que tem um coração do tamanho do mundo. E, embora ela se recrimine por se envolver na vida de outras pessoas, sua vida gira em torno da dos outros.

O restaurante está mais tranquilo do que o habitual, toda ação ocorrendo no céu escaldante além das janelas, onde o sol está ocupado em sua descida febril. Quanto mais perto do horizonte, mais dramáticos são os efeitos. Alison continua a divagar, parando somente quando o garçom aparece para anotar seus pedidos. Sua voz é uma reconfortante distração, um estável e agradável tamborilar, como chuva no telhado. Somente depois de pedirem mais uma taça de vinho e de a comida chegar é que ela para de falar, se recompõe e considera mudar de assunto.

— Você está quieta hoje.

É verdade que Jodi normalmente a estaria interrompendo com perguntas e comentários. Ela concorda e diz:

— Devo estar cansada.

Ela não pretende mentir ou esconder algo. Em vez disso, tem a sensação de que lidar com Todd todos esses anos certamente a cansou. De fato, ela ficaria feliz em compartilhar com Alison tudo o que Dean lhe contou, mas a notícia está se debatendo dentro dela como um pássaro engaiolado, provocando-lhe uma espécie de vertigem psíquica.

— Eu não compreendo — diz ela, referindo-se, embora de maneira obtusa, à revelação estupefaciente: a gravidez, o casamento, a dimensão da traição, o

âmbito da intriga, mas, mesmo ao falar, as palavras, e até mesmo os pensamentos que as sustentam, parecem se dissipar e perder todo o sentido. Se alguém tem que falar, é melhor que seja Alison. — Como está Renny? — pergunta, sabendo que, uma vez que Alison comece a falar do primeiro marido, será como entrar em um trem do qual não conseguirá saltar. Por mais que Renny seja um fracassado, ele ainda desperta o desejo de Alison, e ela muitas vezes repete o lamento: “Sou louca por esse homem. Eu me casaria com ele de novo se ele amadurecesse.”

Renny é natural de uma pequena cidade em Quebec, onde foi criado por um pai francês e uma mãe inglesa. Seu nome completo é Sylvestre Armand René Dulong. Ele já cumpriu pena por tráfico de drogas. Alison o conheceu em uma boate em Montreal, onde trabalhou como garçonne durante um verão. Costumava frequentar o local com os amigos motoqueiros, e eles se sentavam próximo ao palco, para poderem prender notas de cem dólares no fio dental das meninas. Renny dava a mesma gorjeta para Alison, embora ela fosse apenas uma garçonne.

O namoro de Alison e Renny, um ponto alto na vida dela, incluiu rios de cocaína, sexo do crepúsculo ao amanhecer e alegres passeios montanhas acima e abaixo na Harley dele. O casamento propriamente dito durou menos de um mês. Ele nem mencionou que estava saindo com outra pessoa — simplesmente não voltou mais para casa e deixou-a descobrir por si mesma. Mas ele ainda aparece de vez em quando para surpreendê-la e ainda gosta de lhe dar uns amassos.

— Ele vive tentando tirar dinheiro de mim — diz Alison. — E como sabe que eu trabalho à noite, liga às quatro ou cinco da manhã, quando estou tentando dormir. É claro que ele não pede logo de cara. Renny não é assim. É mais como se estivesse me dando uma fantástica oportunidade de investir em algum negócio em que ele está entrando. Eu invisto dez mil e ganho cinquenta mil. Se ele está fazendo negócios nesse nível, então por que está falido?

Jodi faz de tudo para ficar atenta e acompanhar a conversa. Sente-se como se estivesse empoleirada no topo da copa de uma árvore em meio a uma forte ventania.

— Eu preciso é de um sujeito legal, tranquilo e equilibrado, que ganhe bem — diz Alison. — Os caras do clube, eles dão em cima de mim o tempo todo. Homens casados. Achem que eu sou o quê?

Alison toma um gole de vinho e franze a testa para suas unhas feitas. O garçom leva os pratos vazios e deixa os cardápios de sobremesas.

— O cara tranquilo e equilibrado pode ser um mito — diz Jodi. — Biologicamente, os homens são predadores.

— Nem me fale.

— As mulheres gostam de acreditar que os homens são melhores do que

realmente são — continua Jodi. — Inventam desculpas para eles. Não veem o panorama completo, apenas um pedaço de cada vez, de modo que as coisas nunca lhes parecem tão ruins quanto são de fato.

Jodi dá uma olhada no cardápio de sobremesas que o garçom pôs bem à sua frente. As palavras estão flutuando, barquinhos à deriva em um espaço em branco.

— É difícil escolher — diz ela.

— Você gosta do pudim de leite — diz Alison.

— Pode ser.

— Mas se está tão cansada, não precisamos pedir sobremesa.

— Sempre pedimos sobremesa.

— Mas não precisamos pedir. Você está se sentindo bem?

— Na verdade, estou um pouco tonta — diz Jodi.

Tonta não é a melhor palavra para definir o que ela está sentindo, mas é uma abreviação conveniente para uma série de sintomas que ela não conseguiria definir nem descrever.

A preocupação de Alison é imediata e genuína. Ela chama o garçom, entrega-lhe o cartão de crédito, pede-lhe para se apressar, pega o braço de Jodi e insiste em levá-la para casa.

— Não seja boba — diz Jodi. — São só dez minutos andando.

Alison a ignora. Ao sair do restaurante, mantém um braço protetor ao redor da amiga e, quando o manobrista traz o carro, ata o cinto de segurança de Jodi como se ela fosse uma criança. Quando chegam à casa de Jodi, ela a deita no sofá e lhe prepara uma xícara de chá.

— Onde está Todd? — pergunta.

Jodi balança a cabeça de um lado para outro e diz:

— Ainda é cedo.

— Quer que eu ligue para ele?

— Meu Deus, não.

— Por que não?

— Prefiro que você não faça isso.

— Então — diz Alison. Ela se senta em uma poltrona e se recosta. — O que ele fez?

Jodi não responde de imediato. Alison espera. Os momentos que passam são tensos, marcados pelo ruído distante da água correndo pelos canos e o tique-taque do relógio Kieninger sobre o console da lareira. Jodi resiste a contar, porque aquilo agora não passa de palavras em sua cabeça, uma história que lhe foi contada e que ela ainda pode tentar esquecer.

— Eu já cheguei a mencionar uma pessoa chamada Natasha Kovacs? — diz ela afinal.

— Acho que não. Não que eu me lembre.

— Todd a engravidou.

— Ai, meu Deus — diz Alison.

Tendo começado a falar, Jodi descobre que prosseguir é menos difícil.

— Natasha deve ter uns vinte ou vinte e um anos. É filha de Dean Kovacs. Dean é um velho amigo de escola de Todd.

— Que nojento — diz Alison. — Como ele pôde fazer isso com você?

— Ele está planejando se *casar* com ela. Foi o que Dean me falou.

— Ele não precisa se *casar* com ela. Que ridículo. Ela pode fazer um aborto.

Jodi se vê envolvida pela indignação de Alison.

— Ele *quer* se casar com ela. De acordo com Dean, ele está *morrendo* de vontade de se casar com ela.

— Bem, talvez Dean não saiba o que está falando. Ou talvez o casamento seja ideia de Dean. Talvez Dean seja do tipo antiquado que acha que o homem precisa se casar com uma garota caso a engravide.

— Duvido que Dean queira que Todd se case com a filha dele. Acho que essa é a última coisa que ele quer.

— Muito bem, não vamos tirar conclusões precipitadas. Melhor entender a história direito.

Jodi dá de ombros. Dean não tem motivos para enganá-la. O que ele lhe disse provavelmente é o que mais se aproxima da verdade.

* * *

Depois que Alison vai embora, Jodi se levanta do sofá, alisa o cabelo e o vestido e vai para o quarto. As roupas que ela usou no seminário estão dobradas sobre a cama feita: calça bege, camisa branca, sutiã e calcinha cor de pele, meia-calça transparente. Sua bolsa de couro Fendi está sobre uma cadeira, e, debaixo dela, seus sapatos altos Jimmy Choo com estampa de leopardo. Olhar para suas belas roupas lhe traz certo conforto. Não que ela esteja insegura quanto à própria aparência, mas pode ser que a flor não esteja tão fresca quanto antes, que uma mulher mais jovem possa desfrutar de vantagens que ela não pode mais. Houve um tempo em que ela podia vestir uma calça Levi's e uma camiseta, e ainda pode fazer isso, sem dúvida, mas se vestir bem lhe traz um pouco de autoconfiança.

Ela pega a camisa e as roupas íntimas e joga as peças uma a uma dentro de um cesto. Pendura a calça em um cabide no guarda-roupas. Os sapatos, guarda em sua caixa original, que põe de volta na prateleira junto com outras caixas de sapato. Ela esvaziou a bolsa parcialmente antes de sair para o jantar, mas ainda tem uma série de coisas ali. Ela a abre, a vira de cabeça para baixo e despeja o conteúdo em cima da cama: caneta esferográfica, um minúsculo bloco de notas,

vários recibos, dinheiro trocado... e o remédio para dormir. O frasco, um desses frascos de plástico transparente com uma grande tampa de torcer, faz o mesmo som de um chocalho de bebê ao rolar em uma ligeira depressão do edredom. Ela a pega e lê a impressão na etiqueta: *Kovacs, Natasha. Tomar 1 (um) comprimido na hora de dormir, quando necessário.*

Ela está se sentindo melhor agora. “Quase de volta ao normal” foram as palavras que ela usou para tranquilizar Alison, e que são muito próximas da verdade. Ao menos recuperou a sensação de estar sendo puxada pela gravidade, e os objetos ao seu redor mantêm sua forma. Metodicamente, achando aquilo relaxante, ela dá início à rotina noturna: tirar a colcha, afogar os travesseiros, guardar este ou aquele objeto fora de lugar. Ela tira o vestido, remove a maquiagem e penteia o cabelo. No momento em que ouve a chave de Todd na fechadura, Jodi está sentada no sofá, de roupão e chinelos, lendo uma revista de turismo. Ela espera; ele pendura o casaco e deixa as chaves e alguns trocados no vestíbulo. Ela ouve-o pigarrear e murmurar uma ou duas palavras. Ouve seus sapatos no tapete quando ele se aproxima.

— Você ainda está acordada — diz ele.

Todd se aproxima do sofá, fica em pé diante dela e beija o topo de sua cabeça. Ela fecha a revista, a põe de lado e se levanta. Há algo de estranho em sua postura. Ele pressente o telefonema de Dean e pensa que ela pode ter ficado acordada para confrontá-lo. Ele pousa a mão em seu ombro, procurando seu rosto.

— Alison veio aqui — diz ela. — Jantamos no Cité e ela me deu uma carona para casa. Como foi seu dia? O que jantou?

— Comi um hambúrguer no Drake — responde ele.

Ele cheira a álcool e frituras. Seu nariz está brilhante e sua voz, estridente. Ela pega a revista que estava lendo e a põe sobre a pilha na mesa de centro. Quando se volta, ele ainda está de pé no mesmo lugar, olhando para ela.

— O que foi?

— Nada. É bom vê-la.

— Você tem que levar o cachorro para passear. Vou ficar esperando.

Quando ele volta, ela está na cozinha mexendo com uma colher de pau um bule de leite quente com Ovomaltine. Agora ele está falando. Quer contar a ela sobre várias coisas que aconteceram no bar ao longo da noite — um casal transando, transando mesmo, e um grupo de padres bêbados. Estava tendo alguma espécie de convenção religiosa no hotel. Ele fala sobre o incidente da manhã — a chave desaparecida — e ri do próprio mau humor.

— Coitado — diz ele, referindo-se ao zelador. — Mas ele se demitiu com tanta facilidade! Devia estar só esperando uma desculpa.

Ela dispõe quatro fatias de pão na torradeira e baixa a alavanca. Enquanto ele fala, Jodi responde mecanicamente com acenos e murmúrios. Ele parece

não notar que ela não está ouvindo. Quando as torradas ficam prontas, ela passa manteiga e geleia de morango, corta-as em triângulos e os dispõe sobre um prato, que pousa em cima do balcão da cozinha. Ele joga um dos triângulos na boca e dá uma volta pela sala. Depois volta, pega o prato e continua a vaguear.

— Por acaso você falou com Dean hoje? — pergunta ele.

— Dean — ecoa ela. — Por que eu falaria com Dean?

— Por nada.

— Posso fazer mais torradas — diz ela.

— Dean é um filho da mãe. Espero que você saiba disso.

Todd está perigosamente perto de confessar. Ela fica aliviada quando ele vai até a lareira e volta sua atenção para o quadro recém-emoldurado sobre o consolo.

— Que quadro! — exclama ele. — Os detalhes são fenomenais.

— Gostou da moldura?

— A moldura. Eu nem notei. — Ele ri. — Bom trabalho. Gostei.

Quando ele volta com o prato vazio, a caneca de Ovomaltine está esperando por ele. Não está muito quente; ele bebe metade de uma vez.

— Eu amo você, sabia? — diz ele, incisivo.

Ela está à pia lavando o bule e a colher de pau.

— Que bom — responde Jodi, olhando para ele por sobre o ombro. — Gostou do leite?

— Está bom.

Ele leva a caneca aos lábios e a esvazia com sofreguidão.

— Pode me dar. — Ela estende a mão.

Ele dá a volta no bar e lhe entrega a caneca. Enquanto ela a enxágua sob a torneira, Todd a abraça por trás, pela cintura.

— Você é boa demais para mim.

* * *

Quando ela acorda no sofá, leva um tempo para lembrar por que está ali, e então por um momento sente um pânico crescente. Na noite anterior, após despir Todd e sentá-lo na beira da cama, após dar-lhe um empurrão e vê-lo tombar para trás como se estivesse morto, sua mandíbula relaxando e seus olhos já se fechando, após erguer suas pernas do chão e tentar, sem sucesso, rolá-lo para seu devido lugar, ela o cobriu com o edredom e o deixou ali, deitado em diagonal no colchão.

Onze comprimidos. Era quanto havia no frasco, comprimidos redondos e azuis como botões de uma roupinha de bebê. Ela derramou-os na mão e jogou-os um por um no pilão. Uma mulher que tritura remédio para dormir no pilão da cozinha e mistura o pó resultante na bebida que o marido toma antes de dormir

poderia atrair muita atenção negativa, poderia torná-la famosa; mas não era nisso que ela estava pensando naquele momento. Era mais uma questão de ser a medida justa e apropriada. Os comprimidos estavam no bolso dele, foi descuido deixá-los ali; era merecido fazê-lo ingeri-los. Se ingeridos, os comprimidos desapareceriam, e, com isso, a diferença entre eles seria resolvida.

Infelizmente ela não atentou para a dose, e agora é tarde demais para fazê-lo porque a informação se foi: o rótulo raspado e removido, o próprio frasco jogado na lixeira junto com os restos da véspera. Não que saber fosse de alguma ajuda, porque ela não tem ideia de qual dose poderia matá-lo, ou de quanto ele tinha bebido ou do efeito potencializador do álcool. Pensando em retrospecto, ela vê que talvez não estivesse em seu juízo perfeito, assumindo tal risco sem nem mesmo parar para pensar.

Ela está consciente de sua tendência para contabilizar, termo que os conselheiros matrimoniais usam para repreender os clientes que mantêm um registro mental de quem fez o que contra quem — o que não se encaixa no espírito de indulgência que supostamente promove um relacionamento saudável. Para ela, a indulgência é admirável, mas nem sempre prática. Sem um pouco de discreta retaliação para equilibrar as coisas, um pouco de toma lá dá cá subreptício para evitar reclamações, a maioria dos relacionamentos — o dela inclusive — certamente arderia em um incêndio de ressentimentos.

O problema é que onze comprimidos para dormir não lhe pareceram então, assim como não lhe parecem agora, demais. O álcool poderia levá-lo ao limite, mas ele é um homem grande que pode suportar um bocado de substâncias. O resultado mais provável, o resultado pretendido — e não vamos esquecer que ela tem um pai farmacêutico —, é que, mais cedo ou mais tarde, ele acorde.

Evitando o quarto e o banheiro anexo, ela usa o lavabo do vestibulo. Ainda descalça e de camisola, ela se ocupa em abrir cortinas e persianas, dobrar o cobertor e bater as almofadas do sofá até se descompactarem e retomarem a forma natural. Ela serve a refeição matinal ao cão e então se senta à escrivaninha para verificar sua agenda e seu e-mail. Bergman cancelou a consulta, deixando-a apenas com a cabeça-dura, sua primeira cliente do dia. É um golpe de sorte, já que ela não pode ter qualquer tipo de transtorno enquanto os clientes estiverem ali, e se ele vai se levantar e cambalear pela casa, é provável que não o faça antes das onze, altura em que a cabeça-dura já terá ido embora.

Quando não é mais possível evitar o quarto, ela entra como um animal arisco, toda nariz e orelhas à espreita na escuridão. O ar estagnado tem um toque ácido que arranha o fundo de sua garganta, forçando-lhe à mente o terrível pensamento de que ele poderia ter sobrevivido ao remédio e ao álcool, mas que morreu engasgado com o próprio vômito. Ela já ouviu falar de casos assim. Se ele está respirando, o faz silenciosamente. Ela para ao pé da cama e observa o volume das cobertas, o cume alpino e ameaçador. Pelo que lembra, ele não

mudou muito de posição desde que ela o viu pela última vez, umas oito horas atrás.

Ela se veste rapidamente, escova os dentes no banheiro, prende o cabelo e aplica sua maquiagem diurna: rímel e uma leve camada de pó compacto. Seu rosto no espelho está incongruente, belo e juvenil ao ponto da censura. Ao passar novamente pelo quarto, ela observa e espera alguma indicação ou presságio do tipo de dia que aquele será, mas não recebe nenhum sinal.

No armário do vestibulo, pega uma coleira para o cão, seu tênis Nike e um blusão. Ela e Freud descem de elevador até a portaria, onde ela acena para o porteiro e cumprimenta um vizinho que chega quando ela está saindo. É bom estar a céu aberto e respirar o ar fresco imaculado. Somente agora, quando aquilo a abandona, ela percebe o constrangimento pelo qual passou, vagando sorrateiramente pela própria casa, como uma criminosa. Ao menos o enjoo — ou a vertigem — da noite anterior não voltou. Aquilo foi algo novo para ela, algo com que ela não se importou muito.

Ela segue o percurso matinal de sempre, caminhando pela orla até o quebramar e atravessando o Gateway Park em seguida. O céu está cinzento e o lago, tomado de um monótono verde-garrafa, mas o ar está estimulante e suas pernas em ação dão-lhe uma nova vivacidade. Quando volta para casa com seu *latte* para viagem, cautelosamente abre a porta do quarto e, sem entrar, olha atentamente para a escuridão. Pelo visto, nada mudou.

* * *

Cabeça-dura é uma menina de doze anos cujos pais a mandaram para Jodi por ser rebelde e indisciplinada. Ela adora as sessões de terapia, que a tiram da escola e a fazem se sentir especial, mas faz questão de ser agressiva e intrusiva. Tem problemas de limites. Se houver alguma complicação com Todd, a cabeça-dura certamente vai meter o nariz onde não é chamada. Jodi acredita estar com sorte, pois Todd permanece onde está e a menina chega e vai embora sem qualquer intercorrência.

Em pé na varanda para esfriar a cabeça, ela faz um balanço de sua situação. Enquanto estava com a cabeça-dura, o telefone de Todd estava tocando dentro do armário, atrás da porta fechada do quarto. Foi onde ela deixou o aparelho ontem à noite, quando estava esvaziando os bolsos dele para ajudá-lo a se despir. Todd usa o telefone no modo vibratório, o que, contra a superfície da madeira, dava a impressão de que havia alguém ali dentro operando uma britadeira. Alto o suficiente para despertá-lo, seria de se pensar, ainda mais levando-se em conta que Todd é muito atento ao telefone. Para ele, quando seu celular toca é como se fosse um bebê chorando pela mãe, pedindo imediata e carinhosa atenção. Ele não é do tipo que o ignora, vira de lado e volta a dormir. Todd é do tipo que pula

da cama no mesmo segundo em que abre os olhos.

Ela vê um par de gaivotas mergulhando no lago. Longe de hesitar ou faltar ao dever, quando vislumbram o que querem abaixo da superfície, as gaivotas mergulham de cabeça em alta velocidade, impetuosas. Seus gritos estridentes — uma espécie de riso e regozijo — não parecem advertir as presas, que são engolidas inteiras antes mesmo de saberem o que aconteceu.

Agora ela está tentada a seguir com seu dia como se nada fora do comum estivesse acontecendo. Fechar os olhos é algo que ela sabe fazer. Ela é adepta de deixar as coisas acontecerem para ver no que dá. Está na hora de sua ginástica, e, depois, ela geralmente almoça. Espera ansiosamente pelo pequeno bife que está descongelando na geladeira. Mas quando Todd acordar, vai lhe fazer perguntas. “Por que você me deixou dormir até tão tarde? Não acha que tem alguma coisa errada?” E, no caso de ele não acordar, as perguntas virão de outras partes. Dos paramédicos. Da polícia. Ela precisa decidir o que dizer se for interrogada — qual será sua história, como justificar seu comportamento, o fato de não ter feito nada, absolutamente nada, quando seu marido não conseguiu se levantar da cama pela manhã. Ela já consegue até ouvir algum policial dedicado lhe dizendo: Sra. Gilbert, seu marido já estava morto fazia seis — ou oito, ou doze — horas quando a senhora ligou para o 911. E daí por diante. Não achou que deveria ao menos dar uma olhada nele? Será que não percebeu? Não lhe ocorreu? Não passou pela sua cabeça? Que seu marido poderia estar doente. Que poderia estar tendo algum problema. Que poderia estar inconsciente. Que poderia estar *morto*, Sra. Gilbert.

Inconsciente, ela pensa. Ele poderia estar inconsciente. E na esteira desse pensamento vem outro mais sinistro: a ideia de que ele poderia estar em coma, uma possibilidade que por algum motivo lhe escapou até este momento. Como um intruso, o termo *dano cerebral* entra em sua paisagem mental, trazendo consigo uma visão de Todd como um vegetal, incapaz tanto de viver quanto de morrer, sem pertencer a ninguém, nem a si mesmo, mas ainda assim dando as ordens, enquanto as pessoas se apressam a alimentá-lo, banhá-lo, massageá-lo, sentá-lo e deitá-lo, dias e noites tornando-se meses e anos, e sua lealdade, assim como seus bens, continuam em juízo. E mesmo assim haverá perguntas. Jodi começa a achar que está sendo vista e julgada, cada movimento seu registrado para ser usado contra ela. Não é nenhum conforto o fato de Freud ter passado a manhã inteira farejando a porta fechada do quarto. Sra. Gilbert, até o seu cão sabia que havia algo errado.

Ele se senta no vaso sanitário, cotovelos apoiados nos joelhos, o rosto nas mãos, urinando em um fluxo fétido. É tudo o que ele pode fazer para se manter ereto. Ele pensa em café, no cheiro e no gosto da bebida, e isso o impulsiona do vaso sanitário ao chuveiro. Ele abre a água fria. As gotas de gelo são uma dor pura e interminável, mas que não se compara à da britadeira em atividade dentro de sua cabeça. Ele ergue o rosto para o jato d'água, enche a boca, gargareja e cospe. Então arranca algum catarro do peito e cospe aquilo também.

Quando termina de se enxugar, vai até a pia para passar creme de barbear no rosto. Seus dedos estão dormentes e desajeitados com a lâmina. Ele acha que dormiu demais, o que confirma quando volta ao quarto para se vestir. Jodi já se levantou. Deve ser mais tarde do que ele pensa. Ainda assim, apenas quando está completamente vestido e atando o relógio ao pulso é que ele vê que horas são.

Ele a encontra na cozinha, batendo ovos.

— Meu relógio está atrasando — diz ele, incerto. — A bateria deve estar velha.

— O café está pronto. — Ela enche a caneca, acrescenta leite e açúcar e a entrega a ele.

— Que horas são? — pergunta ele. — No meu relógio, é uma e meia.

— É uma e meia da tarde.

— Você está brincando.

— Mas a hora é essa.

— Não pode ser. Vou me encontrar com Cliff às dez.

Ela dá de ombros.

— Basta ligar e dizer que dormiu demais.

Ela derrama os ovos na frigideira quente e os mistura com um garfo.

— Mas isso é loucura — diz ele. — Por que não me acordou?

— Você precisava dormir.

— Meu Deus. — Ele bebe um pouco de café, pressionando uma das mãos na têmpora. — Realmente devo ter bebido muito. Não me lembro de ter ido para a cama.

Atingido por uma onda de cansaço, ele leva o café até a mesa, onde encontra um descanso de pratos, faca, garfo e guardanapo.

— Precisei ajudar você a se despir — diz ela. — Você não conseguia nem tirar os sapatos.

Ela serve os ovos em um prato e acrescenta bacon e batatas tirados de uma panela que estava sendo mantida aquecida no fogão. Leva o prato até a mesa e baixa-o à frente dele. Ele pega o garfo.

— Obrigado — diz ele. — Estou morrendo de fome.

Enquanto mastiga, a língua fica no caminho, um corpo estranho na boca. Ainda assim, ele come, alimentando sua fraqueza e fadiga. Sua vontade era se deitar — voltar para a cama, enrolar-se no chão —, o que ele tenta compensar sentando-se ereto, os pés bem firmes no chão.

— Não bebi tanto assim — diz ele. — Pelo menos não mais do que o habitual.

Ele tenta se lembrar do que aconteceu no bar — a que horas chegou, quanto tempo ficou, quantas rodadas pediu —, mas a matemática lhe escapa. Só se lembra de seu espírito festivo. E, em seu espírito festivo, é possível que tenha exagerado.

— Quer dizer, tudo bem, posso ter bebido um pouco mais do que o normal — diz ele.

— Você devia estar com sono atrasado.

— Diga isso a Cliff. E a Stephanie.

Ela traz a cafeteira para a mesa e volta a encher a caneca.

— Meu Deus, Jodi. Não entendo por que você não me acordou.

— Você pretende jantar em casa? — pergunta ela.

— Pelo jeito...

— Prepararei um bom cassoulet. Carne de porco tem bastante ferro.

Seu celular toca enquanto ele ainda está à mesa. Ele segue o som até o quarto. O número de Natasha na tela lhe dá um pouco de estímulo. Ele se lembra bem de que na noite anterior ela não estava falando com ele.

— Onde você está? — pergunta ela. — Passei a manhã inteira ligando.

— Dormindo para curar uma ressaca.

— Ainda está em casa?

— Quase saindo.

— O que ela disse?

Ele faz um grande esforço para compreender o significado da pergunta. Sua mente está emperrada, um motor queimado atolado em um lamaçal.

— Talvez você não possa falar agora — sugere Natasha.

Ele olha para a porta aberta. Ouve a torneira aberta na cozinha.

— Só por um minuto.

— E então? O que ela disse?

— Quem disse o quê?

Ela emite um suspiro ruidoso.

— Ela está muito brava? Será que vai aceitar isso de modo civilizado?

A gravidez, pensa Todd. Ele prometeu contar aquilo para Jodi?

— Cheguei tarde em casa — diz ele. — Não tive oportunidade de falar com ela.

Ele repousa o antebraço sobre a cômoda. A superfície branca está manchada e rachada, um efeito antigo que lhe custou mais do que teria pago pela cômoda

normal.

— Você sabe que eu amo você — diz ele.

— Pelo amor de Deus, Todd. O que aconteceu depois que ela falou com meu pai?

— Jodi não falou com o seu pai.

— Falou, sim. Ontem. Ele contou tudo.

— Impossível.

— O que é impossível? Foi o que aconteceu. O que está havendo por aí? Você está bem?

Todd se senta pesadamente na cama. Ele está começando a se perguntar se pegou alguma virose.

— Está tudo bem — diz ele. — Não tem com que se preocupar. Ligo de volta mais tarde.

Ele desliga o telefone e se dá conta de que isso é típico de sua vida com Jodi: o teimoso fingimento, os abismos de silêncio, o seguir em frente cegamente. Ele já deveria saber, mas a estranheza, a aberração daquilo, por algum motivo nunca lhe ocorreu. Outros casais são barulhentos, vocais, intermitentes quando estão tentando resolver seus problemas, mas com eles tudo é dissimulado. Crie uma fachada, faça o que sempre fez, não diga uma palavra. Aja como se tudo estivesse bem e tudo *ficará* bem. O grande dom de Jodi é seu silêncio, e ele sempre adorou isso, o fato de ela saber como levar a própria vida, tomar as próprias decisões, mas o silêncio também é sua arma. A mulher que se recusa a objetar, que não grita e não berra — há uma força nisso, um poder. O jeito como ela anula os sentimentos, o modo como não incrimina nem reclama, como nunca lhe dá uma abertura, como nunca permite que ele lhe devolva isso. Ela sabe que a recusa o deixa sozinho com suas escolhas. E, no entanto, ele sabe que ela sofre com isso.

Ele compreende o sofrimento; teve educação católica. O que ele entende é que a vida é sofrida, não tem como não ser, porque na vida há de tudo. A vida é um mosaico de tudo, e as arestas não são aparadas. No mosaico da vida, os elementos se sobrepõem, porque nada é de uma só maneira. Tomemos, por exemplo, o pai. Ele veio a desprezar o pai, o que é um fato, mas houve momentos com o pai, ele consegue se lembrar disso mesmo agora, houve momentos em que sentiu algo parecido com prazer. Certa tarde no aeroporto, vendo os aviões que iam e vinham. Ele devia ter uns sete ou oito anos na época. Todd adorou ver os gordos jatos jumbo deslizando pela pista e, em seguida, decolando graciosamente, sem esforço, o brilho da luz do sol faiscando na ponta das asas. Durante muitos anos ele quis ser piloto, e o pai o incentivou, disse que ele poderia ser o que quisesse. Havia quase um amor entre eles na época, amor misturado a outros sentimentos, é claro, voltando ao princípio de que nada na vida é de uma única maneira. O velho tinha bondade dentro de si, até mesmo alegria,

mas a escuridão em seu interior estava crescendo, sempre crescendo, e quando seu pai é no fundo um bêbado violento, vem a vontade de esperar o dia em que você será grande e forte o suficiente para intervir, e você espera por esse dia ansiosamente, como uma libertação definitiva, o que de fato vem a ser, mas isso não é tudo, e eis aqui novamente a lição de que a vida é um grande balaio de gatos.

Esse dia chegou quando Todd tinha dezesseis anos. Àquela altura, ele estava ficando alto e robusto, ganhara força e confiança trabalhando em obras durante o verão, carregando sacos de cimento e baldes de piche. Era um sábado de outono, frio e chuvoso, um dia de ficar em casa fazendo o dever e vendo TV. O velho estava inquieto, impaciente como uma mina terrestre, emergindo do porão de tempos em tempos para aborrecer e implicar com a esposa. Qualquer um podia ver que uma tempestade se formava. Era apenas questão de quando ocorreria. Mas sempre havia um otimismo subjacente, uma teimosa descrença no fato de que as coisas poderiam dar muito errado, algo que sua mãe sentiu também, Todd o sabia, porque disse a ele enquanto descascava batatas: “Seu pai vai se acalmar quando eu servir o jantar.” Mas então, quando eles estavam sentados com seus pratos no colo assistindo a um programa na TV — um episódio de *A Feiticeira*, como ele se lembra —, mansa como sempre foi, sua mãe estendeu o guardanapo para enxugar um pouco de molho no queixo do marido e subitamente todos os três estavam de pé, o jantar virado no chão, e o velho segurando o cabelo da esposa. Todd ouviu um zumbido no ouvido, manchas pretas turvaram sua visão. Ele ergueu o punho e desferiu um soco, tão selvagem e desajeitado quanto um soco pode ser, que atingiu ele não sabe onde, e seu pai se dobrou sem cerimônia, curvado como uma cadeira dobrável, caiu no chão e ali ficou sangrando pelo nariz, e, nos dias que se seguiram, o menino, agora um homem, foi tomado pela aflição, desprezando o fato de tudo ter ficado claro entre eles, o fato de não haver mais pai e filho, apenas dois homens adultos em uma proximidade indigente e repleta de ódio.

Agora, em casa, em uma tarde de um dia de semana em que deveria estar trabalhando, ele está sentado na cama, telefone na mão, confuso com o que Natasha lhe disse, seus olhos vagando a esmo pela sala, avaliando sua altura e largura, suas amplas proporções, as janelas altas, o azul desbotado das paredes. Não se ouve nenhum som vindo de parte alguma do apartamento. Nenhum som lá de fora. Quando se está assim tão tenso, não se ouve nem mesmo os pássaros. Não podia estar mais silencioso, mas ainda assim ele sente seu peso puxando-o para baixo e seu espírito assediado como se por demônios ou cães selvagens.

Assim como compreende o sofrimento, ele compreende também a devoção, e fez suas oferendas de coração aberto, suas oferendas para sua amada, para Jodi. Deu-lhe todo o conforto, sim, mas não apenas isso. Tem sido atento, devotado, às vezes massageia seus pés por horas a fio quando estão juntos em

casa vendo um filme, passa seus fins de semana na cozinha ajudando com suas geleias e compotas, mexendo a panela sem parar, a mistura aquosa parecendo que jamais vai engrossar. Ela adora quando ele veste um avental e assume seu lado doméstico. Sente-se próxima dele nessas ocasiões. É o tipo de intimidade pela qual ela anseia, uma companhia que a faz feliz. E ele faz isso de bom grado, até mesmo religiosamente, com um espírito devotado, e faria mais caso ela pedisse, mas Jodi raramente lhe pede algo. Se ela exigisse mais dele, talvez as coisas fossem melhores. Sua mãe era do mesmo jeito — não exigia nada —, mas foi melhor assim, porque seu pai não teria reagido bem. No que dizia respeito ao adultério, o velho jogava em outra liga. Trair alguém com uma garrafa não é uma mera distração, não é uma noite de entretenimento, mas um compromisso integral, um contrato, uma promessa, e isso o levou a se afastar total e definitivamente da esposa. Sua mãe era uma mulher abandonada, sua solidão, uma névoa que envolveu toda a infância do filho.

Ele se levanta e se apoia no batente da porta. Esta não é uma ressaca comum. Talvez seja intoxicação alimentar, o hambúrguer que comeu no bar. Mas se fosse isso, ele não estaria vomitando ou ao menos sentado no vaso? Em vez disso, sente vontade de chorar, de desistir, de se entregar. Tentando se controlar, colocando um pé na frente do outro, ele encontra Jodi no sofá, sentada de pernas cruzadas. Não está lendo uma revista, um livro de receitas, não está falando ao telefone, não está fazendo nada. Ele se senta ao seu lado e deixa a cabeça cair sobre o ombro dela.

— Estou atrapalhando a sua tarde — diz ele.

— Não está não. — Ela parece distraída, um pouco distante. — Vou ao mercado comprar algumas coisas e depois devo começar a preparar o jantar. Talvez uma canja de galinha caísse bem.

— Você deve ter outros planos.

— Nada de mais. Cuidar de você é o que importa agora.

— Estou pensando em voltar para a cama.

— Por que não volta? Isso passa com um bom sono. Amanhã você vai estar renovado.

— Canja de galinha parece uma boa ideia. Com bolinhos?

— O que você quiser.

— O que seria de mim sem você? Sinto muito por não ser um marido melhor.

— Não seja bobo. Você está cansado, só isso. Vou fazer a cama para você. Por que não fica deitado aqui até eu terminar?

Quando sua travessura do pilão, sua pequena diabrura doméstica, não é esquecida mas mantém a posição de incidental assunto particular entre os dois, Jodi se sente vingada. A rapidez com que Todd se recuperou — em vinte e quatro horas já estava totalmente bem de novo — foi um valioso atestado de que ela tem uma boa intuição. Ela achou que onze comprimidos não o matariam, e de fato não mataram.

Com o desastre evitado, ela está de volta a sua zona de conforto, consegue rir dos próprios medos. A versão de Dean quase certamente não é confiável, é a conclusão a que chega. Está decidido que ela não deve confiar em Dean. Ao menos por enquanto, ele está fora de si, seus pressupostos básicos sobre a realidade foram forçados a uma abrupta revisão. Seu amigo mais antigo se revela um predador e sua filha não é a garota ajuizada que ele imaginava. Obviamente Dean está temporariamente perturbado. Além disso, ele sempre foi estourado. Proponho a teatralidades. Um tanto *prima donna*. Ela, Jodi, conhece Todd melhor do que ninguém, e de uma coisa ela sabe com certeza: o lar é algo importante para ele. E não apenas para ele, mas para a maioria dos homens; o lar é o contraponto que dá glamour a seus casos amorosos. Um caso, por definição, é secreto, temporário, sem compromissos, sem levar às complicações de um acordo de longo prazo. Esse é seu apelo. Todd não tem intenção de se casar com essa menina.

Quando criança, Natasha era uma menina comum, mas, depois que a mãe morreu, ficou rebelde. Jodi se lembra dela com batom preto, cabelo espetado, barriguinha proeminente e roendo as unhas. É difícil imaginar que, ao crescer, tenha ficado minimamente atraente. Todd foi atraído pela juventude dela, pelo fato de uma menina com metade de sua idade se interessar por ele. Os homens são assim; anseiam por segurança. Certamente Natasha Kovacs não é uma *força*. Não é alguém a ser *levada em consideração*. Todd está nessa a curto prazo. Esse é seu padrão, e todos sabem que a melhor maneira de se prever um comportamento futuro é analisar o comportamento passado.

Felizmente Jodi é uma mulher constante, madura e leal, capaz de manter um casamento. O mundo está cheio de pessoas perturbadas, e, sem as sãs para compensar, nenhum casal estaria a salvo. Ela faz isso de boa vontade, com prazer, satisfeita em ser o membro totalmente funcional da união, aquele com atestado de sanidade mental, o único que teve uma infância feliz e cresceu sem déficits psicológicos. Ela tem certeza disso, de que é capaz e saudável. Durante seus anos de estudos, Jodi passou por um processo de psicoterapia. Seu distintivo de autoconhecimento foi duramente conquistado.

A psicoterapia foi-lhe sugerida por um de seus professores da Adler School,

que achou que seria bom para ela se descobrisse em primeira mão como era estar sentada na cadeira do paciente. Aprofundar-se na própria psique, disse ele, lhe mostraria como ajudar outras pessoas a fazer o mesmo. Ela sabia que ele não fizera a mesma recomendação a todos os outros alunos e indagou-se por que a escolhera, mas nunca chegou a perguntar. O que sabia era que em algumas escolas o processo de psicoterapia pessoal era requisito básico para a formatura. Alunos jungianos, por exemplo, são submetidos à rigorosa análise pessoal durante todo o período de estudo.

Após se formar, ela estava pensando em fazer estudos adicionais — foi antes de escolher a Adler School — e considerou o Jung Institute como uma de suas opções. Agradava-lhe a ideia de individuação de Jung, o processo de compreender a si mesmo além de sua herança racial e cultural, o que, em termos junguianos, era uma maneira de alcançar a plenitude. As pessoas devem chegar à própria compreensão da vida e de seu significado, independentemente do que os mais velhos possam ter lhes ensinado. Mas, no geral, ela achava muito esotérica a abordagem junguiana, com uma espécie de apelo que surgiu da atração de Jung pelo misticismo e pelo simbolismo. Certa vez, uma junguiana lhe disse que viver de forma significativa era experimentar-se como participante de um drama simbólico — uma suspensão de descrença que ela nunca conseguiu alcançar. Adler lhe era mais atraente, com seus pontos de vista pragmáticos sobre interesse social e construção de objetivos.

O terapeuta que ela escolheu, Gerard Hartmann, era um adleriano e, assim como ela, especializado em aconselhamento psicológico, mas Gerard era mais velho e tinha mais credenciais e mais experiência. Na época, ela tinha vinte e poucos anos e ele estava na casa dos quarenta. Nas manhãs de terça-feira ela chegava ao antigo arranha-céu na Washington Street, perto do parque, a tempo para sua sessão das dez e se sentava com ele em uma sala que era ou aquecida ou refrigerada indiscriminadamente, o que a obrigava a levar um suéter qualquer que fosse a temperatura no exterior, para vestir ou tirar caso necessário. Outra coisa importante que ela levava para as sessões era sua compreensão da premissa subjacente da psicoterapia, uma premissa comum a todas as escolas de pensamento, a saber: seja lá você quem seja, seja lá de onde vem, você assumiu sua forma atual no jardim de sua tenra infância. Em outras palavras, sua orientação para a vida e para o mundo ao seu redor — sua estrutura psicogênica — já estava em vigor antes de você ter idade suficiente para sair de casa sem a supervisão dos pais. Seus preconceitos e preferências, onde você falha e onde se destaca, como você circunscreve sua felicidade e onde sente dor, tudo isso precede a idade adulta, porque, quando você era muito jovem, em seu ser ingênuo, impressionável e em desenvolvimento, você avaliou suas experiências e tomou decisões relacionadas ao seu lugar no mundo, decisões que se enraizaram e desenvolveram outras decisões, que por sua vez se solidificaram em atitudes,

hábitos mentais, um estilo de expressão — o eu do seu eu com quem você veio a se identificar profunda e resolutamente. Tendo compreendido isso teoricamente, por meio dos estudos, ela estava preparada para encontrar o mesmo na prática, em sua terapia. A facilidade e a serenidade com que enfrentou tal perspectiva originavam-se de sua crença de que no seu caso seria indolor, dadas suas boas origens e saudáveis perspectivas.

Ela gostou de cara de Gerard, que tinha uma boa dose do tipo de masculinidade que emana simplesmente do tamanho e da corpulência — cabeça grande, pés grandes, peito e ombros largos, altura imponente. Ele tinha uma vasta cabeleira escura e exuberante, e cheirava a cigarros e estofamento de automóvel, odores que ela associava aos homens e à masculinidade — seu pai, seus tios. Gerard também tinha certo olhar furtivo. Seu aspecto lembrava um caubói, embora ele lutasse contra essa imagem usando sempre terno e gravata e nunca tirando o paletó, aparentemente alheio às flutuações na temperatura de seu consultório.

No primeiro dia, ao vê-lo sentado a sua frente, com sua caneta e o caderno que mantinha no braço da cadeira mas que raramente usava, e seu hábito de lhe dar todo o tempo do mundo para responder a qualquer que fosse a pergunta, ela o tomou por um homem cansado, até mesmo exausto, que passara por muitas dificuldades com seus pacientes. Mas sua expressão triste de sempre indicava que ele lamentava a dor deles, assim como a dela, e que era atencioso, simpático e seguro.

— Qual é a sua lembrança mais remota? — foi como ele começou.

Ela contou o que lhe veio à mente:

— Eu estava no hospital para tirar as amídalas, mas essa parte minha mãe me contou mais tarde. O que me lembro é de estar de pé no berço olhando em volta, para os outros bebês, em outros berços, e de me sentir mal quando um deles começou a chorar.

Ele esperou, então Jodi completou:

— Eu não conseguia entender por que o bebê estava chorando. E quis descobrir.

Gerard continuou esperando. Finalmente, ela disse:

— Acho que eu tinha uma vocação precoce para a psicoterapia.

Isso o fez rir. Ela ficou feliz por ele ter senso de humor.

Ele pediu mais lembranças da infância, ao que ela veio com mais meia dúzia, e ele pediu ainda mais. Evidentemente, ela estava familiarizada com a abordagem adleriana às primeiras lembranças, portanto sabia que Gerard não se importava se seus relatos eram precisos ou mesmo verdadeiros. Para um adleriano, suas lembranças são simplesmente suas histórias, cujo valor reside na forma como refletem suas atitudes. Um terreno fértil para o terapeuta, mas Jodi nunca aplicara esse filtro em si mesma. Não sendo do tipo sentimental, ela não

guardava recordações, nem mesmo um álbum de fotografias, e raramente pensava no passado. O que a surpreendeu então foi a onda de sentimentos que cada lembrança suscitava. As lembranças de dias passados não eram as antiguidades que ela pensou que fossem, não eram fósseis; ainda estavam frescas, vivas e agitadas.

Ela se lembrou de um vestido de festa xadrez com bainha de veludo, de sua mãe fazendo cachos em seu cabelo com um bastão de ferro próprio, da vez em que sua língua grudou em um parapeito congelado, de quando torceu o pulso ao cair de uma árvore, de assar biscoitos com sua avó Brett, de seu pai lendo histórias para ela, de seu irmão mais velho empurrando-a no balanço, de brincar de casinha, amarelinha e adoleta com as outras crianças, de ter dado a uma amiga uma pulseira que ela teria preferido guardar consigo, e de ter lamentado sua generosidade quando a amiga perdeu a pulseira. Da escola, lembrou-se de uma menina bonita chamada Darlene que ela queria imitar e de uma menina chamada Penny, que dera uma resposta errada à pergunta: quantas pessoas há em um trio? Penny respondera que eram duas. A cada evento vinha a avaliação, o que ela decidira no momento: ela gostava de ser menina, não se beneficiaria sendo exibicionista ou irresponsável, os homens eram bons com ela, brincar com os outros era divertido, não havia problema em ser egoísta quando importava, ela podia copiar os elementos de que gostava em Darlene (sua excelente postura, por exemplo), era mais inteligente do que Penny e podia vir a ser alguém.

As revelações continuaram ao longo das sessões seguintes. Ela falou para Gerard sobre sua escolha pela psicologia, que vira como vocação — mas que talvez estivesse enganada. A partir dos sete ou oito anos ela era reconhecida na família como a psiquiatra da casa, a única que conseguia acalmar o irmão mais novo, Ryan, que era propenso a pesadelos, ataques de raiva e a morder a si mesmo. “Chamem Jodi”, diziam quando ele estava sangrando ou se debatendo na cama.

Ela se apeçou a Ryan. Abraçava-o e o ninava para dormir ou o distraía com jogos e brincadeiras. O resultado era que seus pais a elogiavam, e ela levou aquilo a sério. Mas confortar o irmão mais novo não tinha nenhuma semelhança com trabalhar os pontos cegos de seus clientes e lutar contra a raiva, o ciúme, a solidão e a ganância deles.

— Fazemos o melhor que podemos — disse Gerard.

— E se o seu melhor não for bom o bastante?

— Se os seus clientes souberem que você se preocupa com eles, já é meio caminho andado. O simples apoio emocional é capaz de operar maravilhas. Além disso, você deve confiar em seu preparo e em sua inteligência.

— E quanto à aptidão? Isso tem que valer de alguma coisa.

— É como qualquer outro trabalho. Conforme pratica, você vai melhorando.

A admiração por Gerard cresceu. Ele se tornou a âncora que a mantinha

estável em águas desconhecidas e também, de certa forma, sua fonte de inspiração. Um aceno, uma palavra, um gesto de Gerard poderia ser um marcador e um estímulo. Seu olhar confiável e suas vogais suaves conspiravam para fazê-la falar. A própria sala — suas cores neutras, a luz uniforme e a tranquilidade, com apenas uma explosão ocasional de vozes no corredor ou o baque distante de uma porta se fechando, mas ainda assim abafada como se estivessem sob a água — tinha o poder de girar a manivela de sua memória, levá-la de volta aos primeiros anos de vida, fazê-la revivê-los.

Apesar de tudo isso, porém, ela não tinha grandes expectativas, não achava que as sessões com Gerard renderiam grandes frutos. Estava propensa a encarar aquilo como o que era essencialmente: parte de seus estudos, uma diferente etapa de sua formação. Porque, afinal de contas, ela não tinha ido parar ali para resolver problemas. Na verdade, sua vida no momento estava indo muito bem. Embora lentamente, era certo que o cliente que roubara sua confiança, o jovem Sebastian, cometera suicídio devido a outros fatores que não a negligência dela, e, enquanto isso, ela e Todd estavam felizes em seu terceiro ano de casamento, ainda naquela fase prolongada e impetuosa de irem juntos a toda parte, saindo apenas para serem vistos em toda a sua glória concupiscente. Ela nunca amara tanto e nunca se entregara tão plenamente aos prazeres da carne, nem mesmo em seu primeiro ano de faculdade, quando passara por uma fase que só poderia descrever, mesmo na ocasião, como promiscuidade no atacado.

Como era inevitável, as sessões chegaram ao assunto do casamento dos pais dela, em especial os silêncios, que aparentemente pareceram a Gerard um terreno fértil para discussão, a julgar pela maneira como ele sempre voltava ao assunto. Mas aquilo já era terreno conhecido para ela, não lhe trouxe surpresas.

Gerard: Como você se sentia quando eles não falavam um com o outro?

Jodi: Acho que nós, os filhos, ficávamos tensos.

Gerard: Você ficava tensa?

Jodi: Às vezes aquilo me fazia rir. Quando estávamos recebendo visitas para o jantar e meus pais ficavam bajulando os convidados... Sabe, concentre-se nos convidados e não vai precisar falar com sua esposa ou seu marido... Nessas ocasiões eu olhava para Ryan e ele revirava os olhos e agarrava o próprio pescoço e eu começava a rir, então ele começava a rir e ficávamos ali sentados, tremendo de tanto rir e tentando não cuspir a comida que tínhamos na boca. Isso aconteceu algumas vezes, na verdade. Esse tipo de situação.

Gerard: Rir é um grande alívio.

Jodi: Eu não sabia que o fato de eles não se falarem era assim tão grave.

Quer dizer, para eles obviamente era. Mas eu só fui perceber isso quando fiquei mais velha.

Gerard: O que você percebeu?

Jodi: O que ele a fez passar. O que ela tinha que aturar. Era uma cidade pequena e todo mundo sabia o que estava acontecendo. Acho que, para ela, o pior foi a humilhação. A ideia de que as pessoas tinham pena dela. Ela se sentia desmoralizada.

Gerard: Então seu pai era infiel e sua mãe se sentia desmoralizada. Qual foi o efeito disso em você?

Jodi: Engraçado, acabei de me lembrar de uma coisa: eu o segui até a casa dela certa vez.

Gerard: Conte como foi.

Jodi: Ela era uma cliente. Frequentava a farmácia. E eu sempre percebia o que ela estava vestindo, como agia e o que comprava. Pastilhas para tosse, geralmente. E Valium. Ele estava sempre suprindo-a de Valium. Ela se arrumava: batom, saia, sapato alto... Era tudo tão óbvio. Ela era muito descarada, e eu achei isso chocante de certa forma.

Gerard: Continue.

Jodi: Ela passou lá certo sábado, quando eu estava na farmácia ajudando, e assim que ela saiu com os produtos, ele tirou o jaleco e me pediu para ficar cuidando da loja. Mas eu fechei a farmácia e o segui. Acho que até então ainda havia margem para a dúvida. Mas foi muito explícito, muito definitivo, vê-lo subir os degraus da varanda dela e tocar a campainha e vê-la abrir a porta e deixá-lo entrar.

Gerard: Você contou para a sua mãe?

Jodi: Para quê?

Gerard: Você falou com *ele* sobre isso?

Jodi: Não. Acho que mesmo naquele tempo eu já tinha entendido. Aquela mulher era uma viúva. Aquelas histórias do Vietnã: o marido chega em casa em uma cadeira de rodas e alguns meses depois morre de overdose. Meu pai começou uma relação, e ele talvez até tivesse se arrependido, mas não podia simplesmente abandoná-la.

Gerard: E sua mãe não o deixou.

Jodi: Se ela fizesse isso, a família se desintegraria.

Gerard: No lugar dela, o que você teria feito?

Jodi: Se eu tivesse três filhos? Acho que eu teria feito o mesmo. Aguentaria. Mas a gente aprende com os erros dos outros, certo? Eu não me colocaria naquela posição.

Gerard: Como assim?

Jodi: Não vou me casar. Não vou constituir família.

Gerard: Você diz isso muito enfaticamente.

Jodi: É o que sinto.

Gerard: De certa forma, isso a coloca na posição de pagar pelos erros deles.

Jodi: Eu quero ter controle da minha vida. Quero ser feliz.

Gerard: A felicidade não é algo que podemos prescrever.

Jodi: Se eu acabar como a minha mãe, a culpa será toda minha.

Mas os problemas de seus pais eram problemas de adultos, não afetaram muito sua vida quando criança. Sua próspera família de classe média — com valores sólidos e fundamentais baseados em trabalho árduo, acumulação de poder, espírito de comunidade e educação — tinha pouco a melhorar. Assim como sua infância estável, equilibrada, repleta de férias de verão, aulas de piano e de natação, igreja aos domingos e jantares em família. Ela cresceu sendo amada, elogiada, disciplinada e incentivada. Saiu-se bem na escola, fez e manteve amizades, saiu com garotos e simplesmente não passou por nenhuma fase esquisita. Única menina em uma família de três filhos, ela ficava imprensada entre um irmão mais velho e o caçula, e, em suas conversas com Gerard, percebeu que isso também concorreu a seu favor. Era mimada, mas nem mais nem menos que o bebê da família, seu irmão mais novo, Ryan. E seu irmão mais velho, Darrell, tinha idade o bastante para ser um mentor e não um rival.

Às vezes, durante as sessões com Gerard, suas inegáveis superioridades a faziam se sentir embaraçada, até mesmo contrita. A maneira como ele olhava para ela (com curiosidade, torcia ela), o hábito de esperá-la dizer algo mais, de acrescentar algo à mistura — isso poderia levá-la a vacilar e a questionar a si mesma. Houve momentos em que se sentiu uma farsa — ou que ele devia estar pensando isso. Tornou-se uma preocupação a ideia de que ele suspeitava que ela estivesse dissimulando, escondendo alguma verdade mais profunda sobre si mesma, não divulgando um lado mais escuro, mais sombrio de sua história, resistindo a ele, resistindo à terapia. Mas ele nunca dissera tais coisas, de modo

que ela foi obrigada a concluir que tudo aquilo estava apenas em sua mente, um pouco de paranoia, um leve desconforto com o processo psicoterapêutico.

Por um breve período, Todd passa seus dias ao dispor de Natasha, que insiste em que ele a acompanhe por toda a cidade em várias pequenas incumbências e excursões. Todo dia ele sai do trabalho em horários estranhos. Visitam juntos o obstetra, procuram apartamentos para alugar e fazem compras para o bebê — brinquedos, um carrinho, um berço e uma cômoda combinando —, que Todd precisa guardar no úmido porão de seu prédio por falta de outro lugar. Mais uma razão, diz Natasha, para encontrarem logo um lugar para morar.

Na terceira semana de setembro, ele assina um contrato de aluguel de um apartamento de dois quartos em River North. Natasha gosta dali porque o lugar acaba de ser reformado, com uma cozinha de teca e granito e uma jacuzzi. Ela também gosta do fato de que poderão se mudar em primeiro de outubro — falta pouco.

Após a assinatura do contrato de locação, que ocorre no meio da manhã de um dia de semana, Natasha declara que eles têm de comemorar fazendo sexo, de modo que se hospedam no quarto de sempre no Crowne Plaza e Todd dá o melhor de si, apesar das notícias que recebeu de Cliff mais cedo sobre um vazamento no porão do apartamento do Jefferson Park. Eles sabiam que a umidade estava infiltrando, mas Cliff disse que a situação é pior do que pensaram e que a chuva torrencial da véspera foi um aviso. Assim que consegue, Todd vai até o local para ver pessoalmente que a infiltração na parede (onde planeja instalar a lavanderia) está piorando. Isso significa uma grande perda em sua margem de lucro e não o deixa de bom humor, ainda mais que coincide com a assinatura do contrato de aluguel. Pagar por duas residências em uma mesma cidade é uma tolice, mas que escolha ele tem, considerando que Natasha está com a faca no seu pescoço e que as coisas com Jodi ainda estão em suspenso? Embora Natasha insista em afirmar que Jodi sabe a verdade, ele ainda não acredita nisso. Já pensou em ir falar com Jodi, mas, quando simula mentalmente a conversa, chega a um beco sem saída, uma vez que ele mesmo não tomou nenhuma decisão definitiva quanto ao próprio futuro e que separar-se de Jodi definitivamente não está em seus planos. Natasha pode atormentar, Natasha pode pressionar, mas ele vai chegar sozinho a sua conclusão, a seu próprio tempo.

Outra coisa que o tem aborrecido é o ciúme que Natasha sente de Jodi. Ela quer que ele deixe a esposa e vá morar em um hotel. Não é certo, diz ela, que ele vá para casa ficar com Jodi todas as noites enquanto ela, Natasha, incuba seu filho. Pior, ela desenvolveu uma curiosidade macabra sobre a vida dele com Jodi. Quer saber o que conversaram, o que comeram no jantar, o que vestiram para dormir. Todd responde dizendo que ele e Jodi são amigos, que não fazem amor há anos. Ele até mesmo disse certa vez que Jodi desejava-lhes felicidades.

Mas nada parece acalmá-la. Se ao menos ela se contivesse e sossegasse! Ele está com Jodi há muito tempo. Natasha é jovem, não entende a força do tempo. É impaciente e não tem perspectiva, tem cabeça quente, tende a ser teimosa e obstinada como o pai.

É também uma mãe nata, o tipo de mulher dedicada que pretende formar uma grande família, e ele gosta disso, chega a imaginar a si mesmo como um patriarca, o chefe benevolente de uma prole de meninos e meninas em escadinha. Ele os vê alinhados como se para tirar uma foto para o álbum de família, todos limpos e bem arrumados, sossegados e bem comportados. Mais do que tudo, as crianças precisam ter bons modos, não se pode deixar que façam tudo que quiserem e assumam o controle. Quando seus filhos homens tiverem idade suficiente, ele vai iniciá-los em seu negócio, vai lhes mostrar a cidade, explicar como os bairros têm crescido ao longo dos anos, como os valores dos imóveis mudaram, como identificar um bom negócio quando virem um. Seu conhecimento acumulado será repassado, em vez de jogado no lixo. É uma vida diferente daquela que ele tem levado, e de muitas maneiras isso o agrada, mas até agora é apenas uma ideia, uma projeção, uma possibilidade. Natasha precisa ser paciente e aceitar as coisas como são, porque nada foi estabelecido. Nada foi decidido. Ele só vai avançar quando enfim vislumbrar um claro caminho a sua frente. Não vai se afastar sem mais nem menos do lar que formou com Jodi e de tudo que eles construíram juntos ao longo de tantos anos. Jodi é sua pedra de toque, seu mundo, sua terra prometida. Quando ela entrou em sua vida — quando apareceu como um colírio para os olhos em meio a uma chuva torrencial em um cruzamento congestionado, quando ela o ajudou a consagrar a mansão Bucktown, quando decidiu acreditar nele e apareceu certo dia para ajudá-lo a pintar as paredes e se equilibrou na escada com suprema graça —, naquela época, fosse qual fosse o dia, ele só queria habitá-la: sua pele impecável, suas formas delgadas, seu coração aberto. E então, à medida que as coisas evoluíram e a união dos dois se aprofundou, algo nele mudou, o chão se solidificou sob seus pés e ele teve a impressão de que seria incapaz de dar um passo certo, de que qualquer passo que desse seria em falso.

Durante sua infância e adolescência, nunca houve em sua casa qualquer sensação de equilíbrio; era sempre uma questão de alianças incertas: sua mãe protegendo-o do pai, o pai jogando-o contra a mãe, sua própria confusão e senso de lealdade sujeitos a mudanças. Ele passava muito tempo com os Kovacs, jantando com Dean e sua família, e às vezes dormia por lá, achando estranho e impressionante o fato de o Sr. Kovacs estar sempre presente à mesa, elogiar a esposa durante a refeição e raramente ser visto com um copo de bebida na mão. A Sra. Kovacs o convidava para passar o Dia de Ação de Graças com eles e certa vez chamou-o para acompanhá-los nas férias de verão — para fazer companhia a Dean, explicou. Ela era boa ao ponto de fazer parecer que ele

estava lhes fazendo um favor, e não o contrário.

Quando ele conheceu os pais de Jodi, lembrou-se do Sr. e da Sra. Kovacs. Tinham aquela natureza cordial, e sua casa tinha o mesmo clima de conforto e segurança de classe média. Ao sentar-se com eles para comer carne assada com um copo de suco de maçã, teve uma grande impressão de déjà-vu. Ficou impressionado com a desenvoltura de Jodi e a mãe ao servirem a refeição e pela camaradagem entre Jodi e o pai, que brincava com ela sobre a rapidez com que ela avançara em seus estudos: chamou-a de *Frau Doktor* Jodi, o que a fez corar. Ele se sentiu um intruso de uma subclasse, o namorado que abrisse mão da educação formal e abraçara a vida perigosa e possivelmente condenada de um pretenso empreendedor. Não tinha dinheiro, era jovem e inexperiente e, desnecessário dizer, não poderia satisfazer aos pais de Jodi.

Mas o Sr. Brett — um homem atarracado com óculos de armação preta, um homem que não sorria, mesmo quando brincava, e que, de acordo com Jodi, fora um severo disciplinador dos filhos — revelou-se gentil e atencioso, e a Sra. Brett também foi muito agradável, uma bela mulher com um ar de requinte que o acolheu com grande demonstração de afeto.

Quando todos estavam sentados com os guardanapos no colo, Jodi disse:

— Todd está restaurando uma grande e antiga mansão em Bucktown. O proprietário anterior transformou o lugar em uma pensão e deixou tudo uma bagunça. Todd está fazendo um ótimo serviço para a cidade, se ao menos eles soubessem.

— É mesmo, Todd? — perguntou a Sra. Brett.

— Esse projeto parece desafiador — disse o Sr. Brett.

— Ele está fazendo todo o trabalho sozinho — acrescentou Jodi. — Ele conhece bem o negócio e é muito bom no que faz.

— E quanto ao prazo? — perguntou o Sr. Brett.

— Bem, senhor, creio que estou indo o mais rápido que posso.

— Ele também é brilhante na parte comercial — disse Jodi.

Todd não mentira propriamente, mas também nunca dissera a verdade: que a mansão Bucktown era tão boa quanto areia movediça, que o pântano da dívida estava prestes a afogá-lo, que ele acabaria trabalhando em construção, algo que já fizera durante o ensino médio, no verão, e que continuaria a fazer durante vários anos depois disso — e naquele momento crítico, no momento em que ele deveria se gabar para os pais de Jodi, sua confiança o abandonou por completo.

— É preciso coragem para fazer algo assim — disse o Sr. Brett. — Mas esse é o momento para isso, enquanto você ainda é jovem e tem energia.

— Você comprou a farmácia quando era jovem — disse Jodi ao pai.

— Sua mãe e eu tínhamos mais ou menos a idade que vocês dois têm agora.

— A pior coisa é deixar que seus sonhos escapem sem lutar por eles — disse a Sra. Brett.

— Minha mãe queria ser cantora — disse Jodi. — Ela tem uma voz linda.

— Tinha — corrigiu-a a Sra. Brett.

— Ter o próprio negócio é o caminho — disse o Sr. Brett. — Não importa o que você faça, contanto que você seja seu próprio patrão.

— Algumas pessoas se preocupam mais com a segurança — disse Todd, duvidoso de toda aquela aprovação.

— Isso virá com o tempo — disse o Sr. Brett.

— É preciso começar de algum ponto — disse a Sra. Brett.

— Que tipo de casa é? — perguntou o Sr. Brett.

Todd gentilmente respondeu que a casa fora construída em 1880, mas que, ao contrário de muitas mansões de Chicago da mesma época, era mais neogótica do que vitoriana. Na verdade, era uma pequena monstruosidade.

— Parece o típico castelo mal-assombrado — sintetizou Todd. — E está em ruínas. O próprio terreno está uma bagunça, cheio de mato e entulho. Vou ter que alugar um trator para revirar o solo.

— Você devia plantar sementes de grama agora — disse o Sr. Brett. — Para que criem raízes antes que chegue o frio. Ou torrões de relva, se é isso que tem em mente, mas as sementes rendem melhor no longo prazo, e são mais baratas.

— Escute o que ele diz — disse Jodi. — Ele sabe tudo sobre grama.

— Notei o gramado quando chegamos — disse Todd.

— O gramado é o orgulho e a alegria do meu marido — disse a Sra. Brett.

— Não deixe a grama intimidá-lo — disse o Sr. Brett. — Criar grama é a química simples.

Mais tarde, quando Jodi e Todd estavam caminhando, ele disse:

— Adorei os seus pais. Eles são muito agradáveis.

Estavam no fim do verão, época de exuberâncias, flores desbotadas e entardeceres lentos e majestosos. A luz vespertina demorava-se no céu ocidental enquanto eles caminhavam pelas ruas tranquilas, passando pela antiga escola de Jodi, pela Igreja Metodista Unida, que ela frequentara com a família, e pelas casas dos amigos que, assim como ela, tinham crescido e saído dali. Àquela altura, a presença de Jodi na vida dele estava consolidada, mas ainda havia um sabor de mistério que a envolvia, um glamour cujas origens ele não conseguia decifrar. O que ele sabia era que nunca conhecera uma garota a quem quisesse impressionar tanto. Queria honrar a fé que ela depositava nele, ser o homem de que ela precisava e que merecia. Andando ao lado dela no pôr do sol radiante, na sobrenatural tranquilidade sem tráfego da pequena comunidade rural, banhados pela brisa perfumada, o próprio ar um banho relaxante, ele sentiu que sua vida poderia finalmente começar, que ela era a deusa que ele adoraria e o talismã que faria tudo dar certo.

Quando retornaram de sua caminhada, o céu já estava escuro e as luzes da rua, acesas. O plano era passar a noite ali e voltar no dia seguinte, depois do

almoço. Ele sabia que a visita seria casta porque Jodi lhe avisara que seus pais eram do tipo conservador, e, como esperado, a Sra. Brett fez questão de instalá-lo no quarto que pertencera a Ryan, seu filho caçula, enquanto Jodi, ele entendeu, passaria a noite no próprio quarto, ao fim do corredor. Ele achou aquilo cativante, até mesmo admirável, a iniciativa dos pais de proteger a filha da melhor forma possível, ao menos no tempo em que ela estivesse sob o teto deles. Como a maioria dos pais, sem dúvida ainda viam a filha crescida como uma criança, e, de certo modo, ele devia parecer aos olhos deles um estranho ameaçador que de alguma forma conseguira invadir o complexo familiar. Ainda assim, ficou satisfeito em aceitar a hospitalidade sem desconfianças e não se preocupou com os elementos sub-reptícios que poderia haver sob os alicerces tribais. Ele sabia, por exemplo, que havia algum problema entre Jodi e os irmãos — que ela não falava com o mais velho e que se preocupava com o mais novo, o qual acabara se revelando uma espécie de ovelha negra da família —, mas os irmãos não figuraram na conversa geral, nem havia qualquer sinal de conflito entre os pais.

* * *

Alguns meses depois, nos gloriosos dias de outono, quando as copas das árvores pareciam arder em chamas e a luz oblíqua lançava um brilho dourado sobre a cidade — ele sempre achou que no outono deveria haver toques de trombetas ou clarins —, após vender a mansão Bucktown e consolidar o seu futuro, ao menos em sua mente, ele e Jodi encontrariam um pequeno apartamento no Loop e os dois fundiriam seus bens e suas vidas.

Ele queria se casar com ela, era o que pretendia, e ficou pensando em várias maneiras de fazer o pedido de forma a vencer sua resistência. Estarmos juntos já é perfeito, dissera Jodi, por que mudar isso?, mas parecia-lhe que ela poderia ser persuadida, que ele conseguiria dobrá-la. Ele via com bons olhos o compromisso, a força da união, um penhor para garantir o futuro deles. Se não conseguimos proteger nossa fortaleza desde o início, como esperar que se mantenha firme quando vierem as tempestades? Ele queria que ambos legitimassem seu amor, que o consolidassem como algo maior do que eles dois.

Finalmente, ele decidiu que a melhor tática seria simplesmente expor isso a Jodi, na esperança de que ela cedesse, em um momento de espontaneidade. Tentou várias vezes, mas ela nunca o levou a sério. Ele dizia: “Vamos nos casar”, e ela respondia: “Podemos dar uma passada no supermercado antes?” Ele ficava um tanto magoado com aquilo, mas havia algo de admirável na determinação dela. Além do mais, meninos não crescem sonhando com casamento. Ter a promessa dela — ouvi-la dizer as palavras, fazer o voto — teria tido significado para ele, mas o amor e a devoção de Jodi nunca foram contestados. Ela lhe pertencia; eles pertenciam um ao outro. E eram felizes. Ela cuidou dele de

maneiras surpreendentes, transformando em arte a vida familiar, aliviando o fardo do dia a dia. Isso era novo para ele, essa gratificação doméstica — o fato de ela estar ali esperando quando ele chegava em casa, tão bonita, o jantar tão delicioso, o fato de suas roupas estarem limpas e passadas quando precisava delas, o fato de ela querer fazer isso por ele. Ele achou tudo aquilo tão carinhoso, tão delicioso que teve medo de que não durasse, mas ambos desfrutavam de uma surpreendente e inata estabilidade. Com Jodi, o sexo nunca foi importante — ou ao menos não o mais importante. Ou vamos dizer que a relação deles era muito mais do que sexo. Jodi tinha enfáticos valores fundamentais, ela sabia o que queria. Com Jodi se podia relaxar. Não havia nenhuma intenção oculta, nada capaz de surpreendê-lo. E, no entanto, ela era mais do que apenas isso. Possuía profundidades que ele não conseguia sondar, incêndios que não o aqueciam, lugares fora de seu alcance. Ela tinha substância. Era tudo que um homem poderia querer e muito mais.

— Sra. Gilbert?

— Sim?

— Aqui é Natasha Kovacs.

Há uma pausa enquanto Jodi considera desligar o telefone. Ela não vai ganhar nada com essa conversa.

— Por favor, não desligue, Sra. Gilbert.

O que será que ela quer?, pergunta-se Jodi.

— Eu não sou quem você pensa que sou — diz Natasha. — Por favor, acredite em mim, eu me sinto muito mal pelo que aconteceu. Todd também. Acho que, de certa maneira, estou ligando para dizer que sinto muito. Que nós dois sentimos muito.

Como sua vida chegou àquele implausível momento culminante quando ela fez de tudo durante tantos anos para que as coisas funcionassem, para ser útil e conciliadora, uma boa esposa e companheira, muitas vezes em circunstâncias adversas e desafiadoras? Todd não é um homem fácil de se conviver, e ainda assim ela conseguiu manter sua união, criar e preservar uma vida agradável e pacífica para os dois.

— Gostaria de agradecer por tudo o que fez por nós, por mim e pelo meu pai, depois que minha mãe morreu — diz Natasha. — Por favor, não pense que esqueci. Os presentes de aniversário. A vez que a senhora me levou para comprar uniforme escolar. A senhora conseguiu, Sra. Gilbert. Foi a única pessoa que entrou em cena para preencher o vazio, e isso fez a diferença. Eu sempre penso em você com carinho e nunca quis...

Ela não pode permitir que esse falatório continue. O que essa menina está pensando?

— Natasha — diz ela —, você não percebe que isso vai acabar mal para você? E pode parar de pensar em mim como uma mentora. Não desejo mais o seu bem, e não há nada que precisemos discutir.

Mas Natasha insiste:

— Imagino como deve estar se sentindo. Talvez me odeie, e eu não a culpo. Mas você precisa admitir que eu tentei. Não foi fácil para mim ligar para você, Sra. Gilbert. Eu não sabia se falaria comigo, apesar do que Todd alega. Ele me diz que a senhora está feliz por nós, mas talvez isso seja apenas pensamento positivo da parte dele. Vocês estão juntos há muito tempo. Sei que vai sentir falta dele. Ao menos até se acostumar. Ele já lhe disse que alugamos um apartamento em North River?

Ela para, espera uma reação. Em vista do silêncio, prossegue:

— Sinto muito se essa notícia a chocou, Sra. Gilbert. Precisamos construir

um lar para o nosso filho. É um belo apartamento. Talvez a senhora queira ir lá nos visitar quando tivermos nos instalado. Adorariamos a sua visita. De certa forma, a senhora será uma espécie de tia.

Jodi se pôs a andar, traçando um oito deformado. Seguindo no sentido horário, ela contorna o sofá e as cadeiras posicionadas em frente à lareira, passando pelas janelas, depois volta no sentido anti-horário, contorna a mesa de jantar, para então começar tudo de novo. Agora, ela para. Todd é o único culpado aqui. Foi ele quem a expôs a isso. Que vergonha ele ter escolhido essa garota, tão ingênua e rancorosa, tão desesperadamente insegura. Todd pode ser insensível, mas como ele pôde enganar essa menina tão impiedosamente, ainda mais sendo ela a filha de seu melhor amigo? A pobrezinha não tem ideia do que Todd realmente é ou de como ele funciona.

— Natasha — diz ela —, entendo que você esteja em um momento muito complicado e não saiba bem o que fazer. Você tem o quê, vinte, vinte e um anos? Seu pai me disse que você ainda está estudando. Ele disse também que você é brilhante, mas devo confessar que não estou tendo essa impressão com base nas escolhas que tem feito. Com base no rumo que você parece estar dando à sua vida.

“Enfim, a questão é que nada disso é problema meu. Eu não gosto de você nem me preocupo com você o suficiente para tentar ajudá-la. Além do mais, estou ocupada, tenho que ir agora, e recomendo que não volte a me ligar.

Em certos momentos, e este é um deles, ela acha que não ter se casado com Todd pode ter sido um erro. Às vezes é difícil lembrar por que ela se opôs tão enfaticamente ao casamento. Uma reação, mais do que uma decisão. Aversão, repulsa, algo em um nível visceral. Ele queria se casar com ela e chegou a pedi-la em casamento mais de uma vez, ela se lembra. Mas a mais marcante, aquela que foi especial, foi em um dia de agosto, um dia de sol forte e calor sufocante.

Estavam no lago, água pela cintura, olhando um veleiro ao longe. Ficaram observando-o por um bom tempo, hipnotizados de vê-lo diminuir lentamente, até não passar de um pontinho minúsculo e disforme pairando na curva do horizonte.

— Não dá para saber se era um barco a vela — disse ele. — Poderia ser qualquer coisa.

— É tão pequeno — disse ela. — Poderia ser um grão de areia.

— Um grão de areia. É mais ou menos o tamanho agora.

— Equilibrado na borda do mundo.

— Vê como está quase vibrando?

— Cintilando. Como se estivesse tremulando.

— Pronto para se desmaterializar.

— Desaparecer na eternidade.

— Vai ser espetacular.

— Como ver o impossível.

— Como ver dentro do cosmo em atividade.

Agarrados um ao outro, tontos de expectativa e cansaço ocular, faziam de tudo para não piscar, por medo de perderem o momento em que as leis da física entrariam em colapso e aconteceria o impossível: um veleiro desapareceria bem diante de seus olhos. Ainda molhados, jovens, apaixonados, protegidos pelo amplo céu, absorveram essa experiência como *algo*, uma exaltação, um momento de romper e se unir, uma celebração. E quando isso aconteceu, milagrosamente, o veleiro desapareceu, e não houve nenhum intervalo — nenhum instante — entre o momento em que ele e ela viram aquilo, quando gritaram em uníssono, uma alegria espontânea. Foi quando ele disse:

— Vamos nos casar.

Uma ideia exuberante para um momento exuberante. Um momento que ela agora gostaria de recuperar e reconsiderar.

Na manhã de primeiro de outubro, Todd acorda cedo. Está deitado de costas segurando o pênis, agarrando-se às fugazes lembranças de um sonho erótico. Quando o sonho enfim se revela irremediavelmente perdido, ele se vira para o lado e atravessa toda a extensão da cama que o separa de Jodi. Jodi está de costas para ele, joelhos dobrados. Passando um braço por sua cintura, ele se encaixa às suas costas curvadas. Ela emite um gemido gutural, mas o ritmo de sua respiração continua inalterado. Ao sentir o cheiro dela, uma mistura de cabelo limpo e pele quente, ele fecha os olhos e submerge em um torpor sonolento. Só quando acorda outra vez é que o problema em que se meteu o desperta, retumbando em seus pensamentos como um trovão.

Dia da mudança.

Ele vê as palavras em letras maiúsculas em um letreiro luminoso, como uma pequena bandeira em um céu azul, desenhadas com um graveto na areia molhada. Em nenhum momento ele chegou a uma decisão propriamente dita, e mesmo agora não consegue dizer que sua decisão está tomada. Mas ele sente um impulso levando-o adiante, uma urgência de fazer aquilo, sair de sua zona de conforto, agitar-se. É algo como arrancar raízes e se mudar para um país estrangeiro, a sensação que as pessoas devem ter quando fazem isso, um apetite pelo exótico, um impulso para se recriar. Ele sabe que sua inquietação é em parte biológica, mas favorece uma história de renovação. Ele sabe, também, que o que está prestes a fazer o tornará um clichê ambulante, mas seu instinto de autocomplacência é forte.

Natasha insistiu em que ele tirasse o dia de folga. Ele concordou em passar na casa dela por volta das dez, para coincidir com a chegada do caminhão de mudança. A parca mobília e os utensílios de cozinha fajutos de Natasha ao menos vão quebrar o galho no início. Todd nunca disputaria bens domésticos com Jodi. Aconteça o que acontecer, ele não vai transformar isso em uma competição mesquinha. A separação vai lhe custar caro, ele sabe disso, mas o medo que ele tem de seu futuro financeiro ainda é indeterminado, um fantasma disforme. Ele evitou dar-lhe substância, da mesma forma que tem evitado uma série de outras coisas. Ligar para o advogado, por exemplo. Dizer a Jodi que está indo embora de casa.

Agora vai ser estranho, ele sabe disso. É uma má ideia esperar até o último momento possível quando se trata de algo assim. Quando o assunto é mudança ou separação, as mulheres são muito ciosas do tempo. Mas quem sabe?, talvez Jodi reaja de maneira compreensiva. Ela é uma pessoa de boa índole, não é possessiva ou territorial, e tem um jeito de encarar tudo com paciência.

Ele sai da cama e se veste sem acordá-la. É difícil assimilar que isso está

mesmo acontecendo, que hoje à noite ele não vai voltar para casa, que nunca mais vai dormir ao lado dela neste quarto que lhe é tão familiar, que a vida dos dois juntos era, em vez de algo ao estilo de colinas intermináveis — como ele sempre imaginou —, um trem sobre trilhos, movendo-se rumo a um destino final. Por mais que tente, ele não consegue imaginar o apartamento em River North. Passou no máximo quinze minutos lá dentro, dos quais dez foram gastos acertando as coisas com o senhorio.

Quando Jodi aparece, ele está sentado à mesa folheando o jornal e tomando sua terceira xícara de café.

— Você ainda está aqui — diz ela.

Uma explicação se faz necessária, mas, embora ele tenha passado a última hora fazendo cera, não pensou no que dizer.

— Vai sair com o cachorro? — pergunta ele.

— Sim, por quê?

Ela traz a coleira em uma das mãos, as chaves na outra.

— Vou com você.

Ela franze a testa.

— O que está acontecendo?

— Nada. É só... Precisamos conversar.

— Diga.

— Espere até estarmos lá fora.

Os três ficam lado a lado no elevador: Todd, Jodi e o cão. Bem que podia ter alguém esperando na portaria com uma câmera a postos, pronto para fotografá-los quando as portas se abrissem. É um momento que vale a pena capturar, o grupo familiar pouco antes de se desintegrar, placas tectônicas outrora alinhadas agora se distanciando. Tudo diferente. Sem volta. Pior será para o cão, que não vai entender o que aconteceu e dormirá com um olho aberto, esperando-o chegar em casa a qualquer momento. Ao se aproximarem da água, lágrimas escorrem pelo rosto dele. Jodi não faz nenhum comentário. Talvez não tenha notado. Ela não falou nada desde que saíram do prédio, quando comentou que o dia estava muito claro e colocou os óculos de sol. Ela deve saber o que está por vir, ainda mais se falou com Dean, como Natasha afirma. Seu silêncio parece denso e proposital, uma barricada.

Eles atravessam a ciclovia até o gramado que se estende à beira do lago e soltam o cão da coleira. A orla está movimentada para um dia de semana. As pessoas estão tomando o sol do início do outono, armazenando-o para o inverno que virá. Ela fica de costas para o lago, emoldurada pelo cenário luminoso do céu e da água. Ele se vê na lente dos óculos de sol dela, ombros caídos, rastros de lágrimas brilhando no rosto. Os olhos dela estão ocultos, mas ele sente que algo nela mudou, que de alguma forma ela sabe e entende.

— Eu sinto muito — diz ele.

Ele a puxa para si e soluça no topo de sua cabeça. Ela não faz nenhum movimento para resistir, relaxa em seus braços. Ambos compartilham um momento de profunda tristeza, calorosamente abraçados, peito contra peito, batimentos cardíacos contra batimentos cardíacos, juntos como um só à luz da manhã. Somente quando se afastam e ela muda de posição, fazendo um quarto de volta e tirando os óculos escuros, ele vê que se enganou. Os olhos dela estão secos e carregados, a testa franzida, o rosto repleto de suspeita.

— O que foi? — pergunta ela. — O que você queria me dizer?

Agora ele está arrependido por ter começado isso. Teria sido melhor deixar um bilhete, algo breve e não conclusivo que a preparasse para a notícia. Por que um confronto quando o não confronto seria melhor para ambos? O encontro cara a cara é muito rude, a finalidade que tende a criar. Não há necessidade de construir um muro de palavras. As palavras são como ferramentas, facilmente transformadas em armas, criando limites onde não é necessário. A vida não é feita de palavras. Por natureza, as pessoas são arrastadas pela ambivalência, açoiadas por ventos inconstantes e ariscos.

— Pensei que você soubesse — diz ele. — Pensei que você tivesse falado com Dean.

A expressão dela não muda. O olhar que ela lhe lança é incisivo, agudo. Ele sente como se estivesse encolhendo, murchando por dentro.

— Não — diz ele. — Não torne isso difícil para mim. Eu não planejei. Aconteceu, só isso. A gente não decide tudo que nos acontece. Você *sabe* disso.

Ele se sente um idiota. Ela não disse uma palavra, mas o faz recuar. Ele se vira e olha na direção em que dois sujeitos estão jogando frisbee no gramado.

— O que exatamente você está me dizendo? — pergunta ela.

— Veja... Eu sinto muito. Mas não vou voltar para casa esta noite.

— O que quer dizer com não vai voltar para casa? Vai para onde?

— Estou de mudança. Você realmente não sabe?

— Está se mudando? Para onde?

— Você se lembra da Natasha Kovacs. — Ele faz uma afirmação em vez de uma pergunta. — Isso não quer dizer que eu não ame você.

A barulhenta discussão em público que se segue surpreende a ambos. Durante anos eles mantiveram o controle sobre suas diferenças. E o pior de tudo é que a discussão se concentra em irrelevâncias. Como ele já imaginava, ela se fixa na questão da demora dele.

— Que gentil da sua parte, me contar. Fico feliz que não tenha esperado mais. Eu não ia querer ser a última a lhe dar os parabéns.

Ele odeia quando ela é sarcástica.

— Você tem razão — diz ele. — Eu estraguei tudo. Sou culpado. Fiz uma besteira enorme.

— Ora, quem perde é você — diz ela. — Eu poderia ter organizado uma

festa. Comprado um relógio de ouro de presente.

— Desculpe-me por não ter lhe contado antes.

— E por que não contou?

— Porque eu não sabia o que fazer.

— Você sabia que eu ia expulsá-lo de casa. Foi por isso que não me contou.

— Não é verdade.

— Eu o teria expulsado, *sim*.

— Sim, mas não era isso que me preocupava.

— O *que* preocupava você, Todd? Só me diga isso. O que passava pela sua cabeça? Por que esperou até o segundo em que está saindo porta afora para me dar a notícia?

— Já disse. Eu não sabia o que queria. É complicado. A situação é complicada.

— Você assinou um contrato de aluguel de um apartamento há mais de uma semana. Você assinou um contrato! O que isso tem de complicado?

— Então você sabia. Você sabia o tempo todo.

— Eu não acreditei. Não achei que você fosse levar isso adiante.

Ambos estão gritando, arremessando palavras pelo intervalo de anos. Parte dele quer ceder, dizer que tudo isso é um grande erro, que ele não sabia onde estava com a cabeça. Ele entende que isso também está passando pela mente dela — que é isso que ela gostaria que acontecesse e talvez meio que espere acontecer —, que toda essa bagunça acabe se revelando uma tempestade em um copo d'água, que se encerre com um show de perdão e, posteriormente, com uma noite na cidade, taças de champanhe, uma caminhada ao luar às margens do rio. É uma ideia agradável, e ele quase poderia fazer isso.

Sem aviso, ela uiva e o ataca com os punhos cerrados. Tendo o dobro do tamanho dela, ele toma-lhe os pulsos com pouco esforço. Ela desfere uma joelhada, mas ele a mantém afastada e desvia do golpe. Quando enfim ela se cansa, ele a solta. Seu cabelo está despenteado, o rosto, contorcido, a respiração, ofegante. As pessoas lançam olhares curiosos. Jodi olha em volta procurando por Freud. Avista-o em um matagal ali perto, cavando um buraco como fazem os cães: traseira empinada, rabo balançando, patas frenéticas.

— Tudo bem — diz ela. — Vá e pegue as suas coisas. Você tem dez minutos. Não quero encontrá-lo quando voltar para casa.

À medida que o hemisfério Norte se afasta do Sol, as noites prolongadas e os dias cada vez mais curtos parecem-lhe um castigo projetado especificamente para ela. Ventos fortes trazem chuva e neblina, assobiam através das árvores e batem nas vidraças. Folhas que eram verdes na semana passada assumem uma cor de mijo e de bosta e se acumulam na calçada. Para ela, a implacável velocidade dessas mudanças meteorológicas contrasta ridiculamente com a lenta marcha do tempo, cada dia um peso que ela arrasta atrás de si.

Pela manhã, quando abre os olhos, o rosto contra o travesseiro, respirando suavemente, a primeira coisa que vê é a cadeira estofada no canto, o assento largo e os braços atarracados, a capa de algodão sedoso com uma estampa de videiras em claro-escuro. Ela acompanha os desenhos com um olhar de criança, a mente suspensa em uma agradável meditação, até o momento em que se vê diante do fato de que precisa concretizar o violento e despropositado ato de sair da cama.

Curiosamente, não é tanto a ausência física dele o que lhe causa dor. Era muito comum ele chegar em casa depois de ela ter adormecido e, pela manhã, já ter ido embora antes que ela acordasse. O que mais incomoda é a influência que isso tem em sua rotina. Ela sente falta das horas que passava debruçada sobre livros de culinária, compondo cardápios, comprando ingredientes, dando um toque extra nos pratos de que ele mais gostava. E tem também o peso das tarefas que cabiam a Todd: passear com o cão após o jantar, levar o carro para a oficina. Até mesmo colocar o lixo na lixeira parece-lhe algo triste e oneroso que ela não deveria ser forçada a fazer. O jornal é mais um problema: tendo parado de dobrá-lo cuidadosamente e deixá-lo na mesa de centro, Jodi descobre que a ausência dele pode tomá-la de surpresa. Às vezes ela vai até o guarda-roupa dele para reorganizar seus ternos. Certo dia, tirou todas as camisetas das gavetas, sacudiu-as, dobrou-as novamente e guardou-as de volta.

Sua rotina alterada a deixa confusa, mas o que é pior é que muitas das coisas de que ela gostava já não lhe dão prazer algum. Sair pela manhã para ver como está o dia. Acariciar as orelhas aveludadas do cão. Vestir uma camisa italiana de quatrocentos fios e fechar os pequenos botões perolados. Ela não sente mais prazer em nada disso, e agora, quando acena para o porteiro ao passar pela portaria, chega a imaginar a piedade e a curiosidade daquele homem. Sem dúvida ela é objeto de fofocas e especulações de todo o prédio. Seus vizinhos, percebeu, a estão tratando diferente, mesmo que seja apenas na entonação ao dizerem olá ou no modo como seus olhos se detêm sobre o rosto dela.

Não ajuda nem um pouco o fato de Dean deixar discursos fervorosos em seu correio de voz, somando a angústia *dele* à *dela*. Jodi sabe que, assim como ela,

Dean foi posto de lado — tendo levado aquele tipo de golpe lateral que você não vê chegar —, e talvez sinta alívio em reclamar e vociferar, mas a dor de Dean não é problema dela. Claro que, dada sua profissão, as pessoas fazem isso o tempo todo, como se achassem que ela foi feita para lidar com as queixas dos outros.

As melhores horas do dia são as que ela passa com os clientes. Ela adora o desafio do consultório, as complexidades que seus clientes lhe trazem — os enigmas da vida, a guarda baixando, o aprender a confiar, as marés de resistência. Alguns são mais fechados que outros, mas em geral as pessoas que se preocupam em procurá-la estão motivadas a mudar, mergulhadas em dor emocional suficiente para fazer tal esforço. Seus clientes lhe despertam o que ela tem de melhor. Ela gosta mais de si quando está com eles, ainda mais agora que seu mundo foi abalado e que o otimismo lhe falta. Com os clientes ela pode ser paciente, compassiva, receptiva, e eles a recompensam com progresso, avanços espasmódicos, as fendas que se abrem para a luz. Outro dia, ao se referir ao marido, fulana contou: “Quando ele me diz o que fazer, eu me sinto segura. Gosto do refúgio da subserviência.” Impressionante. Foi a primeira vez que fulana assumiu sua difícil situação, um reconhecimento claro de que, no que diz respeito ao seu casamento, ela é menos uma vítima e mais uma cúmplice, o que constitui um passo ousado no caminho da autocompreensão. Isso também forneceu uma pista sobre por que fulana externou aquilo — não que Jodi ache intrigante o fato de ela tê-lo feito. Existem muitas razões para uma mulher ficar com um homem, mesmo quando já desistiu de mudá-lo e pode prever com clareza como será o resto de sua vida ao lado dele. Sua mãe tinha um motivo. Toda mulher tem um motivo.

Houve uma época em que ela costumava dizer: “Todd é uma fraqueza minha. Tenho um fraco por ele.” Dizia isso para si mesma e para as amigas como uma espécie de justificativa. Mudar seu jeito de ser por causa de um homem não é algo muito popular hoje em dia; certamente não é uma maneira independente de se encarar um relacionamento. Sacrificar seus valores no altar do amor já não serve como ideologia. A partir de certo ponto, a tolerância não é amplamente recomendada, apesar de, inevitavelmente, quando duas pessoas vivem lado a lado, quando inalam o modo de ser do parceiro como premissa de vida, não chega a ser um sacrifício. Ao sair de um relacionamento, você não é mais a mesma pessoa que era ao entrar. Não que ela tenha entendido isso no começo. Quando o confrontou, quando ele pediu desculpas, quando derramaram lágrimas, quando reafirmaram seu amor, quando fizeram isso diversas vezes seguidas, ela não sentiu a renúncia que estava acontecendo dentro de si mesma porque, afinal de contas, ele era Todd, e era precioso para ela. Até mesmo as infrações dele podiam ser preciosas, seu modo de se manter fiel a si mesmo. Ele não era cruel a esse respeito, nunca foi indelicado. Ninguém jamais poderia dizer

que Todd era mesquinho ou rancoroso. Na verdade, era exatamente o oposto. Se alguém o decepcionasse, Todd daria outra chance, e se alguém o decepcionasse cem vezes ele daria uma centena de segundas chances. Mas Todd estava determinado a viver a própria vida, e tudo o que ela poderia fazer, afinal, era aceitar isso, mesmo sabendo que havia se tornado uma versão da própria mãe. Apesar de fazer escolhas diferentes, apesar de viver em tempos diferentes, apesar de ter sido advertida por sua formação em psicologia, que lhe ensinou que a bola é passada de uma geração para a seguinte, a difícil situação em que se viu era exatamente aquela que tentava evitar.

Os dias em que há algo pelo que esperar são melhores: sua aula de arranjos florais ou um jantar fora. É difícil ficar irritada em uma sala repleta de flores recém-colhidas ou cercada por estranhos bem-vestidos no espaço social e festivo de um restaurante. Ela se esforça para organizar seus jantares, fazendo um metódico rodízio de amigas de modo a evitar convidar alguma delas com muita frequência. Quando fala sobre sua situação, o faz com um ar de distanciamento, às vezes rindo e brindando ao poder da juventude. As amigas, ela percebe, ficam aliviadas por ela estar levando aquilo tão bem.

Ela só baixa a guarda com Alison. Jodi tem se encontrado com ela frequentemente, mais do que de costume — para almoçarem antes de Alison ir trabalhar, ou para jantarem no dia de folga dela. Alison é a única amiga que objeta quando ela subestima a própria situação. Também é a única que destaca o fato de Jodi estar esperando Todd voltar para casa.

— Querida, sei que você está sofrendo, mas não seja ingênua. Todd analisou as opções e decidiu ir embora. O que você precisa é de um advogado. Tem que garantir um teto sobre a sua cabeça, sair dessa com aquilo que é justo, depois de passar vinte anos limpando o traseiro do sujeito.

— Acho que Todd não ia querer me prejudicar financeiramente.

— Um homem na situação difícil em que ele está? Eu não contaria com isso. É melhor se precaver, sem dúvida.

O fato de Alison se preocupar com ela é reconfortante, mas ela não é receptiva ao conselho da amiga. Para Jodi, as pessoas agem por impulso, cometem erros e se arrependem mais tarde. Talvez ele precise saber que foi perdoado. Talvez esteja esperando um sinal. E realmente, pensando bem, não houve nenhum dano real. Nem mesmo o bebê é uma grande complicação, não precisa ser. Ele não vai passar muito tempo com o filho enquanto for criança. Os bebês precisam da mãe. E, quando ficar mais velho... Bem, talvez seja legal ter um jovem por perto para animar as coisas.

Recusando-se a olhar para trás, ele se atira de cabeça em sua nova vida, começando por comprar roupas para substituir o guarda-roupa que perdeu. Natasha o acompanha, e ele permite que ela influencie suas escolhas, o que resulta em um visual elegante e moderno. Seus cintos têm uma fivela maior, seus sapatos ficam pontudos. Ele aprende a usar blazer com camiseta e jeans. As roupas novas têm etiquetas de grifes e caem melhor em seu corpo. Ele gosta da reinvenção de si mesmo e entra na onda, deixando o cabelo crescer e cultivando uma barba irregular. No conjunto, isso o faz parecer mais jovem e mais sensual. Sua aparência é a de um homem que ainda está no jogo. Além disso, há um ganho que supera todos os demais: quando ele e Natasha estão juntos, as pessoas não pensam mais que são pai e filha.

As noites são preenchidas por jantares, caminhadas, compras e sexo. Se Natasha tem trabalho a fazer para a faculdade, Todd lava a louça e a roupa. Se Todd vai para o bar, Natasha vai com ele, embora — uma vez que não está bebendo por causa da gravidez — normalmente o arraste dali antes que ele comece a beber de verdade. Isso rende a ele a gozação dos rapazes, principalmente de Cliff: eles se referem a Natasha como “a patroa”. Nos fins de semana, eles pegam o carro e saem da cidade para um piquenique ou ficam vendo filmes enquanto comem pizza, ou tomam conta dos filhos dos vizinhos do prédio. Natasha diz que eles precisam fazer amizade com os vizinhos.

Certa tarde de sábado, fazem tatuagens iguais: braceletes de folhas entrelaçadas, ele e ela. As agulhas trazem lágrimas aos olhos dele — não estava preparado para a dor —, mas ele gosta da ideia de um rito de passagem, uma espécie de iniciação, algo que simbolize o início de sua vida juntos. A tatuagem foi ideia de Natasha. Tatuagens, diz ela, são permanentes e inegociáveis, ao contrário de vínculos matrimoniais. Não que ela queira renunciar à ideia do casamento. Pelo contrário, ela chegou a mudar a data para meados de dezembro, o que é ideal, segundo ela, não apenas por causa dos feriados de fim de ano, mas porque a barriga não terá crescido tanto e ela ainda vai caber no vestido de seus sonhos.

Seus dias de trabalho transcorrem em um estado de energia e propósito elevados. O cliente que ele vinha seduzindo para comprar o prédio de apartamentos do Jefferson Park assinou o contrato, de modo que agora é apenas questão de terminar o trabalho. Isso inclui recuperar o alicerce, impermeabilizar a parede exterior e substituir o passeio de concreto que seria danificado no processo. O dinheiro que ele contava receber com o novo edifício comercial será menos do que o previsto, mas agora ele está surfando uma onda de otimismo e sentindo que deve agradecer a Natasha por todas as bênçãos da vida. Tão cedo

ele não vai esquecer o calvário de sua depressão. Antes de Natasha, a vida não era digna de ser vivida. Agora, seu espírito renovado está transbordando, permitindo-lhe vislumbrar uma promessa de futuro. Ele se apegava firmemente às escolhas que fez e ao caminho que escolheu. Seu conselho a todos seria: não permita que nada nem ninguém o impeça de viver a vida.

Ele sabe que precisará resolver as coisas com Jodi, algo pelo qual não está ansioso. Ele já viu uma boa quantidade de casais de amigos se separar, portanto imaginava o choque que aquilo representaria em sua renda e em seus ativos. O que ele precisa fazer é ligar para seu advogado. Não que o fato de adiar isso esteja lhe fazendo algum bem. Neste exato momento, Jodi está por aí, gastando seu dinheiro. As faturas dos cartões de crédito dela chegam no escritório dele e são pagas por Stephanie — juntamente com as taxas de condomínio e outras despesas domésticas.

Apesar dessas preocupações, porém, são as reclamações de Natasha que acabam levando-o a agir. Ela exige que ele resolva de vez seus assuntos com Jodi. Já arrancou dele todos os detalhes sobre os acordos financeiros dos dois e está furiosa por Todd permitir que as coisas continuem como se nada tivesse mudado, como se ele e Jodi ainda estivessem juntos.

O advogado de Todd, que de vez em quando trata de seus assuntos imobiliários, também trabalha com direito familiar. Um homem na casa dos sessenta anos, Harry LeGroot já passou por três divórcios e sabe o que significa cometer erros e pagar por eles. Casou-se pela primeira vez quando estudava direito, e, embora, não veja a primeira mulher há trinta anos, ainda precisa lhe enviar um cheque mensal. As outras duas, além de lhe arrancarem dinheiro, vivem em casas suntuosas que ele comprou e pagou integralmente enquanto estava casado com elas. O próprio Harry vive em um apartamento alugado e reza todo dia para que elas morram. Senhor: por favor, leve Shoshana, por favor, leve Becky, por favor, leve Kate. Mas Shoshana, Becky e Kate não estão com pressa para deixar este mundo.

Todd encontra Harry durante o almoço no Blackie's, em Printers Row, onde pedem sanduíches de carne e chopes. Harry tem cabelo prateado, que penteia para trás, destacando seus traços e sua testa proeminentes. Veste um terno de lã cinza-claro e uma camisa social grafite, sem gravata. Os dois se conhecem há mais de duas décadas, praticamente desde o início da carreira de Todd como restaurador de imóveis. A relação deles gira em torno de negócios, mas eles gostam de se encontrar em bares e restaurantes, onde se sentem bem e abrem um para o outro suas vidas pessoais. Para Todd, Harry é uma figura paterna, bem como um exímio navegador na arcana esfera do estatuto social e da política urbana da cidade. E Harry, cujos casamentos falidos desgastaram sua tolerância ao risco, admira a coragem e o vigor que impulsionam o sucesso de Todd.

Quando chegam a comida e a bebida, Todd dá a notícia:

— Você não vai gostar do que tenho para contar. Eu me separei de Jodi.

Harry morde o sanduíche, mastiga, engole, corre a língua pelos dentes superiores e inferiores, toma um gole de chope e arrota educadamente com a mão sobre a boca. Quando fala, sua voz é um grave ronronar de barítono:

— Então você tem uma linda casa, uma bela mulher que o ama e toda a diversão que um homem poderia querer. Para não mencionar uma vida felizmente livre do tipo de dreno financeiro imposto por ex-mulheres sanguessugas que o odeiam até as entranhas. E agora quer jogar tudo isso fora e se juntar às fileiras dos homens de meia-idade ninfomaníacos como eu, cujo cérebro fica dentro da calça. Estou decepcionado com você, Todd. Achei que tivesse mais bom senso. — Ele balança a cabeça tristemente. Seus olhos azuis e úmidos vagam pelo restaurante. — Quantos anos ela tem?

— Quantos anos tem Jodi?

— Quantos anos tem a destruidora de lares. E, por favor, não me diga que você está planejando se casar com ela.

— Pare com isso, Harry — diz Todd. — Você nem a conhece.

— Não preciso conhecê-la. Quem quer que seja, não vale a pena. E, se ela é mais jovem que você, vai tornar sua vida um inferno.

— Você tem motivos para ser um cretino tão cínico — diz Todd. — Tenho pena de você, Harry, tenho mesmo, porque, apesar de todos os seus casamentos, nunca teve um de verdade. Natasha e eu... Você nunca vai entender. Eu estava morto antes e agora estou vivo. Sim, ela é mais nova, mas isso significa que podemos ter uma família. Eu vou ser pai, Harry, me dê os parabéns. Ao menos você tem os seus filhos. Imagine o que seria de você sem seus filhos.

— A paternidade é superestimada — diz Harry. — Você não vê TV? Os tribunais dão a custódia à mãe, sua ex-mulher, que se especializa em voltar os filhos contra você, e você passa a ver pessoas que o desprezam engordando e vivendo preguiçosamente dos seus lucros, enquanto você trabalha como um condenado e nunca consegue seguir em frente.

— Coitado.

— Você pensa que é imune a isso? — diz Harry. — Aconteça o que acontecer, Jodi recebe metade.

— Tudo bem. É isso que eu preciso saber. Jodi recebe metade do quê, exatamente?

— Metade do seu patrimônio líquido, idiota. Metade dos seus investimentos. Metade de todos os imóveis que você possui. Vocês dois estão juntos praticamente desde que eram crianças. Desde antes de você comprar a sua primeira casa. Isso significa que ela tem metade de cada centavo, até mesmo dos trocados que você guarda no cofrinho.

Todd fica boquiaberto, tentando assimilar aquilo. Harry não pode estar certo. Ele recua no tempo, tentando lembrar o que realmente aconteceu.

— Eu já tinha comprado a primeira casa quando a conheci — diz ele. — Eu me lembro disso porque a levei até lá para mostrar o local, e ainda estava no osso. Então, não, quando comprei a casa eu nem mesmo a conhecia. E só fomos morar juntos depois que vendi a casa.

— Viver juntos é uma coisa — diz Harry. — Quando vocês se casaram?

— Não nos casamos — diz Todd. — Quer dizer, não houve uma cerimônia.

— Vocês não são casados?

— É uma união estável.

— Você está brincando — diz Harry.

— Isso é ruim? — pergunta Todd.

— Pobre Jodi. Quase sinto pena dela.

— Ela não queria se casar. Não via por que fazê-lo.

Harry está de olhos arregalados, sorrindo como um macaco. Todd acha que está sendo ridicularizado.

— O que significa isso? — pergunta ele.

— Significa que devemos pedir mais uma rodada — diz Harry. — Precisamos comemorar.

Em uma terça-feira, após a ginástica e antes do almoço, Jodi liga para o celular de Todd. Ele atende e cantarola as notas do nome dela.

— Surpresa! — exclama ela. — Onde você está?

— Estou no carro. Como tem passado?

Ele parece nervoso; sem dúvida está cauteloso, supondo que ela está ligando para brigar.

— Estou bem — responde Jodi. — Estive pensando em você. De forma boa.

— É mesmo? Eu não esperava por isso.

— Bem, você sabe. As coisas são como são. Só podemos ir em frente.

— Fico feliz por você se sentir assim. Também andei pensando em você.

— Que bom. Você sente a minha falta? — Ela não tinha a intenção de perguntar isso.

— Claro que sinto a sua falta. Sinto a sua falta todos os dias.

Ela inspira e expira.

— Eu estou aqui — diz ela.

— É. Bem. Não acho que...

— Eu sei. Não nos despedimos numa boa.

— Até a sua voz está boa — diz ele.

Ambos estão um pouco tímidos, escolhendo as palavras com cuidado. O plano dela era testar as águas primeiro e, caso ele parecesse receptivo, fazer o convite.

— Ei — diz ela —, por que você não vem jantar?

Todd não responde de imediato. Ela espera, ouvindo os sons que lhe chegam pelo telefone: o tráfego, um locutor de rádio. Ela o imagina ao volante com a mesma calça cargo e o pulôver que estava usando na manhã em que foi embora. Todos os dias ela pensa no fato de ele ter ido embora apenas com a roupa do corpo. Deve ter feito algumas compras, mas ela só consegue imaginá-lo do jeito que estava naquele momento.

— Eu adoraria — diz Todd afinal. — Quando?

— Estava pensando em amanhã.

— Amanhã — repete ele; soa inseguro.

O que pode estar acontecendo em sua mente? Será que ele tem de justificar todas as noites que sai de casa? Será que ele ainda tem permissão de sair à noite?

— Amanhã, então — diz ele.

— Você pode vir às sete?

— Sim, sete horas. Mal posso esperar para vê-la.

A conversa opera uma transformação evidente. Quando desliga o telefone, Jodi já está vivendo em um mundo alterado, um mundo criado pelo

ressurgimento de seu amor como era antes, um amor mais jovem, imaculado e íntegro, não propenso a desmembramentos — ou seja, desmontar o outro e avaliar as partes boas e as partes ruins. Naquele tempo, ele gostava até mesmo das excentricidades dela: seu vício de gastar dinheiro, sua extrema aversão à desordem (que beirava a obsessão), seu hábito de guardar rolhas de vinho e cascas de queijo, seu amor por meias-calças, que ela ainda usa, até mesmo com calça jeans, sua natureza retraída. Ele costumava rabiscar bilhetes carinhosos e deixá-los em lugares inesperados antes de sair para o trabalho. Ele brincava com seu cabelo e tomava banho com ela. Da mesma forma, naquela época não havia nada nele que ela não adorasse. A maneira como ele bebia café, soprando e com os lábios formando um bico cômico, muito depois de já ter esfriado. O modo como ele tomava banho, ensaboando-se da cabeça aos pés até desaparecer na espuma. A maneira como ele esculpia a manteiga em fatias para passar no pão torrado. Chegava a adorar o jeito que ele dirigia, costurando no trânsito e rindo quando lhe mostravam o dedo médio. Ela o amou assim por um bom tempo, mesmo depois que passou a conhecê-lo bem. A renovação de seu amor, ela atribui à separação. O choque de perdê-lo afetou-a profundamente, reativando seu pulso, despertando câmaras de seu coração que haviam caído em desuso.

Ela passa o restante deste dia e do próximo contando as horas. O tempo se desdobra em visitas ao supermercado, à loja de queijos, à peixaria, à floricultura. Ela pica ervas, prepara marinadas, limpa lulas, corta verduras. Leva o cão para tosar e faz as unhas, depilação, limpeza de pele e massagem. Impaciente durante as sessões com os clientes, ela as encerra um pouco antes da hora. Vai dormir tarde e acorda cedo. Tem surtos de experimentar roupas. Há muita coisa em jogo, ela sabe disso. Tomar um drinque em um bar ou jantar em um restaurante daria no mesmo. Mas ela está tomada por uma euforia persuasiva e só consegue ver estrelas, só consegue ouvir a música que soa em sua cabeça.

Lapsos desse tipo fazem parte de sua história, marcados pelo acúmulo de agitação por conta de algum evento social que se aproxima. Quando criança, ela e a mãe ficavam assim juntas. Um senso de ocasião, um flerte com promessas e possibilidades, era disso que eram feitos os melhores momentos da vida. Mas, mesmo em dias normais, mesmo em face de decepção, uma expectativa positiva é seu esteio. Ela é boa em recuperar-se de contratempos, resistir à correnteza, descer ondas. Manter-se à tona é algo que ela faz muito bem — Todd sempre disse isso. Ele gosta de sua flutuabilidade; foi isso que o impediu de cair de vez em um buraco negro e de se tornar alcoólatra como o pai. Durante sua depressão, contudo, ela não conseguiu ajudá-lo.

Tentou levá-lo para a terapia, mas ele se recusou.

— Esse é o seu mundo — retrucou Todd. — Deixe-me fora dele.

Talvez ela devesse ter insistido. Teria sido bom para ele submeter-se à abordagem prática de um adleriano como Gerard Hartmann. Em termos de

infância difícil, Todd se tornaria um modelo de superação: qualquer criança com um pai alcoólatra e uma mãe vitimizada ficaria traumatizada, mas Todd até que se saiu bem, consideradas as circunstâncias. A história real, porém, é contada em suas mentiras e equívocos, em sua incapacidade de falar sobre seus sentimentos, sua aversão à autoridade, sua compulsão por assumir riscos — o que funcionou nos negócios, mas que, assim como os seus intermináveis casos amorosos, reflete os profundos sentimentos de inferioridade que o levam a se pôr à prova continuamente. De acordo com Adler, ter uma boa dose de autoestima nos dá a liberdade de sermos práticos em vez de meritórios em tudo aquilo que fazemos, enquanto os sentimentos de inferioridade nos mantêm focados em nós mesmos. Esse é Todd em poucas palavras.

Jodi conheceu Adler na universidade, mas foi a Adler School e Gerard que lhe deram um conhecimento sólido dos seus princípios. Ao lado de Jung, Adler foi colega de Freud em Viena no início do século XX, mas Adler e Jung, cada um a seu tempo, romperam com Freud e formaram suas próprias escolas de pensamento. O fato de a escola de Adler ser pragmática e voltada para o social fica evidente em suas três principais tarefas de vida, que ele identificou como atestados de saúde mental: (1) a experiência e a expressão do amor, (2) o desenvolvimento de amizades e laços sociais e (3) a participação em trabalhos significativos. Nesses termos, Jodi poderia ser considerada completamente sã — e, à medida que a terapia com Gerard avançou, esse fato se tornou um tanto evidente. Independentemente do caminho que tomassem, seja lá qual linha de investigação perseguissem, Jodi e Gerard sempre topavam de frente com seu inspirado relacionamento com Todd, suas excelentes habilidades sociais e sua dedicação profissional. Ela já passara bastante tempo na cadeira do paciente — será que realmente precisavam continuar com as sessões semanais? A questão voltava-lhe frequentemente aos pensamentos, e chegou ao auge quando ela sugeriu a Gerard que as desse por encerradas. Mas Gerard queria prosseguir, e assim o fizeram. Ele fazia perguntas, ouvia as respostas e fazia anotações. Jodi contava-lhe seus sonhos e falava sobre sua família nuclear: os pais, o irmão mais velho, Darrell, e o irmão mais novo, Ryan.

Ela era três anos mais velha do que Ryan, mas não tinha nenhuma lembrança da chegada dele à família, nenhuma imagem mental de como ele era na primeira vez que o viu. Ryan estava em sua vida desde que ela se entendia por gente, e seu interesse por ele sempre fora de propriedade. Quando eram pequenos, ele estava mais ou menos em pé de igualdade com o bichinho de pelúcia favorito dela: estava ali para ser mimado, tratado com indulgência, vestido, ensinado, repreendido e, geralmente, receber ordens. Naquela época, ele era tolerante, doce, de boa índole, facilmente se rendia ao bem-intencionado despotismo dela. Só quando ficou mais velho, não mais uma criança, um menino, que as explosões começaram, os pesadelos e ferimentos autoinfligidos que

deixavam a todos tão preocupados, mas tudo isso passou afinal, assim como suas muitas outras fases: brincalhão desagradável, sabe-tudo do contra, solitário paranoico.

Jodi o amou ao longo de tudo isso e ainda o amava, mesmo que estivesse longe de aceitar o que ele acabou se tornando e o fato de que, após optar por sair da universidade, ele tivesse passado vinte anos viajando pela Índia e pelo Sudeste Asiático e desde então tenha vivido metade do ano em Kuala Lumpur, ensinando inglês, e metade do ano na Baja California Sur, onde surfava e trabalhava como garçom; tampouco aceitava que ele fosse uma ovelha negra de carteirinha que algum dia ficaria velho demais para continuar a fazer o que fazia, e o que seria dele então? Sem dinheiro, longe de casa e orgulhoso demais para pedir ajuda.

Ela não tinha como entrar em contato com Ryan, porque ele não tinha telefone ou não queria lhe dar o número — ela não tinha certeza —, de modo que só lhe restava esperar que ele ligasse, e felizmente ele ligava de vez em quando, embora fosse raro conseguir vê-lo pessoalmente. Àquela altura, à época das sessões com Gerard, ela não o via fazia um bom tempo, desde que o encontrara no aeroporto em uma de suas breves escalas. Ele ligara para ela às seis, e ela o encontrara para tomar um café da manhã com sanduíches gelados comprados no quiosque do aeroporto e comidos no colo. Era final de novembro, mas, por estar indo de um clima tropical para outro, ele estava viajando com pouca bagagem, levava apenas uma mochila. Além de camiseta, calça jeans e sandálias, usava um colar de contas de vidro azul e um chapéu preto de palha com uma caveira e ossos cruzados estampados na copa, as abas voltadas para cima. Estava um pouco gorducho e com barba por fazer, mas tinha os mesmos olhos azuis de elfo de sempre e parecia bem, apenas velho demais para continuar a viver aquela vida: ainda solteiro, só pensando em surfar, ignorando o próprio talento e potencial. Quando menino, era bom em ginástica e desenho, tivera um interesse por insetos e plantas, falara em se tornar atleta, ilustrador, biólogo, entre outras coisas. Durante o ensino médio, trabalhara como monitor em acampamentos de férias e pensara em ser professor — não um professor omissivo, mas um professor que cuidaria dos alunos e faria a diferença.

Jodi tinha sonhos recorrentes em que Ryan estava perdido ou fugindo e ela tentava desesperadamente encontrá-lo mas não conseguia reservar um voo ou embarcar em um avião. Ainda pensava nele todos os dias, ou melhor, ele estava incessantemente presente dentro dela, um companheiro constante, notável por sua preocupante ausência. Seu instinto era ajudá-lo e protegê-lo, mas ele tornava isso impossível. Ela sabia que, caso se aventurasse a fazer comentários sobre seu estilo de vida, ele pensaria duas vezes antes de voltar a ligar. Seus pais haviam cometido esse erro, e por isso, posteriormente, acabaram obrigados a ter notícias dele por Jodi. Além disso, ele não lhe dava nenhuma abertura. Gostava de manter distância, evitando falar de algo significativo, nunca se abrindo demais,

debochando e fazendo pouco-caso das coisas. Tudo o que ela podia fazer era rir das histórias que ele contava sobre suas desventuras e resistir ao desejo de oferecer-lhe dinheiro, para não ferir seu orgulho.

Já seu irmão mais velho, Darrell, seguiu os passos do pai, concluindo um doutorado em farmácia em Minneapolis e voltando para sua cidade natal para se casar com a namorada do colégio. Os pais tinham a esperança de que Darrell ficaria por perto e assumiria a farmácia da família, mas ele acabou decidindo seguir em frente e agora era diretor da farmácia de um grande hospital-escola no Canadá.

Darrell era seis anos mais velho que Jodi e era homem, mas desde o início ele foi uma luz em sua vida: um mentor gentil, complacente, divertido, carinhoso, que tinha tempo para ela e sabia fazê-la rir. Darrell saía com ela para pegar doces no Halloween e a ensinou a amarrar os cadarços da maneira mais fácil. Ela ainda se lembrava de um chá de bonecas no qual Darrell serviu as tortas de lama e fez a voz da irmã mais nova da Barbie, Skipper. Quando ela cresceu, ele a ajudava nos deveres de casa e jogava cartas com ela, mesmo já estando no ensino médio e sendo ela ainda uma criança. Darrell era um daqueles raros rapazes complacentes e de boa índole que se davam bem com todo mundo — um jovem descontraído, sério e diplomático, destinado a se dar bem na vida, porque todo mundo estava ansioso para ajudá-lo a chegar lá.

Gerard, muito interessado na vida familiar dela, a enchia de perguntas.

Gerard: Com qual de seus irmãos você brincava?

Jodi: Com Ryan. Darrell brincava comigo, mas era certo esforço que ele fazia por mim.

Gerard: Com quem você brigava?

Jodi: Ryan e eu brigávamos às vezes.

Gerard: Você me disse que Ryan passou por várias fases: afável e bem-humorado quando criança e, mais tarde, desagradável, reativo, paranoico. (Aqui ele estava lendo suas anotações.) Como você o descreveria de uma forma geral? Se precisasse usar uma única palavra, qual seria?

Jodi: Sensível. Ryan era o irmão sensível. Implicávamos com ele por causa disso.

Gerard: E que tipo de criança você era?

Jodi: Eu tinha fama de mandona.

Gerard: Em quem você mandava?

- Jodi:** Em todos. Mas apenas Ryan obedecia. Até ficar mais velho, é claro.
- Gerard:** Como era seu pai quando vocês eram crianças?
- Jodi:** Ele esperava muito de nós. Mas era mais rigoroso com os meninos do que comigo.
- Gerard:** Então você era poupada por ser menina. Como era a sua mãe?
- Jodi:** Um tanto com a cabeça nas nuvens. Cozinhava bem, cuidava da casa e fazia serviços para a comunidade, mas vivia praticamente em um mundo só dela.
- Gerard:** Que tipo de serviço comunitário ela fazia?
- Jodi:** Ela distribuía alimentos. Ficou responsável por preparar a sopa. Meu pai treinava os garotos do time de beisebol local.
- Gerard:** Então serviço comunitário era um valor familiar.
- Jodi:** Meus pais davam muita importância ao serviço comunitário. Também valorizavam a educação.
- Gerard:** Quem tinha mais espírito comunitário entre vocês três, os filhos?
- Jodi:** Darrell. Todo sábado ele lia para os idosos. Fez isso durante anos.
- Gerard:** E quem tinha menos espírito comunitário?
- Jodi:** Acho que Ryan. Não me lembro de Ryan se envolvendo nesse tipo de coisa.
- Gerard:** E você?
- Jodi:** Eu ajudava vendendo bolos na igreja. Mas não era tão dedicada quanto Darrell.
- Gerard:** Quem tirava as melhores notas na escola?
- Jodi:** Darrell.
- Gerard:** Quem tirava as piores notas?
- Jodi:** Ryan.
- Gerard:** Quem era o favorito?
- Jodi:** Darrell. Todos amavam Darrell.
- Gerard:** E o menos favorito?
- Jodi:** Ryan. Pelo jeito dele, parecia que não pertencia à família. Às vezes meus pais o chamavam de “pequeno enjeitado” quando ele se

comportava mal.

Gerard: Quem era o conformado e quem era o rebelde?

Jodi: Darrell e eu éramos conformados. Ryan era o rebelde.

Gerard: Então Darrell conquistou seu lugar como o favorito e Ryan se destacou como um rebelde. Onde você entrava nisso?

Jodi: Eu era a menina. Não esperavam que eu competisse com os meninos.

Gerard: Mas sua posição na família era mais favorável que a de Ryan. E você brigava e era mandona com ele.

Jodi: Eu achava que estava cuidando dele, não sei. Mas talvez ele não visse dessa forma.

Gerard: Como você acha que ele via?

Jodi: Acho que ele precisava sair de debaixo de minha asa. Porque éramos muito próximos quando crianças, mas não somos mais.

Gerard: Como você se sente a esse respeito, com o fato de vocês não serem mais próximos?

Jodi: É doloroso, eu acho. A distância que ele criou entre nós. E eu me preocupo com ele. Mas talvez seja minha culpa. Acho que eu era mais competitiva do que penso.

Ele sai do escritório e percorre a antiga rota que lhe é tão familiar. Ao subir a rampa para pegar a Upper Randolph e ver o condomínio ao longe, ele espera por um surto de nostalgia, mas isso não acontece, talvez abafado por tudo o mais que está sentindo. O mais intenso é a apreensão. Ele não tem noção do que deve esperar. Ela fora muito amável ao telefone, mas são tempos estranhos. Aconteça o que acontecer, ele precisa tentar pegar algumas de suas coisas enquanto estiver por lá: alguns suéteres e seu casaco de inverno, no mínimo. Terá de deixá-los no porta-malas, ou Natasha vai saber onde ele esteve. Mas ela vai acabar descobrindo de qualquer modo. Natasha tem o faro de um chacal. Supostamente ele está indo jantar com Harry para falar sobre contratos, mas ela pode arranjar um jeito de verificar isso. Será a primeira noite que passam inteiramente separados desde que foram morar juntos.

Ao estacionar o Porsche na vaga número 32, por um instante ele enfrenta um sentimento de posse senhorial. Por mais absurdos que sejam, não consegue suprimir seus instintos territoriais. Esses dezoito metros quadrados de chão são seus — são propriedade sua —, assim como a vaga número 33, onde fica o Audi de Jodi. Aliás, o Audi também é propriedade sua.

Ele sobe de elevador e, ainda estimulado pelo orgulho de proprietário, entra no apartamento com a própria chave. O complexo aroma da culinária de Jodi o saúda antes que ele cruze a porta, suscitando a nostalgia que ele esperava. Freud está lá para recebê-lo, pulando e rodopiando a seus pés. O cão parece bem: olhos vívidos, pelo brilhante e basto. Ele avança pela sala, vendo-a com novos olhos, como se tivesse passado muito tempo longe. O lugar tem uma atmosfera opulenta à qual ele deve ter se habituado quando morava ali, ou talvez ele já tenha sido corrompido pela miséria de seu domicílio atual, onde o hábito que Natasha tem de atulhar cada superfície disponível com o lixo de seu dia a dia é o princípio dominante de arrumação.

Ele vai procurar Jodi na cozinha e não a encontra, mas, quando se vira, ela está ali à sua frente, menor do que ele se lembrava e diferente de outras maneiras também: mais frágil e com um pescoço mais comprido, a pele mais branca, os traços de algum modo alterados. Como ela pode ter mudado tanto assim só porque ele não estava olhando?

Jodi está com sua calça bege de todos os dias e uma camisa branca. Para ela, talvez esta seja uma ocasião irrelevante, não a união ou separação intensa que ele vinha imaginado alternadamente. Seus olhos exibem o brilho de uma pergunta ao pousarem sobre o casaco de caxemira dele e seu cabelo mais longo. Ele tem vontade de beijá-la, mas, em vez disso, se volta para a cozinha.

— Quer que eu prepare as bebidas? — pergunta a ele.

A antiga rotina os faz superar o início desajeitado, mas, quando ele pega os copos e tira a Stolichnaya do congelador, enquanto ela pica salsa e dispõe pequenos crustáceos em uma bandeja, torna-se assustadoramente claro que nada é como antes, nem de longe. Eles parecem estranhos, tão cortês e empolada é a conversa, tão cuidadosamente medem seus movimentos e controlam o espaço que mantêm entre um e outro. Depois que brindam e se aquecem com os primeiros goles de álcool, ele se senta em um banquinho e fica vendo-a cortar um limão em quartos longitudinais. Ela sorri ao lhe oferecer um tira-gosto, mas o que ele vê em seus olhos é apenas distância. Enquanto ele mastiga e engole e ela se move pela cozinha com sua elegante camisa branca abotoada até a clavícula, ele tenta se lembrar de como é o corpo dela nu.

A conversa durante o jantar se concentra no trabalho dos dois, enquanto outro assunto é evitado: as novas condições de vida de Todd, as noites solitárias de Jodi, a paternidade iminente, tudo o que tenha a ver com o futuro. Os elefantes na sala estão vivos, e bem. Ele obstinadamente fala sobre encanamentos e mofo. Ela o atualiza da condição de seus pacientes. Quando ele ouve dizer que a Miss Piggy está grávida e não sabe se o pai é o marido ou o amante, ele ri. Ele nunca sentiu simpatia pela Miss Piggy ou por qualquer outra pessoa que mantenha um caso extraconjugal de longo prazo, o que, na verdade, é uma forma de poligamia. Um caso passageiro é uma coisa, sexo com prostituta é uma coisa, mas manter uma lealdade ambígua como modo de vida é um caminho desleal a ser tomado e que só pode terminar mal.

Jodi pelo menos sempre entendeu essa posição dele; ela conseguia ver o quadro geral. Enquanto estavam juntos, ele pertencia a ela, e ela sabia disso. Muitas mulheres — provavelmente a maioria — fariam um estardalhaço por causa de pequenas distrações, ficariam magoadas com um namorico trivial aqui e um pequeno desvio acolá. É possível que ele tenha contado demais com a tolerância e com a paciência de Jodi, não a tenha valorizado o bastante por tê-lo suportado. Um erro fácil de se cometer. Jodi tem um talento especial para a aceitação. Ela não é facilmente ameaçada ou desequilibrada. Porta-se de maneira ponderada e com noção de proporção, não fica alarmada nem leva as coisas ao extremo.

À medida que passam da salada para a lula e o salmão *en croute*, ele começa a sentir como se nunca tivesse ido embora. Ali estão eles em seus lugares habituais à mesa, comendo o jantar de todos os dias. Ela não apenas está vestindo as roupas de sempre como também não se preocupou em usar o cristal, a prataria ou mesmo pôr uma toalha de mesa. A comida está boa, mas Jodi sempre cozinhou bem. Velas e guardanapos de pano compõem a mesa, mas isso também é normal.

Então ele percebe. Ela está dando à ocasião um intencional toque comum. Isso não é algo que só pode acontecer uma vez, não é um evento especial, mas

algo trivial a ser repetido. Ela quer que ajam como de costume, se comportem como se nada tivesse mudado. Preparar o jantar para ele faz parte de sua vida comum, e os prazeres da rotina sempre foram seu esteio, o cerne de sua felicidade, o foco de sua existência. Uma garrafa de vinho, uma refeição caseira, as delícias do lar, diversões previsíveis, confortos confiáveis. Ele vê exatamente o que ela pretende. É quase como um jogo.

Ele tem se sentido mal por tê-la subestimado. Jodi tem uma inteligência prática admirável. Uma adorável clareza. Ele se dá conta de que os homens vão notá-la, que talvez já a tenham notado. Pode ser que, no tempo em que esteve fora, outros homens tenham jantado aqueles mesmos pratos. E pode ser que esses outros homens a tenham amado, dormido com ela em sua cama, feito uso dos produtos de higiene pessoal que ele deixou para trás. Não são pensamentos agradáveis e ele se esforça para conter a imaginação, a parte dele que quer se levantar da mesa e sair rugindo pela sala, afirmando seu domínio, sua propriedade.

— O que você tem feito? — pergunta ele abruptamente.

— Ah, você sabe. O mesmo de sempre.

— Sei. — Ele se ajeita na cadeira. — E tem visto quem?

— Isso é um interrogatório? — pergunta ela com suavidade.

— Claro que não.

— Ellen, June, Alison.

Ele tamborila na mesa.

— Está saindo com alguém? Você sabe... romanticamente?

Ela arregala os olhos. Ele vê que ela está surpresa não apenas pela pergunta mas também pela própria ideia.

— Tudo bem — diz ele. — Mas você é atraente. Vai acontecer. Os homens vão ficar atrás de você. Se é que não já começaram.

Ela triangula a comida no prato: salmão, ervilhas, melão, criando trincheiras divisórias que formam vagamente o desenho de um sinal de paz.

— Que homens? — pergunta ela. — Eu não *conheço* homem nenhum.

— Bem, ha ha, o mundo está cheio de homens.

— Não na minha profissão. A psicologia é cheia de mulheres.

— Adler, Freud e Jung eram homens — diz ele, citando as estrelas da constelação profissional dela.

— Os tempos mudaram. Só há mulheres agora.

O melhor seria calar a boca, ele sabe disso, mas não pode tirar a imagem da cabeça agora que a conjurou: um homem sem nome, sem rosto, nu em seu banheiro, ainda molhado do chuveiro, o pinto balançando, pegando as toalhas, usando a pasta de dentes e o creme de barbear que ele deixou ali.

— Você era simpática com o jovem Carson, do fim do corredor — diz ele.

— Joel Carson? Ele tem apenas quinze anos.

— Eu notei o jeito que ele olha para você.
— Ele é um bom garoto. Muito doce e inocente.
— Os adolescentes não são inocentes.
— Bem, talvez não. Mas eu tenho idade para ser mãe dele.
— Você pode ter idade para ser mãe dele, mas não é. E eu aposto que ele vê a diferença.

— Todd, você está sendo ridículo.

— Quando eu tinha a idade dele, era apaixonado pela minha professora de história. Srta. Larabee. Ela era bonita e refinada, mas também determinada e exigente, e realmente me deixava excitado. Pensando bem, ela era muito parecida com você. Eu pensava nela o tempo todo. Eu me imaginava ligando para ela, levando-a para sair. Certa vez, cheguei a me oferecer para consertar o carro dela. Mas não era no carro que eu estava interessado.

— Bem, se é isso que está acontecendo na cabeça de Joel, ele não dá nenhum sinal. A única vez que esteve aqui, ele ficou junto à porta com a mão na maçaneta, como se não visse a hora de fugir.

— Quando ele esteve aqui?

— Ele veio pedir uma revista emprestada. Tinha saído uma matéria sobre um violinista, não lembro o nome, aquele que fez os solos de *Anjos e demônios*. Joel toca violino muito bem.

Ela se levanta para buscar outra garrafa de vinho. Traz a garrafa para a mesa, a abre, enche novamente as taças e então acrescenta:

— Não que isso seja da sua conta, consideradas as circunstâncias.

— Quando foi que você o ouviu tocar? — pergunta ele.

— No recital da escola dele.

— Você foi ao recital que ele deu na escola? Cara, você é muito ligada a esse garoto.

— Aham, claro. Joel Carson e eu. Bem, agora que você já adivinhou, eu poderia muito bem admitir tudo. Estamos tendo um tórrido romance já faz algum tempo. Começou no aniversário de quinze anos dele. Ou seria catorze? Talvez doze. Engraçado, eu não me lembro. Talvez ele tivesse apenas nove ou dez anos quando nos apaixonamos.

— Tudo bem, entendi. Mas você é atraente, é bonita, você sabe disso, e qualquer pessoa que tenha olhos nota isso. Até mesmo um garoto cheio de espinhas que toca violino.

— Joel não tem espinhas.

— Que seja — diz Todd, perdendo o interesse no jovem Carson. — A questão é que você é uma mulher e tanto, você é fantástica, e eu me apaixonei no momento em que a vi pela primeira vez, e, sim, você estava toda molhada e tinha acabado de bater no meu carro, mas era magnífica. E ainda é.

Ele vê os olhos dela se enchendo de lágrimas, estica o braço sobre a mesa

para pegar-lhe a mão e de repente entende que está vagando sem raízes, que acordou certo dia na vida de outra pessoa e não consegue encontrar o caminho de casa. Sentado ali, agora, apertando-lhe a mão, ele sente que o tempo está passando ao longe, como um trem em uma ferrovia distante, que neste momento todos os pensamentos e sentimentos que ele deixara de lado estão se reunindo com força.

— Eu estava com saudade — diz ele. — Sinto saudades de voltar para casa, sinto saudades de ir para a cama com você e sinto saudades de acordar ao seu lado. Tudo o que posso dizer é que eu devia estar louco quando pensei que conseguiria ficar longe de você.

Jodi aperta a mão dele, e as lágrimas começam a fluir, dele e dela, regando seus corações encolhidos e o amor murcho dos dois. Eles olham bem dentro um do outro agora, para além do estranhamento e da distância, e quando finalmente secam os olhos e ela se levanta e serve a mousse de chocolate, eles a atacam como crianças gulosas, lambendo as tigelas e rindo de si mesmos.

Após tirar a mesa, ela está na pia lavando a louça, mangas arregaçadas até os cotovelos, o cabelo solto, ele se aproxima dela pelas costas, abraça-a pela cintura e apoia o queixo no topo de sua cabeça.

— Eu amo você — diz ele.

Ela se volta para encará-lo, ainda presa entre seus braços, as mãos junto ao peito como se estivesse rezando.

— Ainda estou me acostumando com as mudanças em você — diz ela. — Não são só o cabelo e as roupas. Você parece mais jovem. Emagreceu?

As mãos dele exploram os delicados ossos das costas e dos ombros dela, reaprendendo suas curvas sutis, suas proporções infantis. Ele já está acostumado com Natasha, sua compleição robusta e seus quadris largos, o recesso exagerado de sua cintura.

— É impressão sua — diz ele.

Ela murmura em seu peito, sua respiração aquecendo-lhe a pele através do algodão da camisa.

— Se eu passasse por você na rua, não o reconheceria. Teria passado direto sem nem olhar duas vezes.

— Eu faria você parar e me apresentaria.

Ela sorri.

— Eu não falo com estranhos.

Ele sente que ela soltou o corpo, tombando de encontro a ele, como se tivesse se transformado em geleia.

— Você precisa superar isso — diz ele.

Com pouco esforço, ele a ergue nos braços como se ela estivesse inconsciente ou fosse um cadáver. Até mesmo seu peso morto é de uma boneca, insignificante. Enquanto a carrega até o quarto, ele se lembra desse aspecto de

Jodi, o esgotamento peculiar que toma conta de seu corpo quando está excitada.

Ela está terminando calmamente o café da manhã quando recebe um telefonema do escritório de Harry LeGroot. Quem fala é a assistente de Harry, uma moça séria chamada Daphne com quem Jodi já esteve uma ou duas vezes.

— O Sr. LeGroot me pediu para ligar — diz Daphne. — Ele gostaria de entrar em contato com o seu advogado. Poderia nos fornecer o nome e o número do telefone dele? O Sr. LeGroot gostaria de iniciar o processo.

Jodi ouve, mas as palavras assobiam ao redor dela como rajadas de vento aleatórias. Se Todd tem algum negócio jurídico a tratar, ele mesmo deveria falar com ela.

— Sra. Gilbert? A senhora está aí?

— Estou aqui — diz ela. — Repita. O que é mesmo que você quer que eu faça?

— A senhora na verdade não precisa fazer nada, Sra. Gilbert. — O tom de voz de Daphne é amistoso embora profissional. — O importante é que o Sr. LeGroot gostaria de iniciar o processo o mais rápido possível, por isso vamos precisar do nome e do número de telefone de seu advogado.

Os motivos, intenções e paradeiro de Todd têm estado em sua mente desde a noite em que ele veio jantar, a noite em que marcaram um recomeço. Ela não poderia ter desejado um encontro mais idílico, uma renovação mais gratificante de seu vínculo. Ela acertou em convidá-lo, em tomar a iniciativa. Não gostou quando, ao terminarem, ele se levantou e foi embora, mas levou aquilo numa boa, sabendo que nada que vale a pena acontece da noite para o dia, que as coisas se combinam a sua própria maneira e a seu próprio tempo. Talvez eles namorem um pouco antes de ele voltar para casa, que é o que ela tem em mente, e ela pode se conformar com isso. Mas ela não entende por que ele não tem telefonado.

Ainda segurando o telefone, ela vai até a sala, onde o sol brilha sobre a mobília e realça as cores do tapete.

— Você me desculpe, Daphne, eu não estou acompanhando. Por que não diz para Harry ligar para o meu marido e tratar do assunto com ele? Tenho certeza de que seria a melhor solução.

Ao ouvir isso, Daphne exclama, como se estivesse chocada:

— Ah, Sra. Gilbert! Eu sinto muito. Pensei que a senhora soubesse.

É evidente que ela está fazendo alguma confusão, mas, em vez de desligar para pôr os pensamentos em ordem e talvez consultar o patrão, Daphne insiste, gaguejando uma explicação que Jodi se recusa a ouvir e oferecendo conselhos que não são bem-vindos.

— Se eu fosse a senhora, contrataria um bom advogado que trate de divórcio

— conclui ela.

O que leva Jodi a apertar o botão de desligar.

* * *

Depois de arrumar os pratos e utensílios do café da manhã, ela pega os arquivos de seus dois clientes de sexta-feira e lê suas anotações. A primeira é Cinderela, uma menina simples com baixa autoestima. Revisora noturna em um dos jornais locais, sua queixa constante é de que a vida está passando por ela. Jodi tem sido proativa ao apontar opções, incentivando-a a dar pequenos passos que poderiam ter efeitos exponenciais. Ela pode, por exemplo, se matricular em um curso, entrar para uma academia de ginástica ou tomar uma série de medidas para melhorar a própria aparência, como usar lentes de contato ou investir em um bom corte de cabelo. Se você precisa sair de uma rotina mental, muitas vezes é mais fácil mudar algo do lado de fora e deixar as mudanças internas se seguirem. Quando você faz um esforço em benefício próprio, muitas vezes as circunstâncias tendem a seu favor. Jodi acredita nisso. Ela já viu acontecer. Foi o que a levou a tomar a iniciativa de convidar Todd para jantar.

Seu segundo cliente, o filho pródigo, é um jovem com um fundo fiduciário e cujos pais rotineiramente pagam suas dívidas. Por ele ser jovem e ainda estar tentando se encontrar, por ainda não ter descoberto o próprio potencial ou seus limites, e por seus pais minarem sua confiança, Jodi oferece-lhe apoio incondicional. Ele precisa descobrir as coisas por si mesmo. Se ela tomasse o partido dos pais, ele simplesmente se fecharia.

Apenas no final da tarde é que recebe o telefonema de Todd que vinha mais ou menos esperando desde a conversa com Daphne. Agora ela se sente insegura em relação a ele e não sabe bem o que pensar. Embora ainda tenha esperança — alguma espécie de promessa para o futuro —, é rapidamente trazida à razão.

— Você sabe da minha situação — diz ele. — Tem sido difícil me manter.

— Estou confusa. Você precisa me explicar por que eu preciso de um bom advogado.

— Por que alguém precisa de um advogado? Você precisa de um advogado para cuidar dos seus interesses. Veja, Jodi. Isso não precisa afetar nossa relação. Não precisa ficar entre nós. Deixe os advogados resolverem a questão de modo que ainda possamos ser amigos.

O raciocínio de Jodi trava como uma calculadora com defeito. Suas contas saíram todas erradas e agora ela está desorientada.

— Amigos. É isso que somos? Explique melhor isso, porque eu não entendi.

— Jodi, Jodi, você precisa relaxar. Nós nos amamos. Temos uma história. Mas as coisas mudam, só isso. É saudável evoluir e seguir em frente. Era *you* quem sempre me dizia isso.

— Tudo bem. As pessoas evoluem. Então, se esse é o caso, o que você veio fazer aqui naquela noite? O que foi aquilo?

— Você preferia que não nos víssemos? Como isso pode fazer sentido? Sinto sua falta. Quero ver você de vez em quando.

— Você quer me ver de vez em quando.

— É claro que quero. E você, não?

Natasha está ocupada com os planos para o casamento, que se aproxima rapidamente. Toda noite durante o jantar ela fala sem parar sobre flores, cardápios, disposição de mesas, música, votos, lembranças e bolo, até ele ter vontade de amordaçá-la. Ela já o levou para comprar um terno, e isso ao menos foi gratificante. Quando ele o experimentou na loja, ficou impressionado com o corte elegante e a silhueta jovem que a peça lhe proporcionava. Não olhou para a etiqueta de preço e esperou do lado de fora enquanto ela pagava com o cartão de crédito que ele lhe dera. O casamento está lhe custando uma fortuna, e, ainda por cima, ela o está forçando a uma lua de mel no Rio de Janeiro. Esse não é um bom momento para sair por aí jogando dinheiro fora.

Ele aprova a ideia de uma cerimônia religiosa. Natasha ficou um tempo indecisa quanto a isso, mas ele fez questão de orientá-la na direção certa. Não que ele seja um homem religioso, mas também não é um descrente. Ritual e tradição têm seu lugar, e o casamento é um desses lugares, porque o casamento é, acima de tudo, um ato de fé.

A lista de convidados inclui um grande número de tias, tios e primos de Natasha, enquanto o lado de Todd é apenas um punhado de amigos: Harry, Cliff, alguns funcionários e, é claro, suas respectivas esposas. A nuvem que paira sobre os planos é Dean, que continua firme em sua decisão de não comparecer. Continua sem falar com Todd e mal se dirige à filha. A última coisa que disse a ela foi que preferia morrer a vê-la casada com um tipo como Todd Gilbert. O que fez Natasha se debulhar em lágrimas. Dean precisa ficar esperto. Se tivesse algum bom senso, ficaria feliz pela filha. Ela vai se dar bem, será uma mulher rica e bem-sucedida, vai levar uma vida de facilidades. Será que ele realmente prefere que ela se case com um jovem punk incapaz de sustentá-la? Todd bem que gostaria de dizer umas poucas e boas a Dean, se ao menos tivesse a chance.

Ele está começando a se perguntar quando a vida com Natasha vai se acomodar, se tornar mais estável e ordenada, mais parecida com a que ele tinha com Jodi. Natasha se comporta de maneiras muito inesperadas. Ela certamente não está radiante e contente como costumam ficar as mulheres grávidas. Pelo contrário: transformou-se em uma espécie de víbora, isto é, ele não consegue prever quando ela vai explodir ou quando vai atacar. Ainda assim, ele está fazendo o que pode para ser compreensivo e flexível. Ela está sob um bocado de estresse com o fim do outono, a proximidade do casamento e o problema com o pai. Talvez seja o estresse que a esteja fazendo engordar, embora o bebê ainda não esteja aparecendo. Também pode ser por causa das brotoejas que apareceram em sua testa. Ao menos ela não perdeu o interesse por sexo, que era o que ele temia, considerando o que seus amigos lhe disseram. Alguns deles —

sujeitos que *nunca* traíram as esposas — eram obrigados a encontrar refúgio em casas de massagem e na seção de classificados para adultos. Ele se considera um sujeito de sorte por Natasha desejá-lo como sempre desejou, mas é engraçado como as coisas mudaram. Natasha agora é o trivial, enquanto o sexo com Jodi na noite em que jantaram juntos tinha o agradável sabor do adultério. Ele quase se esquecera do estranho silêncio de Jodi, da maneira como seus olhos perdem o foco e desviam para o lado enquanto ele a penetra. Ele achava aquilo irritante, mas naquela noite, por algum motivo, foi uma espécie de estimulante. Às vezes a vida nos lança umas bolas com efeito.

Ele poderia sentir saudade de Jodi caso se permitisse. São os repetidos elementos diários que constroem um casamento, os hábitos que se criam como um casal. Tornam-se uma espécie de ritmo de fundo para sua vida. Com Natasha, as coisas ainda precisam entrar em um ritmo que ele possa acompanhar. Mas ele não pode se dar ao luxo de ser sentimental. A lei diz que ele não deve nada a Jodi, que ela não é nada mais do que uma ex-namorada que perdeu a mordomia. Ela deveria agradecer-lhe por sua generosidade durante os anos em que estiveram juntos. É o que diz Harry, que quer emitir uma ordem de despejo para ela, o que lhes daria recurso legal caso precisassem. O que ele e Harry estão esperando é que Jodi caia em si e vá embora sem confusão, mas, se ela decidir resistir, então terão a ordem de despejo à qual recorrer, o que significa que podem fazer as autoridades a despejarem à força. Ele espera que não chegue a esse ponto, mas isso depende inteiramente dela.

Com tanto em mente, a última coisa de que ele precisava era essa preocupação com a própria saúde. Ir ao dentista para uma limpeza de rotina e sair pensando que você está às portas da morte. Seja lá onde estudem os higienistas dentais, certamente não lhes ensinam noções de tato ou diplomacia.

— É uma *lesão* — disse ela. — Parece *sapinho*. — Ela cutucou o local com o dedo enluvado. — Você já fez um exame de HIV recentemente?

Isso veio do nada, tanto que ele riu alto, mas com o dedo em sua boca saiu mais como um protesto.

— Não há necessidade de alarme — ela apressou-se em dizer. — Talvez não seja nada demais. Esse tipo de coisa pode se desenvolver por diversos motivos. Muitas vezes, porém, e eu sou obrigada a lhe dizer isso, está associado a um sistema imunológico deficiente. Melhor verificar, para ter certeza.

Sapinho. Um sapo pequeno. Uma palavra inofensiva que não o incomoda. É a palavra *lesão* que o preocupa. A afinidade da palavra *lesão* com HIV e aids está clara em sua mente, porque em algum momento do ano passado, ele e Jodi tenham assistido a uma reprise do filme *Filadélfia*, no qual o aparecimento de uma única lesão na testa de Andrew Beckett, interpretado por Tom Hanks, leva rapidamente à morte do personagem.

O vírus nunca o preocupou muito. Quando chegou ao noticiário pela primeira

vez, no início da década de 1980, ele era um adolescente sexualmente voraz que fazia muito sexo desprotegido porque copular repetidas vezes na traseira de um veículo não se prestava a medidas cautelares, o que, aliás, não garante uma experiência fabulosa. Sua única preocupação na época era o risco de gravidez. O HIV não era algo preocupante a não ser que você fosse gay, ou ao menos era o que diziam. E, por algum motivo, ele nunca deixou de pensar assim.

Dentistas não são médicos, mas os dentistas olham dentro de um monte de bocas, e talvez sua formação geral incluía saber identificar certas condições anormais, até mesmo aquelas que nada têm nada a ver com dentes. Quando volta para o escritório, ele se tranca no banheiro e expõe a parte interna da boca para ver por si mesmo o pequeno pedaço de fungo branco grudado à membrana mucosa como um fragmento de massa corrida. E agora não consegue tirar a língua dali. Ainda assim, muito provavelmente isso se revelará um alarme falso. As mulheres com quem se encontra que representam o maior risco são as profissionais, que não chegariam perto dele a menos que ele estivesse usando um preservativo. Preservativos às vezes estouram, é verdade, mas isso não é motivo para neuroses. É apenas um fungo, afinal de contas, e ele descobre que pode tirá-lo da mente por horas a fio, especialmente durante o dia, quando está ocupado — embora, às vezes, quando acorda no meio da noite, só consiga pensar na morte. A própria morte, é claro, mas também a morte daqueles em torno dele, o fato de que um dia, num futuro não muito distante, todas as pessoas que ele conhece, cada uma delas, estará morta e enterrada, junto a todas as pessoas que ele não conhece, para serem substituídas por uma safra de estranhos que assumirão as estruturas deixadas para trás: os prédios, as profissões. Seu prédio e sua profissão. Quando ele chega a essa conclusão, a única coisa que lhe conforta é pensar em seu filho por nascer.

Prezada Sra. Brett,

Sou o representante legal de Todd Jeremy Gilbert, que — como sem dúvida a senhora deve estar ciente — é o único e legítimo proprietário do imóvel localizado à rua North Westshore Drive, número 201 (doravante “Imóvel”), no qual a senhora reside.

Meu cliente orientou-me a informá-la por meio desta que seu tempo de residência está encerrado e ordena que saia do Imóvel em até trinta dias a contar da data deste comunicado. Durante esse período, a senhora deverá desocupar e entregar o Imóvel livre de qualquer ocupante e quaisquer pertences pessoais.

Sua aquiescência evitará que sofra qualquer posterior ação de despejo. Caso não concorde, meu cliente não hesitará em lançar mão de todos os recursos legais disponíveis.

Atenciosamente,
Harold C. LeGroot
LeGroot e Gibbons
Advogados e Solicitadores

Nos próximos anos, ela pensará nesta carta como o marco de uma mudança radical em sua atitude e posição, algo que matou silenciosamente a menina que ela era e inaugurou uma versão atualizada e desencantada de si mesma. Ao olhar para trás, ela terá a impressão de que a transformação foi praticamente instantânea, semelhante a cair ou acordar de um sonho, mas será uma noção errônea. A verdade é que a mudança acontecerá de forma gradual, ao longo dos dias e semanas seguintes. Acontecerá em etapas, a primeira sendo a negação. Esta é involuntária, que não lhe cabe manipular ou controlar, meramente reflexa, uma forma espontânea de defesa que a protege da perda catastrófica. Acontece da mesma forma como as aves, assim como pensamentos invasivos, que, podem circular sem pousar, ou como uma mensagem captada pelo seu microrreceptor pode ser comprometida pela estática, ou tal qual alguém que acaba de ser baleado pode continuar a caminhar na direção em que estava que.

Foi o sujeito de rabo de cavalo quem lhe entregou a carta. Ele se aproximou na portaria, quando ela entrava com o cão. O porteiro deve ter-lhe avisado. Era uma manhã chuvosa de sábado. Ela fechou o guarda-chuva, agitou-o e esperou

que ele se pronunciasse.

— Srta. Jodi Brett?

— Sim.

Ela pegou o envelope que ele lhe impingiu e ouviu-o dizer as palavras:

— Considere entregue.

No elevador, ela leu a carta duas vezes. Ao entrar, deixou-a no vestibulo com o restante da correspondência e foi até a cozinha, onde ligou a cafeteira. Agora, esperando o café pingar, ela come um biscoito amanteigado e dá outro para o cão. No escritório, afasta alguns arquivos e verifica a secretária eletrônica. Uma mulher ligou para falar sobre a filha acima do peso. Jodi retorna a chamada, explica que não trata de distúrbios alimentares e lhe dá alguns números de referência de uma lista que deixa sempre na gaveta da escrivaninha. Esquecendo o café, ela vai de cômodo em cômodo ajeitando a mobília e tirando fiapos dos tapetes. Pega um pano e um lustra-móveis e começa a limpar e a polir. Em dado momento, seus pensamentos voltam à carta, e ela registra algum tipo de reação, um nível de irritação que a faz largar o pano que está segurando e pegar o telefone.

— Então — diz ela. — E aquela carta do Harry?

— Jodi — diz ele. — Eu ia ligar para você.

— Você *deveria* ter me ligado. Como pôde deixar isso acontecer?

— Harry mandou uma carta?

— Um sujeito me entregou na portaria.

— E o que dizia?

— Pelo amor de Deus, Todd. Dizia que eu preciso sair daqui.

— Meu Deus. Isso foi um erro. Não era para acontecer.

— É claro que é um erro. Um erro muito perturbador.

— Jodi, ouça. Ao que eu saiba, Harry esperaria até eu falar com você.

— Falar comigo o quê?

— Eu queria não ter que fazer isso, queria mesmo. Mas é claro que você vê que eu não tenho escolha. Não posso *manter* esse apartamento. E isso não me *parece* certo. Por favor, tente entender.

— Você não pode estar falando sério.

— Mas dizer isso a você por carta não era a minha intenção.

— O que está acontecendo aqui, Todd? Que tipo de jogo é esse?

— Ouça, Jodi. Quero que você saiba que não vou fazer questão da mobília. Tudo o que quiser, é seu. Pegue o que quiser. Quero que fique com você.

— Todd, o que deu em você? Caia na real. Eu não vou *sair daqui*. E você não *quer* que eu saia. Pense nisso. Pense em nossa vida juntos.

— Jodi, tente ser razoável. As coisas mudaram.

Ela aperta o botão de desligar, põe o fone no gancho e se afasta. O que ele quer dizer com não ter escolha? É típico de Todd dramatizar suas circunstâncias,

abrir mão da responsabilidade, fingir que quem administra sua vida é uma força fora de seu controle e não ele próprio — uma maneira de se eximir de seu mau comportamento. Ela obviamente sabe que ele quer comprar outro edifício comercial. Ele passou anos falando sobre isso. Será seu próximo grande projeto, possivelmente o último, aquele que o deixará bem de vida. Desta vez não será uma reforma de quatro andares, com um labirinto de suítes alugadas para microempresários estreantes no mercado e empreendedores em dificuldades. Ele tem algo maior e mais grandioso em mente — um edifício que conste no mapa — e acha que pode fazer isso acontecer com a venda do apartamento em que ela mora. Seu apartamento com vista panorâmica do lago, os pisos de bambu e os quartos espaçosos, com o closet no quarto principal e, na cozinha, as bancadas de mosaicos, os utensílios de aço inoxidável e a máquina de café expresso embutida. Dane-se a caucasiana de meia-idade e o jovem golden retriever que por acaso vivem ali. Eles já vão embora.

* * *

Quando Dean liga no fim do dia, sua relativa falta de autocontrole a faz atender.

— Dean — diz ela —, me desculpe não ter retornado as suas ligações. Tenho certeza de que você sabe como é difícil.

— Eu sei como é. Sei muito bem como é.

— Entendo que isso seja difícil para você, Dean. Tenho pensado em você.

— Bem, e eu tenho pensado em *você*. Continuo dizendo para mim mesmo que não sou o único que foi atingido por isso, que Jodi também foi feita de boba. Bem, você sabe o que eu quero dizer. Não deve estar sendo muito agradável para você também.

— Não. Não está sendo agradável.

— Eu sei. Eu sei. Foi nisso que andei pensando, de modo que desejei me aproximar, para que você saiba que eu sinto muito por você, que você não está sozinha. Estamos juntos nessa.

— Muito gentil de sua parte, Dean. Pensar em mim quando tem tanta coisa a enfrentar.

— Não, não. Eu realmente queria que mantivéssemos contato. Você é exatamente a pessoa com quem preciso falar. Bem, você sabe... Não dá para falar com a minha filha. Pelo menos a mãe dela não está mais aqui para vê-la jogar a vida fora.

— Tenho certeza de que a mãe dela ficaria muito aborrecida.

— Natasha sempre foi uma boa menina e, sabe, ela não precisa fazer isso. Acho que ela não entende que pode simplesmente sair dessa. O que ela realmente precisa é de alguém que a faça cair na real. Uma mulher, você sabe. Ela não vai me ouvir. Alguém que tenha conhecido a mãe dela. Alguém como

— você. Eu acho que você realmente poderia ter alguma influência sobre ela.

— Você me lisonjeia, Dean.

— Soube que ela antecipou a data do casamento? Segundo sábado de dezembro. Droga. E quer que eu entre com ela na igreja. Dá para acreditar? Prefiro vê-la ferver em óleo.

— Eu sei que você não prefere isso.

— Você já falou com Todd a respeito? Por que será que ele continua me ligando? O que temos para dizer um ao outro? Trinta anos de amizade e ele joga tudo fora. Estou lhe dizendo, ele poderia cancelar tudo amanhã que não adiantaria mais nada. É tarde demais. Ele passou dos limites. Tenho certeza de que você sente o mesmo.

Dean é tão bom de conversa que poderia continuar esse diálogo sem ela. Sem dúvida, um ponto a favor para um vendedor. Mantenha sua presa distraída; não deixe espaço para que ela pense por si mesma.

— Veja, Jodi, por que não tomamos um drinque? Ou, melhor ainda, vamos almoçar, por minha conta. Precisamos ficar juntos nessa, dividir esse fardo, apoiar um ao outro. O que acha de eu passar aí para buscá-la amanhã? Podemos ir a um restaurante chinês.

Ele não quer apenas se lamentar, tem um plano para ela. Curioso ele pensar que ela, justo ela, poderia ter alguma influência sobre Natasha. Chega a ser um tanto meigo. Não é algo que ela possa usar contra ele. Mas almoçar seria um erro.

Ele está em seu Porsche cruzando a Michigan Avenue em direção ao Illinois Center. A academia tornou-se uma espécie de refúgio, a única digressão que lhe é permitida em seu caminho de casa para o trabalho, e ele tem passado mais horas entrando em forma, mesmo não estando muito disposto, mesmo quando precisa desesperadamente de uma bebida. Como agora. A conversa com Jodi o perturbou. Ele não consegue entender qual o problema dela. Será que pensa que ele vai sustentá-la para o resto da vida, enquanto ele e sua família passam necessidade? E ele não está jogando duro com ela. Ele lhe ofereceu tudo que está dentro do apartamento. Será que ela tem alguma ideia de quanto tudo aquilo vale?

Ele pensa em ligar de volta para ela, mas acaba ligando para Harry.

— O que você pensou que estava fazendo ao enviar aquela carta para Jodi? — pergunta. — Eu ia falar com ela primeiro. Nós discutimos isso.

— Deve ter sido a Daphne — diz Harry. — Vou ter uma conversa com ela.

— É isso aí, culpe a sua assistente. O problema é que agora Jodi está oficialmente puta da vida e irredutível. Droga, Harry, não acha que eu já tenho problemas suficientes?

— Acredite, Todd: ela ficaria com raiva de qualquer forma.

— Agora nunca vamos saber, não é mesmo?

— Tenha em mente o seu objetivo, ok? O importante é resolver isso, e não temos muito tempo.

Talvez Harry tenha razão em dizer que não faria muita diferença o modo como ela descobriria, mas um aviso de despejo parece desnecessariamente cruel. E isso o faz parecer mau. Implacável. Insensível. De qualquer forma, está feito e talvez tenha sido melhor mesmo, porque ele realmente precisa que ela saia de lá. Todo dia Natasha pergunta se Jodi já foi embora e o que ele planeja fazer caso ela não vá. A última coisa que ele quer é uma cena lamentável. Jodi se trancando dentro do apartamento, o xerife arrombando a porta, expulsando-a. Ela nunca o perdoaria.

Pode ser que ela só precise de tempo para se adaptar. Jodi é uma mulher prática. Em uma ou duas semanas, vai encontrar um apartamento acolhedor para alugar, vai poder se instalar ali e se sentir em casa. Não será perto do centro, dada sua renda. Ela precisará se mudar para um subúrbio, algum lugar como Skokie ou Evanston, ao menos até aumentar o número de clientes e passar a atendê-los em tempo integral. Vai fazer bem para ela, levar a profissão mais a sério, levar a *si mesma* mais a sério. Talvez ela até consiga um emprego de verdade e passe a fazer melhor uso da educação que recebeu. Ela se daria bem no mundo corporativo, faria um bom dinheiro.

O que quer que faça, ele espera que ela o deixe visitá-la, talvez até transformar isso em algo maior. De vez em quando, se se permite, ele sente muita falta dela, sente falta de sua comida, de seu bom senso, da facilidade e do conforto da vida que levavam. Talvez seja a estação o deixando nostálgico. O outono pode ser glorioso, mas também é ameaçador: sombras compridas, ventos fortes, folhas esvoaçantes, geada iminente. Ele não quer culpar Natasha, mas voltar para casa não é o que costumava ser, e a desordem é o de menos. Natasha parece prosperar no caos: vizinhos deixando os filhos com ela, pessoas aparecendo para jantar, a TV aos berros, mesmo quando ela está estudando. E isso só vai piorar quando o bebê nascer.

Ele liga o aquecimento do Porsche, o fluxo de ar dirigido ao para-brisa para evitar que o vidro embace, o rádio sintonizado no noticiário. A voz do locutor é rica e untuosa, confortadora, apesar de as palavras serem relacionadas às calamidades do dia. Mal passa das cinco e a noite já está caindo rapidamente. Os dias mais curtos devem ser difíceis de suportar para quem mora no campo, mas a cidade gera sua própria luz, uma miragem resplandecente composta por todas as cores do arco-íris. Vista do espaço, pareceria uma cúpula brilhante, o campo de força da grande cidade onde ele vive. Ele dirigiu por essas ruas a vida inteira e conhece cada trecho de asfalto, cada quarteirão. Em sua juventude, costumava fantasiar que era o dono de tudo aquilo, que a cidade era sua: as ruas, os edifícios, os geradores de energia, o sistema de purificação de água, até mesmo os esgotos — toda a infraestrutura. Mesmo hoje, esteja na rua ou caminhando pelo Blackie's ou no Crowne Plaza, ele tem a sensação de estar no comando.

Como ele adora dirigir por aí ouvindo música, observando a vizinhança e a vida nas ruas! Em seu carro, ele está tanto em seu mundo particular quanto no mundo em geral, ambos ao mesmo tempo. Ele também gosta de comer dentro do Porsche, e geralmente tem algumas balas de alcaçuz ou um pacote de amendoins no porta-luvas. Isso não é muito diferente, ele é obrigado a admitir, do amor que seu pai nutria por se esconder no porão com a garrafa e o radinho de pilha. Cada um tem seu trono, seu digno poleiro (no caso do velho, uma dilapidada poltrona La-Z-Boy), que o coloca no centro do seu mundo, e aí você se sente um belo de um mandachuva. Às vezes, em seu carro, ele chega a se *sentir* como seu pai, tem uma noção de como o velho se sentia. Aquele seu jeito de assentir para si mesmo, por exemplo, um aceno de cabeça quase imperceptível em razão de nada específico. Todd também faz isso às vezes — acena com a cabeça para as correntes de ar ou para o fluxo e refluxo do tráfego.

Ela está sentada no escritório de Barbara Phelps, advogada recomendada por sua amiga Ellen. Barbara deve ter uns setenta e cinco anos. É uma mulher pequena, cabelo tingido com hena, sobancelhas delineadas a lápis e pulsos diminutos. Seu terno cai frouxamente sobre seu corpo franzino, mas ela tem a postura de uma pilastra. De acordo com Ellen, Barbara se formou em direito quando ainda era raro uma mulher ter curso superior, e tem dedicado sua carreira à transformação de mulheres dependentes e infelizes em ex-esposas livres e liberadas — uma irmandade de prósperas divorciadas.

O escritório de Barbara, localizado em um andar alto de uma torre comercial no Loop, é decorado com uma inóspita mobília da loja Bauhaus e gigantescas telas que atestam, em dólares gastos, o poder feminino no qual baseia o exercício de sua profissão. Sentou Jodi em uma poltrona Wassily e fez-lhe algumas perguntas preliminares. Agora, enquanto se abana com a carta de despejo de Jodi, pacientemente explica que ela foi uma tola por não ter se casado com Todd quando teve a chance, porque, a essa altura, Jodi tem tanto direito ao apartamento quanto o mendigo da esquina.

— Sem uma certidão de casamento, você não tem direito a nada que ele possui. Você está à mercê da piedade dele, minha querida. Nenhum juiz vai decidir contra ele. Não existe união estável neste estado.

Jodi sente que Barbara não está compreendendo sua situação.

— Fui esposa dele durante vinte anos — protesta ela. — Tudo o que temos, construímos juntos. Ele não *pode* me obrigar a sair de casa. Se eu me recusar a isso, o que ele pode fazer?

Barbara balança a cabeça.

— Você não tem direito legal de estar lá. Se optar por ignorar a lei, só vai piorar as coisas para você no final. O mais provável é que seja posta na rua com pouco mais do que a roupa do corpo. Isso vai acontecer na frente dos vizinhos. Eu não recomendo.

— Eu construí um lar para ele — diz Jodi. — Eu cozinhava, arrumava a casa, cuidava dele. Ele não pode me expulsar só porque me acha inconveniente.

— Ele pode. E, pelo que parece, é o que vai fazer.

Jodi tenta assimilar isso. Não faz sentido, não está de acordo com sua noção de justiça. Mas então ela entende o que Barbara quer dizer.

— Tudo bem — diz Jodi. — Eu entendo. O apartamento é *dele*.

— Exato. O apartamento é *dele*.

— Mas ele vai ter que me sustentar — diz Jodi.

— Por quê?

— Porque sempre sustentou. É o nosso acordo.

— Pelo contrário. Pela lei de Illinois, você não tem direito a nenhum tipo de pensão. Mas, se formos pensar bem, você não está em uma posição assim tão terrível. Você tem a permissão verbal dele para levar os itens que deseje. Se ele estiver sendo sincero quanto a isso, você vai evitar disputas por bens domésticos e a dor de perder os seus pertences. Então: você preserva a sua dignidade e os seus pertences.

Pensando a caminho de casa, Jodi não vê as coisas dessa forma. Como sua dignidade será preservada se ela permitir que ele a mande embora, com ou sem seus pertences? Estão todos unidos contra ela: Todd, Harry, até mesmo aquela Barbara Phelps, que deveria estar do seu lado. O que eles estão fazendo pode ser legal, mas está longe de ser humano.

Ao chegar em casa, ela tira o casaco e os sapatos e deita-se no sofá. Jodi não costuma cochilar, mas se sente como uma pedra afundando em um rio barrento. Quando seus olhos voltam a se abrir, o céu lá fora perdeu a cor e deixou a sala em penumbra. Ela se levanta, tira seu conjunto Valentino e serve o jantar para o cão. Ao vê-lo comer, ela deseja ter metade de seu apetite. Hesitante, para diante da geladeira aberta e verifica o que há lá dentro. Finalmente, tira a vodca do congelador, serve uma pequena quantidade em um copo e acrescenta um toque de água tônica. Ela não costuma beber sozinha, mas esta é uma ocasião especial, que pede algum tipo de celebração. Ela sempre teve o controle da própria vida, era alguém que se saía bem, mas hoje está derrubada, e verifica que bastou um pequeno empurrão, um suave impulso, tão precária era sua posição. Duas décadas acreditando que seu modo de vida era seguro para então descobrir que o tempo todo estava por um fio. Desde que veio morar com Todd, ela tem vivido em um delírio — não tem outra definição para isso. Ela construiu sua vida sobre uma falsa premissa, sobre pensamentos positivos. A pessoa que ela pensava que era nunca existiu.

Jodi termina a vodca e se serve de mais uma dose, desta vez dispensando a água tônica. Trinta dias. É o que lhe foi concedido. Trinta dias para sair de seu tempo presente, como se extraísse uma farpa da carne viva. A que ponto chegou. Ela foi reduzida à categoria de um corpo estranho em seu próprio ambiente.

Ela conhece mulheres que passaram por algo semelhante; nenhuma delas é um modelo de comportamento. Essas mulheres, incluindo sua amiga Ellen, não surgiram com algum grau de sabedoria e graça, não conseguiram recuperar os anos perdidos ou reviver sua boa vontade. E, no entanto, muitas estão melhores do que ela. A maioria ao menos ficou com a própria casa.

A confusão que ela fez das coisas seria um prato cheio para os adlerianos. Eles são ótimos em apontar os erros no modo de vida, na capenga lógica particular e nas tolas suposições do cliente. Tantos privilégios e oportunidades e ela joga tudo fora. Ela fez tudo isso porque tinha como certo que a vida lhe seria gentil, que não havia necessidade de olhar adiante ou tomar precauções. Era uma

forma de arrogância, ela vê isso agora. Se Gerard Hartmann o tivesse detectado quando ela era sua paciente, ele teria resolvido isso instantaneamente. Na verdade, é muito provável que Gerard a tivesse salvo de si mesma se ela o tivesse deixado, se ao menos tivesse trabalhado isso com ele. Gerard sabia das coisas e tinha um instinto que o levou a prosseguir com ela — apesar de ela parecer não ter problemas e (ao menos em sua opinião) não necessitar de seus serviços.

O que não quer dizer que suas sessões com Gerard tenham sido uma perda de tempo. Assim que começaram a falar sobre seu relacionamento com Ryan, ela viu que aquilo era um nó que precisava ser desfeito. E analisá-lo não era tão doloroso. Gerard era bom no que fazia: qualificado e experiente, com uma intuição excepcional. Ele também foi o mais bondoso e gentil dos inquisidores.

Gerard: Sobre as explosões de Ryan. Você mencionou pesadelos e ferimentos autoinfligidos. Qual era o problema exatamente?

Jodi: Às vezes ele acordava de madrugada gritando. Gritava e esperneava, não se acalmava de jeito nenhum. Outras vezes, mordida a própria carne até tirar sangue. Mordia o braço ou a palma da mão.

Gerard: Ele foi levado a um médico por causa disso?

Jodi: Devem tê-lo levado ao médico. Seria o normal a se fazer.

Gerard: Você sabe se houve algum tipo de diagnóstico ou tratamento?

Jodi: Ele nunca foi diagnosticado como tendo algum transtorno mental, se é isso que você quer saber. Foi só uma fase. Ele acabou superando.

Gerard: Quando Ryan estava tendo uma crise, como seus pais lidavam com isso?

Jodi: Era eu quem lidava com isso. Isso era função *minha*.

Gerard: Por que era função *sua*?

Jodi: Porque meus pais só pioravam as coisas. Meu pai era muito disciplinador e minha mãe, você sabe, ficava por perto, impotente, torcendo as mãos.

Gerard: Seus pais lhe pediam para intervir ou isso foi ideia sua?

Jodi: Acho que no início foi ideia minha. Depois de um tempo, eles deixaram nas minhas mãos.

Gerard: Como você se sentia?

- Jodi:** Ah, muito bem. Ryan se acalmava. Mamãe se acalmava. Papai recuava. E tudo voltava ao normal.
- Gerard:** E como você se sentia com relação à suposição deles de que era você quem tinha que resolver isso, que era sua função?
- Jodi:** Acho que eu me sentia bem. Eu era só uma criança, mas lá estava eu, com toda aquela autoridade e responsabilidade. Acho que me fortalecia. Isso certamente teve influência sobre a minha autoimagem, e depois, é claro, influenciou na escolha da minha profissão. O fato de que eu era a única pessoa que conseguia fazer Ryan se sentir melhor.
- Gerard:** Você disse responsabilidade. Como se sentia sendo responsável pelo bem-estar de seu irmão? Afinal, você mesma disse que era só uma criança.
- Jodi:** Eu amava Ryan. Ajudá-lo era algo automático para mim. Nunca pensei duas vezes antes de fazer isso.
- Gerard:** Esse senso de responsabilidade por Ryan teria permanecido em sua vida adulta?
- Jodi:** Quer saber se eu me sinto responsável pelo Ryan adulto? O Ryan que não tem um relacionamento íntimo, que não está envolvido em um trabalho significativo e que não fala com a maior parte da família? Na verdade, praticamente ignorando as tarefas básicas da vida de Adler? Se eu me sinto responsável por este Ryan?
- Gerard:** Sim.
- Jodi:** Eu não esperava que você me perguntasse isso. Bem, talvez me sinta. Claro. Claro que me sinto responsável por ele. Em algum nível, creio eu.
- Gerard:** E a que credita o fato de se sentir assim?
- Jodi:** Você não sentiria o mesmo? Quer dizer, não é o que qualquer um sentiria, consideradas as circunstâncias?
- Gerard:** Como você descreveria as circunstâncias?
- Jodi:** Tudo bem, talvez o que eu sinto não seja exatamente responsabilidade. Vamos dizer apenas que eu me preocupo. Eu queria poder ajudá-lo, mas não posso. Ele não deixaria.
- Gerard:** O que você acha que desperta essa sua preocupação?
- Jodi:** Eu quero que ele seja feliz. Quero que se sinta realizado. Quando

ele ficar velho e avaliar a vida que levou, quero que ele sinta que fez boas escolhas, que não desperdiçou oportunidades, que teve algum tipo de objetivo, que persistiu e realizou algo.

Gerard: Vamos falar sobre o *seu* objetivo, o objetivo dessa sua preocupação.

Jodi: Como assim?

Gerard: O que aconteceria se você parasse de se preocupar com Ryan?

Jodi: Você acha que eu me preocupar é um problema?

Gerard: Qual é o propósito da sua preocupação?

Jodi: Precisa de um propósito?

Gerard: Você acha que se preocupar com Ryan o ajuda de algum modo?

Jodi: Tudo bem. *Touché*. Entendi. Estou entendendo. Claro que não ajuda a ele, isso ajuda a mim. Enquanto eu me preocupar, vou sentir que ao menos fiz um esforço, que não o abandonei.

Gerard: Acha que isso é o que você sentiria caso não se preocupasse? Que o abandonou?

Jodi: Provavelmente. Sim.

Gerard: O que mais você sentiria?

Jodi: Acho que sentiria ter rompido a nossa ligação. Não me sentiria mais ligada a ele. Porque, pense bem, a verdade é que eu quase nunca o vejo e não tenho como entrar em contato com ele. Então, como estaremos ligados um ao outro se eu não me preocupar?

Gerard: Então quando você se preocupa com Ryan você se sente ligada a ele. E se você parasse de se preocupar, se você perdesse esse sentimento de ligação, o que aconteceria?

Jodi: Eu me preocuparia com a perda dessa ligação. Isso deve soar ridículo.

Gerard: Ridículo não. Mas pode haver maneiras melhores de manter viva sua ligação com Ryan dentro de si mesma, sem precisar se preocupar com ele.

Jodi: Por exemplo?

Gerard: Eu gostaria que você pensasse a respeito. Vamos dizer que é seu dever de casa.

Natasha liga quando ele está a caminho da academia. Quer que ele esteja em casa às sete e que leve vinho para o jantar. Essa é Natasha. Jodi nunca lhe dava tarefas de última hora. Não que ele se importe em comprar o vinho, o que mais incomoda é a forma como ela diz isso, como se fosse uma obrigação, como se ela mandasse em tudo. Onde está o dar e o receber?, ele gostaria de saber. E ela não limpa a casa, nem mesmo prepara o jantar. No momento em que ele entra pela porta, ela o põe para trabalhar na cozinha.

Ele sai da Michigan para pegar a Adams e vai na direção da loja de bebidas de Printers Row. O lugar está lotado, com uma fila no caixa para pagar. Assim que sai de lá, ele perde a vontade de fazer ginástica e, em vez disso, decide tomar uma cerveja. Já faz muito tempo desde a última vez em que se sentou em um bar para beber.

No início ele não se importava muito com o controle que Natasha exercia sobre ele. Tendo em vista que ela tem metade de sua idade e muito apetite sexual, ele achava aquilo reconfortante. Mas esse tipo de coisa não pode prosseguir indefinidamente. E as coisas estão diferentes agora. Agora que ela está grávida e não sai para lugar nenhum.

Que se dane, ele vai dar uma passada no bar para uma cervejinha. Ao menos vai chegar a tempo para o jantar. Ela vai sentir o cheiro de bebida e fazer um escândalo, mas não vai ser tão ruim quanto na vez em que ele chegou às três da manhã, depois da visita a Jodi. Natasha não acreditou que ele tinha passado todo aquele tempo com Harry, embora, para ele, a maneira como contou a história a tornasse perfeitamente plausível: “Ficamos no bar até fechar e depois fomos a um restaurante vinte e quatro horas para comer bacon com ovos.”

— Você foi ver Jodi — disse ela, clarividente.

No final, ela o obrigou a admitir. Mas foi uma visita rápida, insistiu ele, e foi antes e não depois de seu encontro com Harry. Isso ao menos explicava as roupas que ele trouxera. E ele não teria sentido necessidade de esconder isso, acrescentou, caso ela não fosse tão controladora.

Ao chegar ao Drake, ele se senta no bar e sente como se tivesse voltado para casa. Ele ama o couro e a madeira polida, a penumbra elétrica, as fileiras de garrafas e copos brilhantes, o zumbido de vozes e a dificuldade de encontrar espaço, o primeiro gole espumante de chope que seu amigo, o barman, pausa a sua frente. Ele sintoniza as antenas na celebração que ocorre ao seu redor, a sensação de alívio e possibilidades que irrompe quando as pessoas saem do trabalho e se sentam para tomar a primeira bebida do dia, íons e feromônios à deriva, ondas de conversas e risos, as crescentes esperanças e expectativas.

Sentado em seu banco após uma longa ausência, ele sucumbe a uma terna

devoção, à reverência para com esse santuário acolhedor, com seus rituais e trajes típicos, suas coqueteleiras e agitadores, taças e copos de conhaque, cebolas em conserva e twists de limão, porta-copos de papel personalizados, um para cada bebida, a vibrante congregação e o sacerdote secular atrás do balcão realizando ritos sancionado pelo tempo. Isso o faz lembrar a igreja que ele costumava frequentar com a mãe, que o criou como católico romano (ou ao menos tentou). Ele nunca conseguiu acreditar no velhinho lá no céu, mas encantou-se desde o início com o glamour e a mística daquilo: as procissões solenes, os hábitos coloridos, os incensórios fumegantes, a cantoria. Ele adorava o fato de que algo poderia ser abençoado e, assim, mudar a própria natureza: o vinho, a água, as pessoas. E às vezes ele sonhava com o tabernáculo, a pequena e estranha casa ornamentada erguida para abrigar o enigmático sacramento. Conectava-se ao mistério e ao arrebatamento, e agora frequenta o bar do Drake da mesma forma. A salvação está ali também, para ser aceita. Somos todos instrumentos de nossas próprias verdades básicas. Tudo o que temos na vida é a força primordial que nos move através de nossos dias — nosso agente congênito nu e cru, sem tutores e sempre presente. A força da vida é o espírito santo em cada um de nós.

A presença espiritual que tinha dentro de si era forte quando ele era mais jovem — na infância, quando aprendeu a se distinguir dos pais, quando se libertou e descobriu o mundo em geral, a alegria disso, e, depois, quando se firmou no mundo dos negócios e sentiu seu poder e sua inculpabilidade, assim como quando conheceu Jodi e, através dela, a substância da comunhão. Ele é um amante apaixonado pelo mundo; quando ele está em forma, o mundo retribui. É como ele quer viver cada minuto de cada dia. Quer a possibilidade de tomar e experimentar tudo. Quer olhar para o mistério nos olhos, ser um participante, imerso — não um observador, um embalador, um arrependido.

Nem todo mundo pensa assim. Jodi, por exemplo. Mas ninguém pode viver sua vida segundo as regras de outras pessoas. E, no entanto, Jodi o admira. Admira seu sucesso, sua capacidade de realizar suas promessas, de caminhar no campo dos próprios sonhos. Ele gosta de ser admirado por Jodi. A admiração dela o impulsionou e o encorajou ao longo dos anos, o que lhe trouxe certa disciplina, o suficiente para temperá-lo um pouco, mantê-lo firme em seu curso. Ele poderia ter conseguido sem ela, mas ela fornecia aquela graxa preciosa para suas engrenagens. Nem todo homem foi amado assim. Mesmo o amor de sua mãe era comprometido, marcado pela culpa, até mesmo diminuído em face da lealdade que tinha ao marido.

Grande parte de sua vida incluiu Jodi. Os dias vividos, as palavras ditas, os sentimentos que nutriu, uma história acumulada, um quantum de significado. Sua vida com Jodi é um tesouro acumulado, costurado em uma bolsa e guardado no oco de seu peito. Ela não tem culpa por não ter conseguido salvá-lo de si mesmo.

O que ele teme agora é que o buraco negro se reabra. Às vezes ele sente a ameaça de ser tragado. Atualmente, a terra prometida é ilusória. Ele precisa ser um oportunista e aproveitar o que puder. Na penumbra do bar à tarde ou em uma noite chuvosa com a calçada como um rio de reflexões. Nos olhos desejosos de uma mulher ou em sua nudez estupenda. O amor, afinal, é indivisível. Amar mais a um não significa amar menos ao outro. A fé não é um conceito, mas algo que se carrega dentro de si.

Ele tira o casaco e o pendura nas costas do banco. Deve ter uma meia hora até que Natasha comece a se preocupar e uma hora até o jantar. Ele pede um hambúrguer com a segunda caneca de chope e o devora em três ou quatro mordidas, mas leva mais tempo para beber. Não é um bebedor como o pai. Nem é um filho da puta mesquinho, nem mesmo quando bebe mais do que deveria. Sentar para beber uma cerveja é uma pequena recompensa por um dia de trabalho, uma recompensa merecida. Ele é um bom provedor. Cuida dos negócios. Mais uma vez, ao contrário do pai. O velho não valia o chão que pisava; prova disso é que ninguém compareceu ao seu funeral. Ao menos a mãe dele teve alguns anos de paz após a morte do marido.

Lembrando-se de Natasha, ele bate no bolso em que está o telefone. Se ela ligar, ele vai tentar fazê-la se sentir bem. Tem havido muitas brigas e pouco da antiga diversão e ternura. Basicamente ela é insegura, esse é o problema. Ela deveria aprender com Jodi, que nunca tentou controlar a vida dele e não começava discussões.

Quando ela liga, ele está terminando um segundo hambúrguer, e, antes de atender, engole o último pedaço do sanduíche com um pouco de cerveja.

— Parece que você está em um bar — diz ela.

— Parei para tomar uma cerveja, já estou indo.

— Você não ia à academia?

— Não deu tempo.

— Você está no bar desde que saiu do trabalho?

— Você sabe que eu amo você.

— Não é disso que estou falando.

— É o que eu estou falando. Você é linda e eu amo você e é isso que importa.

— Se você me amasse, estaria aqui. Temos convidados para o jantar. Você esqueceu? — A voz dela beira o estridente.

— Calma — diz ele. — É só uma cervejinha.

— Você está com alguém?

— Não. Estou sozinho.

— Aposto que se esqueceu de comprar o vinho.

— Não, não esqueci.

— Você comprou?

- Sim, comprei.
- Quero que venha para casa agora mesmo.
- Tudo bem. Se você quer que eu vá para casa, eu vou para casa.
- Vou esperar na linha enquanto você paga a conta. Já pediu a conta?
- Não. Mas vou pedir, se é isso que você quer.
- Quero que você peça a conta. Vou esperar.
- Estou fazendo isso agora. Estou pedindo a conta.
- Ele sinaliza para o barman e pega a carteira.
- Então me avise quando você tiver pagado — diz ela.
- Ele conclui a transação e bebe o que sobrou no copo.
- Muito bem. Paguei a conta e estou saindo do bar.
- Já levantou?
- Já. — Ele se levanta do banco. — Estou indo para a porta.
- Você estava falando com alguém — diz ela.
- Estava falando com o barman.
- O que você disse?
- Disse para ele ficar com o troco.
- Já saiu do bar?
- Sim, já saí do bar. Vou desligar agora.
- Quero que você venha direto para casa.
- Vou desligar agora.

Faz oito dias que Jodi não sai de casa. Parecia impossível fazer isso, mas todas as suas necessidades foram facilmente atendidas. Pela internet, podia adquirir a maioria dos itens essenciais ao seu dia a dia: comida, produtos de higiene pessoal, DVDs e coisas assim. O porteiro trazia sua correspondência e um rapaz vem três vezes ao dia passear com o cachorro: de manhã, à tarde e à noite. Muito do que precisa ela já tem em mãos, porque gosta de comprar em quantidade e estar bem abastecida. No entanto, passar cada minuto de seu tempo em casa tem seus encargos. Com a perda das atividades no mundo exterior com que ela geralmente conta para se estimular, a vida diária assume uma aura de sonho. Ela tem a sensação de que a realidade está desaparecendo. E ter muito pouco a fazer torna os dias de outono, já breves, ainda mais curtos. Com tão poucas demarcações e a pouca noção de tempo se estendendo através de lugares e eventos, os dias tendem a desaparecer em um piscar de olhos. O sol nasce, o sol se põe, e o que acontece no meio-tempo não é suficiente. Suas noites, por outro lado, são inexplicavelmente longas, apesar de preenchidas por um vazio absoluto.

Em sua solidão, ela é levada a imaginar possíveis eventos futuros em sua mente, cenários que a assustam cada vez mais toda vez que os imagina. Ela imagina uma cena daquelas de filmes de guerra, com brutamontes de farda arrombando a porta e arrastando-a para fora no meio da noite. Imagina que uma das pessoas para quem habitualmente abre a porta vai trai-la: um paciente, o porteiro, o rapaz que entrega as compras. Em momentos de lucidez, ela entende que tais preocupações são irracionais. Se eles vierem, virão durante o dia, e estarão com a chave de Todd. Mas é à noite que ela sente mais medo. Entre o pôr do sol e o amanhecer, não existe um só momento em que se sinta segura.

O que ela precisa é de remédio para dormir. As marcas que vendem na farmácia não funcionam, e para obter uma receita ela precisa consultar um médico. Já pensou em tentar uma fonte na internet, mas comprar medicamentos on-line seria o mesmo que comprar na rua. Ela nunca havia tido insônia antes, mas ultimamente chegou ao ponto de esquecer coisas e ficar com visão dupla. Agora, lamenta não ter guardado a zopiclona de Natasha. Não adiantou nada dar aquilo a Todd.

Há momentos em que ela cochila, mas depois começa a sonhar e tudo vira tumulto e confusão. Quando acorda, se sente pior do que antes. Sem um bom sonífero para derrubá-la, é melhor não dormir. Cada vez mais é levada a ficar diante do computador até altas horas jogando paciência repetidas vezes, ou então leva a roupa de cama até o sofá, onde fica vendo filmes. Antigamente, costumava ler para dormir, mas hoje em dia não tem concentração para isso. Ajuda manter um copo de vodca ao lado e tomá-lo à medida que as horas

passam. Ela gosta do sabor amargo, cru, e da sensação que a bebida propicia, fazendo dela uma boneca de pano que perdeu o enchimento.

Pela manhã, no entanto, ela está exausta e ainda meio bêbada. Para conseguir atender os clientes, passa muito tempo no chuveiro e toma um bule inteiro de café, seguido de generosos bochechos de Listerine. Com sua segurança ameaçada, é de vital importância que não despreze seus pacientes, e ela está fazendo o que pode para manter as aparências, mas os problemas estão estampados em seu rosto para que todos vejam: a palidez mortal, pior do que antes, as pálpebras inchadas, as olheiras, a pele cadavérica — sinais universais de que há algo de errado. Ela retomou seu relacionamento com a maquiagem, mas blush e corretivo não fazem milagres. Nenhum de seus pacientes disse uma só palavra, mas devem estar se perguntando. Com a concentração dispersa, não é fácil acompanhar as sessões, sem mencionar o mau humor e a irritabilidade. Ela se sente a ponto de surtar no meio das sessões — quase todos os dias, com quase todos os pacientes.

Agora, está de pé junto à janela contemplando a paisagem. Repleto de nuvens, o céu está baixo, mais próximo do lago, cuspidor chuva como um animal de grande porte urinando. A água agitada e barrenta lembra um esgoto em ebulição. Não é culpa dela. Nada disso é culpa dela. Ela fez o que pôde para que as coisas dessem certo com Todd. Foi tolerante, compreensiva e indulgente. Não foi pegajosa nem possessiva; ao contrário das mulheres que se vê no programa *Dr. Phil*, que desabam quando o companheiro se afasta. Ora essa. Mulheres de todo o mundo têm suportado coisa muito pior há séculos. O conceito de almas gêmeas é uma boa ideia, mas raramente confirmado na prática. Conselheiros matrimoniais como o Dr. Phil estabelecem padrões muito altos, ensinam as mulheres a esperar muito, acabam criando descontentamento. Vivemos sozinhas em nossa psique desarrumada, possuídas por nossas crenças arraigadas, nossos desejos vãos, nossas contradições intermináveis — e, gostemos ou não, temos de aturar isso um do outro. Você quer que seu homem seja um homem ou quer transformá-lo em um gatinho? Não pense que você pode ter ambos. Ela não cometeu esse erro com Todd. Ela lhe deu muito espaço. Ele não tinha do que reclamar. Isso não é culpa dela.

Hoje é quarta-feira, dia em que Klara vem fazer a faxina. Klara é uma mulher casada, com filhos adolescentes, que faz faxina em meio expediente para complementar a renda familiar. Ela chega uma da tarde e passa quatro horas limpando, polindo, aspirando, mudando roupa de cama e lavando roupa. Klara costuma dedicar-se a todos os cômodos simultaneamente, o que significa que evitá-la é quase impossível, de modo que Jodi sempre fez questão de estar na rua quando Klara chega. Ao menos era assim que costumava ser, antes de ela se tornar uma reclusa. Hoje, Klara chegou como de costume e levou um susto quando se deparou com Jodi na cozinha. Foi a primeira vez em muitos meses que

a encontrou.

— O que está fazendo aqui, Sra. Gilbert? — perguntou a faxineira. — Está doente?

Ela pronuncia as palavras com cuidado. Seu inglês é bom, mas ainda traz um forte sotaque húngaro.

— Estou bem, obrigada — disse Jodi. — Por favor, apenas aja como se eu não estivesse aqui. Vou tentar não atrapalhar.

No momento, Klara está temporariamente ausente porque Jodi pediu-lhe que fizesse compras. Deu-lhe um maço de cheques para serem depositados no caixa eletrônico e pediu-lhe para tirar algum dinheiro e comprar uma garrafa de Stolichnaya. Poderia ter pedido a uma amiga para ajudá-la com as compras, mas isso envolveria explicações, e até agora suas amigas não sabem dos últimos acontecimentos. Nem precisam saber. Não precisam saber, por exemplo, que ela não é a pessoa que pensava ser, o ramo resistente que se curva ao vento mas não quebra, aquela que ri de tudo e ajuda profissionalmente os outros a serem mais resistentes, fortes como ela. Antigamente, ela era aberta às amigas, mas isso foi quando estava por cima. Jodi por baixo é algo que elas não precisam testemunhar. Além disso, ela mal consegue admitir para si mesma a grave e cruel situação pela que está passando. Na maior parte do tempo, contempla apenas o próximo obstáculo do dia: o paciente a chegar, a lista de itens a comprar, o olhar curioso do porteiro quando lhe entrega a correspondência, o acordo a que tem que chegar entre fazer uma boa refeição e não comer absolutamente nada.

Não tem sido difícil manter as amigas sob controle. A única que tem feito questão de ser um estorvo é Alison, que tem ligado praticamente todo dia. Alison é uma boa amiga; no momento, ela teria que admitir que é sua melhor amiga. Certamente a única pessoa que está tentando ficar do lado dela. A preocupação de Alison é comovente, e ninguém a admira mais do que ela, mas agora Jodi precisa manter a concentração e preservar energia, dedicando-se a manter a casa intacta.

Depois que Klara volta com a vodca, o dinheiro e o protocolo de depósito dos cheques, Jodi se fecha em seu escritório e fica olhando para a luz que pisca em seu telefone. Ela está consciente das pessoas que têm telefonado, mas no momento vem encarando o telefone com desconfiança, como se fosse um cão latindo. A cada um ou dois dias ela percorre a lista de chamadas não atendidas e ouve determinadas mensagens. Há algumas de Todd, mas não do Todd que ela conhece e ama. Esse é um Todd diferente, e hoje este Todd diferente ligou uma vez do celular, no início da manhã. Ela reproduz a mensagem, mas é difícil ouvir com Klara atacando sua fortaleza — está aspirando o pó, e bate o equipamento contra a porta do escritório de Jodi quando se dedica à moldura e aos painéis da porta. Tapando o outro ouvido, Jodi tenta entender o que Todd está dizendo: algo

sobre um pesadelo. Pelo jeito como fala, ele parece perturbado, mas, com todo esse barulho, ela não consegue entender a essência do que ele diz, não está com paciência e hesita menos de um segundo antes de desistir e apagar a mensagem.

Ele está no carro, dirigindo pela Clark Street rumo à farmácia localizada na esquina da Clark com a Lake. Vai comprar as pastilhas antifúngicas prescritas pelo médico. Uma bola de algodão presa por um pedaço de esparadrapo cobre o local na dobra do braço onde a agulha perfurou sua pele. No consultório médico, ele deixou para trás um frasco de seu sangue, que será examinado em busca de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo sífilis, clamídia e gonorreia, bem como HIV. O Dr. Ruben recusou-se a comentar sobre a probabilidade de o vírus da imunodeficiência humana ser a causa da lesão, que Todd acha que está maior agora.

— Vamos aguardar os resultados dos exames — disse o médico.

Todd tomou isso como um mau sinal. Agora ele tem de esperar por vários dias, dias de preocupação e maus pressentimentos que precisará guardar para si. É claro que ele não pode dizer nada a Natasha, que diversas vezes já o acusou de infidelidade. O que aconteceria se ela soubesse disso? A ironia é que ela não tem motivo para suspeitas. Ele mal olhou para outra mulher desde que começou o relacionamento com ela.

O médico teve de fazer duas tentativas para conseguir encontrar a veia, mas Todd não sentiu quase nada. Não estava pensando na agulha, estava ocupado pensando no HIV, o vírus, que ele imagina como uma espécie de globo de discoteca mutante, piscando e piscando vivamente, uma imagem derivada de ilustrações que viu na internet. Mas que mentes perversas, as dos autores daquelas representações. Com um diâmetro de cerca de dez milionésimos de polegada, o vírus é mais do que invisível, muito pequeno para preencher os verdes, rosas e laranjas das ilustrações. Para detectá-lo, é preciso o Rolls-Royce dos microscópios, capaz de ampliar algo como meio milhão de vezes o tamanho real. Até certo ponto, é um vírus inofensivo de tão minúsculo. Apenas em grande número representa uma ameaça. Assim como acontece com formigas ou abelhas, é necessário uma legião delas para que configurem uma ameaça. Mas, uma vez dentro de você, o vírus se estabelece e prolifera silenciosamente, usando seu corpo como uma fábrica, aproveitando seus recursos naturais para criar cópias de si mesmo, estabelecendo sua base de poder, destruindo seu sangue, transformando-o em uma ficção científica, e lá está você, alheio, como se nada estivesse acontecendo, até que um dia, no dentista, você perde o chão.

Não que isso vá necessariamente matá-lo. Hoje em dia, dá para manter a doença sob controle com um coquetel antirretroviral, mas ainda é uma perspectiva aterrorizante. Os medicamentos custam uma fortuna, os efeitos colaterais são pesados e você acaba escravo da profissão médica, para não mencionar o impacto sobre a sua vida sexual. A vida sexual *de Todd*. O que

Natasha teria a dizer se ele começasse a usar preservativo, ainda mais agora que ela está grávida? Como ele poderia explicar que representaria risco — e não só a ela, como também ao bebê? Mesmo que tudo saísse bem e ela e o bebê estivessem ilesos, ela talvez nunca mais lhe dirigisse a palavra. E depois, tem Jodi. Ela também teria de ser avisada.

Todd receberá os resultados poucos dias antes do casamento. Primeiro os resultados, depois o casamento, em rápida sucessão, e a verdade é que ele teme tanto um quanto o outro. O que ele sente em relação aos próximos eventos é que as coisas fugiram de seu controle. Não sabe quem está no comando de sua vida atualmente, mas certamente não é ele. Ele está começando a ver a si mesmo mais como uma testemunha à margem enquanto os outros determinam seu destino.

Ao cruzar o rio, os pneus atingem o gradil da ponte e o constante zumbido do motor torna-se um tremular irritante. Ele para em um sinal vermelho na Wacker e leva a mão à virilha. Droga, ele pretendia falar com o médico sobre aquilo. Parece uma urticária, mas não há qualquer tipo de sinal: sem manchas ou inchaços, sem vergões, sem vermelhidão, sem descoloração. Aquilo surge do nada e parece um exército de centopeias caminhando sob seu prepúcio. Quanto mais coça, mais coceira sente, mas é impossível parar de coçar. Quando ele atravessa o cruzamento, apenas uma mão no volante, está em meio a um frenesi, balançando para a frente e para trás. Os carros desviam e os pedestres se voltam para olhar, alguns deles sorrindo. Não é difícil adivinhar o que estão pensando.

Ele e Natasha poderiam estar muito bem juntos caso ela não continuasse a insistir, forçando a barra. Engravidando quando engravidou, por exemplo, e lidando com o casamento daquela forma. Todo dia ela convida mais pessoas ou acrescenta algo ao cardápio ou às mesas. Por que ela quer aspargos quando já temos salada de folhas? Ela gastou uma fortuna em arranjos florais, então por que precisa de uma escultura de gelo? Ontem ela convocou mais duas damas de honra, chegando a um total de oito, e sabe-se lá onde ela vai parar. Cada dama de honra deve receber um vestido, um arranjo de flores para o pulso e um par de sapatos. Ele também está pagando o cabeleireiro e a maquiagem. Deveria ter assumido o controle desde o início, estabelecido algumas regras básicas, alguns limites.

Ele não é um homem violento. Não é seu pai nem nunca será. Em todos os seus anos com Jodi, ele quase não levantou a voz. Mas Natasha precisa aprender que não pode mandar nele, que ele não vai ser tiranizado, nem por ela nem por qualquer outra mulher. Natasha é mandona, imatura e sem juízo. Não havia necessidade de ela ir correndo até a casa do pai, como se as relações dele com Dean já não estivessem ruins o bastante. E a verdade é que ele mal tocou nela. Um tapinha na orelha dificilmente pode ser chamado de agressão, e não foi por isso que ela caiu. O tapa a fez perder o equilíbrio momentaneamente, mas

apenas porque foi tomada de surpresa. Foi *ela* quem o agrediu, e ainda assim ela se surpreendeu quando ele revidou. Assim são as mulheres. De qualquer modo, ela se firmou e virou-se para sair da sala, e foi somente *então* que ela tropeçou e caiu. Sim, foi lamentável, mas segundos depois ela já estava deturpando a história. Tudo isso porque ele pediu para ela se controlar um pouco.

— Você sabe que eu a amo, mas você está sendo irracional.

Foi só isso que ele disse. Nada mais do que isso. E ainda assim ela assumiu aquele tom de voz:

— Eu não posso *desconvidar* metade das minhas damas de honra.

— Você não deveria tê-las convidado, para começo de conversa.

— Você disse que eu poderia ter o que quisesse.

— Natasha. Querida. Você está vestindo as suas damas de honra de Armani.

— Nem todas. Duas estarão vestindo Vera Wang.

— Muito bem. Certo. Tenha tantas damas de honra quanto quiser. Tenha dez damas de honra. Tenha vinte damas de honra. Apenas mantenha o orçamento abaixo de três mil. Eu acho que é um pedido justo.

— Ah, ótimo. Quer comprar os vestidos em uma loja de departamentos, é isso? Ou talvez em um brechó de caridade.

— Seu pai não deveria estar pagando por isso? Não é o pai da noiva quem normalmente paga o casamento?

— Nem vem, Todd. Não comece com isso.

— Por que não? Por que eu estou pagando a conta do seu pai caloteiro? Nunca nem chegamos a discutir isso.

— Assim não dá. Não sei nem por que ainda estou falando com você.

— Ele deve ter ao menos um milhão de dólares escondido. Tem casa própria e tudo. Com que ele gasta dinheiro?

— Deixe meu pai fora disso. Você sabe que ele odeia você.

— É, me odeia tanto que se recusa a pagar o casamento.

— Pensei que você quisesse este casamento. Pensei que fosse importante para você.

— Isto não é um casamento. É uma maratona de compras.

— Talvez você não queira se casar.

— Você está agindo como uma criança.

— Mas é claro, como eu ia imaginar que você era tão pão-duro?

Isso foi durante o jantar. Com a maior parte da refeição ainda nos pratos, ela deixou a mesa e fechou-se no quarto. Ele levantou-se e foi atrás. Não conseguia entender por que ela estava agindo daquela forma.

— Por que você não para com essas babaquices?! — exclamou ele.

Natasha estava deitada de bruços na cama. Quando ele disse isso, ela se levantou de um pulo e atacou-o como um gato, toda dentes e unhas.

Foi quando ele lhe deu o tapa.

Não ajudou o fato de ele não andar dormindo bem, o fato de acordar, noite após noite, com o mesmo maldito pesadelo. Isso lhe é inteiramente novo. Ele nunca tem pesadelos. Raramente sonha. Jodi diz que todo mundo sonha, mas ele, quando acorda, nunca se lembra de nada. E esse é o pesadelo dos pesadelos. Jodi ficaria impressionada. Mais do que isso: ela poderia ajudá-lo. Teria uma avaliação sobre a questão. Jodi trabalha com os sonhos de seus pacientes, sabe como dar-lhes sentido. Ele realmente precisa falar com ela — sobre isso e sobre outras coisas. A perda de controle que ele vem sentindo e a preocupação com sua saúde e seu futuro. Tem muita coisa acontecendo; e está tudo acontecendo muito rápido.

No pesadelo, ele está correndo em uma esteira na academia. É um dia normal, um exercício normal, mas mesmo assim ele sente a proximidade de uma desgraça. Então, de repente, a cena muda. A academia desaparece, a esteira desaparece e lá está ele como o Pernalonga, ainda correndo, mas agora suspenso sobre o vazio, os pés movendo-se no ar, os braços girando como moinhos de vento. O movimento contínuo de algum modo o mantém no ar, e ele continua com aquilo, desesperado para se salvar, mas seus músculos estão se cansando, sua força está se esvaindo, e ele sabe que não vai aguentar muito mais, que é apenas uma questão de tempo antes que caia como uma pedra.

Ela gostaria de ter dito que foi tudo culpa de Alison, mas ela sabe que, caso não tivesse feito sua parte, aquilo não teria acontecido. E foi mais do que simplesmente ir na onda de Alison, ela realmente caiu na bajulação da amiga, e ela se odeia mais pela bajulação, assim como no nono ano se odiava por ser a queridinha do professor. Ainda assim, ela tem que concordar que estava sob coação. Isolada, vulnerável, degradada, bebendo muito e sem comer, tentando manter o controle, mas no fundo totalmente destruída.

A maneira como Alison falou sobre aquilo foi tão casual que o alarme de Jodi jamais soou. Como se fosse um simples reparo doméstico, como consertar um vazamento; ou como uma cirurgia simples, tal qual a remoção de um apêndice inflamado. Encontre um encanador, um cirurgião, consiga o dinheiro, problema resolvido. Foi fácil. Alison fez parecer fácil. Quando Jodi finalmente compreendeu o que lhe estava sendo oferecido, se sentiu agradecida e aliviada, tanto que quase começou a chorar. Era o momento perfeito para as comportas se abrirem e toda a dor e tristeza se derramarem. Mas lágrimas raramente caem na biosfera pessoal de Jodi. Ela conhece as vantagens de um bom choro: a liberação de emoções reprimidas, a liberação de estática do organismo — mas, com o passar dos anos, ela se vê cada vez menos capaz de se entregar às emoções, torna-se cada vez mais acostumada à fragilidade que vem com a resistência. Chegará o dia, ela imagina, em que rachaduras finas aparecerão em sua pele e se ramificarão e se dividirão até ela ficar parecida com o vaso de esmalte craquelê que fica sobre a lareira.

Ela está feliz agora por Alison ter rompido seu selo hermético. Após tanto tempo sem cozinhar ou comer, foi bom entrar na cozinha e preparar o jantar para as duas, envolver-se em tarefas rotineiras como cortar e picar condimentos, o processo de transformar raízes volumosas e frutos de casca dura em formas domésticas mais comportadas: um punhado de tiras, uma pilha de cubos. A cozinha oferece a simples satisfação de medidas exatas e resultados previsíveis, embora na precisão haja também a alquimia, algo que ela aprendeu com o pai farmacêutico. Em termos culinários, a alquimia da aplicação de calor, de bater um creme ou esmagar algo em um pilão. O que é duro e impenetrável torna-se macio e permeável. Um líquido viscoso termina como uma massa aerada. Uma pitada de sementes secas libera um perfume inesperado e exótico.

Alison chega com uma maquiagem carregada e de salto alto, apesar de ser um tranquilo jantar em casa. Está muito perfumada e suas pulseiras de prata tilintam festivamente quando ela ergue os braços para ajeitar o cabelo. Jodi nunca a viu de outro modo. É como se ela sempre tivesse uma festa ou um encontro para mais tarde. Alison é capaz de transformar qualquer ocasião em

um evento.

Ela aceita uma taça de vinho e comenta que tem andado muito preocupada.

— Você não *pode* fazer isso comigo. A última vez que a vi, no caso de você ter se esquecido, foi quando saímos do restaurante e você mal conseguia ficar de pé. Custava pegar o telefone e me ligar?

A bronca é benigna e faz Jodi sorrir. Elas levam as taças para a sala, onde o panorama do céu, pálido e doentio durante todo o dia, se aprofundou até tornar-se um vigoroso preto-azulado. Jodi circula pelo cômodo ligando as luzes. Acende a chama na lareira e se instala ao lado de Alison no sofá. Na mesa de centro diante delas há um prato de canapés que Jodi tinha deixado ali antes: fatias de baguetes torradas cobertas com uma saborosa pasta de azeitonas.

Alison nada sabe do presente dilema de Jodi. A última coisa que discutiram foi a gravidez de Natasha e a possibilidade de a menina se casar com Todd. Alison não sabe que — de acordo com Dean — o casamento já tem data marcada. Tampouco ouviu falar sobre a notificação de despejo e não sabe que Jodi se enfiou em casa como um hobbit. Não sabe o que Barbara Phelps disse, nem mesmo que Jodi foi consultar uma advogada. Jodi tem guardado tudo isso para si mesma, na certeza de que até mesmo Alison, a mais indulgente de suas amigas, provavelmente não apoiaria sua decisão de jamais abandonar a própria casa como forma de proteger seu lar. Mas ela está enganada a respeito de Alison. Graças ao ramo em que trabalha, Alison já testemunhou uma série de injustiças — desde pequenas tiranias cotidianas (meninas obrigadas a dançar na frente de um ar-condicionado; meninas obrigadas a tirar até mesmo a calcinha fio dental no palco) até absolutos abusos de poder (meninas entretenendo os amigos do gerente; meninas prestando serviços especiais aos agentes da lei) —, portanto não tem uma visão filosófica de tais assuntos, não se atém a jogar, dançar conforme a música ou seguir o caminho mais fácil. Historicamente, Alison simpatiza com os menos favorecidos e se preocupa com os problemas de outras pessoas. Ela não é uma vigilante; não cria polêmica nem chama atenção para si no local de trabalho. É mais do estilo de Alison provocar um curto-circuito em um interruptor, batizar uma bebida ou dar um telefonema anônimo para a esposa ou para a mãe de algum sujeito. Ela também é conhecida por saber tirar proveito do comportamento inadequado de um policial, aliviando-o de sua arma. Jodi ouviu falar que Alison também sabe sacar armas maiores, mas até hoje não tinha formado uma imagem mental do que isso poderia significar.

Elas se mudam do sofá para a mesa e saboreiam o risoto de frutos do mar. Alison fala sobre o mau comportamento do ex-namorado de Crystal e da ordem de restrição que Crystal está tentando obter. Então, passa a descrever uma desavença entre duas das meninas, Brandy e Suki, que chegaram ao ponto de rasgarem as roupas uma da outra. Jodi escuta educadamente, mas não consegue evitar a distração. O fato de Alison estar se concentrando em problemas de

outras pessoas quando ela, Jodi, enfrenta terríveis dilemas, é culpa sua, é claro. Agora, ela deseja abrir-se para a amiga, contar-lhe tudo, mas ainda assim vacila. Alison vai rir por ela ter se escondido como se escondeu, por estar tornando as coisas mais difíceis do que precisam ser, já que sua atitude não vai fazer diferença alguma no fim.

Mas então, após o jantar — depois de terem afastado suas cadeiras, cruzado as pernas e passado do vinho para o café —, Alison a surpreende ao perguntar:

— Todd vai se casar com a menina?

É aí que Jodi compreende quem é Alison, porque à medida que a história é narrada em todos os seus detalhes humilhantes — especialmente a parte em que Jodi se torna uma patética reclusa —, Alison balança a cabeça e concorda, não podendo ser mais compreensiva ou dar mais apoio.

— Você está fazendo a coisa certa — diz ela. — Não pode deixá-lo levar isso adiante.

— Mas ele *vai* levar isso adiante — diz Jodi. — Não há nada que eu possa fazer para impedi-lo.

— Errado — diz Alison. — Podemos dar um jeito nesse problema.

— Podemos dar um jeito *nesse* problema?

— Sem dúvida.

— Ha, ha. Seria ótimo.

— Você acha que eu estou brincando.

— Brincando, não. Mas como isso é possível? Nem mesmo a advogada pôde me ajudar.

— É possível — diz Alison. — Só precisamos de um pouco de tempo para organizar as coisas.

— Tudo bem.

— Quanto tempo temos? — pergunta Alison.

— Não entendi.

— Sabemos quando eles vão se casar? Porque uma vez que isso aconteça, suas opções vão diminuir radicalmente.

— Você quer saber a data do casamento?

— Seu amigo não disse? Dean?

— Segundo sábado de dezembro.

— Que dia é hoje? Tudo bem. Acho que dá tempo. Só precisamos conferir o testamento. Desde que você ainda seja a beneficiária...

— Bem, eu sou. Ao que eu saiba. Quer dizer, ele pode ter mudado o testamento.

Ela não tinha pensado no testamento de Todd. A ideia de que ele certamente vai revisá-lo em favor da esposa e do filho, se é que já não o fez, é mais um tapa na cara.

— Ele pode não ter mudado ainda — diz Alison. — Acredito que não tenha mudado. Ele vai se casar, então por que se preocupar? É isso que ele deve estar pensando. Porque no momento em que estiver casado, qualquer testamento que tiver será anulado. — Alison dobra e redobra o guardanapo, alisando-o, virando-o, transformando-o em um retângulo e, em seguida, em um quadrado. — A lei não dá a mínima — diz ela. — A lei vai fazer você se desdobrar em vinte até ter perdido tudo, inclusive sua autoestima. Já vi isso acontecer um milhão de vezes. Esqueça a lei. Basta eu dar um telefonema e você terá a sua vida de volta.

Pondo o guardanapo de lado, ela volta sua atenção para os objetos sobre a mesa — saleiro, castiçal, copo d'água, xícaras de café —, alinhando-os como soldados.

Jodi se levanta e pega uma garrafa no aparador.

— Este Armagnac é realmente muito bom — diz ela.

Com cuidado, em movimentos suaves e precisos, ela serve o líquido âmbar e entrega o copo à amiga.

Uma revolução está ocorrendo dentro dela, como se a experiência de uma vida inteira pudesse ser superada no tempo de uma conversa. Como uma cobra mudando de pele, ela se livra de sua inútil rebeldia, da patética inocência e da sensação de não estar no páreo — alvo de uma piada jurídica. A beleza disso é que em nenhum momento ela precisa tomar uma decisão. Não lhe cabe decidir, por exemplo, se conseguirá superar suas reservas, ter raiva suficiente, fazer aquilo a sangue-frio, lidar com as consequências. Perdida em um deserto, você bebe a água contaminada que sua amiga está lhe oferecendo. Fatalmente doente, você se entrega nas mãos do cirurgião. Os prós e os contras já não contam. As opções se esgotaram. O que está em jogo é a sobrevivência.

— Renny é um profissional de primeira — diz Alison. — É um péssimo marido, mas tem bons contatos. E me deve um favor. Sem contar que precisa de dinheiro, é claro. Mas não se preocupe, ele vai cobrar um preço justo.

Jodi está cativada por esse mundo alternativo no qual seus problemas simplesmente desaparecem, e não apenas o problema imediato de manter a casa intacta, mas também os potenciais: o problema de colocar Natasha em seu lugar, o problema de atravessar os dias intermináveis que tem pela frente enquanto Todd continua a comer, dormir e a fornicar em outra parte da cidade. O mundo sem Todd não é apenas um conceito novo, mas um novo *tipo* de conceito que está escavando um novo caminho neural dentro dela, como um verme. Mas a verdadeira surpresa é Alison. Ela sempre gostou de Alison, mas vê agora que não lhe deu o devido crédito. Neste momento, ela a vê com novos olhos.

— Vai ter que ser em dinheiro — diz Alison. — Mas nem pense em sacar do banco ou conseguir alguma coisa por meio do cartão de crédito. Esse tipo de transação pode ser rastreada. Se eles perceberem que você fez uma retirada grande, vão cair em cima de você.

Jodi entende que o “eles” de Alison se refere à polícia, ao juiz, ao júri, ao promotor — toda a comunidade responsável pela aplicação da lei.

— Eu não tenho muito dinheiro no banco mesmo — diz ela.

— Mas vai ter. Por que você não vende alguma coisa? Suas joias. Algumas dessas bugigangas.

Dois pares de olhos se voltam para diversos objetos na sala. As estatuetas peruanas de ouro, a litografia de Matisse, a pintura Rajput na moldura dourada.

— E não procure um agente. Encontre compradores on-line. — Ela levanta a mão de Jodi e observa a pedra de seu anel. — Escolha objetos menores, portáteis. Faça questão de receber em dinheiro. Você vai ter que ser rápida. E arranjar o suficiente para fazer uma viagem enquanto estivermos nessa. Vai querer estar longe daqui quando chegar a hora.

É cedo. Ele está sentado à sua mesa de trabalho. As embalagens de sanduíche estão na lata de lixo junto ao seu pé esquerdo, assim como o copo descartável do primeiro café do dia. O café número dois ainda está por vir. Apesar da cafeína, ele se sente tonto, não totalmente desperto, mas mesmo assim ciente do pequeno animal que se remexe em suas entranhas. Tem tomado os remédios para dormir de Natasha, mas eles não adiantaram contra esta presença aparentemente incansável que corrói, cospe e coça, que o impede de dormir profundamente por muito tempo. Essa sensação de ter um inquilino turbulento dentro do corpo é nova e antiga para ele. Houve uma época, não faz muito tempo, em que ele ingenuamente acreditava que Natasha pudesse eliminar sua ansiedade para sempre, como se seu amor fosse uma espécie de encantamento capaz de mantê-lo sempre em segurança.

Ao ouvir Stephanie chegar, ele olha para o relógio. Stephanie sempre teve uma interpretação livre da noção de horário de expediente, mas ultimamente ela não tem nem se dado o trabalho de se desculpar. Ele se ressentia por ela dar como certas a boa vontade e a generosidade do patrão. Ele deveria falar com ela, definir seu conceito de pontualidade. Em um mundo melhor, poderia lhe fazer uma advertência. O problema é que, do modo como tem agido, ela pode até mesmo deixá-lo. Distante, beirando a grosseria, o que sem dúvida tem a ver com a lealdade que ela tem para com Jodi.

Ele a ouve se movendo pelo escritório: lavando canecas no banheiro, ouvindo a secretária eletrônica, fazendo um telefonema. Seu perfume de chiclete de cereja atinge as narinas dele com força, seguido por um aroma de algo de tonalidade mais escura — o café que ela está preparando. Stephanie, que sempre está com um café em mãos, vive desafiando a pausa para o café. Toda semana ela gasta dois, talvez três sacos de café premium do Starbucks, o que deve estar lhe custando dez dólares cada meio quilo, supondo que ela o compre e prepare só para o escritório e considerando o fato de que Todd bebe toda a sua cota diária de café antes mesmo que ela chegue, o que deixa apenas Valerie, a contadora do 202, e Kevin, do escritório de impressão, para se juntarem a ela em uma pausa, o que fazem regularmente. Ele deveria descontar de seu salário não apenas o café como também o tempo que ela gasta fofocando com os outros inquilinos do prédio.

Todd decide confrontá-la, mas quando ela aparece à porta da sala dele, caneca de café em uma das mãos, arquivos e bloco de notas na outra, ele repara sua expressão carrancuda e decide não desafiar a sorte. Além disso, é distraído pela blusa que ela está vestindo e que ele não tinha visto ainda. A gola cavada revela mais do que a clavícula de sempre, e seus seios — mamilos sobretudo —

projetam-se contra o tecido macio. Os sentimentos urgentes que surgem a partir da presença diária de Stephanie em sua vida às vezes podem deixá-lo confuso e sem ação. E ele fantasia mais com ela do que com qualquer outra mulher.

Ela atravessa a sala, senta-se à escrivaninha, diante dele, e diz:

— Não sei por que você bebe essa porcaria da mercearia quando o café aqui do escritório é muito melhor. Quanto paga por isso? Um e cinquenta, dois dólares o copo? Isso pesa no orçamento, sabia?

O sangue lhe sobe à cabeça, mas ele se controla e deixa passar.

— Ainda estou pagando os cartões de crédito de Jodi? — pergunta Todd.

— Claro. Nada mudou.

— Quantos são?

— Seis. Sete. Sete, se contar o Citgo que você também usa.

— Quero que você cancele todos os cartões dela. Pague o valor total e depois cancele.

— O Citgo também?

— Sim. Qualquer coisa à qual ela tenha acesso. Cancele todos, não esqueça.

Ela hesita, a caneta pairando sobre o papel.

— O que foi? — pergunta ele.

— Espero que você a avise.

— Ela vai descobrir em breve.

Stephanie volta os olhos para o bloco de notas e não diz nada, mas ele percebe a reprovação, evidente na posição de seus ombros e na inclinação de sua cabeça. Que se dane. O gesto de desafio não o afeta tanto quanto ela gostaria. Stephanie deveria cuidar da própria vida. Ele precisa ser duro com Jodi, mostrar-lhe que seus dias de mordomia acabaram, que ele não está de brincadeira, que está falando sério.

Encerrada a conversa, Stephanie está recolhendo os arquivos quando ele diz:

— Acho que não preciso lembrar que o que acontece neste escritório é estritamente confidencial.

Ele espera uma resposta que não vem.

Depois que Stephanie vai embora e fecha a porta, ele se levanta e anda pela sala com punhos cerrados e um caminhar estranho, fazendo o possível para conter uma vontade irresistível, uma rebeldia que se desintegra em menos de um minuto, dando lugar a um surto de coceira frenética e histérica. É como se ele tivesse eletrodos grudados em suas bolas ou um fio desencapado sibilando dentro de sua calça. Seu pobre pênis poderia iluminar o mundo. E mesmo em meio à dor ele sente vergonha — vergonha por não poder ficar parado, por não conseguir manter as mãos longe da virilha, como se fosse um velho pervertido com uma infestação de chatos. E nem é isso o pior de tudo. O pior é que este frenesi vem misturado com terror. E se isso nunca acabar? E se não apenas persistir como também se agravar e se espalhar até que ele não consiga mais

pensar, comer ou dormir, não consiga fazer nada além de se coçar? E se ele precisar se internar em um hospital? Ainda assim, o que poderiam fazer por ele além de enfaixar suas mãos, atá-las à cama ou induzi-lo a um coma?

O outro componente de seu terror é pensar que isso não estaria acontecendo a menos que houvesse por trás uma doença mais séria, tal como o HIV que ele certamente tem. Ele precisa enfrentar o HIV, porque concluiu que é a única explicação plausível para sua lesão. Quando o sistema imunológico falha, é como canos que secam: com a ausência de água e lubrificação, começam a crescer coisas nos lugares escuros e úmidos. Fungos, por exemplo. Na biologia, o fungo é um reino em si mesmo, uma terra documentada de podridão e decomposição, um lugar de bolores, leveduras, esporos e todo tipo de coisas que crescem no escuro, um conto de fadas que deu errado. *Era uma vez, no Reino dos Fungos, uma pequena manchinha chamada Sapinho que construiu uma casa para morar na boca de...*

Ele pega as pastilhas antifúngicas na gaveta da mesa, tira uma do pacote, leva-a à boca e a prende no interior da bochecha, mas ele sabe que aquilo é, na melhor das hipóteses, um paliativo, que não reverterá as condições que permitiram que o Sr. Sapinho estabelecesse residência. A pastilha não vai insuflar um espírito de luta em suas mucosas, não vai acionar a bomba de seu sistema imunológico, não vai parar a diabólica coceira. Seria isso um castigo pelo que ele está fazendo com Jodi? Se fosse católico, se tivesse persistido na religião, poderia ir ao confessionário e pedir perdão a Deus. E o faria não só pela própria aflição, mas também porque lamenta, realmente lamenta. No entanto, como poderia dar continuidade a sua vida? Quais mudanças ele poderia fazer para se eximir? Não pode deixar Natasha agora, não enquanto ela está grávida, e manter dois lares não está dentro de suas possibilidades. Ele está tentando viver da melhor maneira possível, quer fazer o certo, e, sim, ele cometeu erros, mas não se pode dizer que ele não é uma boa pessoa, que não tem consciência, que não tenta ser o melhor que pode. Ele é um homem generoso, droga. E não é tão rico quanto todo mundo parece pensar que é. E também sabe que é um homem bom, alguém que não guarda rancores nem mata insetos, um homem que gasta dinheiro em banheiros que economizam água, embora as grandes indústrias do país desperdicem mais água por dia do que seus banheiros economizariam durante toda uma vida.

Ele diminui o ritmo, faz uma parada, aperta as mãos uma na outra, prende a respiração, espera e aguenta. A ilusão é de que, se você coçar, a coceira vai embora. Não é assim que funciona normalmente? Mas esta não é uma coceira comum, portanto só a resistência vai lhe permitir vencê-la e atravessar a ponte para a sanidade e a paz. Assim. Está vendo? Está diminuindo agora para um débil tremor, a vibração de um instrumento de cordas se extinguindo, o estremecer de uma folha, o ronronar de um gatinho. Mas é aí que a ilusão surge novamente com toda a força, a noção de que é apenas uma pequena coceira que precisa ser

coçada, e a vontade de coçar é esmagadora. Ele está de joelhos agora, cabeça curvada, lágrimas pingando no piso de granito, implorando a Deus pela capacidade de resistir. E em seguida, de uma só vez, sem formalidades, acaba, vai embora como começou, subitamente.

Ele se levanta sentindo-se um fantasma. Passa a mão pelo cabelo, inspira profundamente, circula pela sala, volta à mesa e pega o telefone para ligar para Natasha.

Esse buraco em que se meteram — ele está disposto a admitir que a culpa é sua. Ele precisa relaxar e observar a situação com mais calma. Tem ignorado o filho nos últimos tempos. É claro, o filho está sempre presente sob a forma do abdome distendido e do humor volúvel da mãe, mas o que ele precisa ter em mente é seu filho em pessoa, o indivíduo único, com dedos nas mãos e nos pés e um coração (embora microscópico) dado por Deus, como ele viu com os próprios olhos naquele granulado turbilhão preto e branco na clínica de radiologia. Ele teria aceitado uma filha — não é hora de fazer distinções triviais —, mas o fato é que ele tem um filho, e seu filho é o futuro, o impulso para a frente, o paradoxo cujo nascimento colocará um fim a todo combate ou comoção. Seu filho, ao chegar, o fará ajoelhar-se.

E Natasha vai mudar, tendo um bebê para criar. Deslocará a atenção dedicada a ele para as muitas necessidades da criança. Ele está ansioso por isso, mas até lá, o mínimo que pode fazer é esforçar-se para ser mais tolerante e mais complacente, porque é mais forte que ela. O fato é que ela é um mar borbulhante de hormônios com instintos fora de controle levando-a a lutar pelo melhor ninho e por direitos exclusivos sobre o homem provedor. Ela pode estar passando por uma espécie de insanidade temporária, mas a última coisa que ele quer é frustrá-la ou detê-la, uma vez que o propósito dela é também o seu propósito. Foi prematuro tentar fazer valer seus direitos como agente independente — ele vê isso agora. O que ele precisa fazer é dizer que a ama e pedir-lhe para voltar para casa.

Encontrar compradores on-line é mais fácil do que ela pensava. Há um próspero mercado para os itens que ela tem para vender. Na verdade, as pessoas estão praticamente fazendo fila para ter a chance de encontrá-la no Instituto de Arte ou no Crystal Gardens e pagar por seus objetos. Para levar o negócio adiante, ela precisa sair de casa, mas não pode fugir a isso. Na verdade, ela acaba por desfrutar imensamente dos passeios, deleitando-se com os ventos gelados que fazem seus olhos lacrimejarem, com o cheiro de comida que emana das cozinhas dos restaurantes, com a visão de multidões de estranhos em espaços públicos — assim como ela, famintos por qualquer tipo de estímulo sensorial.

No início, houve alguns problemas com a autenticidade dos objetos. Os e-mails que as pessoas enviavam em resposta aos seus anúncios incluíam comentários como: *Adorei o anel, mas como saber se é verdadeiro? A pintura pode ser falsificada. E se houver algum problema? Posso ficar com o seu número de telefone?* Mas o que acabou se revelando foi que muitas pessoas não estão preocupadas com isso. Talvez sejam joalheiros, revendedores ou especialistas disso ou daquilo. Ela não sabe porque não pergunta.

Divulgar seu endereço de e-mail, encontrar-se pessoalmente com os interessados — tais riscos não podem ser evitados, e ela os compensa vestindo um velho anorake e um gorro de lã que era de Todd. O semidisfarce completa o drama. De pé junto ao quadro *No Limiar da Liberdade*, de Magritte, no terceiro andar da ala de arte moderna, esperando por um homem com um bigode basto, ou sentada em um banco junto às fontes esperando uma mulher com luvas vermelhas de couro, ela pensa em si mesma como alguém que está representando um papel, uma personagem em um palco. A representação é uma diversão. Tudo o que ela tem a fazer é recolher o dinheiro sem pensar no destino que vai dar àquele valor. E, quando volta para casa, ela o junta à pilha crescente dentro da pasta preta de couro Louis Vuitton — um presente que deu a Todd, mas que ele nunca usou —, satisfeita em ver a pilha aumentando.

Ela imagina que Alison pedirá um depósito, mas acaba dando à amiga o pagamento total, adiantado. É assim que Alison quer, e Alison é sua melhor amiga agora. Além do mais, o dinheiro não significa nada. Bem que poderia ser dinheiro de brinquedo, dinheiro de Banco Imobiliário. Ela nunca pensa nos itens que vendeu. Em algum lugar ao longo do caminho perderam o poder que exerciam sobre ela, tornaram-se desinteressantes, significativos apenas em termos de seu poder aquisitivo. Ela chegou até a perder o respeito pela pasta, vendo-a apenas como um recipiente para o dinheiro. Depois que paga Alison, joga fora a pasta sem pensar duas vezes.

Agora que sabe como conseguir dinheiro, ela se preocupa menos com o

futuro imediato. Isso acaba se revelando oportuno no dia seguinte em que fecha o negócio com Alison, pois Stephanie liga para avisar:

— Eu liguei para lhe dizer, Sra. Gilbert... achei que a senhora deveria saber... que ele vai cancelar os seus cartões de crédito.

— Entendo. Tudo bem. Vai mesmo?

— Sim. Todos eles. — Stephanie fala baixo, com urgência na voz, como as pessoas falam quando estão contando segredos. — Eu pensei que deveria avisá-la para, sabe como é, a senhora não ser pega desprevenida. Por favor, não diga a ele que eu liguei.

Inesperadamente, Jodi acha aquilo engraçado. Não ocorreu a Todd que esse jogo pode ser jogado a dois. De qualquer modo, ela tem um cartão de crédito próprio, que, ironicamente, vinha usando para comprar presentes para ele ao longo dos anos. A pasta Louis Vuitton, por exemplo, embora este não tenha sido um de seus presentes mais extravagantes. Certa vez, ela lhe comprou um cavalo de aniversário, e ainda pagou-lhe aulas de equitação. Apenas uma de suas ideias. Ela pensou que aquilo daria a ele descanso do trabalho, o faria sair para tomar ar fresco e fazer exercícios. Ele ficou interessado no início, mas, é claro, não durou muito.

Quando põe o fone no gancho, ela faz uma dancinha de exultação, mas logo seu bom humor passa e ela fica com a mesquinhez do cancelamento dos cartões de crédito ao lado da magnitude do plano que pôs em movimento, o indizível evento futuro que convocou e pelo qual pagou. Há vozes dentro dela lhe dizendo para reconsiderar a decisão enquanto ainda é tempo, mas ela se sente presa de uma sensação de destino se cumprindo, uma relutância para retrair seus passos. No fundo de sua mente ela cruzou uma linha, acha que deve procurar ajuda, e pensa em Gerard — poderia procurá-lo. Mas afasta tal pensamento. Gerard deve estar aposentado, vivendo na Flórida ou no México; além disso, o que ele poderia fazer por ela agora? Jodi deveria ter permanecido com ele quando teve a chance, deveria ter se permitido continuar a terapia, chegar a sua conclusão natural.

Ele era bom em seu trabalho, nunca houve qualquer dúvida quanto a isso. Foi Gerard quem lhe abriu os olhos a respeito de Ryan, quem a trouxe para a realidade e acabou com seu hábito de brigar com os fatos. Foi por causa de Gerard que ela finalmente aceitou que Ryan estava vivendo a própria vida, à sua maneira, que ele tinha de fazer as próprias escolhas, que o que Jodi queria para ele — a segurança material, a evolução pessoal — eram ambições dignas, mas não as ambições dele, que suas dúvidas em relação a ele eram baseadas em julgamentos, que julgar os outros era fazer-lhes mal deliberadamente. Respeitar as diferenças, ela entendeu, ia além de simplesmente fazer concessões; significava abrir mão de uma perspectiva limitada, da suposição de que você necessariamente está certo e os outros, errados, que o mundo seria um lugar melhor se todos pensassem como você.

Ela precisava ser reconhecida, e Gerard foi pródigo em seu louvor. Aplaudiu sua vontade e perspicácia, elogiou-a por desafiar a si mesma e implementar a mudança. Era um progresso inesperado, uma vez que, antes de Gerard, ela achava que não tinha problema algum, pois, em sua mente, Ryan é que era o problema.

Com essa conquista em mãos, Jodi e Gerard avançaram com energia renovada. Falavam sem parar sobre a infância dela, como era ser a filha do meio, sobre os seus pais esperarem menos dela, o fato de ela os ter desafiado se superando na escola e se firmando tanto como profissional quanto como dona de casa. Não havia como negar que ela tinha uma veia competitiva. Conversaram sobre as características que ela herdara de cada um deles: da mãe, o amor à vida doméstica; do pai, a devoção ao método e ao detalhe. Ela era mais produto de sua família do que imaginava.

As sessões eram envolventes, até mesmo agradáveis, mas ela começou a suspeitar de que as descobertas a respeito de seu relacionamento com Ryan estavam destinadas a ser a apoteose de seu trabalho com Gerard, que não havia nada significativo a ser realizado. Assim, começou a ficar inquieta, até mesmo um pouco entediada, e disse a Gerard que tinha a impressão de estar perdendo tempo. Começou a temer que fosse superficial, tragicamente carente de qualquer profundidade ou substância real. Chegou ao ponto de quase desejar ter tido uma infância horrível, um pai abusivo, uma mãe alcoólatra. O que ela não teria dado por uma história de depressão ou ansiedade, um transtorno alimentar, baixa autoestima, alterações de humor, ataques de pânico? Se ao menos gaguejasse ou lavasse as mãos compulsivamente. Nem procrastinadora ela era. Com o passar das semanas, ela começou a zombar do próprio equilíbrio mental. Chegava ao consultório dele e dizia: “Doutor, eu amo a minha vida e sou feliz. O que devo fazer?” E Gerard respondia: “Não se preocupe. Eu sei a cura.”

Até que chegou o ponto de virada.

Não foi em um dia muito propício, foi um dia sem muitas esperanças de progresso. Lá fora, a primavera cobria as árvores de flores, mas ali dentro Jodi vestia um suéter de lã sobre um pulôver por causa do ar-condicionado e Gerard estava um tanto dispersivo, sem sua concentração habitual. Estavam pulando de um assunto para outro, incapazes de encontrar algo interessante, de forma que a exaustão tomava conta dos dois à medida que a sessão se aproximava do fim. Ela percebeu que não tinham mais o que dizer. Era hora de ir para casa. Então, em um valente e derradeiro esforço, Gerard lhe perguntou sobre seus sonhos.

Jodi: Têm sido o mesmo ruído branco de sempre.

Gerard: Defina ruído branco.

Jodi: Ah, você sabe. (Aborrecida por ele fazer essa pergunta já que ela

sempre usara o termo.)

Gerard: Então me dê um exemplo para me distrair.

Jodi: Ah, bem, tipo: eu estou em uma festa conversando com pessoas que não conheço quando vejo a mim mesma no espelho e percebo que estou seminua, mas não sinto nada quanto a isso. Então, estou na casa dos meus pais, procurando alguma coisa, mas não lembro o quê. Mesmo no sonho não parecia ser algo importante. Coisas assim. Ruído branco.

Gerard: (Silêncio.)

Jodi: Bom, eu tentei.

Gerard: Eu sei.

Jodi: (Silêncio.)

Gerard: Então, é isso.

Jodi: Acho que sim.

Gerard: (Silêncio.)

Jodi: Espere. Eu sonhei com Darrell.

Gerard: Você teve um sonho com Darrell?

Jodi: Acabei de me lembrar.

Gerard: Conte como foi.

Jodi: Darrell vinha me visitar. No momento em que ele chegava, eu estava escrevendo um sonho, que era um sonho de Darrell. Era um sonho de Darrell, mas eu o tinha sonhado por ele. Eu tinha um caderno inteiro de sonhos de Darrell, que remontavam à infância dele. Eu vinha sonhando os sonhos para ele, e escrevendo-os.

Gerard: Prossiga.

Jodi: É isso. Eu perguntava se ele se lembrava de algum daqueles sonhos, mas ele não estava interessado e não queria falar sobre isso, então foi embora.

Gerard: Como você se sentiu enquanto isso estava acontecendo?

Jodi: Assustada. Eu me senti assustada.

Gerard: O que a assustou?

Jodi: Toda a situação. Foi assustador.

Gerard: Mas depois você esqueceu o sonho. Quando eu lhe perguntei sobre

os seus sonhos, você disse que eram apenas ruído branco.

Jodi: Acho que o afastei da minha mente.

Gerard: Você sentiu mais alguma coisa? Além de ter ficado assustada?

Jodi: Não. Não, mais nada. Eu estava só assustada. Apavorada, devo dizer.

Gerard: Com algum elemento específico do sonho?

Jodi: Acho que estava apavorada no lugar de Darrell. É como se eu o mantivesse em uma unidade de apoio à vida ou algo assim, mas ele estava sem sangue, totalmente desativado. Não sei por quê, mas isso era assustador. Por ele não participar dos próprios sonhos. Como se estivesse ausente. Como se não existisse.

Gerard: E você estava fazendo isso por ele.

Jodi: Sim.

Gerard: E você estava fazendo isso porque...?

Jodi: Porque eu o amava.

Gerard: Você sentia amor por ele no sonho?

Jodi: Sim. Sentia.

Gerard: Então no sonho você sentiu medo e também sentiu o seu amor por ele.

Jodi: Sim.

Ficaram em silêncio um instante, e depois Gerard olhou para o relógio e disse:

— Vamos voltar a isto na próxima semana. Eu gostaria que você escrevesse esse sonho com o máximo de detalhes que conseguisse e o trouxesse para a próxima sessão. Vai ser o seu dever de casa.

Ela se levantou para ir embora, tirou o suéter, guardou-o na bolsa, pegou o casaco do cabide e agradeceu a Gerard ao sair. Foi até o elevador e apertou o botão. Enquanto esperava, ficou encarando as portas do elevador, olhando para os próprios pés calçados com botas Doc Martens, observando o tapete — tinha um padrão geométrico em azul e laranja, mas em uma escala tão minúscula que o efeito geral era de um tom de bege. Sentiu um vento cáustico subindo dentro de si, sem obstruções, como se suas entranhas não passassem de uma paisagem árida. Pensou em descer de escada, mas sentiu como se estivesse presa àquele ponto, como se o tapete e as solas de seus sapatos estivessem fundidos como um enxerto de pele. E naquele instante ela soube que não tinha como voltar atrás, que os tempos simples e não complicados de até pouco antes estavam perdidos para

sempre. Nada mais de sentar-se com Gerard imaginando o que dizer. Nada mais de brincadeiras sobre sua infância perfeita. O sonho fora recuperado e, junto, a lembrança, tão inevitável quanto um monte de latas amarradas na traseira do carro de um casal recém-casado. Ela agora não podia reverter o processo, não podia mais fechar a mente para aquelas imagens e reabsorvê-las no tecido do esquecimento.

A lembrança fora revivida, voltando intacta, imaculada, totalmente dimensional, como parte de sua história de vida, completa, com análogos viscerais — gostos, cheiros, sensações — de tensão real. No entanto, era uma lembrança cega, vestida de escuro, o que a fez supor que os eventos recordados haviam transcorrido durante a noite. Ou isso, ou a menina que ela fora fechara os olhos resolutamente, decidira desde o início reduzir o ofensivo estímulo sensorial. Inicialmente, a explosão dentro dela fora toda dor e alarme, mas depois ela aprendeu o truque da entrega, veio a entender que a capitulação era seu meio de libertação, seu bilhete de saída. Sua única esperança agora era de que ela talvez tivesse sido cúmplice, desempenhado um papel naquilo, porque, se assim o fosse, então talvez ainda pudesse amá-lo e nada precisaria mudar. Mas ela tinha apenas seis anos e Darrell, doze, e ela não via como aquilo poderia ter sido culpa sua.

Natasha voltou para casa, mas não o perdoou. Em muitos aspectos, as coisas voltaram ao normal — sentam-se para jantar, ela estuda, ele arruma a casa, as visitas vêm e vão —, mas ela passa a se despir no banheiro e a dormir antes que ele se deite, e ela o mantém em um rigoroso toque de recolher, que força sua boa vontade, e continua a testar sua paciência com a conversa incessante sobre arranjos de centro e lugares à mesa, para não mencionar carrinhos e cadeirinhas de bebê, nada disso relacionado ao amor deles ou ao filho — cujo nome, aliás, se tornou assunto de intensa especulação e debate, envolvendo todos os seus amigos e vizinhos. Ela só vai se dar por satisfeita depois que vasculhar cada verbete da parte masculina de um volume enciclopédico intitulado *Um século de nomes de bebês em países de língua inglesa*. Natasha se recusa a aceitar que nomes como Herschel e Roscoe nem devem entrar em discussão, e colocou Clarence e Ambrose em uma pequena lista em constante expansão. Post-its com nomes como Chauncey e Montgomery estão colados no espelho do banheiro e são reorganizados à medida que um ou outro ganha ou perde precedência.

— Você não pode vetar um nome só porque não gosta dele — afirma ela absurdamente.

Chega um momento da noite — ao fim do jantar, quando o apartamento é um cubículo superaquecido tomado de odores rançosos e convidados indesejados — em que ele só consegue pensar em atirar-se pela janela. Seria bom se houvesse alguém com quem pudesse falar da maneira como costumava conversar com Jodi. Mas Jodi não vai falar com ele agora, e com os amigos a conversa não passa de bravatas, sem mencionar que seu tempo com eles foi reduzido.

— Se você quer vê-los, Todd, por que não os convida para jantar?

Ele sente falta de chegar em casa à noite e passear com o cão à beira do lago, um interlúdio que bania as preocupações do dia a dia e ajudava-o a se preparar para o sono. No meio da noite, com a cidade adormecida e silenciosa, ele caminhava pela orla e sentia-se sozinho em um deserto, ouvia o rumor da água, seu arfar e suspirar, submetendo-se ao imenso vazio do céu, suas dobras infinitas descendo em cascata até o horizonte. Em noites claras dava para distinguir a Ursa Maior e a Estrela do Norte. Ele conhecia Orion, Cassiopeia e Pégaso e tantas outras constelações, e quando não havia lua e estava muito escuro, contemplava a Via Láctea. Quando menino, sonhava estar no meio de um mar de estrelas; não em uma nave espacial, mas flutuando livremente, nadando de costas em meio a elas, um bilhão de trilhões de pontos de luz que estalavam e caíam sobre sua pele como fogo frio.

Esse devaneio tão agradável foi afastado e quase esquecido. O som que ouve

em absoluto silêncio, um zumbido, ele interpreta como pressão atmosférica. Quando menino, imaginava que tudo, absolutamente tudo fazia barulho — ele só precisava se permitir ouvir. No outono, as folhas mudando de cor, um som diferente quando se tornavam amarelas ou vermelhas. A queda da neve no inverno. Brotos se formando nas árvores na primavera. Nuvens à deriva. Passarinhos voando, suas sombras se movendo no chão abaixo deles. Ele gosta de estar em sintonia com as coisas como são, viver no mundo em sintonia com sua música. Quando isso funciona, ele pode fazer e ser qualquer coisa. Algumas pessoas chamam isso de sorte.

Não há mais por que restringir a bebida ao fim do dia, de forma que ele tem procurado locais onde possa tomar algo na hora do almoço. Sua nova descoberta é um bar de esportes no Humboldt Park, um refúgio fora de mão com veteranos de guerra bebendo cerveja barata e jogando dominó e uma mesa de bilhar surrada nos fundos — um estabelecimento onde o ar está parado desde 1980, a julgar pelo cheiro. O que mais lhe agrada ali é que não há o risco de esbarrar com nenhum conhecido. O velho espanhol com chapéu amarrotado, dono do lugar, passa os dias sentado em um banquinho junto à caixa registradora, enquanto uma única garçonete faz todo o serviço. Quando entrou ali pela primeira vez, na semana passada, sua ideia era tomar um copo e sair logo em seguida, mas mudou de ideia no minuto em que a viu. Desde então, voltou todos os dias, sentando-se à mesa perto do jukebox, de frente para o salão, de costas para a parede.

Hoje ele está concentrado em rastrear seus movimentos — secretamente, mas com a precisão de um GPS. A qualquer momento ele sabe sua localização, rota, velocidade e programação de paradas. Enquanto orbita o salão, ela parece cega e surda para ele, mas os sinais que emite repicam como sinos de igreja convocando-o à adoração.

Magra, de cabelo ralo e faces encovadas, ela mais parece uma criança desnutrida. Tem um tronco delgado, peito liso, ossos do quadril salientes e uma barriga côncava. Pés compridos como pranchas, mas finos. Sobrancelhas descuidadas. No tempo em que ele passou ali, trocaram menos de uma dúzia de palavras. Ela tem traços mediterrâneos, mas fala sem sotaque. Sua voz e suas palavras são inexpressivas, como se ela não tivesse força para enunciá-las. Ela nunca olha para ele.

— Qual o seu nome? — pergunta Todd enquanto ela espera que ele faça o pedido.

Ele está querendo perguntar isso já faz um tempo, esperando a deixa a partir de sua indiferença. Mas ele não é mais um estranho. É um cliente regular agora, ela já se acostumou a sua presença. Quando se trata de mulheres, ele tem uma ótima intuição.

— Ilona — responde ela, pousando o olhar brevemente no rosto dele,

possivelmente pela primeira vez.

Ele quer dizer que ela é sensacional, deslumbrante. Tudo indica que ela não sabe disso. Ele sente o peso do tempo perdido, uma urgência que não computa mas que o arrebatava. A vontade dele é levá-la para o banheiro masculino e trancar a porta. Mas o curso de ação realista é perguntar a que horas termina o seu turno, levá-la a um bom restaurante e impressioná-la, gastando um pouco de dinheiro. Toda mulher gosta de dinheiro. Qualquer mulher cede se você gastar dinheiro suficiente com ela. Seja lá o que digam os manuais, é o dinheiro que faz uma mulher ficar a fim.

Ela transfere o peso do corpo para o pé direito, deslocando o quadril para o lado. Seus olhos estão voltados para algo na frente do salão.

— Uma cerveja e um uísque — diz ele.

É praticamente a única coisa que ele já lhe disse. Ela começa a se afastar.

— Ilona — chama ele.

Ela se vira e retorna.

Ele está suando. Um calor se espalha por seu peito e sua testa.

— Quando eu tinha dez anos, vi meu pai quebrar o braço da minha mãe — diz ele. — Puxou para trás e torceu até estalar. Era o braço esquerdo. “Assim você ainda pode trabalhar”, disse ele. Quando fez isso, ele estava olhando nos meus olhos. Nunca vou esquecer a expressão no rosto dele. Como se ele estivesse me mostrando alguma coisa, me fazendo uma demonstração. Ensinando.

Ele a encara enquanto fala. Enxuga a testa com a manga da camisa.

— Jurei que eu nunca seria como ele. Sempre respeitei as mulheres da minha vida. Não estou dizendo que sou um santo, mas amo as mulheres profundamente. Quando tive idade bastante, tirei minha mãe dali. Cuidei dela até o dia em que ela morreu.

Ele odeia a si mesmo por esse discurso. Não passa de uma tentativa covarde de obter simpatia, uma manobra desavergonhada. Esta não é a primeira vez que ele conta essa história ou alguma versão parecida para uma mulher. Não que não seja fundamentalmente verdadeira, há uma verdade emocional ali, afinal de contas. Antes mesmo que ele termine, ela se aproxima meio passo e uma luz ilumina seus olhos. É difícil dizer se ele despertou sua simpatia ou seu desprezo. Mas ela ainda não lhe trouxe a primeira bebida do dia, e isso deve estar contando a seu favor. Ele não é um alcoólatra derramando suas entranhas no chão, algum chato manifestando antigas e azedas queixas. Não apenas ele está sóbrio como está um nível acima de qualquer outro homem que ela venha a encontrar neste lugar. Ele está confiando na sobriedade que demonstra — além das botas de couro de bezerro, no corte de cabelo moderno e no Rolex Milgauss que cintila em seu pulso esquerdo — para causar uma boa impressão.

— Não sei por que estou lhe contando isso — diz ele.

Mais uma vez ela se afasta, e mais uma vez ele a chama de volta.

— Estou desesperadamente tentando chamar a sua atenção — diz ele. — Mas me desculpe. Tenho certeza de que você ouviu histórias tristes o dia inteiro, e você merece algo muito melhor, um homem que possa esquecer dele mesmo e se concentrar em você. Mimá-la. Dar flores e presentes. Massagear seus pés quando você sair do trabalho. *Minha querida, você estar o dia inteira em pé e agorrra estarr muita dolorrido*. Dar um jeito nos fracassados que ficam cantando você naquele bar. *Não se preocupe, você só precisarr falarr com Borris, vamos tirror esta homem daqui como fazíamos na Savyetski Sayus*.

De repente ela ri, sua habitual indiferença dando lugar a um gratificante raio de sol, e depois disso as coisas entre eles ficam sutilmente diferentes. No momento em que Todd está pronto para ir embora, ela concorda em almoçar com ele em seu dia de folga, que será dois dias antes de ele receber os resultados dos exames e cinco dias antes de seu casamento. Ele preferiria levá-la para jantar, mas ao menos por enquanto, com o toque de recolher vigente, jantar está fora de questão. Assim que seu filho nascer, ele vai fazer algumas mudanças em casa. Vai estabelecer regras básicas e fazer sua vida voltar ao normal. Ficar se escondendo por aí não faz seu estilo e não é maneira de viver. Ele precisa voltar a ser o homem que era quando morava com Jodi.

Ele não tem sido ele mesmo em diversos aspectos. As cenas de sua infância que o têm atormentado, por exemplo. Sua mãe fazendo panquecas em uma manhã de sábado, debruçada sobre a frigideira quente, uma após a outra, enquanto ele está sentado à mesa para comer as que já esfriaram um pouco. Para agradar a mãe, ele come mais do que quer, continua a comer depois de estar satisfeito e mesmo quando começa a ficar enjoado. Pensar nisso evoca-lhe um misto de sentimentos, como o fazem todas as lembranças que tem da mãe. Ela deitada ao seu lado na hora de dormir, acariciando sua testa até ele adormecer. Ela lambendo o polegar para limpar uma sujeira no rosto dele, mesmo depois de ele já ter crescido. O carinho de suas mãos cheirando a alho. Ele gostava e odiava aquilo ao mesmo tempo. Ele fica irritado por estar sendo inundado por tais impressões nas últimas semanas, como se uma porta, antes fechada, tivesse se aberto. Ele não tem interesse nessas lembranças, que são inúteis e não dizem respeito a nada. Figurando entre seus outros medos sombrios está o medo de estar amolecendo, perdendo o fio.

A todo momento há no mínimo uma dúzia de conferências interessantes para psicólogos em cidades do mundo inteiro. Isso é o que lhe vem à mente quando Alison sugere que ela saia da cidade. Como profissional, ela participou de apenas um evento do tipo, uma conferência sobre a capacidade de comunicação ocorrida há alguns anos, em Genebra. Ela se lembra de como foi agradável, como foi fácil falar com as pessoas, da comunhão que sentiu, dos interessantes palestrantes vindos de todas as partes do mundo, da diversão de ir jantar com novas pessoas em uma cidade estrangeira. Ela voltou para seus pacientes com energia renovada, fez ajustes no modo como interagira com eles, prestando mais atenção na própria linguagem corporal e na escolha de palavras, transmitindo isso como uma forma de criar harmonia.

Tinha intenção de repetir a experiência da conferência, mas, por algum motivo, nunca teve tempo. A lealdade para com Todd levava parte da culpa: quem cuidaria dele enquanto ela estivesse fora? Mas isso era apenas uma preocupação superficial; as bases eram, sem dúvida, mais sombrias. Posse. Paranoia. A relutância em lhe dar mais espaço do que ele já tinha. Todos sentimentos familiares, e, embora a maioria ficasse abaixo do nível da consciência diária, sem dúvida tinham contribuído para prendê-la em casa.

Por fim, teve de escolher entre Administração da Ira, na histórica cidade de Winchester, sul da Inglaterra, e Emoções, Estresse e Envelhecimento, na ensolarada Jacksonville, Flórida. Estava mais interessada em gestão da ira, tema que nunca tivera a oportunidade de estudar. Com uma conferência e alguma leitura, ela poderia trabalhar com clientes que precisassem de ajuda nessa área. Mas depois de ver a previsão do tempo para a cidade e conversar com seu agente de viagens sobre os preços, optou por Emoções, Estresse e Envelhecimento, consolando-se com a perspectiva de palmeiras e brisas tropicais.

Assim, ela acaba por se ver em um quarto de hotel em Jacksonville, acordando ao insistente zumbido do telefone sobre a mesa de cabeceira. O quarto está escuro, sem luz em parte alguma, nem mesmo em torno das cortinas ou infiltrando-se por baixo da porta. Ela vira para o lado e olha para o relógio digital com seus números de um verde radioativo. Ainda não são nem seis horas. Falta ao menos uma hora para o nascer do sol.

Desde que chegou, na antevéspera, ela não pensou sobre por que está ali ou o que poderia estar acontecendo em sua cidade. Esquecer é fácil no mundo das conferências, que é simples e pouco exigente, um mundo onde a vida real dá lugar a intermináveis desvios e distrações. As salas de aula são iluminadas por luz quente natural, as portas do pátio se abrem para jardins de arbustos floridos e,

quando ela sai ao ar livre, pode erguer o rosto para o sol e sentir o cheiro da maresia. O máximo que precisa fazer é sentar-se confortavelmente em uma cadeira acolchoada e ouvir apresentações interessantes, juntar-se à multidão no restaurante para almoçar, vestir-se para o jantar na cidade. Ali, ninguém sabe de sua história. Sua formação e circunstâncias estão fora do radar. Para os outros, ela poderia ter caído do espaço ou se materializado em pleno ar.

O telefone tocando não faz parte desse quadro. Ela fecha os olhos e espera que pare. Quando o quarto volta a ficar em silêncio, ela expira lenta e deliberadamente, algo que soa como um suspiro, e tenta voltar a dormir, mas o sono profundo lhe foge agora, tão ocupada está sua mente sonhadora, tão cheia de cenas estranhas e perturbadoras — multidões, luzes brilhantes, alguém correndo. Alguns minutos depois, o telefone toca de novo. Em seus sonhos, o som baixo e urgente parece alguém chorando, até acordá-la de vez. Piscando desnecessariamente no escuro, ela sai da cama e vai tateando até o banheiro.

Mais tarde, quando está tomando café da manhã no hotel com um grupo de colegas de profissão, alguém se aproxima por trás e toca em seu ombro. É uma das organizadoras da conferência, uma mulher simpática que faz questão de apresentar-se a todos, às vezes repetidamente.

— Há um telefonema para você — diz ela. — Pode atender no saguão.

Durante os últimos três dias e meio, sua mente vem produzindo pensamentos em forma de Ilona, e os pensamentos em forma de Ilona criam padrões em forma de Ilona, como limalha de ferro em um campo magnético. Esses três dias e meio foram uma sexta, um sábado, um domingo e uma manhã de segunda-feira, dias em que ele se recusou a dizer a Natasha que a amava, levou-a às compras de má vontade, não ajudou em casa, consumiu doze latas de cerveja de meio litro e se masturbou toda vez que tomou banho. Nesses poucos dias, uma Ilona desavisada atingiu um auge de fascínio erótico em sua imaginação excitada. Alvo de projeções ultrajantes, ela alcançou o patamar de uma contraparte feminina, seu par em todos os sentidos, um positivo para seu negativo e um negativo para seu positivo, a peça do quebra-cabeça que pode tornar sua vida completa. Até mesmo ele é capaz de discernir a doentia nocividade desses devaneios, mas apenas em momentos de lucidez, os quais ele resolutamente afasta.

O restaurante em South Dearborn, onde Ilona prometeu encontrá-lo, é íntimo e elegante. Ele imagina os dois trocando olhares enquanto ela leva um copo aos lábios, imagina-a mastigando pequenos pedaços de carne de primeira. Ela nunca provou uma ostra fresca, não tem noção do que uma boa garrafa de vinho pode fazer por uma pessoa, disso ele tem certeza, assim como sabe que, uma vez doutrinada, ela se tornará insaciável, viciada em tudo o que ele tem a oferecer. Ele sai do escritório e se dirige ao estacionamento a passos presunçosos. Não lhe ocorre que ela possa lhe dar um bolo, que talvez já tenha um homem em sua vida, que pode ter pressentido suas intenções, caído em si e mudado de ideia. Pelo contrário: ele sente como se estivesse indo para o compromisso de sua vida, o encontro que transformará tudo ao redor. Embora ela ainda não saiba, Ilona é a escolhida, aquela que o salvará da indizível bagunça em que ele se meteu. Ilona — magra, desconhecida, cautelosa como um gato, crédula como uma criança, com pouca consciência da beleza e do poder que detém — é a resposta para todos os seus problemas. Ele sacode as chaves do carro e ri alto, expelindo uma nuvem de vapor no ar frio de inverno. Já está contando os minutos, fazendo de suas ações uma coreografia deliberada. Entra no carro, liga o motor, aciona os limpadores, espera que afastem o gelo do para-brisa, chega ao meio-fio, xinga o trânsito. Dá uma conferida nos dentes no espelho retrovisor. Liga a seta para a direita. Enfia uma pastilha na boca.

Ele está se sentindo incrivelmente bem, como não se sentia fazia semanas. Sua lesão desapareceu, as crises de coceira acabaram e ele está menos preocupado com os resultados dos exames. Estava realmente assustado no início, ficou fora de si por um ou dois dias, mas agora recuperou o autocontrole. Acelerando, ele liga o rádio e ouve a abertura de “Unchained Melody”. Não tem

como resistir ao mar de nostalgia invocado pela melancólica canção e pelo tenor fluído de Bobby Hatfield. Ele pensa em uma garota que conheceu no colégio, relembra o cheiro de seu cabelo, o travo de citronela do gel barato que o deixava maluco. Talvez seja dela que ele sente saudades, como saber? Ele está ciente de que as fronteiras que separam o passado e o presente, aquelas que distinguem Ilona, Natasha, Jodi e a menina da escola são vagas e imprecisas. Então a música termina e ele está de volta ao seu carro dirigindo em direção à Roosevelt.

Ele continua na pista ao lado da calçada, para em um semáforo. O carro logo à frente é uma Ferrari rebaixada com linhas aerodinâmicas, excitante e sedutora. Ele está dominado por um ardente desejo de possuir aquele carro, um ardente desejo de ser magicamente transportado para o assento do motorista, assumir seu lugar ao volante. Seu Porsche — que ele sempre adorou — lhe parece conservador, sossegado, até mesmo puritano, a escolha de um homem que perdeu a paixão. Como isso pode ter acontecido? Quando ele mudou?

Está quase na hora. Faltam apenas alguns segundos. Se ao menos ele soubesse disso, não os desperdiçaria com resoluções que jamais se concretizariam: trocar o carro, livrar-se do supérfluo, conquistar a liberdade. Ele acreditou que Natasha o tornara jovem outra vez, mas agora entende. Mulheres que começam a pensar que o possuem e as obrigações que podem acabar com um homem. Na vida, é preciso seguir em frente. Você precisa se mover depressa para que elas não o dominem.

Quando o primeiro impacto o atinge, ele acha que foi uma pedra. Alguém jogou uma pedra na janela do carro. O som explode em seu ouvido esquerdo e fragmentos de vidro atingem a lateral de seu rosto.

— Que porra é essa?! — exclama ele, bem alto.

Ele toca o rosto enquanto vira a cabeça para olhar. Ao ver o pequeno buraco redondo no meio de um halo de vidro quebrado, pensa que levou um tiro, mas não sente dor. Seus olhos então ganham foco, e logo o carro parado ao seu lado no sinal entra em seu campo de visão. Ele registra a janela aberta, a cabeça com gorro de lã, o olhar penetrante, o brilho da arma. Ele não conhece o sujeito, mas não há dúvidas.

Não é verdade o que dirão: que ele não o viu chegar, que nunca soube o que o atingiu. Ainda assim, acontece muito rápido. Imagens fugazes explodem em sua tela mental; isso é tudo que os moribundos têm tempo de registrar. Paradoxalmente, no momento em que seu filho ainda por nascer deveria importar mais, a criança que ele não conhece e nunca conhecerá significa menos para ele do que todos os demais. Sua mãe protetora e até mesmo seu pai alcoólatra. Cliff e Harry, seus melhores amigos. Natasha, que aparece para ele como uma criança, segurando a mão do pai; Natasha e Dean, ambos sobreviventes. Ainda mais comovente é a imagem de Ilona esperando no restaurante, sua decepção crescendo a cada minuto, sem ninguém para salvá-la

daquilo. E Jodi, a imagem de como ela estava no dia em que ele voltou do campo, esparramada sob o céu. A bela e singular Jodi. Se ele tivesse a opção de ficar, faria isso por ela. Mas não lhe restam opções agora. O tempo paira, suspenso, embora esteja prestes a ter um fim. A morte deveria ser uma sedução, não um estupro. Tivesse mais um minuto, ele poderia fazer tanta coisa... Até mesmo os criminosos são autorizados a dar um telefonema, enviar uma mensagem. Quão vivo ele se sente, quão intensamente ele brilha, como um pavio aceso, um fogo de artifício prestes a explodir. O que ele não daria por mais um minuto, um mero minuto cruelmente pregado no fim de sua vida.

SEGUNDA PARTE
ELA

— Aqui é Jodi Brett — diz ela, segurando o telefone como se fosse um rato morto.

É a voz de um déspota, tão clara e ameaçadora como se estivesse saindo de um alto-falante no saguão. “Aqui é da polícia”, diz ele. Ele lamenta ter más notícias. Pergunta se ela está sentada.

Na verdade, ela está de pé, coluna ereta, pés juntos, quadris em um ângulo reto preciso em relação à mesa da recepção, olhando para o nada na direção do brilho das portas de vidro do hotel. Ela não entende que diferença vai fazer estar sentada ou em pé, impacienta-se com a demonstração de preocupação. Se ele se preocupasse mesmo com seu bem-estar, não teria ligado a esta hora da madrugada, arruinando o sono dela.

Ela tenta consertar seu equívoco:

— Estou no meio do café da manhã. O que o senhor tem para me dizer?

Ainda assim, ele não vai direto ao assunto:

— Soube que a senhora está participando de uma conferência.

A voz é grossa e suave. Ela pode ver as palavras escorregando da língua dele, lesmas gordas se arrastando para dentro do ouvido dela.

— Sim. Algum problema?

— Srta. Brett, é de extrema urgência que volte imediatamente para casa.

Agora ele traz à tona o nome de Todd, cheio e macio ao deixar aqueles seus lábios pegajosos, e agora uma imagem de leite derramando de um balde, uma imagem que nada transmite, mas que não deixa de ser nauseante e vertiginosa. Quando as pálpebras dela se abrem, sua cabeça está apoiada em uma almofada e uma multidão de rostos oscila acima dela. Ela se sente perdida e confusa, são muitas bocas tagarelando e murmurando, preocupadas. Mas, quando ela é tomada por braços e erguida, rapidamente volta à razão, e mais uma vez se vê frente a frente com os fatos avassaladores. Fato número um: Todd está morto. O que ela tenta assimilar ao mesmo tempo em que percebe o fato número dois: sua culpa é tão transparente que a polícia de Chicago já está atrás dela. Em sua mente não restam dúvidas de que, quando ela sair do avião no aeroporto O'Hare, a polícia estará lá, à sua espera. Ela será presa, quem sabe algemada, e levada para uma cela em algum setor esquecido da cidade, onde quer que fiquem as prisões.

Em vista dessas certezas, ela acha surpreendente não sentir vontade de fugir. Alugar um carro, encontrar uma fronteira a atravessar, desaparecer no anonimato. Ela tem o instinto de um pombo-correio. Mesmo que nada além de perigo espere por ela, Jodi não pode abandonar tudo o que conhece e ama. No máximo, gostaria de esperar alguns dias, desfrutar de mais uma taça de vinho no restaurante da praia, saborear por mais algum tempo o calor tropical e o ar perfumado. Esta é uma perspectiva que a agrada muito, mas não acontecerá. Eles só a atormentariam com telefonemas, ou pior: enviariam alguém para

acompanhá-la de volta para casa.

Após tranquilizar o detetive que continuava na linha, esperando, e depois de procurar a organizadora da conferência para comunicar-lhe que houve uma morte na família, e depois de a organizadora da conferência dar-lhe as condolências e prometer-lhe obter um reembolso parcial, Jodi vai até o quarto para remarcar o voo, avisar a babá do cão e fazer as malas.

* * *

Quando o avião pousa, flocos de neve refletem as luzes da pista e animam o céu noturno. Ela ainda está usando o vestido de frente única e as sandálias da remota manhã, mas teve a clarividência de levar consigo um casaco. Durante o voo, bebeu sua cota de vodca com água tônica e seu estado de espírito mudou silenciosamente de triste para desesperado e, então, rebelde. Agora, atravessando o corredor de desembarque, puxando a mala atrás de si, ela se apegava a uma frágil bravata. Ela não foi detida enquanto os outros passageiros desembarcavam e até agora não apareceu um único policial uniformizado. Ela entende que é apenas questão de tempo, mas ao menos as coisas estão saindo melhores do que o esperado, e, após recolher sua bagagem sem incidentes, um sopro de esperança agita levemente a névoa de sua infelicidade.

Trajando o casaco mas com as pernas ainda nuas, ela sai do aeroporto na noite fria e entra na fila do táxi. O trajeto para casa é tranquilo. Ela entra no prédio, atravessa a portaria, toma o elevador até seu andar e pega a chave da bolsa. Ouve-se um único latido agudo por trás da porta fechada e em seguida ela é assaltada por quarenta quilos de alegria não diluída. A babá, por outro lado, explode em lágrimas ao vê-la, abalada com a notícia da tragédia. Ela paga a menina e a manda embora. É bom estar segura em casa. Ela se sente encorajada pela sorte que teve.

Agora que seu estado de espírito está aliviado, sua mente se torna mais lúcida. Ela começa a perceber que se a polícia não a abordou de surpresa, sua situação não pode ser tão terrível quanto imaginava. Fazê-la abandonar a conferência e voltar para casa era apenas um procedimento de rotina. Ela comemora com mais um copo de vodca com água tônica e, pela primeira vez desde o café da manhã, sente vontade de comer. Ainda tem um pouco de carne na geladeira; ela aproveita para fazer um sanduíche, acrescentando picles e mostarda picante. Com o organismo nutrido, seu ânimo melhora. Ela veste uma calça jeans e prepara um bule de café. Está muito curiosa para saber como Todd morreu. Ainda no avião, não conseguia parar de imaginar possibilidades, relembrando o telefonema, tentando se recordar das palavras exatas que o policial usou para lhe dar a notícia. *Houve uma morte... houve um homicídio... foi doloso... Lamento informá-la de que foi doloso... Infelizmente não há dúvidas*

quanto a isso... As provas não deixam dúvidas. Nada específico, nada que possa ajudá-la a acalmar sua febre de especulação. No entanto, ao percorrer o apartamento arrumando as coisas, ela vê o *Tribune* sobre a mesa de centro.

A matéria é maior do que ela esperava, começando na primeira página e fluindo ao longo de uma página interna do caderno. Ela não imaginou que o assassinato de um pequeno empreendedor imobiliário tivesse tanto interesse para o grande público, mas os repórteres o estão usando para reforçar suas ladainhas, falando sobre o tráfico de drogas e o problema das armas de fogo. Há muita especulação leviana — por exemplo, que a morte foi um ataque oportunista de adolescentes armados enlouquecidos por anfetaminas. Outra teoria envolve a máfia. Conjeturas à parte, os fatos do caso são claramente relatados.

Um homem foi morto a tiros dentro de seu carro na tarde de ontem, quando estava parado em um sinal vermelho em South Loop, Chicago. A vítima foi identificada como Todd Jeremy Gilbert, 46 anos, empresário local. Ele foi baleado na cabeça aproximadamente às 12h45, na esquina da Michigan com a Roosevelt. De acordo com testemunhas, um veículo parou ao lado da vítima e um ou mais atiradores abriram fogo. A polícia está procurando uma descrição do veículo. Após os tiros, o carro da vítima atravessou o cruzamento, colidiu contra o meio-fio e parou. O motorista foi encontrado tombado sobre o volante. Nenhum pedestre foi ferido.

Ela imagina o tráfego à hora do almoço, o isolamento proporcionado pelos dois carros, os fatores que permanecem como pontos de interrogação. “Um ou mais atiradores”, diz a matéria. Até mesmo a quantidade de atiradores é uma especulação. Mas devem ter sido dois homens, um para dirigir e outro para atirar, e não mais do que isso porque um terceiro homem teria sido supérfluo, já que não havia tanto dinheiro envolvido. Se um deles era Renny, ela não sabe dizer. Jodi tem a impressão de que Renny não suja as mãos, e Alison mencionou recrutas. De qualquer modo, sua imagem mental dos homens é vaga. Ela nunca conheceu Renny, nem mesmo viu uma foto dele.

Ela fica surpresa com o timing da ação. Um carro está parado em um semáforo e tiros são disparados de sua janela. Apesar de ser um lugar público — um cruzamento movimentado, em plena hora do almoço —, o carro desaparece antes que alguém possa registrar o que aconteceu. Isso é evidente porque a polícia não tem nenhuma descrição do veículo. Ela pensa. A fuga imediata só poderia ocorrer caso o sinal ficasse verde no exato momento em que ocorreu o homicídio. Devem ter calculado com precisão. Com os segundos passando,

armas em punho, esperaram o instante em que o sinal estivesse para abrir e em que eles pudessem avançar no cruzamento.

Ela precisa viver aquilo passo a passo, reconstruir em sua imaginação o evento fenomenal e chocante que ainda não consegue aceitar. Imagina Todd deixando o escritório, indo até o estacionamento, entrando no Porsche, dirigindo pela Michigan. Ele está na faixa da direita quando para no sinal. Ele tem de estar na faixa da direita, porque o atirador estaria no banco do passageiro do carro ao lado. Perto do alvo e certo de seu objetivo. Sem correr nenhum risco.

Digamos que Todd e os assassinos, parados lado a lado, sejam os primeiros diante do sinal de trânsito. Todd está alheio à ameaça que o espera. Não tem ideia de que se tornou um alvo, nem desconfia que está correndo perigo. Os dois homens, por sua vez, não têm um plano muito definido. Na verdade, estão improvisando, esperando um momento propício, uma oportunidade. Se necessário, sairão do carro e perseguirão a presa a pé; na melhor das hipóteses, não será preciso chegar a tanto. Quanto mais cedo terminarem, mais cedo poderão voltar para casa e receber o pagamento.

Por um acaso determinado exclusivamente pelo fluxo do tráfego, ele para no sinal vermelho, e é também por acaso que o espaço na pista ao lado está livre. Ao pararem ali, eles veem a oportunidade. Avaliam a situação e identificam a necessidade de uma rota de fuga. Assim que terminarem o serviço, terão de sair dali, de modo que observam e esperam. Ficam atentos ao trânsito, aos pedestres que atravessam à frente deles, esperam o fluxo diminuir. Veem a luz verde direcionando o fluxo de pedestres e esperam que mude para amarelo. Observam os carros dobrando à esquerda no cruzamento e ainda esperam, como os mercenários meio loucos e temerários que são. Finalmente, o homem que não está dirigindo, o atirador escolhido, mira no alvo, apontando a arma pela janela aberta.

Quantos tiros ele disparou? A notícia não menciona esse detalhe, mas, pelo modo como foi escrita — “um ou mais atiradores abriram fogo” —, sugere-se que foi mais de um. Será que a primeira bala foi certa? Ou será que por um instante Todd percebeu o perigo, considerou o que e por que aquilo estava acontecendo? Ela descobre agora que gostaria muito que ele tenha se dado conta. É seu desejo. Que ele tenha registrado a verdade, ligado os fatos a ela, percebido o que fez. Mas ela ainda duvida de que Todd tenha pensado nela, porque, para ele, não era da natureza dela desafiá-lo. A Jodi que ele tinha em seu coração não era capaz de fazer aquilo.

Estranhamente, ela se prepara para dormir sem arrumar a casa primeiro. Os pratos estão na pia sem lavar, a mala, fechada no vestibulo. O sono é imperativo para seus circuitos exaustos, mas assim que a primeira camada de exaustão é descartada ela se vê de volta à superfície, os olhos abertos. A luz ambiente revela as formas escuras de móveis e a orientação das janelas e das portas, mas nada

disso consegue compor uma imagem possível de discernir. O dia, o local e as circunstâncias de sua vida lhe escapam, como se sua mente fosse um copo d'água sendo derramado. Ela espera, e quando recupera suas faculdades mentais, identifica a falha como uma confusão de fuso horário, agravada por seu desejo de poder voltar no tempo e rever suas escolhas.

A sensação de segurança e otimismo que sentiu após ler a matéria no jornal — nem o carro nem os autores foram identificados — agora é deslocada pela percepção tardia de que ser ex-cônjuge da vítima a torna automaticamente a principal suspeita, o que só vai piorar se ela estiver incluída no testamento. O fato de isso não ter lhe ocorrido antes — enquanto estava tramando e conspirando com Alison, vendendo seus bens, fugindo para os trópicos — lhe parece surpreendente. É como se naqueles dias tivesse estado imersa em alguma espécie de transe, um estado hipnótico autoinduzido, um estupor de pensamento positivo. Ela entrou em pânico quando recebeu o telefonema na Flórida, mas aquilo não foi nada. *Aquilo* era possível esquecer com um bom sono ou afogar em bebida. *Isso*, o que ela sente agora, é terrível e doloroso, como a circulação sanguínea voltando a membros dormentes, como se alguém a tivesse sacudido e feito seu sangue borbulhar.

Em muitos aspectos, Todd era uma criança. Em termos freudianos, era um caso de desenvolvimento psicosssexual embotado, um menino de cinco anos com fixação fálica, preocupado com a ascendência sexual, ainda apaixonado pela mãe, deslocando seu desejo para todas as mulheres — a personificação do complexo de Édipo. Freud nunca foi uma inspiração para ela, mas ele sabia perfeitamente como crucificar alguém. Vamos apenas dizer que Todd não era dado à autorreflexão e, tipicamente, não levava em consideração as deficiências da própria visão de mundo. Embora, justiça seja feita, ele também não levasse em consideração o que era indefensável nos outros. Era um homem tolerante. Mas isso em nada o absolve. Ela gostaria de acreditar que, na morte, ele seja forçado a enfrentar as coisas, que neste exato momento esteja refletindo sobre tudo de ruim que fez, seja no purgatório ou em outro lugar. Mas ela não consegue descartar a sensação de que ele de algum modo conseguiu escapar, manipulando a situação para sair impune, como sempre.

* * *

Pela manhã, ela está bebendo café e lendo o jornal quando ouve baterem à porta. A matéria de hoje, reduzida a uma única coluna, não fornece nenhuma informação nova. Ainda molhada do banho, vestindo um roupão e meias de algodão brancas, Jodi pensa em terminar o café — que ela espera que dê cabo de sua dor de cabeça —, voltar para a cama e dormir o sono que lhe escapou durante a noite, enquanto estava deitada e desperta, com a mente a mil. Não há

clientes a atender e ela não tem obrigações, pois, de acordo com sua agenda, ainda está na Flórida. Ela não sabe quem está batendo, mas deve ser o porteiro ou um dos vizinhos. Qualquer outra pessoa teria de ter interfonado da portaria — pelo menos é isso que ela supõe, esquecendo que a polícia tem privilégios especiais para ir aonde bem entender.

O detetive, com seus trinta e tantos anos, é um homem atarracado com um rosto quadrado e olhos cor de terra, encimados por sobrancelhas retas e aparadas. Embaixo do sobretudo, que está entreaberto, veste um terno marrom, uma camisa azul-clara e gravata com uma simples e grossa listra diagonal. Mesmo antes de notar a aliança de casamento, ela o define como um pai de família — um homem com três ou quatro filhos com menos de doze anos e uma mulher que gosta da segurança que sem dúvida ele lhe proporciona.

— Srta. Jodi Brett? — pergunta ele.

Ela confirma com um gesto de cabeça.

Ele pega e abre a carteira, ergue-a no nível dos olhos para que ela possa ver seu distintivo.

— Inspetor de Polícia John Skinner. Posso entrar?

Ela se afasta, e ele entra no vestibulo, fechando a porta atrás de si.

— Lamento por invadir sua privacidade a uma hora dessas — diz ele. Uma referência ao roupão de banho que ela usa. — Se me permite, gostaria de oferecer as minhas condolências. Estou ciente de como a senhora ficou abalada quando recebeu a notícia. É lamentável que tenha sido feito daquela forma. Por telefone, quero dizer. Fizemos contato com a polícia de Jacksonville, mas houve algum tipo de confusão.

— Foi com o senhor que eu falei? — pergunta Jodi.

— Não, senhora. Foi com o chefe Davey. Mas ele me relatou o abalo que a senhora sofreu.

Ela tem a fugaz e astuta ideia de que desmaiar do jeito que desmaiou lhe rendeu alguma compaixão e que talvez seja a explicação para aquela excessiva polidez. Ela o convida a entrar e o guia até a sala de estar, que no momento está espetacularmente iluminada pelo sol da manhã. Dando-se conta da vista, ele diz:

— A senhora deve adorar isso aqui.

— Adoramos mesmo — diz ela. — Quer dizer, adorávamos. — Ela hesita, depois se recupera. — Eu adoro a vista. Todd também adorava. Foi o que nos levou a escolher este apartamento, que não é tão grande quanto alguns que nós... — Ela não termina a frase, subitamente envergonhada pelo privilégio que tem, pensando na casinha acanhada que ele pode pagar com seu salário de policial, ainda mais com uma família de cinco ou seis. — Aceita um café?

— Sim. Se não for muito incômodo.

— Nenhum incômodo. Já está pronto.

— Puro, por favor.

Quando volta com a xícara de café, ela pede licença.

— Se me der um minuto, vou vestir alguma coisa.

Escapar para o quarto lhe fornece uma pausa breve, mas muito necessária. Suas mãos estão úmidas, seu couro cabeludo está úmido, ela se sente suja, mesmo tendo tomado banho. Se ela tivesse parado para imaginar uma visita da polícia não teria sido assim. Para começar, viriam dois policiais — eles não costumam trabalhar em dupla? —, e teriam sido severos com ela, aproveitando a vulnerabilidade do roupão para dominá-la emocionalmente, usando a conversa como uma arma. Isso, ao menos, teria despertado sua coragem e suas defesas. Por outro lado, o que poderia significar um detetive solitário com modos excessivamente reservados?

Ela volta para a sala em uma calça passada e uma camisa limpa. Aplicou alguma cor às faces e prendeu o cabelo. O detetive, que está de pé junto à janela olhando para fora, se vira quando ela entra. Ela não fez nenhum som, mas ele a viu surgir em sua visão periférica. Ambos se sentam; ela no sofá, ele em uma poltrona.

— Sei que a notícia foi um golpe — diz o policial. — Em um mundo perfeito, nós lhe daríamos tempo para se recuperar antes de vir importuná-la, mas precisamos tratar disso sem demora. Temos muito pouco, e a cada hora os rastros se apagam mais. Tenho certeza de que a senhora imagina o que estamos enfrentando.

Ele ergue as mãos, as palmas para cima, um apelo à compreensão dela.

— Mesmo que não se dê conta, a senhora pode ter informações que nos ajudem na investigação — prossegue ele. — Detalhes sobre o estilo de vida da vítima, um relato de seus movimentos nos dias e semanas que antecederam o crime. Essas coisas podem ser fundamentais para que possamos entender o que realmente aconteceu. Algo que ele disse ou fez e que a senhora pode ter ignorado na época pode vir a ser uma peça importante do quebra-cabeça. Nem tenho como enfatizar o bastante como a sua ajuda pode ser valiosa para a solução deste caso. A senhora é extremamente importante para nós, e quero que pense em si mesma apenas dessa forma.

Para seu espanto, ela descobre que não consegue encará-lo. Sua culpa deve ser totalmente transparente para um homem como este: resoluto, com uma vasta experiência. Por que mais ele a atormentaria com toda essa conversa fiada sobre seu valor e importância?

— Como é mesmo o seu nome? — pergunta ela.

Ele o repete — inspetor Skinner —, mas ela esquece de novo, ainda pensando nele como um pai de família.

— Sobre o que eu disse de invadir o espaço da senhora... — diz ele. — Acredite, gostaria que houvesse outra maneira. Alguém morre, a senhora mal tem tempo de registrar o fato, e aqui estamos nós incomodando-a, pedindo para

desenterrar lembranças que a essa altura só podem ser dolorosas.

A voz tranquila e ritmada dele começa a lhe dar nos nervos. Ele é equilibrado, complacente, seguro de si mesmo, um gato preparando-se para atacar a presa. Ela olha para os dedos dele, as pontas quadradas, as unhas limpas, para a virtuosa faixa de sua gravata, os lóbulos de suas orelhas, que se curvam habilmente nos lados da cabeça, sem dobras supérfluas.

— Esta parte do trabalho é difícil para todos — diz ele. — Não é algo que nos agrada fazer. Tentamos ser cuidadosos, mas às vezes as pessoas se revoltam contra nós, e realmente não podemos culpá-las.

Ela sente calor e frio ao mesmo tempo: a cabeça quente, as extremidades frias. A qualquer momento vai cair na gargalhada. Ela se levanta do sofá e vasculha o aparador em busca do maço de Marlboro que ela sabe que tem ali. Ela não fuma, mas agora lhe parece uma boa ideia.

— Quer um? — pergunta ela ao pai de família, estendendo-lhe o maço.

Ela recusa. Ela encontra uma caixa de fósforos e acende um cigarro. Faz mais de vinte anos que não fuma; a última vez foi quando ainda estava na escola. No entanto, ela traga profundamente. Não é surpresa que a sala comece a rodar. Ela espera aquilo passar e em seguida retorna ao seu lugar, cigarro em uma das mãos e, na outra, o cinzeiro comprado como souvenir do monte St. Michel, que ela guarda porque é alegre.

— Sobre a sua relação com o falecido — diz ele através da fumaça —, a senhora poderia esclarecer em que termos estava?

Ela quer lhe contar a verdade, que mal conhecia o falecido — ou, ao menos, que ele não era o homem que ela pensava ser. Em vez disso, diz que ambos viveram juntos durante vinte anos. Ele se atém a isso e extrai dali cada sugestão concebível, perguntando-lhe por que nunca se casaram, se isso importava ou não para ela, como ela se sentiu quando ele a deixou, se ela previu que isso aconteceria. Mostra-se morbidamente curioso a respeito de sua incapacidade de ter filhos; no mundo dele, isso deve ter alguma importância. Ele quer saber se ela conhece a noiva de Todd, a mulher com quem ele estava vivendo. Quando ela acha que terminou, ele começa tudo de novo. Quais circunstâncias o levaram a deixá-la? Será que ela, posteriormente, teve qualquer contato com ele? Ela consultou um advogado? Ela sabia que ele estava para ser pai?

E ele prossegue, abrindo caminho através de perguntas cada vez mais intrusivas, agora inclinando-se para a frente na poltrona, um ar grave e determinado. Ele pergunta sobre sua profissão, descobre que ela trabalha em casa em regime de meio expediente, que foi à Flórida para participar de uma conferência.

— Mas que pena a senhora ter sido obrigada a voltar lá da Flórida — diz ele. — Justo quando a senhora consegue escapar do frio, acontece algo assim. Que tipo de conferência era? Espero que não se importe que eu pergunte.

Ela dá mais um trago no cigarro, olhando através da fumaça, olhos lacrimejantes. A tontura provocada pela primeira ingestão de nicotina e monóxido de carbono foi substituída agora por um aperto no peito.

— Era sobre estresse e envelhecimento — diz ela. — Para profissionais de saúde mental.

— Havia uma razão especial para a senhora comparecer a essa conferência? — pergunta ele. — A senhora ia falar, por exemplo?

— Eu não era um dos palestrantes.

— A senhora vai a esses eventos regularmente?

— Não *regularmente*.

— Quantas vezes, então?

— Não sei. Quando surge algo que é importante para o meu trabalho.

— Quando foi a última vez que compareceu a uma conferência, antes dessa na Flórida?

— Eu teria que pensar um pouco.

— Fique à vontade.

— Houve uma conferência em Genebra, há uns dois ou três anos. Acho que já faz algum tempo. — Involuntariamente, ela ri, desculpando-se.

— Por que a conferência em Genebra foi importante para o seu trabalho?

— O tema era capacidades de comunicação. Essa é uma área-chave para qualquer psicólogo de aconselhamento.

— Então a última conferência a que a senhora compareceu, antes dessa na Flórida, foi sobre as capacidades de comunicação e aconteceu em Genebra, há uns dois ou três anos. Foi isso?

— Podem ter sido quatro anos.

— Então podemos dizer quatro anos?

Ela sabe aonde ele quer chegar. O fato de ela estar fora da cidade em uma conferência naquela ocasião específica é um tanto conveniente demais, um tanto oportuno. Apesar de a matéria no jornal se referir a adolescentes drogados e ao crime organizado, este detetive sabe exatamente com que está lidando, e a dica é esse seu álibi hermético e inexpugnável, que agora está trabalhando contra ela e do qual, afinal de contas, ela não precisava, porque ninguém a associaria ao incidente de tiros sendo disparados de um automóvel. Qualquer criança de dez anos saberia que foi uma execução encomendada.

— Mas que droga, como vou saber? — exclama Jodi. — Talvez tenha sido há *cinco* anos. Como o senhor pode esperar que eu me lembre de algo em um momento como este?

— Minha senhora, tente se acalmar — diz ele, em seu modo imperturbável. — Sei como deve estar sendo difícil para a senhora, mas, como eu disse, às vezes acontece de uma informação aparentemente trivial acabar se tornando uma pista importante. Nada pode ser negligenciado. Sinto muito fazê-la passar por isso,

sinto mesmo, mas resolver este caso é do seu interesse também.

Ela sente a sala tão abafada e sufocante que teme estar prestes a desmaiar. Pensa em se levantar para abrir uma janela, mas em vez disso pega um exemplar da *Architectural Digest* da pilha de revistas sobre a mesa de centro e o usa para se abanar. Enquanto isso, o detetive faz mais perguntas. *Qual é a sua renda? Qual era a renda do falecido? Ele lhe deu algum dinheiro após deixá-la? Qual é o valor total das propriedades dele? A senhora está familiarizada com os termos do testamento?* E ele ainda não se dá por satisfeito. Não até perguntar sobre os pais e amigos dela e anotar todos os nomes. Mas não o de Alison. Isso ela omite.

Quando ele finalmente se levanta, volta-se mais uma vez para a vista e faz um comentário sobre uma formação de nuvens acima do lago.

— Cirro-estrato. Neve a caminho.

Ela olha para a neblina branca. Agora ele quer falar sobre o tempo. Daqui a pouco vai se convidar para o almoço. Ela avança deliberadamente em direção ao vestibulo, deixando-lhe pouca escolha a não ser segui-la. Ao sair, ele lhe entrega seu cartão, dizendo:

— Por favor, me ligue, seja qual for o motivo. Como eu disse, contamos com a sua ajuda. Os crimes são resolvidos graças ao que as pessoas nos contam. Mesmo se achar que não é importante, me ligue. Deixe que eu mesmo decido. Aqui está o meu número.

* * *

Ela fica de olho no obituário do *Tribune*, enfim acaba se deparando com o anúncio. É breve, apenas algumas linhas, terminando com os detalhes do funeral. Não há nada sobre a forma como ele morreu, e ela, Jodi, não é mencionada. Natasha, que sem dúvida redigiu o texto, menciona a si mesma e a seu feto como os principais enlutados. “Todd Jeremy Gilbert, 46 anos, empreiteiro. Deixa a amorosa futura esposa e o filho por nascer.” Os vinte anos que Jodi viveu com ele, seu cuidado e atenção, dedicação e paciência, não se classificaram para o registro público, enquanto ele mesmo é subestimado em seu próprio obituário como “empreiteiro”. Natasha deve conhecer a história de Todd: que ele teve origens humildes, obteve sucesso por meio do próprio esforço, pelo próprio mérito. Foi um homem que definitivamente venceu sozinho. Se há um momento e um espaço para lhe dar crédito, com certeza seria agora.

Se vai ou não ao enterro, ela ainda não decidiu. Não tem recebido seus pacientes, tem dormido muito e pouco sai de casa. Talvez durante o período de confinamento ela tenha se acostumado a não sair, e talvez, também, precise de um tempo para se organizar. Está tendo lapsos de memória, esquecendo-se por

longos períodos que ele a deixou. Até mesmo a morte dele não está firmemente estabelecida em sua mente. Partes dela parecem não saber desse fato — ou talvez simplesmente se recusem a crer. Certa vez, enquanto navegava nas brumas entre o sono e a vigília, decidiu ligar para ele e perguntar abertamente se ele estava vivo ou morto. “Todd, me diga a verdade”, teve vontade de dizer. “Eu preciso saber.”

Mais de uma vez ela sonha que ele volta à vida. De modo geral, é tudo muito prosaico. Eles estão sentados à mesa de jantar e ela diz: “Pensei que você tivesse morrido.” E ele responde: “Eu estava morto, mas não estou mais.” Ou ela está no elevador com um estranho e o estranho acaba se revelando ser ele. E sempre há uma sensação de alívio. Algo estava terrivelmente errado, mas agora tudo está bem e a vida pode voltar ao normal. É esse retrocesso intermitente que finalmente a faz se decidir sobre o enterro. Embora esteja apreensiva por aparecer em público como a esposa descartada, apesar de preferir preservar seu orgulho, ela precisa encerrar aquilo em sua mente. Precisa mostrar a si mesma que ele morreu.

A morte dele teria sido mais fácil de engolir se não tivesse sido tão terrível. A forma como aconteceu a afetou profundamente. Quando seus amigos ligam, ela fala sobre isso obsessivamente — a obscena execução pública —, e, com o passar do tempo, sua fascinação pelos detalhes tende a crescer em vez de diminuir. Ela se sente compelida a estripar cada detalhe sórdido, não se cansa de apertar e cutucar o pobre cadáver. Sente que aquilo deve representar mais do que representa. Deve corresponder a algo significativo, algum graal profano ou poder invertido que ela possa usar para se proteger, mas os fatos escandalosos permanecem inertes e de alguma forma insignificantes em comparação à poderosa realidade da ausência dele. Incapaz de compartilhar a verdade de sua situação, ela é forçada a recorrer a declarações convencionais como: “Não consigo acreditar no que aconteceu” e “Parece impossível”.

O pai de família foi ver os pais dela, encheu-os de perguntas. Ela se consola com a indignação deles, o aborrecimento que demonstraram ao verem a honestidade e a decência da filha postas em dúvida, sua objeção em discorrer sobre detalhes de sua vida particular. Como sempre, os pais falam com ela ao mesmo tempo, o pai no quarto de cima, a mãe na cozinha. Naturalmente, sabem o que Todd estava disposto a fazer antes de morrer e não dizem que ele teve o que mereceu, mas é evidente que isso lhes passa pela cabeça. Ela acha cativante que tenham feito isso em seu nome, posicionando-se tão firmemente contra ele.

O pai de família também foi visitar suas amigas, que também estão do lado dela.

Corinne diz: “A maioria dos crimes é cometida por algum conhecido da vítima, e noventa por cento das vezes o cônjuge ou o ex são culpados, então eles *têm* que investigar você. Não se preocupe, é apenas rotina.”

Ellen diz: “Tenho certeza de que você quis matá-lo, e Deus sabe que *deveria* tê-lo matado. Veja desta forma: outra pessoa fez isso por você.”

June diz: “Eu disse ao detetive que não foi você.”

A amiga com quem ela mais quer falar é Alison, mas Alison não está retornando seus telefonemas. Ela não sabe muito bem o que depreender disso. Não há nenhuma razão para Alison estar brigada com ela. Não pode ser uma questão financeira: Alison ficou com o dinheiro. Ela não tinha certeza quanto a adiantar o pagamento, mas Alison prometeu entregá-lo a Renny em parcelas convenientes. “Não se preocupe”, disse. “Vou pagar metade, talvez nem mesmo isso, apenas o suficiente para ele mobilizar seus recrutas, e pago o restante quando o trabalho estiver feito.” Talvez Alison esteja apenas sendo cautelosa. Pode ser que ela queira evitar contato até as coisas se acalmarem. Mas, se esse é o caso, poderia ter dito isso de cara.

* * *

Um dia antes do funeral, ela vai até a Oak Street, que conta com estacionamento com manobrista e as melhores lojas, para procurar um conjunto, um sobretudo e um chapéu preto. Ela sabe que se vestir de preto para um funeral não é obrigatório, mas quer esse distanciamento extra, quer que as pessoas saibam que tipo de pessoa ela é, mostrar-lhes que, apesar da recente indiscrição de Todd, ela tem classe suficiente para se despedir dele com respeito. Quando está em casa desembulhando os pacotes, ela recebe uma ligação de Cliff York

— Como tem passado com tudo isso? — pergunta ele.

A ligação é inesperada. Cliff era uma constante na vida de Todd, mas ela raramente o via ou falava com ele. Ocorre-lhe agora que a morte de Todd deve ter sido um golpe e tanto para Cliff.

— Estou bem — diz ela. — Imagino que isso esteja sendo difícil para você também.

— É um tanto inacreditável. Não tem sido fácil para nenhum de nós.

Por “nenhum de nós” ela sabe que ele está se referindo à equipe de construção. Alguns dos homens compartilham anos de história com Cliff e Todd.

— Eu sei — diz ela. — Parece que não é real.

— Acho que ainda estamos chocados. Mas escute, eu queria falar com você sobre o enterro. Espero que esteja planejando ir, e sei que alguns dos rapazes estão pensando em você, e... bem, se eu ao menos pudesse dizer algo em nome de Todd, ele cometeu alguns erros e fez algumas bobagens, meteu os pés pelas mãos, e eu não pretendo inventar desculpas por ele, mas do jeito que aconteceu, as coisas meio que saíram de controle. Ele estava meio zonzo. Espero que não se importe que eu diga isto, mas ele falou muito bem de você até o fim. De verdade. Acho que ele estava um tanto perdido, sentindo que perdeu o controle.

Se ele tivesse a chance de voltar para você e fazer as coisas voltarem ao normal, acredito que teria agarrado a oportunidade.

Enquanto ela ouve Cliff dizer isso, pensa na carta de despejo. Cliff não deve nem saber. Por que Todd lhe contaria o que realmente estava acontecendo quando verdades parciais poderiam angariar-lhe simpatia? Mas é bom que Cliff tenha ligado. Ele só quer que ela saiba que ele está do seu lado, dá para ver isso, e ela se sente grata pelo esforço que ele está fazendo.

— Estou feliz que você tenha ligado, Cliff — diz ela. — Pretendo *sim* ir ao enterro, então acho que nos veremos por lá.

Mas Cliff tem mais um assunto em pauta. Ele quer falar de negócios.

— Não é minha intenção aumentar o seu fardo, mas só queria dizer que o momento não poderia ser pior. Mais duas semanas e o prédio residencial estaria pronto. Falta muito pouco. Só que agora o trabalho parou, e eu odeio pensar quanto tempo mais vai ficar parado se não agirmos. Então, eu estava pensando que... talvez após o funeral... poderíamos nos encontrar. Poderíamos falar sobre isso, tratar de alguns detalhes, resolver as contas pendentes, talvez encontrar uma maneira de seguir em frente.

Ela entende que esta é a verdadeira razão para o telefonema de Cliff. Não que ele não quisesse dizer tudo o que disse antes, mas o mais importante em sua mente é o fato de que Todd lhe devia dinheiro e que o projeto está parado.

— Eu gostaria de poder ajudar, mas estou mais ou menos na mesma posição — diz ela. — Talvez você devesse falar com Natasha.

Ele fica em silêncio alguns segundos, mas em seguida volta com mais ênfase:

— Todd não a tirou do testamento, se é isso que está pensando. Ele pretendia mudá-lo em benefício de Natasha e do bebê, é claro, mas ia esperar o casamento. Ele pensou que fazia mais sentido, dada a forma como a lei funciona. Mas não. Você está segura nesse aspecto. No que diz respeito a isso, Natasha está fora de cogitação.

* * *

O enterro ocorre no Cemitério e Crematório Montrose, no lado noroeste da cidade. June e Corinne acompanham Jodi. Quando a encontram no saguão, ela está de pé em frente ao espelho do vestibulo avaliando o efeito do chapéu preto. Embelezado com nada além de um véu negro, o chapéu é discreto — muito fúnebre, muito viúva, muito Jackie Kennedy. Ela não está usando nenhuma maquiagem aparente e sua compleição pálida como cera pela primeira vez lhe parece apropriada e conveniente.

Quando ela, June e Corinne entram na capela, cabeças voltam-se na direção das três. Sentam-se a meio do caminho do altar. O caixão, repousando sobre um

pedestal ao pé do altar, está fechado, ainda bem. Ela pode até estar lutando para aceitar o fato de ele ter morrido, mas não tem interesse em ver as provas.

Abrigada entre as duas amigas, ela está feliz por ter decidido vir, feliz em ver a capela se enchendo, feliz em nome de Todd pelo fato de as pessoas estarem chegando em peso para se despedirem. O aglomerado de gente, o cenário, os ornamentos a fazem se lembrar de cada funeral ao qual já compareceu, e ela se conforta com tal conveniência: as pessoas se unindo em um solene propósito comum, a atmosfera contemplativa embora teatral, as flores em seus arranjos rígidos, o cheiro sentimental de madeira velha, a luz do dia atravessando os vitrais, o frio úmido, o murmurar e o farfalhar dos movimentos contidos e graves de toda a gente, o silêncio que desce sobre o local quando o pastor sobe ao púlpito. Até mesmo o sermão lhe é familiar, sem estar relacionado significativamente com a identidade do falecido. Uma vez mortos, somos todos iguais, recrutados em um denominador comum humano presidido por um modelo bíblico.

Porque a morte é o fim dos problemas, das provações, da dor, da tristeza e dos medos.

E o pó volte à terra como o era, e o espírito volte a Deus que o deu.

Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá. O Senhor deu, e o Senhor tirou. Bendito seja o nome do Senhor.

Ela se sente menos gratificada quando o sermão menciona a posição de Todd como esposo e futuro pai, o importante provedor da família arrebatado às vésperas do casamento. Mas o pregador tem pouco conforto a oferecer à noiva desolada.

Em tudo dai graças. A gratidão olha sob a superfície. É um reconhecimento profundo e duradouro que a bondade existe, mesmo por trás do pior que a vida nos traz.

Quando termina a cerimônia, o êxodo ocorre de acordo com o protocolo, as primeiras filas se levantando primeiro, seguidas pelas filas posteriores, em sóbria e imponente procissão. Jodi nunca viu a versão adulta de Natasha, mas a menina cresceu e não é difícil de ser identificada, caminhando com o queixo erguido e os olhos distantes. Apesar de estar mais alta e sem mairias-chiquinhas, não mudou muito; sempre teve essa compleição cheia e sensual, desde a infância. É amparada por um grupo de amigas, meninas de sua idade que a cercam com ar protetor. Não há nenhum sinal de Dean, embora Jodi não esperasse mesmo vê-lo.

O cadáver permanece onde está e logo será levado para a cremação. Lá fora, as pessoas trocam saudações. Todos sentem o alívio do ar revigorante, da reunião social e da fuga iminente para o estacionamento. Harry LeGroot para diante dela e, sem qualquer sinal de embaraço, oferece-lhe suas condolências. Outros se alinham atrás dele. O corretor imobiliário de Todd, um sujeito pequeno que fala rápido demais; Cliff e Heather York, Cliff parecendo garboso em seu

blazer de abotoamento duplo; vários comerciantes que a conhecem como esposa de Todd. Todos recitam como isso é terrível e como estão desolados. Stephanie aparece, ladeada por inquilinos, que lhe perguntam o que vai acontecer com o prédio comercial. Ela diz que há contas a pagar e que não está autorizada a assinar cheques; pergunta-se se deveria ficar e tentar acertar esses assuntos. Está preocupada com o seu salário.

Toda essa atenção faz bem a Jodi. Foi uma decisão acertada ir até lá e mostrar o rosto. Há uma sensação de que algo adequado está ocorrendo. Através da morte de Todd, sua justa posição como esposa e herdeira foi restaurada. Abraçando essa nova autoridade, a autoridade a ela concedida pela multidão e pela ocasião, ela diz a Stephanie que vai analisar os problemas e que vai lhe dar um retorno. Jodi é grata a Stephanie por ter-lhe avisado sobre os cartões de crédito cancelados, poupando-lhe a indignidade de se ver em uma loja incapaz de pagar pelas compras. Stephanie não precisava se arriscar daquele jeito.

O pós-morte se realiza no carro, a caminho de casa. Corinne afasta o clima dizendo que Todd teria ficado satisfeito com a cerimônia.

— O lugar estava lotado. Tinha gente em pé nos fundos.

— Um monte de gente que eu não conhecia — diz Jodi. — Provavelmente sujeitos com quem ele trabalhou. Talvez alguns intrometidos que leram sobre o incidente no jornal.

— Alguns deviam ser da família — arrisca June.

— Todd não tinha família — diz Jodi.

— Ninguém?

— Talvez um primo ou dois em algum lugar. Ninguém que ele conhecesse.

— E quanto à *sua* família?

— Eu os convenci a não vir. Não foi difícil.

— Você acha que Natasha cuidou dos arranjos? — pergunta Corinne.

— Só pode ter sido. Se você quer saber, achei tudo um tanto cafona. Fiquei meio envergonhada por Todd.

— O que havia de errado?

— Obviamente ela fez o mais barato. Você sabe. O caixão estava fechado, ou seja, não teve que pagar o embalsamamento. Optou pela cremação para poupar dinheiro no caixão. Todd não queria ser cremado, queria ser enterrado. Ele também teria gostado de uma missa católica adequada.

— Eu não sabia que Todd era católico — afirma June.

— Ele não era católico *praticante*. Mas foi *criado* na religião.

— Acho que o caixão foi alugado — diz Corinne. — Acho que é assim que fazem nas cremações.

— Definitivamente foi alugado — diz Jodi.

— Fico pensando se ele estava lá — diz June. — Dizem que as pessoas comparecem ao próprio enterro. Vagam pela sala para ver quem estava presente

e ouvir o que dizem sobre o morto.

— Ele estaria louco para ouvir — diz Jodi.

— Acho que Natasha vai ficar com as cinzas — diz Corinne.

— Que faça bom proveito — diz Jodi.

— Você falou com ela?

— Não. Graças a Deus. Ela manteve distância.

— Ela fez muito bem em ficar longe de você.

— O que ela poderia dizer para mim agora que nada tem do que se gabar?

— Que bom que as coisas acabaram funcionando a seu favor — diz Corinne.

— Quer dizer, ao menos no que diz respeito ao testamento. Estou muito feliz por você, Jodi. Depois de tudo pelo que passou, você realmente merecia isso.

— Deus escreve certo por linhas tortas — diz June.

* * *

Depois do funeral, a vida retoma o ritmo normal. Ela volta a passear com o cachorro, a fazer ginástica, a atender os pacientes e a jantar com as amigas. Mas sua pose e autoconfiança habitual se foram. Não tem mais tranquilidade em seu mundo, e ao longo dos dias começa a se sentir consternada pelo que passou e fez, incapaz de entender como isso pode ter acontecido. Toda manhã, ao despertar, há um atraso até ela se lembrar, um ou dois segundos de paz antes de a realidade atingi-la, e sempre a atinge do mesmo modo: como uma notícia de última hora. O tempo passa, mas os fatos se recusam a se acomodar e se afastar.

Ela sente que, ao matá-lo, também matou partes de si mesma. Mas no fundo sabe que essas partes morreram há muito tempo — as partes que eram transparentes e confiantes, entusiasmadas e devotadas. Partes por onde a vida fluía outrora, tendo perdido seu fornecimento de sangue, se tornaram pontos mortos em seu tecido psíquico, sucumbindo em uma espécie de necrose que também invadiu aquilo que não era ela ou ele e, sim, o espaço entre os dois, a própria relação. É de se esperar que ela, uma psicóloga, daria um basta nisso, encontraria um meio de se salvar, salvar os dois, mas o processo era sutil, insidioso, quase imperceptível. Aconteceu do modo como um rosto muda com a idade: todo dia você se olha no espelho e jamais consegue perceber a diferença.

Ela nunca viu motivo para brigar com um homem que não mudaria. Supostamente, a aceitação é algo bom — *Conceda-me a serenidade para aceitar aquilo que não posso mudar*. A conciliação também, como lhe diria qualquer terapeuta de casal. Mas o custo era alto — o amortecimento da expectativa, o esmorecer do espírito, a resignação que substitui o entusiasmo, o cinismo que suplanta a esperança. A decomposição que ocorre sem que se perceba ou controle.

Também há problemas práticos. Agora, por exemplo, ela precisa cuidar

integralmente do próprio sustento, assumir todas as despesas. Seu consultório gera renda suficiente para cobrir os gastos da casa; para tudo o mais, ela pode continuar a vender suas quinquilharias, mas cedo ou tarde as quinquilharias vão acabar e as contas vão afogá-la. Ela pode ser a herdeira reconhecida de Todd, mas está longe da independência financeira. Não consegue afastar a sensação de que as paredes estão se fechando ao seu redor. O pai de família continua diligentemente em busca de provas que a incriminem, conversando com todo mundo que ela conhece, perseguindo-a como um cão de caça bem treinado. Suas amigas têm ligado avisando. Assim como ela, todas o acham embaraçosamente metódico, perversamente educado. June, Corinne e Ellen concordam com isso. Ela não tem notícias de Alison, mas isso não significa que Alison tenha sido esquecida. O pai de família sabe como descobrir as coisas. Chegou a aparecer no enterro; ela o notou após a cerimônia, sozinho à margem do aglomerado de gente. Ele sorriu ao vê-la, só para que ela soubesse que ele não a esquecerá, que a está observando, que voltará a visitá-la com mais perguntas ou com as mesmas perguntas. Para o caso de ela achar que saiu ileso.

Lembrando-se da promessa que fez para Stephanie, ela liga para Harry LeGroot para perguntar detalhes sobre o espólio de Todd. Ele sugere que se encontrem para almoçar. Ela não está muito animada com aquilo, mas assim que se sentam no Blackie's ele dá início ao processo de convencê-la. Ele lamenta a carta de despejo; não tinha alternativa senão seguir as instruções de seu cliente. Ele compreende que Todd não era um homem fácil de se conviver. Ele, Harry, estava sempre dizendo para Todd se acalmar e passar mais tempo em casa. Casos amorosos são para homens com esposas horrorosas ou relacionamentos tediosos. Mas Jodi é bela e talentosa. Não havia necessidade de Todd agir como agiu. Ele tinha um lado selvagem que não podia ser domado. Todd era independente, um dissidente, um homem em busca de um ideal vago e ilusório. Por mais que ele conseguisse obter ou acumular, nunca seria o bastante.

Tudo isso é Harry falando, e Jodi gradualmente se rende. Harry é encantador, persuasivo e competente. Sua especialidade é direito imobiliário e familiar, duas áreas nas quais ela precisa de muita assistência. Harry não apenas está do seu lado como está otimista quanto às perspectivas dela. Ainda assim, ela precisa se preparar para uma batalha. Embora o testamento a nomeie executora e única beneficiária, e embora o testamento seja legal e correto, Natasha Kovacs sem dúvida reivindicará direitos em benefício próprio e do filho por nascer. Argumentará que o falecido pretendia mudar o testamento após se casar com ela. E sua alegação terá mérito. Mas Harry já viu esse tipo de coisa antes, e não há como confiar em uma jovem que se envolve com um homem mais velho. Deus sabe que ele, Harry, é um cético — moldado na forja de muitas jovens esposas —; não o surpreenderia saber que Natasha tinha amantes afora o falecido.

— Vamos acabar sabendo — diz Harry.

Mesmo no caso de a paternidade de Todd ser confirmada, acrescenta, realmente não há nada com que se preocupar. Ela, Jodi, pode ser generosa. Um acordo de pensão para a criança não causaria muito estrago em seu patrimônio.

Harry está ansioso para agir em seu benefício. Ele impetrará um pedido de inventário e verá a possibilidade de uma procuração legal. Vai começar a preparar o caso. E se for essa a vontade de Jodi, entrará em contato com Stephanie e dará um jeito de mantê-la como representante do espólio.

* * *

Todos os dias ela aguarda a volta do pai de família, se pega esperando apesar da determinação em tirá-lo de sua mente. Mas o próximo movimento dele é inesperado. Quando batem à porta — no início da tarde, enquanto ela redige uma lista de compras — e ela cede ao inevitável atendendo à porta, a pessoa lá fora não é ele, mas um colega que enviou em seu lugar, um colega magro como um cabo de vassoura e que não pode ter mais de trinta anos, mas que lhe mostra o distintivo e afirma ser detetive Sei-Lá-o-Quê. O sujeito tem olhos de psicopata, de um azul desbotado com pupilas como furinhos de alfinete e meias-luas brancas sob as íris. Ele passa por ela, entrando sem ser convidado. Como todo mundo, é atraído pela vista, o que dá a Jodi a oportunidade de avaliá-lo pelas costas. Veste calça jeans preta e casaco de náilon de piloto. Pernas magras, bunda magra, ombros caídos, cabeça grande. Mas não fica ali muito tempo.

— Srta. Brett — diz ele. — Jodi.

Ele está agitado, irrequieto. Ele circula pela sala, pegando e devolvendo objetos aos seus lugares. O cinzeiro do monte St. Michel, um peso de papel millefiori, uma pilha de DVDs. Folheia o exemplar do *American Psychologist*. Sem erguer a cabeça, diz:

— Sobre o assassinato do seu... ex... apenas algumas coisas que... precisamos discutir.

Seu discurso é espasmódico, como se não conseguisse se concentrar no que quer dizer. Sua voz é um contralto arranhado que gruda na garganta. Seus globos oculares se movem incessantemente nas planícies de seu rosto, sinais para advertir os incautos.

Ela o convida a se sentar, apontando para a poltrona cujo último ocupante foi o pai de família. Ele se apoia brevemente no braço da poltrona para logo continuar a caminhar a esmo. Sua inquietação é perturbadora. Talvez seja o que ele quer. Sentando-se no sofá, ela diz, em tom de protesto:

— Outro detetive esteve aqui na semana passada. Respondi a um *monte* de perguntas.

— Detestaria perturbá-la. Sem uma boa razão. — Ele a encara com

estudada insolência, detendo-se nos seus sapatos baixos com estampa de leopardo, nas unhas bem-feitas, no belo par de seios, no queixo pequeno e pontudo. Quando seus olhos novamente encontram os dela, ele continua: — É uma informação nova que... chegou até nós. Não creio que a tenha mencionado para meu colega... inspetor Skinner. Estávamos apenas pensando... você sabe.

Ele vai até a janela e dá as costas para a paisagem, olhando para a sala.

— Você sabia que o falecido... sr. Todd Jeremy Gilbert... seu ex... à época de sua morte dera início a uma ação de despejo contra você? Estava no processo de despejá-la legalmente? Desta propriedade... deste apartamento... do qual ele era o único e legítimo... proprietário. Sabia disso, Srta. Brett? Jodi?

Ele fala tão rápido que seu discurso é ininteligível, embora pare abruptamente após seus estranhos agrupamentos de palavras; preenche as pausas mudando o peso do corpo de uma perna para outra, olhando em torno da sala, tocando as superfícies ao alcance da mão. Iluminado por trás pelo céu, ele está contra uma explosão de luz que a ofusca. Ela não consegue ver suas feições, não consegue ver seus olhos. Como ele pode colocá-la em desvantagem no próprio território dela? Ela precisa se levantar e fechar as cortinas ou mudar de lugar. Um daqueles cigarros Marlboro cairia bem agora.

— Sim — diz ela. — Ele estava tentando me despejar.

— Mas você não planejava ir embora. Você não queria ir embora e sabia que não precisava ir porque tinha... outras ideias... tinha seus próprios... planos. Se ao menos ele não estivesse por perto para assinar a ordem. Digamos, com o xerife. Então, *não* haveria um despejo. Não é mesmo, Srta. Brett? Jodi. E aqui está você... ainda aqui... o que prova a sua tese.

— A tese é sua — retruca ela.

Ele continua:

— E não apenas não haveria... despejo. Você se tornaria herdeira... desde que ele estivesse fora do caminho antes de se casar com a Srta. Kovacs. Antes que ele... mudasse o testamento. O tempo era crucial. Antes que ele pudesse despejá-la. Antes que ele pudesse se casar com a outra... mulher.

A culpa se assenta sobre ela como a camisola Dior mofada que comprou em um leilão no ano passado. Ele deve estar pensando que ela é uma megera mimada que preferiria cometer homicídio a abrir mão de seus pequenos caprichos, mas o fato é que ela tinha uma noção de economia altamente desenvolvida. Ao contrário da impressão que ele certamente formou a seu respeito, ela não nasceu em berço de ouro e não cresceu em meio ao luxo. Nos primeiros anos com Todd, quando ele não tinha dinheiro, era ela quem dava jeito nas coisas, quem contornava a situação. Ela chegou a fazer questão de aprender a cozinhar. O policial maníaco talvez se surpreendesse ao saber isso. Ele devia experimentar seu saboroso e temperado porco sauté com repolho em conserva. Ou seu nhoque caseiro com molho de trufas.

O detetive espasmódico espera que ela se pronuncie, mas Jodi não diz nada. Seu modo padrão quando intimidada ou incomodada é o silêncio. No momento que você abre a boca para se defender, é quando eles o pegam. Pegam no pulo. Ela sabe disso intuitivamente, sempre soube.

Ele acredita na culpa dela, Jodi compreende isso, e gostaria de formalizar sua crença prendendo-a. Mas se ele planejasse prendê-la, não estaria perdendo tempo com toda essa bazófia. O que ele não entende é que ela não vai ceder. Se achou que ela fosse um alvo fácil, deveria ter pensado melhor. Ela não é do tipo confessional. Em vez de revoltá-la ou fazê-la ceder, o interrogatório a deixa insensível. Quanto mais ele fala, mais insensível ela fica.

— Deixe-me dizer algo — prossegue o detetive. — Você não pode herdar do homem que você... matou. Talvez você não saiba disso... Srta. Brett. Jodi.

Ela tem a sensação de que ele está muito distante, do outro lado de um desfiladeiro, uma criança malvada atirando pedras e pedaços de pau. Sua pontaria é boa, mas seus projéteis perdem a força pelo caminho e acabam caindo aos pés dela. Talvez ele esteja sentindo isso. Está se movimentando outra vez, afastando-se da janela e vindo parar à frente dela. Agora ela pode ver seu rosto claramente: olhos flutuando alto nas cavidades, lábios retorcidos de desdém.

— O que quer que faça, você deve se preparar — diz ele. — Você nos verá em um futuro... muito próximo.

Com essa frase de despedida, ele caminha encurvado até a porta e sai. Ela espera um instante e então se levanta e tenta respirar. O oxigênio deixou de entrar em seus pulmões.

* * *

Nos dias que se seguem, ela se vê suspensa em uma tirania de espera. O tempo está pressurizado, uma força de impacto insuportável; parece que ela é agarrada e apertada por cada impiedoso segundo. A comida não tem gosto, de forma que ela acaba desistindo de comer. A ginástica diária drena a pouca energia que lhe resta; ela desiste disso também. Até mesmo o álcool perdeu o encanto, embora ela continue a usá-lo como um soro medicinal, grata por seus efeitos sedativos. Incapaz de cuidar de si mesma, volta a atenção para o cachorro, preparando-lhe refeições especiais e levando-o em longos passeios. Como se para compensar a apatia dela, o apetite de Freud está maior do que nunca.

Ela fica impressionada ao ver que a vida ao seu redor prossegue sem percalços, que as pessoas têm meios de dar o melhor de si a cada dia, de demonstrar ânimo em viver. Ela as respeita por isso. Elas têm seus problemas, ela sabe, todo mundo os tem, mas de algum modo conseguem ir em frente. Comparados a ela, até mesmo seus pacientes estão se saindo bem. Eles ao menos deixaram abertura para evoluções e alternativas futuras. Se Miss Piggy desfrutava

de sua vida secreta, se o juiz tem uma lealdade dividida, se o filho pródigo e cabeça-dura se recusam a jogar, se Cinderela implora por atenção, se o pobrezinho não consegue aceitar suas limitações, se Bergman não abre mão de seu sonho e se fulana não desiste de seu casamento — mesmo assim, cada um deles ainda está se saindo melhor do que ela.

Tudo o que ela sabe ou imagina sobre a prisão chacoalha em sua mente, um caleidoscópio de perspectivas vulgares e ameaças ostentosas. Isolada, sem ninguém com quem se confessar, ela abriu mão de si mesma, presa de uma avassaladora mentalidade de Juízo Final. O julgamento será um espetáculo público; cada detalhe de sua vida com Todd será oferecido para consumo dos espectadores. E depois, muito depois de a comoção passar e as pessoas seguirem em frente, ela ainda estará presa, negociando sua porção de purê de batatas por batom ou aspirinas e cometendo atos inomináveis em prol da autopreservação.

Quando o pai de família volta a bater à sua porta, ela o saúda com um drinque e reage com agitação. Seu estômago parece estar na boca, como se estivesse em um elevador despencando. Ela se rende a uma espécie de subserviência indecente, mas esta ao menos é temperada com uma pitada de aborrecimento. É uma surpresa que alguma parte sua ainda consiga resistir.

— Lamento pela intromissão — diz ele, entrando no vestibulo.

Está escurecendo e sua sala de estar é um poço de sombras. Ela acende um abajur e aumenta o aquecedor. Sentam-se nos mesmos lugares que ocuparam da outra vez — ela no sofá, ele na poltrona —, como se a primeira visita tivesse sido um ensaio e agora estivessem atuando na cena definitiva.

— Gostaria de algo para beber, inspetor? Sinto muito, não me lembro do seu nome.

Ela começou a beber vodca com gelo na hora do almoço, e, embora sua mente esteja perfeitamente lúcida, suas palavras colidem à medida que saem aos tropeços de sua boca.

— Skinner — diz ele. — Gostaria muito, mas vou ter que recusar a bebida, obrigado.

Ela tinha esquecido a civilidade despropositada do pai de família. Ele vem prendê-la, mas o fará educadamente.

— Acredito que os últimos tempos não foram fáceis para a senhora — diz ele. — Por favor acredite quando digo que não queremos aumentar o seu sofrimento. Sei que meu colega também esteve aqui para vê-la, e lamentamos ter que submetê-la a essas repetidas entrevistas. Mas, como sabe, nossa prioridade, como sempre, é encontrar o culpado e prendê-lo.

Ele está chegando lá agora: o momento em que vai algemá-la e levá-la. É para isso que está aqui, embora, dada sua aparente simpatia, talvez dispense as algemas, privando os vizinhos do espetáculo. Foi bom ela ter bebido. Seus intestinos estão turbulentos, mas ela se sentiria muito pior se estivesse sóbria. O

que precisa fazer é encher o copo enquanto ainda tem chance.

— A questão é que temos um caso bem sólido — diz ele. — No começo tivemos dificuldades. Era difícil crer que algo assim poderia acontecer sem que alguém identificasse o carro. Mas, no fim, tudo se esclareceu.

Ele não diz como tudo se esclareceu e ela não pergunta. Quando ela se levanta e vai até a cozinha, ele ergue a voz para cobrir a distância e, depois, vem o som dos cubos de gelo caindo no balde. No fim, ele está praticamente gritando:

— Normalmente, é claro, a família e os amigos da vítima ficam aliviados quando efetuamos uma prisão. Mas às vezes as notícias não são bem-vindas, às vezes são até perturbadoras. Tudo depende da identidade do suspeito. Neste caso, como se revelou, o suspeito é alguém muito próximo à vítima.

Ela não acredita nas infinitas voltas que ele está dando. Como alguém pode ser policial se não consegue nem efetuar uma prisão? Diante do bar, ela entorna o que resta no copo antes de voltar a enchê-lo e se pergunta como será acordar de ressaca na cadeia.

— A questão é que não quero que a senhora saiba pelos jornais. — Ele baixa a voz abruptamente quando ela volta ao seu lugar no sofá, uma nova dose de vodca em mãos. — Entendo que a senhora conheça Dean Kovacs há muito tempo.

— Quem?

Ele pigarreia. Uma sobranceira se ergue.

— Dean Kovacs. Não é um velho amigo?

— O que Dean tem a ver com isso?

— É o que estou tentando dizer. Ele foi preso.

— O senhor não pode estar me dizendo que prendeu Dean Kovacs.

— Lamento. Eu sabia que seria um choque. Se não se importa que eu diga, madame, a senhora está muito pálida.

— Dean não matou Todd.

— Tem razão, é claro que ele não puxou o gatilho. Mas contratou os homens que o fizeram. Talvez fosse bom a senhora tomar um café. Que tal um copo d'água?

— Dean. O senhor acha que Dean matou Todd.

— Se não se importa, Srta. Brett, vou lhe buscar um copo d'água. Por favor, não tente se levantar.

* * *

Agora, ela sente como se estivesse olhando para o sol. Ela se viu diferente de todos aqueles outros que cometem crimes, em uma liga própria, sujeita a uma justiça superior, mas a verdade é que andou queimando as retinas em uma impressionante façanha de vaidade e orgulho. Seus pensamentos têm sido

simplistas e egoístas, reflexões de uma criança em uma fase de desenvolvimento narcisista, pré-empática. Ela fez suposições, muitas suposições. Presumiu, por exemplo, que estava no centro de tudo, com as possibilidades e probabilidades orbitando ao seu redor, somente ao seu redor. Presumiu que o jogo de que estava participando tinha regras estabelecidas, que estava operando em um campo conhecido, onde apenas alguns resultados eram possíveis.

Ela, Jodi, por acaso gosta de Dean Kovacs. Ele é um homem bom, embora um tanto equivocado. Ela não tem absolutamente nada contra ele. Ela pode estar um tanto fora dos eixos atualmente, um pouco fora de sintonia, mas tem seus princípios, não é uma imoral. Ver um homem inocente ser destruído por um erro dela não estava em seus planos, não é algo com o qual ela consiga viver.

Maldito Dean. Droga. O que será que ele disse ou fez para atrair a culpa para si, qual bandeira acenou para atrair esse tipo de atenção da polícia? O pai de família não explicou nada a ela. “Infelizmente, não posso lhe dar nenhum detalhe ainda, Srta. Brett. Sinto muito, mas simplesmente não posso liberar esta informação. Não no momento.” Mas que raiva. Essa ridícula reviravolta está arruinando tudo. O fato de Dean vir se meter em seus assuntos particulares. Dean nunca teve muito bom senso. É um intrometido e um fanfarrão. Por pouco ela poderia deixá-lo apodrecer na cadeia. Por bem pouco.

Ela veste um casaco e leva o cão até o lago, onde caminham pela praia na escuridão que se aproxima velozmente. O céu é uma massa ofegante e turbulenta com nuvens escuras ondulando acima do horizonte. Um vento cortante remexe a água, criando ondulações ao longo da orla. A sensação que a domina é familiar, uma sensação de estar à deriva em uma existência vazia. Este é o núcleo oco de Jodi, seu lugar infeliz de verdade fundamental, um domínio que ela esconde sob um manto de otimismo e enterra nos detalhes da vida cotidiana. Aqui vive Jodi, a Jodi que sabe que crescemos e prosperamos apenas enquanto pudermos manipular nossas circunstâncias pessoais. Esta Jodi raramente é vista. Mas Alison a viu e explorou. Tão poucas coisas são o que parecem ser.

Quando ela volta, sua casa lhe parece a toca de um animal repulsivo. Klara veio outro dia e fez a limpeza de sempre, mas o que foi deixado por fazer é ampliado na fértil imaginação de Jodi. É o fedor que a atinge primeiro, a borra de café e frutas maduras, e então, para onde quer que olhe parece haver sujeira — sujeira no encanamento, mofo entre os azulejos. Ela se põe a limpar com balde e panos, palha de aço, escova de dentes. Usa desinfetante nos azulejos, ralos e lixeiras. Vai de cômodo em cômodo recolhendo objetos — fotografias, candeeiros de mesa, castiçais, esculturas, apoios para porta e suportes de livros —, que coloca no centro de folhas de jornal para limpar. Ela entende, mesmo enquanto trabalha, que sua casa é basicamente pura, que seu senso de missão é algo que ela adquiriu, tendo a ver com a ilusão de assumir o controle e fazer as coisas direito.

No momento em que está pronta para se deitar, ela já se decidiu. Pela manhã, vai se entregar. Vai ser fácil. Basta ligar para o pai de família — ainda tem o cartão dele — e contar o plano que armou com Alison. O que quer que aconteça depois disso ficará por conta da polícia, dos advogados, do juiz e dos jurados. Farão com ela o que acharem correto. A justiça estará nas mãos deles e ela estará fora de ação, não mais responsável. Ela concebe esse plano em uma comoção de inevitabilidade. Foi a isso que chegou, e ela quase consegue se sentir feliz com a decisão, quase aliviada. Ao menos se livrará de toda dúvida e medo. E, no meio-tempo, pode esperar ansiosamente pela reação do pai de família. Só isso já vai valer a pena, tirá-lo de sua presunçosa polidez.

Mas seu sono é caprichoso, e sua agitação se inflama durante a noite até dominá-la. Pela manhã, um incêndio grassa no peito e na garganta, sua cabeça está nas garras de um torno e seus músculos, em frangalhos. Apesar do suor que lhe escorre pelo corpo, um vento frio corre por sua corrente sanguínea. Ela se alterna entre se aconchegar debaixo das cobertas e afastá-las, até que afinal é forçada a sair da cama pelo hálito do cão em seu rosto e pelos pequenos latidos que ele emite quando quer atenção. Com a mão úmida, ela pega o telefone e cancela os pacientes da manhã. Liga para a babá do cão, que concorda em passar por lá e tirar Freud de suas mãos, depois liga para o passeador para dizer que o cão vai ficar com a babá. Os telefonemas a esgotam. Quando ela acorda novamente, está escuro lá fora e o cão se foi. Seu corpo está coberto de suor, enredado nos lençóis úmidos. É um esforço levantar-se. Ela vai até o banheiro, toma um gole de água, curva-se sobre o vaso sanitário e vomita um pouco de bile. Volta para se deitar no outro lado da cama.

O tempo passa. Ela vê clarear lá fora e, em seguida, escurecer outra vez. Lembra-se de ter ouvido o telefone tocar e alguém chamando pelo interfone. Talvez seja fim de semana, ou talvez já tenha passado. Ela volta para seu lado da cama, que agora está seco, e deseja que alguém lhe traga um copo de *ginger ale* ou um picolé de laranja. Isso é o que sua mãe costumava lhe dar quando ela era criança e ficava de cama, embora Jodi nunca tenha passado muito tempo doente. Era uma menina resistente. Naquela época, acreditava que apenas coisas boas aconteceriam em sua vida. Essa era a promessa, e, quando Todd apareceu, foi a prova. Ali estava um homem com sonhos e com vontade de torná-los reais. No começo eles eram muito apaixonados um pelo outro, extremamente confiantes de seu lugar no esquema das coisas. Ela não sabia, na época, que a vida sabe como enganar as pessoas em um canto. Fazemos nossas escolhas quando somos jovens demais para entender as implicações do que decidimos, e, a cada escolha que fazemos, o campo de possibilidades se estreita. Escolher uma carreira é abrir mão das outras. Escolher um companheiro é se comprometer a não amar nenhum outro.

Quando ela cochila, sonha com estranhos, homens e mulheres desconhecidos

dizendo-lhe coisas que ela não consegue ouvir ou entender. Ela se levanta, põe uma fatia de pão na torradeira, passa manteiga, joga no lixo, volta para a cama. Agora ela está na Flórida, dando uma palestra sobre transtornos alimentares. Alguém morreu de uma overdose de remédio para dormir. Alison está grávida e ela, Jodi, é de alguma forma responsável. Ela avança pela escuridão, nada contra a corrente, cai em um buraco e se esforça para sair dali. Ela e Todd estão morando em seu antigo esconderijo, o pequeno apartamento onde foram felizes quando se conheceram. Ela está arrumando diversos objetos domésticos, guardando-os em caixas, um por um, mas é muita coisa e os homens da mudança estão batendo à porta. A cena muda e Todd está dizendo que vai se casar com Miss Piggy. Ele espera que ela não se importe. Quando ela acorda, sente-se totalmente sozinha. Sente gosto de rato na boca.

Como suspeitou todo o tempo, definitivamente há insetos vivendo em seu cabelo. Ela balança a cabeça, mas as pequenas criaturas se agarram, felizes no esplêndido ninho que construíram no cabelo úmido e no couro cabeludo oleoso. Eles devem adorar aquilo — a gordura e o suor, o cheiro rançoso. Um lugar perfeito para porem seus malditos ovos e criarem filhotes asquerosos. Um berçário incomparável.

* * *

No quinto dia de sua agonia, Klara a encontra deitada sobre os lençóis como uma folha caída, murcha e sem peso. Está virada para a direita, cabeça e ombros voltados para a esquerda — costas contra o edredom embolado —, vestindo uma camiseta grande demais contorcida ao redor de seu tórax.

Klara fica parada à porta, vacilando entre a preocupação e a possibilidade de que a patroa tenha apenas ido dormir tarde. Sente-se tentada a simplesmente fechar a porta e continuar com a limpeza. Aquela mulher sempre foi pálida e magra, parecia mal se aguentar em pé, na opinião de Klara. Mesmo à meia-luz, porém, Klara consegue ver que tem algo errado ali. A pele da Sra. Gilbert exibe um tom azulado, os olhos estão fundos demais, isso não é normal nem para quem está com uma tremenda ressaca.

— Sra. Gilbert? Está se sentindo bem?

Ela entra no quarto e vai até o pé da cama. Aconteceu alguma coisa com o cabelo da Sra. Gilbert. Seu longo e belo cabelo já era, parece ter sido cortado com um machado. O lamentável emaranhado que lhe resta está grudado como se fossem placas ao seu couro cabeludo. Isso é o que mais impressiona Klara. Ela se inclina sobre a cama e toma o pulso de Jodi.

— Sra. Gilbert? Por favor. Acorde.

Ela aperta o pulso com firmeza. Os olhos de Jodi se abrem e um arrepio percorre a forma fantasmagórica. Klara a solta, faz o sinal da cruz e sai correndo

do quarto à procura do telefone.

Mais tarde, depois que a ambulância veio e foi embora, Klara entra no banheiro e encontra o resto do cabelo — uma massa macia e escura amontoada no chão. Jogada a um canto está a tesoura que fez o estrago.

* * *

Deitada na cama, ela agora ergue o torso, recostando-se contra os travesseiros. A límpida porém pálida luz do dia entra pela janela, destacando cada detalhe do pequeno quarto: a marca da lavanderia como uma mancha negra no avesso do lençol, o tecido macio do cobertor azul, as paredes cor de menta exibindo manchas de descoloração, a poinsettia na mesa de cabeceira e, no parapeito da janela, os lírios cujo cheiro doce e podre invadiu seus sonhos.

A comadre sumiu, assim como os tubos de soro. Na véspera, antes do jejum, ela foi sozinha ao banheiro pela primeira vez. Lá, encontrou escova de dentes, escova de cabelo e diversos produtos de higiene pessoal em uma bolsa com zíper ao lado da pia. Ela não sabe quem trouxe aquilo, nem quem lhe trouxe a planta ou as flores. Pessoas entraram e saíram todo o tempo. No começo ela mal se deu conta da presença delas. Jodi acordava, via alguém de pé ao lado da cama ou sentada na poltrona do canto e então adormecia outra vez.

Uma das enfermeiras, a dos dentes separados, acaba de tomar sua temperatura e lhe dar uma bronca.

— Sabia, Srta. Brett, que quando você chegou eu pensei que fôssemos perdê-la? Por que se deixou ficar tão desidratada? Você devia saber que, com a gripe que está, precisa ingerir muito líquido. Deveria ter comunicado a alguém que estava doente. Suas amigas estão todas muito preocupadas. Qualquer uma delas teria ficado feliz em cuidar de você, teria levado à cama um pouco de suco, ajudado a lavar o cabelo.

Ainda é um choque olhar-se no espelho. Ela não se lembra de ter empunhado a tesoura e não tem a menor ideia do que pode ter lhe passado pela cabeça. O que se lembra é da satisfação que sentiu ao ver o próprio cabelo no chão, sabendo que estava separado, que não fazia mais parte dela, que não estava mais ligado ao seu corpo. Todas as lembranças dos dias que passou doente são desconexas. Mas ela sabe que diversas pessoas tentaram entrar em contato. Ela se lembra de campainhas tocando, de zumbidos, batidas à porta, mensagens e conversas. Em particular, uma conversa com o Dr. Ruben — ele dizendo como lamentava a morte de Todd, como odiava perturbá-la naquela situação, mas que tinha algo a dizer a ela, algo a menos com que se preocupar.

Com que ela não precisava se preocupar? Ela tenta se lembrar. A informação está no limiar de sua consciência, como um trecho de uma melodia. E há a lembrança do Dr. Ruben vestindo seu jaleco branco, o corpo ligeiramente

curvado, dizendo: “Resultados dos exames.”

Era isso que ele queria dizer. Que os resultados dos exames de Todd deram negativo. Uma mensagem de além-túmulo. Quando morreu, Todd era um homem saudável, ele não infectou suas mulheres. Algo a menos com que se preocupar.

Felizmente, a enfermeira foi embora e deixou-a em paz. Ela precisava fechar os olhos e pensar na visita de Harry LeGroot, que veio depois do almoço para lhe trazer as novidades.

— Então. Você está de volta ao mundo — disse Harry, sentando-se na beirada da cama, o rosto corado, o elegante cabelo grisalho e cheirando ao mundo exterior: tabaco, ar fresco, lã molhada.

Ele falou sobre o telefonema que recebera de Stephanie, que fora alertada por Klara quando a faxineira tentara entrar em contato com Todd.

— Para Klara, Todd ainda estava vivo e perfeitamente bem. Acho que ela não viu a matéria nos jornais e, pelo visto, a senhora também não lhe contou.

A julgar pela maneira como olhou para ela, Harry deve ter achado aquilo estranho, mas não insistiu. Nem perguntou sobre seu cabelo. A principal razão para a visita, disse ele, era para lhe dizer que os pistoleiros haviam sido encontrados.

— Os pistoleiros — repetiu, em resposta a seu olhar apático de incompreensão. — Os responsáveis pelo crime. São dois. Estão detidos à espera da audiência de fiança.

Ela não gostou do jeito como ele estava falando — paciente, cuidadoso, dizendo-lhe aquilo da forma mais suave possível. Aquilo só poderia significar que os sujeitos tinham falado, que todos os pontos haviam sido ligados.

— Eles confirmaram o que já sabíamos — continuou Harry. — Que Dean Kovacs os contratou e os pagou para executarem Todd.

O que ele estava dizendo? E por que estava sorrindo? Ele parecia estar saboreando a confusão dela. Talvez estivesse tentando fazê-la confessar. Claro. Foi por isso que ele veio ao hospital, quando poderia ter esperado um ou dois dias e recebê-la em seu escritório. Pegá-la enquanto ainda estava drogada e desorientada. Mas ela já pretendia mesmo confessar — essa fora a sua intenção o tempo todo —, o que teria feito, não fosse a doença. Ele não precisa enganá-la para descobrir a verdade.

Mas Harry estava animado com o assunto, contando com entusiasmo que os sujeitos eram marginais locais com folhas corridas do tamanho de seu braço. Contou também que identificaram Dean como a pessoa que os contratara, mas que ninguém precisou se basear na palavra dos dois porque havia uma abundância de provas para confirmar isso.

— Chamadas telefônicas. Transações bancárias. Kovacs foi um burro. Deixou um rastro de papel de um quilômetro de comprimento.

Harry chegou a dizer que aqueles dois marginais teimosamente pleiteavam a própria inocência, insistindo aos brados, energicamente, em que não completaram o serviço. Se foram contratados por Dean para fazer o trabalho? Sim. Se realmente o fizeram? Não. Ao relatar isso, ele riu e deu um tapa no joelho.

— Ainda me divirto — disse Harry — com as mentiras que criminosos desesperados inventam para se inocentarem. Mesmo quando são pegos em flagrante, eles dizem qualquer coisa, qualquer coisa mesmo.

* * *

À medida que recupera a força física, sua acuidade mental também retorna. A princípio, ela não sabe o que pensar a respeito do indulto que lhe foi concedido, o tecnicismo que lhe devolveu a vida. Tecnicismo é a palavra certa. Ela não é o tipo de pessoa que atribui coisas assim a um poder superior que toma conta dela. Ela não acredita em Deus, mas não há nenhuma razão para pensar que Deus interviria em seu nome e não o de Dean. Se Deus fosse o juiz, teria de considerá-los igualmente culpados.

Ela se lembra agora de suas conversas telefônicas com Dean. Toda aquela raiva e fúria. Ela não pensou em nada disso na época. Parecia-lhe que ele apenas queria desabafar. Afinal de contas, ele era o melhor amigo de Todd — como poderia levá-lo a sério? No entanto, como se revelou, Dean possuía profundidades que ela jamais esquadrinhara. É evidente que ela o subestimou. Mas, afinal, não tendo filhos, é compreensível que ela tenha negligenciado o imperativo paterno, a compulsão para salvar a prole a qualquer custo. E, não sendo um homem, ela jamais poderia compreender plenamente o tipo de atitude machista da qual Dean estava imbuído e que sem dúvida o desvirtuou, obrigando-o a ir tão longe.

Ela tende a crer que os homens que Dean contratou realmente são os culpados, que sua alegada inocência se resume exatamente ao que Harry disse: uma desesperada tentativa de se inocentarem. E o que dizer sobre Alison? Talvez não fosse lá muito confiável, talvez não tivesse nenhuma intenção de honrar o acordo. Ou talvez aquele dinheiro todo tenha sido mais forte que ela. Também é possível que Alison tenha de fato pago a Renny e que foi Renny quem descumpriu o acordo. Por outro lado, Alison e Renny podem ter feito o que foram pagos para fazer. Ou ao menos podem ter pretendido ir adiante. Jodi prefere pensar o melhor a respeito dos dois. Ela não tende a duvidar da sinceridade de Alison ou do zelo de Renny por seu trabalho. Ainda assim, só lhe resta especular, porque a verdade nunca será conhecida; além disso, em um caso como este, a verdade é relativa, complexa, contaminada. O que ela sabe com certeza, a única coisa com que pode contar, é que não será reembolsada. Se ela

quer saber por que Alison a tem evitado, bem, talvez essa seja a resposta.

* * *

Um ou dois dias depois de receber alta do hospital, ela consegue reunir forças para enfrentar a luz piscando em seu telefone e descobre, entre as mensagens, uma de seu irmão Ryan. Como sempre, Ryan não tem mantido contato e nada sabe sobre os acontecimentos recentes; ligou apenas para saber como ela estava, andou pensando nela e ligará outra vez. Esse é Ryan. Ela lamenta por ter perdido a ligação dele, mas há muito tempo ela aprendeu a ver Ryan sob perspectiva e a não se incomodar com suas idas e vindas. Graças, é claro, a Gerard Hartmann.

Estranho como a vida pode nos dar esses presentes inesperados. Ela procurou Gerard visando apenas a sua formação como psicóloga, mas é incontestável que ele a fez enxergar através das lentes do próprio olho e descobrir coisas importantes sobre si mesma; por exemplo, sua extrema habilidade em ocultar o que não quer ver, esquecer o que não quer saber, tirar algo da mente e nunca mais pensar naquilo. Em suma, viver como se determinados eventos nunca tivessem ocorrido.

Todo psicólogo sabe que não é o evento em si, mas como a pessoa responde a ele, o que conta a história. Pegue dez indivíduos variados, exponha-os às mesmas experiências de vida e cada um deles as permeará com significados e detalhes pessoais requintados. Jodi é aquela que nunca voltou a pensar no assunto. Nem uma vez. Nunca. O que aconteceu com ela em sua distante infância sem dúvida se classifica como verdadeiramente esquecido, deixado para trás, defunto, erradicado. Ou assim ela poderia pensar caso não tivesse estudado psicologia. No final, ela precisou aceitar que mesmo que você esqueça, não quer dizer que aquilo nunca aconteceu. O quadro-negro não está totalmente limpo, você não pode recuperar a pessoa que era antes; seu estado de inocência não está ali para ser retomado. A experiência que você teve pode ter sido indesejada, pode não ter dado em nada além de danos e desperdício, mas a experiência tem substância, é factual, autoritária, vive em seu passado e afeta seu presente, seja lá o que você tente fazer a respeito. Aquele frasco de pickles que você jogou fora há anos pode ter sido recolhido e jogado no aterro sanitário, mas ali ele ainda existe. Pode estar quebrado, até mesmo triturado, mas não desapareceu. Pode ser esquecido, mas o esquecimento é apenas um hábito.

Nessa analogia, o aterro sanitário é a mente inconsciente. Não o inconsciente coletivo, mas o inconsciente pessoal — seu inconsciente individual, particular, idiossincrático, onde cada objeto tem seu nome escrito e está carimbado com um número, o inconsciente no qual objetos podem voar em sua direção sem aviso prévio — como voou para ela naquele dia, enquanto esperava o elevador depois de contar para Gerard seu sonho com Darrell. A seu favor, e isso diz muito sobre

sua presença de espírito, ela não esqueceu o valor do fato como uma lição de psicologia. Na verdade, teve uma revelação de tirar o fôlego: a mente inconsciente não é apenas uma teoria em um livro, não é um paradigma inventado ou fantasia exagerada. É tão real quanto o nariz em seu rosto, tão real quanto um frasco de picles. De acordo com Jung, tudo no inconsciente procura expressão externa; uma situação interna que não se torna consciente se manifesta em eventos externos como destino. O filósofo grego Heráclito fez uma proposta semelhante quando disse que caráter é destino.

Como Gerard ficaria feliz em saber que aquele sonho lhe despertou essa valiosa lembrança de infância. Ali finalmente havia algo a que ele poderia se agarrar, e ele estava se aproximando, sentia que havia algo à espera nos bastidores, prosseguindo com paciência e propósito, como se antecipasse aquele momento, a queda desse machado. Ela se perguntou quais pistas ele poderia ter percebido, e ela bem que gostaria de perguntar, mas, ao fim, o fato de ela nunca ter confiado em Gerard decidiu em contrário. Em vez disso, ela manteve segredo e nunca o mencionou, preferindo mantê-lo em uma caixa fechada e privá-lo de oxigênio. Foi uma escolha que ela considerou ser prerrogativa sua e até mesmo algo de seu profundo interesse. Sua formação lhe dizia que tais elementos precisavam ser expostos, mas, apesar de tudo, ela ainda era a mesma pessoa e sua infância, uma fonte de boas lembranças. Na lancheira da vida não existe esse negócio de cem por cento, noventa e nove por cento é absolutamente providencial. Bastava que ela lidasse com a ausência daquele um por cento, encontrasse uma maneira de preenchê-lo.

Subitamente, ela cortou qualquer contato com o irmão mais velho e desde então, há décadas, evita-o totalmente. Tornou-se insensível às adulações e apelos dele, colocou-o de lado sem piedade. Ele sabe a razão; nunca houve qualquer necessidade de explicar. O que ele fez com ela foi de curta duração — um erro juvenil, um tique adolescente —, mas algumas coisas não podem ser perdoadas.

E ela nunca perdoaria a *si mesma*. Seus pais não sabiam de nada, ela tinha certeza. Eles não teriam tolerado esse tipo de comportamento de um de seus filhos, e ela nunca poderia culpá-los. Era ela quem deveria tê-lo detido antes que ele chegasse a Ryan — e ela sabia sem sombra de dúvida que ele chegara. Os pesadelos de Ryan começaram do nada. Seus acessos de raiva eram espetaculares e sem precedentes. Ele tinha sido uma criança dócil. Talvez o Darrell adolescente tivesse considerado o irmão mais novo menos arriscado. Talvez estivesse apenas explorando suas opções. Muito possivelmente, não havia nada acontecendo em sua cabeça e tudo se resumisse às suas glândulas. Seja lá qual tenha sido o motivo, o mal foi feito e o Ryan adulto, assim como Jodi, cortou relações com Darrell. Os dois não mencionavam o nome dele em suas conversas.

Seu pacto tácito com Ryan é que nenhum deles voltaria a visitar aqueles

territórios, desenterraria as relíquias ou escavaria o que dera errado. Sua lembrança dos primeiros anos de Ryan e o que pode ou não estar vivo na memória dele — isso está fora dos limites, efetivamente nulo e sem efeito, uma história abandonada, um passado negado. Esquecer é apenas um hábito, mas que traz paz de espírito. Acima de tudo, Ryan merece paz de espírito, merece ser preservado, ter a permissão de acrescentar uma nova experiência ao silêncio.

Quanto a ela, todas as manhãs ao despertar ela agradece ao Deus de cuja existência não duvida. Embora não possa creditar-lhe sua salvação, precisa dessa válvula de escape para sua gratidão. Sua liberdade é um dom extraordinário: o fato de ainda poder acordar a cada dia em sua bela casa, andar descalça sobre os grossos tapetes de lã, abrir as cortinas de seda e linho para a vastidão do horizonte, beber um *latte*, passear com o cão. Ela tem plena consciência — nunca se esquece, nem por um instante — de que tudo isso lhe foi confiscado. Sua gratidão é como uma bala dura que não dissolve na boca.

Jodi também é grata por Harry, que está trabalhando muito por ela. Foi marcada uma data para o inventário no tribunal, e ele já providenciou os papéis para ela assinar. Ele diz que Natasha abriu um processo, mas que tem noventa por cento de certeza de que vai topar um acordo fora dos tribunais. Com o bebê para chegar na primavera e o julgamento se aproximando, é mais do que Natasha pode dar conta. De qualquer modo, ela, Jodi, pode se dar ao luxo de ser generosa. Haverá muito dinheiro do qual dispor assim que os prédios comercial e residencial forem vendidos. Stephanie ajudará com isso, e, quando ela não for mais necessária, Jodi poderá oferecer-lhe um acordo de rescisão decente. Cliff será o mais atingido financeiramente, já que Todd era, de longe, seu melhor cliente. Mas Cliff é bom no que faz, e novos clientes surgirão.

Ela reconhece mudanças em si mesma. Houve um abrandamento, uma volta à realidade, e, junto com isso, uma sensação de afinidade maior com seus pacientes. Tendo compreendido que ela também fora rebelde, gananciosa, cega e confusa, que estivera nadando no mesmo mar que eles todo o tempo, ela só pode ser grata por sua lealdade e bondade. Eles vinham perdoadando seus lapsos, perguntando por sua saúde. O juiz trouxe-lhe flores e Bergman preparou uma torta para ela.

Mas o mais surpreendente é que todos eles, até mesmo a obstinada cabeça-dura, estão demonstrando menos resistência e se esforçando na terapia. Estão infectados de fluidez, de prontidão. Uma vontade de assumir a responsabilidade e seguir em frente se apresenta em sua atitude coletiva, e tudo começa com a atitude, ou seja: perspectiva, crença, a história que você conta para si mesmo, como disse Adler. Por sua vez, é evidente que as mudanças no estado dela estão afetando os pacientes, e ela agora é forçada a considerar que a natureza humana é, possivelmente, mais produtiva do que ela supunha. Que sua horrível desgraça deve acabar tornando-a menos cética é um paradoxo que não lhe escapa.

É estranho pensar que um filho do falecido Todd habitará o mundo nos próximos anos. Será que ela reconheceria o rapaz caso se cruzassem na rua? Será que os traços de Todd ficarão, como um fantasma, no rosto do filho, ou haverá ao menos um sinal — um jeito, algo na postura do menino? Ela se pergunta se a mãe do rapaz lhe contará a verdade sobre a família, se o levará para visitar o avô na penitenciária estadual. No lugar de Natasha, Jodi se sentiria tentada a enterrar toda aquela confusão, nunca faria menção a nada daquilo, inventaria uma ficção para explicar a ausência de Dean, ou melhor ainda, simplesmente esqueceria Dean, como se ele também tivesse morrido, pois perdoá-lo seria impossível.

De qualquer modo, a história verdadeira é de fato sobre dois homens, dois amigos de infância, um morto e outro que bem poderia estar também. Uma jovem como Natasha não tem necessidade de arrastar atrás de si os assuntos que os dois deixaram por resolver, não precisa se sobrecarregar com o carma defeituoso deles. Se tiver algum juízo, vai arranjar outro marido, alguém para dar ao filho de Todd um novo nome. As pessoas levam os laços sanguíneos muito a sério. Mas Natasha provavelmente é uma dessas paladinas da verdade, que é como as pessoas são hoje em dia. Diga à criança de onde ela vem — o menino tem o direito de saber. Já Jodi não tem nenhum problema com a indefinição dos fatos. Há vantagens a serem extraídas disso; além do mais, é melhor deixar certas coisas em paz. Não é preciso encarar a realidade quando há uma maneira mais suave e gentil de conviver com ela. Não há nenhuma necessidade dessa sombria urgência.

SOBRE A AUTORA

© John Massey



A. S. A. HARRISON é autora de quatro livros de não ficção. *A mulher silenciosa* foi seu primeiro romance e ela trabalhava em um novo *thriller* psicológico quando morreu, em 2013. Harrison era casada com o artista visual John Massey e vivia em Toronto, no Canadá.